



A influência do Jogo Dramático na compreensão de textos narrativos no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Maria de Lurdes Matos Lourenço

Orientadores

Professora Doutora Maria Madalena Veiga Leitão

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Madalena Leitão, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Julho de 2016

Composição do júri

Presidente do Júri – Doutor António Pereira Pais, Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Arguente – Doutora Célia Maria Salvador Barroca, Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Vogal (Orientadora) – Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Agradecimentos

A finalização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio das pessoas que me acompanharam e me auxiliaram de uma forma mais direta ou indireta, mais de perto ou de longe. A todas essas pessoas quero agradecer o apoio e a força que me deram para eu terminar este percurso. Todas essas pessoas acreditaram em mim e me fizeram ver que eu era capaz de concretizar este objetivo, nunca me deixando desistir.

De uma forma mais particular, agradeço à minha família e namorado que sempre estiveram ao meu lado e me deram força para eu continuar sem desistir de concretizar este objetivo, possibilitando-me seguir a profissão que eu sempre sonhei.

À minha Orientadora, Professora Doutora Maria Madalena Veiga Leitão, que sempre me ajudou e me apoiou neste percurso que teve os seus altos e baixos.

À minha Orientadora Cooperante, Emília Toscano e à turma do 4.ºA da Escola Básica Integrada João Roiz, pela oportunidade de realização de um trabalho que me deu imenso prazer.

À minha amiga Marisa Afonso que me ajudou imenso e me acompanhou de perto neste percurso e, apesar da distância física na fase final, sempre me deu força para continuar, com todas as situações que me foram acontecendo ao longo da realização deste trabalho.

Resumo

Hoje em dia, as turmas são cada vez mais diversificadas e existe uma necessidade de realizar atividades que captem a atenção e o interesse dos alunos. Deste modo, o professor tem de encontrar atividades que sejam do interesse dos alunos e, simultaneamente, através das quais eles consigam aprender e adquirir aprendizagens significativas. De uma forma geral, os alunos revelam bastante interesse pelas atividades que envolvam as Expressões. No caso específico da Expressão Dramática, esta pode ser uma ferramenta que auxilia na compreensão de elementos de um texto narrativo e possibilita aos alunos serem eles próprios a desempenhar os papéis das personagens que fazem parte da história.

Esta investigação teve como principal objetivo perceber a importância da Expressão Dramática na compreensão dos textos narrativos e comparar os resultados da compreensão dos textos nas atividades de leitura e interpretação com as atividades que, para além da leitura e interpretação, envolviam a representação dramática da história. Desta forma, este Projeto de Investigação foi aplicado durante o 2.º ano de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, mais especificamente no âmbito da Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Os participantes nesta investigação eram um grupo de 20 alunos pertencentes a uma turma do 4.º Ano da Escola Básica João Roiz.

No que diz respeito às metodologias, a que se considerou mais pertinente foi uma metodologia de investigação-ação, em que a observação participante e a reflexão acerca do que foi observado foram bastante importantes. Para além da observação participante, foram utilizados outros instrumentos, tais como um questionário, uma entrevista à professora, notas de campo, a gravação de um vídeo e, ainda, um comentário escrito pelos alunos acerca da influência da dramatização na compreensão do segundo texto trabalhado.

Através da análise dos dados recolhidos, é possível compreender que os alunos ficaram bastante motivados com as atividades de dramatização da história e se empenharam por desempenhar os seus papéis o mais corretamente possível. Foi também possível constatar que o facto de serem os próprios alunos a desempenharem o papel de cada uma das personagens e serem eles a contar a história, contribuiu para que compreendessem determinados aspetos da história, que não conseguiam identificar com tanta facilidade através da leitura, como por exemplo, o espaço da ação e a sequência de acontecimentos.

Em suma, o Jogo Dramático constitui-se como uma ferramenta importante para que os alunos compreendam alguns aspetos dos textos narrativos, que não conseguem reconhecer somente através da leitura dos mesmos.

Palavras chave

Jogo Dramático, Textos Narrativos; Competência narrativa, 1.º Ciclo do Ensino Básico; Expressão Dramática.

Abstract

Nowadays, classes are increasingly diverse and there is a need for activities that capture the attention and interest of students. Thus, the teacher has to find activities that are of interest to students and simultaneously, through which they are able to learn and acquire meaningful learning. In general, students show enough interest in activities that involve expressions. In the specific case of Dramatic Expression, this may be a tool that assists in understanding the elements of a narrative text and enables students to be themselves to play the roles of characters that are part of the story.

This research has as goal to understand the importance of Dramatic Expression in understanding narrative texts and compare the results of comprehension of texts in the reading and interpretation activities with the activities, in addition to reading and interpretation, involving the dramatic representation of history. Thus, this research project was implemented during the 2nd year of Master's Degree in Pre-School Education and Training of the 1st cycle of basic education, more specifically in the Supervised Practice in the 1st Cycle of Basic Education. Participants in this research were a group of 20 students belonging to a class of Year 4 of the Basic School João Roiz.

In the matter of methodologies, the one considered the most relevant is a methodology of action inquiry, wherein the participant observation and reflection of what was observed was quite important. Besides participant observation were used other instruments, such as an inquiry, an interview with the teacher, field notes, recording a video and also a comment written by students about the influence of dramatization on the understanding of the second working text.

Through analyzing the collected data, it is possible to understand that the students were highly motivated with drama activities, the history and pledged to play their roles as accurately as possible. It was also confirmed that the fact of students themselves play the role of each of the characters and are they to tell the story, contributes to understand certain aspects of history that they can not identify so easily by reading it, as for example, the space for action and the sequence of events.

In short, Dramatic Expression is a very important tool for students to understand some aspects of the texts, which can not be interpreted by reading them.

Keywords

Dramatic play; Narrative texts; Narrative skills; 1st Cycle of Basic Education; Dramatic Expression.

Índice geral

1. Introdução.....	1
Capítulo I - Contextualização da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar.....	4
1.1.Caraterização do contexto educativo	4
1.2.Caraterização do grupo de crianças.....	9
1.3.Calendarização da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar.....	15
1.4. Planificações desenvolvidas na Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar.....	16
1.5. Reflexão geral acerca da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar....	27
Capítulo II - Contextualização da Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico	29
2.1.Caraterização do contexto educativo	29
2.2.Caraterização da turma	33
2.3.Calendarização da Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	39
2.4. Planificações desenvolvidas na aplicação da investigação.....	40
2.5. Reflexão geral acerca da Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico	76
Capítulo III - Enquadramento Teórico	79
3.1. A Leitura e os Textos Narrativos no 1.º Ciclo do Ensino Básico	79
3.2. O conceito de Expressão Dramática	81
3.3. A criatividade e a imaginação na criança.....	85
3.4. A relação entre o Drama e a Escrita Infantil	87
3.5. O Texto Dramático e a sua compreensão.....	90
3.6. A Expressão Dramática na educação	91
3.7. O Jogo e as Expressões Artísticas.....	100
3.8. A Expressão Dramática e o Jogo Dramático no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	102
3.9. A diferença entre Teatro e Expressão Dramática	105
Capítulo IV - Plano de Investigação e Metodologia.....	108
4.1. Investigação	108
4.1.1. Questão problema	109
4.1.2. Objetivos da investigação.....	109
4.2. Metodologia utilizada no Estudo.....	109
4.3. Recolha de dados.....	110
Capítulo V - Tratamento dos dados recolhidos	113

5.1. Notas de campo e fichas de leitura	113
5.1.1. Primeira intervenção do Projeto de Investigação	113
5.1.2. Segunda intervenção do Projeto de Investigação	115
5.2. Questionários	117
5.3. Comentários escritos dos alunos	121
5.4. Entrevista à Orientadora Cooperante	122
5.4.1. Categoria 1 - Hábitos de leitura dos alunos	122
5.4.2. Categoria 2 - Identificação dos elementos que constituem o texto narrativo.....	123
5.4.3. Categoria 3 - Importância do Jogo Dramático	123
5.4.4. Categoria 4 - Possíveis limitações da aplicação do Jogo Dramático	124
5.4.5. Categoria 5 - Utilidade do Jogo Dramático na compreensão dos textos narrativos.....	124
5.5. Vídeos das dramatizações da história	124
5.6. Triangulação dos dados.....	126
Capítulo VI - Limitações do Estudo	127
Capítulo VII - Conclusões e contributo do Projeto de Investigação para o futuro	128
Referências Bibliográficas.....	130
Anexos	132

Índice de figuras

Figura 1 - Placar dos aniversários	7
Figura 2 - Placar das informações.....	7
Figura 3 - Cantinho da casinha	7
Figura 4 - Cantinho dos jogos	8
Figura 5 - Cantinho da garagem	8
Figura 6 - Porta de acesso ao parque.....	8
Figura 7 - Cantinho do computador.....	8
Figura 8 - Mesas de trabalho.....	9
Figura 9 - Sede do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano	30
Figura 10 - Gravação dos vídeos.....	125

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Habilitações Académicas	11
Gráfico 2 - Profissões dos Pais.....	12
Gráfico 3 - Profissões das mães.....	13
Gráfico 4 - Profissões dos pais dos alunos.....	35
Gráfico 5 - Profissões das mães dos alunos	35
Gráfico 6 - Tempo de estudo	36
Gráfico 7 - Disciplina que os alunos gostam mais.....	36
Gráfico 8 - Disciplina que os alunos menos gostam.....	37
Gráfico 9 - Características apreciadas num professor.....	38
Gráfico 10 - Tens o hábito de ler, sem ser na escola?.....	118
Gráfico 11 - Costumas requisitar ou comprar livros para ler?	118
Gráfico 12 - Que tipo de textos gostas de ler?	118
Gráfico 13 - Consegues identificar facilmente os elementos do texto, como por exemplo, as personagens e as suas características?.....	119
Gráfico 14 - Se te pedissem para ordenares a sequência dos acontecimentos de uma história, achas que conseguias fazer esta tarefa com facilidade?	119
Gráfico 15 - Achas que fazendo um Jogo Dramático conseguias perceber melhor o conteúdo da história e a mensagem transmitida?.....	119
Gráfico 16 - Gostas de participar em atividades que tenham Jogos Dramáticos?	120
Gráfico 17 - Pertences a algum grupo de teatro?	120
Gráfico 18 - Uma história tem os seus elementos, como as personagens, os espaços, o tempo, a sequência de acontecimentos e uma mensagem. Qual achas que é a melhor forma de compreenderes estes aspetos?	120

1. Introdução

O presente Projeto de Investigação foi realizado no âmbito da Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, pretendendo averiguar a importância do Jogo Dramático na compreensão dos textos narrativos. Este Projeto de Investigação foi aplicado numa turma do 4.º Ano de Escolaridade pertencente à Escola Básica Integrada João Roiz, fazendo esta parte do Agrupamento de Escolas João Roiz.

O principal motivo que levou à escolha do tema desta investigação foi o facto de a Expressão Dramática ser uma área pela qual me interessa e pela razão de esta área ser uma ferramenta que pode auxiliar as outras áreas curriculares, proporcionando experiências diferentes aos alunos, ao mesmo tempo que estão a aprender. Desta forma, procurei verificar, se no caso específico da interpretação dos textos narrativos através do Jogo Dramático, sendo um processo em que os próprios alunos desempenham os papéis das personagens que intervêm na história, a sua identificação e caracterização se tornaria mais acessível aos alunos, do que somente através da leitura e interpretação oral da história. Para além das personagens, no Jogo Dramático são os alunos que experienciam os acontecimentos da história, o que me levou, igualmente, a questionar se a dramatização os auxiliaria a compreendê-los melhor, bem como à mensagem transmitida pela narrativa.

Os textos literários ocupam um lugar primordial, pois são compreendidos como uma modelização própria, esteticamente codificada e também culturalmente vinculada a visões do mundo que interagem com o espaço em que surgem (Educação, Programa de Português do Ensino Básico, 2009).

Ao realizar jogos dramáticos, os alunos desenvolvem ações relacionadas com uma história ou com uma personagem, tendo de enfrentar alguns problemas de observação, equilíbrio, desenvolvimento de uma ideia e progressão na ação. Deste modo, é desejado que os alunos expressem a sua sensibilidade e desenvolvam o seu imaginário (Educação, Organização Curricular e Programas - 1.º Ciclo do Ensino Básico, 2004).

Assim, a Expressão Dramática tem um papel muito importante, pois a área em questão permite que os alunos consigam estabelecer uma nova relação com o texto, dado que o leem com o intuito de o representar. Este aspeto leva a que sejam fomentadas as aprendizagens básicas da leitura e da expressão escrita, sendo que são trabalhadas recorrendo a um processo lúdico (Landier, 1994).

Como a Expressão Dramática ainda é pouco desenvolvida na sala de aula como uma ferramenta de auxílio a algumas das matérias abordadas nas outras áreas curriculares, os alunos vêem as atividades que envolvem a Expressão Dramática com muito interesse e entusiasmo, o que contribui bastante para que durante uma dramatização de uma determinada história estejam muito mais motivados do que numa atividade que envolva apenas uma ficha de leitura, por exemplo. Além de ser uma forma pouco trabalhada, só o facto de os alunos estarem a trabalhar em grupo e cada um estar a desempenhar o papel de uma determinada

personagem, é só por si uma motivação para os alunos realizarem as atividades com muito mais entusiasmo.

Deste modo, é também fomentado o desenvolvimento da própria criança e, de acordo com Martins (2002), o jogo de caráter dramático possibilita o desenvolvimento do eu, a sua diversificação e dispersão num processo de descoberta ao nível individual. Desta forma, este tipo de jogo leva a que exista uma experiência do eu, recorrendo à sua relação com o outro.

Assim, realizei esta investigação, para verificar se o Jogo Dramático influencia e contribui para uma melhor compreensão dos textos narrativos trabalhados no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Inicialmente, a principal preocupação foi procurar saber quais os hábitos de leitura que a turma na qual implementei o Projeto de Investigação possuía, bem como o seu contacto com a Expressão Dramática. Posteriormente, realizei duas sessões de implementação deste Projeto, sendo que na primeira foi feita uma leitura do texto narrativo e realizada uma ficha de leitura e, na segunda intervenção, foi feita uma leitura de um outro texto narrativo, a respetiva ficha de leitura e uma dramatização do mesmo.

No que diz respeito à estrutura deste Relatório de Estágio, este encontra-se dividido em sete capítulos distintos. No primeiro capítulo está presente a contextualização da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, no qual está presente a caracterização do contexto educativo e do grupo de crianças, a calendarização desta Prática Supervisionada, duas das planificações desenvolvidas nesta Prática Supervisionada e ainda, uma reflexão geral acerca da mesma.

O segundo capítulo é referente à Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, estando presente uma caracterização do contexto educativo e da turma, a calendarização desta Prática Supervisionada, as planificações aplicadas na implementação do trabalho de investigação e, por fim, uma reflexão geral acerca da Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O terceiro capítulo diz respeito ao enquadramento teórico, no qual estão presentes vários temas, ou seja, a leitura e os textos narrativos no 1.º Ciclo do Ensino Básico, o conceito de Expressão Dramática, a criatividade e a imaginação na criança, a relação entre o Drama e a Escrita Infantil, o Texto Dramático e a sua compreensão, a Expressão Dramática na educação, o jogo e as expressões artísticas, a Expressão Dramática e o Jogo Dramático no 1.º Ciclo do Ensino Básico e por fim, a diferença entre Teatro e Expressão Dramática.

No quarto capítulo está explicado o plano de investigação e a metodologia, nomeadamente, a investigação, a metodologia utilizada no Projeto de Investigação e a recolha dos dados.

No quinto capítulo, está explícito o tratamento dos dados recolhidos, mais especificamente, as notas de campo e as fichas de leitura referentes à primeira e à segunda intervenção, os questionários, os comentários escritos dos alunos, a entrevista

à Orientadora Cooperante segundo quatro categorias, os vídeos das dramatizações da história e, por último, a triangulação dos dados recolhidos.

O sexto capítulo é composto pelas limitações que encontrei neste Projeto de Investigação.

No sétimo e último capítulo, são apresentadas as conclusões deste Projeto de Investigação e apontadas algumas sugestões para estudos futuros.

Capítulo I - Contextualização da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Ao longo deste capítulo será abordada a Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, mais especificamente, a caracterização do contexto educativo; a caracterização do grupo de crianças; a calendarização da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e os respetivos temas trabalhados; dois exemplares de planificações desenvolvidas durante a Prática Supervisionada; e, por fim, uma reflexão geral acerca da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar.

1.1. Caracterização do contexto educativo

A Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar foi realizada no Jardim de Infância Obra de Santa Zita, estando este localizado na cidade de Castelo Branco.

A Obra de Santa Zita teve a sua primeira fundação na cidade da Guarda, ocorrendo a 1 de abril de 1931. Porém, devido à grande importância que esta instituição revelou na resposta às necessidades das pessoas, começou a ser expandida por todo o território nacional. Desta forma, atualmente, a Obra de Santa Zita tem a sua sede-geral na cidade de Lisboa, mais especificamente na Rua de Santo António à Estrela, nº35, sendo que esta localização pertence à freguesia da Lapa. Esta instituição tem como fundador o Monsenhor Joaquim Alves Brás.

A instituição referida anteriormente foi fundada com o objetivo de dar resposta a um problema social que residia no facto de as raparigas, ainda crianças e adolescentes, terem de se deslocar para as cidades à procura de trabalho para que se pudessem sustentar e às suas famílias. Porém, muitas das vezes, acabaram por encontrar trabalhos pouco dignos, que conduziam à pobreza, à exploração, à exclusão, culminando na injustiça social. Desta forma, estas raparigas encontravam na Obra de Santa Zita a única resposta social a que tinham acesso e da qual necessitavam.

O Jardim de Infância Obra de Santa Zita, na cidade de Castelo Branco, situa-se na Rua Conselheiro Albuquerque, nº 18. No caso específico desta instituição, pode constatar que é constituída por diversos espaços, nomeadamente:

- Um *hall* de entrada e vários corredores, nos quais é possível observar vários elementos que convidam a momentos de diálogo e convívio entre as várias entidades que fazem parte do processo educativo da criança. É também possível verificar a existência de elementos mais formais como os cadernos de registo de entradas e saídas de cada criança, sendo que estes cadernos estão divididos por salas, para que seja mais fácil a sua organização. Para além destes aspetos, no *hall* de entrada e nos corredores

estão expostos vários trabalhos elaborados pelas crianças das várias salas, permitindo a visualização dos mesmos por parte de todos os frequentadores da instituição, nomeadamente, pelos pais das crianças. Para além dos trabalhos realizados pelas crianças, estão também afixadas frases e algumas imagens que nos remetem para uma breve reflexão do que está exposto, como por exemplo, para uma reflexão acerca do significado e da importância presente numa pequena frase.

- Uma sala das educadoras, que contém uma mesa, várias cadeiras, vários armários e um computador com acesso à Internet. Para além destes elementos, nesta sala existem diversos materiais que podem ser utilizados pelas educadoras com as crianças, possibilitando assim a partilha dos mesmos entre todas as educadoras da instituição. Esta sala possibilita também a realização de reuniões, quer entre educadoras e encarregados de educação, quer entre as educadoras da instituição, permitindo a partilha de ideias, de conhecimentos, de situações, entre outros.

- Uma sala de acolhimento, sendo que esta é um espaço comum a todos e possibilita o estabelecimento de uma relação entre todos os elementos, mais especificamente entre as crianças, os encarregados de educação, as educadoras, as auxiliares, entre outros. Esta sala possui uma casa de banho para adultos; vários materiais de ginástica como colchões, arcos, cones; uma televisão, uma porta que dá acesso ao quintal e uma janela. Para além destes elementos, contém um armário que serve de biblioteca para as crianças.

- Um refeitório comum a todas as crianças, sendo que é uma zona ampla, com muita luz natural. Este espaço contém sete mesas compridas para as crianças e uma mesa reservada às educadoras e auxiliares da instituição.

- Várias casas de banho decoradas com elementos adequados à faixa etária das crianças, bem como espelhos, onde as crianças se podem ver. Para além destes aspetos, as casas de banho possuem os elementos necessários e adequados às crianças, na medida em que possuem um tamanho mais reduzido, facilitando a sua autonomia.

- Um espaço exterior, onde as crianças podem brincar ao ar livre e ter contacto com elementos da natureza que se encontram neste mesmo espaço. O pátio possui ainda baloiços, escorregas, uma “casinha” e vários cilindros que desempenham a função de túneis, onde as crianças se podem esconder ou apenas percorrê-los. Desta forma, as crianças convivem entre si, nomeadamente, estabelecem contacto com as crianças de outras faixas etárias. Para além do convívio estabelecido entre as crianças, estas podem partir à descoberta de vários aspetos, podendo estes estar relacionados com elementos da natureza, por exemplo.

No que diz respeito às salas pertencentes ao pré-escolar, é possível verificar que são três, sendo elas as seguintes:

- Sala das Borboletas, sendo esta destinada a crianças com idades entre os três e os quatro anos de idade.
- Sala das Abelhinhas, destinada a crianças com quatro anos de idade.

- Sala dos Coelhoinhos, sendo que é destinada a crianças com cinco e seis anos de idade, considerados os finalistas da instituição, na medida em que no ano seguinte já darão entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A minha Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar foi realizada na Sala dos Coelhoinhos, sendo possível verificar vários aspetos, nomeadamente a exposição nos placares dos vários trabalhos realizados pelas crianças. Esta sala possui também um calendário com os aniversários de todas as crianças que pertencem a esta sala; o tema do ano letivo “Cuidar de mim e dos outros”; um placar no qual a educadora afixa informações importantes para os pais, bem como a planificação semanal, entre outros elementos. Cada criança, no interior da sala, possui um cabide, destinado à colocação dos bens pessoais de cada uma, mais especificamente, aos casacos, mochilas, chapéus, bibes, sendo que cada cabide se encontra devidamente identificado com o nome de cada criança.

Para além dos aspetos anteriormente referidos, é possível verificar que a sala em questão possui vários espaços específicos, designados por cantinhos. Deste modo, existe o cantinho da leitura que possui uma manta, várias almofadas e uma estante com livros; o cantinho da pintura, no qual se encontra um cavalete com várias folhas brancas e material de pintura como tintas e pincéis; o cantinho da casinha, sendo este constituído pelo quarto e pela cozinha, possuindo acessórios variados, como roupas, sapatos, bonecos, entre outros; o cantinho da garagem com alguns carrinhos, uma grua, entre outros; os cantinhos dos jogos e plasticina, que possuem um leque variado de jogos didáticos; e, por fim, o cantinho do computador. A existência destes espaços específicos possibilita às crianças a vivência de várias experiências e a interação entre todos, permitindo o seu desenvolvimento a vários níveis, como o afetivo, o motor, o intelectual, entre outros. Outro aspeto relevante é o facto de existir material suficiente para todas as crianças, o que permite que todas elas brinquem com o que mais gostem, mas que também aprendam a partilhar com os outros algum material ou algum brinquedo, por exemplo.

No interior da sala estão ainda presentes quatro mesas de trabalho, para que todas as crianças se possam sentar a trabalhar numa atividade que exija a sua realização em mesas, como por exemplo a pintura de um desenho. É importante referir que todas as mesas de trabalho possuem uma estrutura adequada ao tamanho das crianças, bem como as cadeiras pertencentes a esta sala.

Para além dos aspetos acima referidos, esta sala possui uma casa de banho, sendo que este é um aspeto vantajoso, dado que as crianças não têm de sair da sala para se dirigirem à casa de banho.

Esta sala tem ainda uma porta que permite o acesso direto ao parque da instituição. Para além do acesso a esta parte da instituição, o facto de esta porta possuir vidros, permite a entrada de luz natural na sala em questão.

Na sala existe também um equipamento de ar condicionado que permite o aquecimento ou o arrefecimento da sala, consoante o que seja necessário em cada estação do ano, para um melhor conforto das crianças.

De seguida, serão apresentadas algumas imagens dos vários aspetos referidos anteriormente acerca da caracterização do contexto educativo da minha Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, mais especificamente, à Sala dos Coelhozinhos.

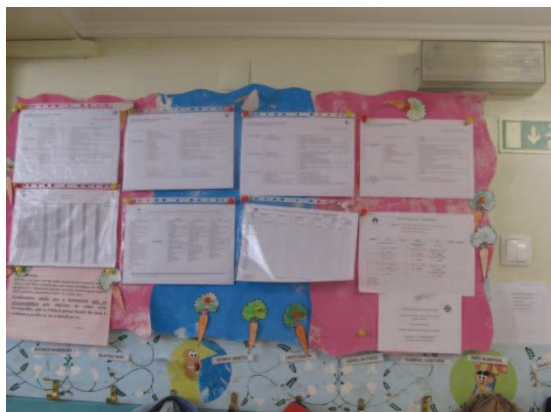


Figura 2 - Placar das informações

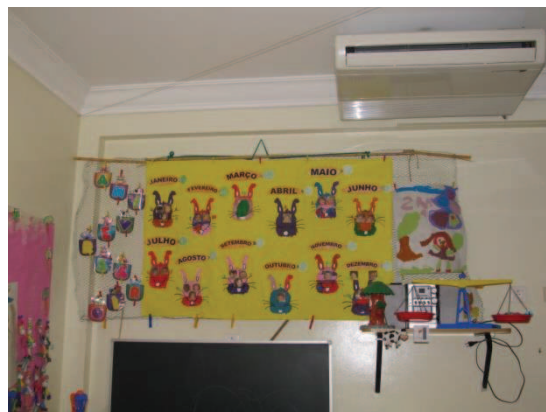


Figura 1 - Placar dos aniversários



Figura 3 - Cantinho da casinha



Figura 4 - Cantinho dos jogos



Figura 5 - Cantinho da garagem



Figura 7 - Cantinho do computador



Figura 6 - Porta de acesso ao parque

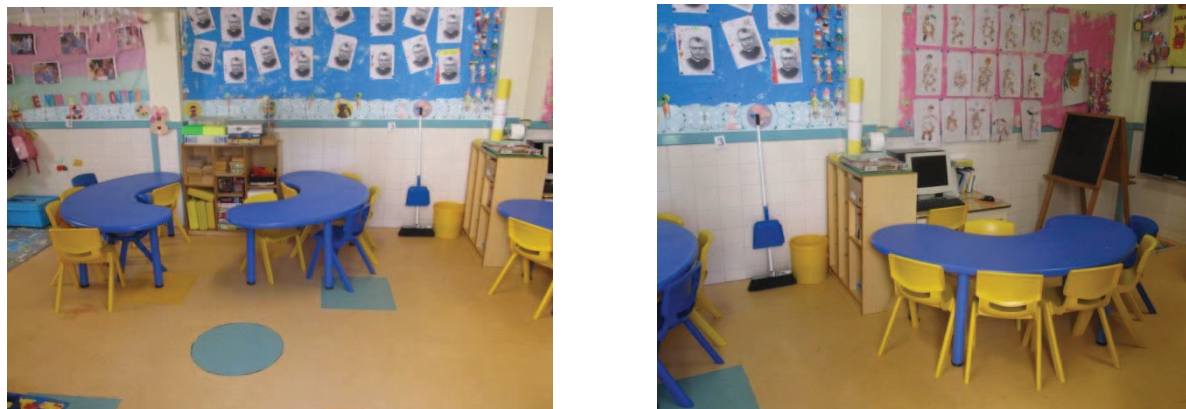


Figura 8 - Mesas de trabalho

1.2. Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças com o qual realizei a minha Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar é dirigido pela educadora Célia Santos, estando esta responsável pela Sala dos Coelhoinhos, a sala dos finalistas da instituição, dado que têm cinco anos de idade.

A partir da observação diária e em conjunto com a educadora cooperante foi possível a recolha de informação que possibilita a caracterização do grupo de crianças com o qual estagiei.

Desta forma, é possível verificar que é um grupo heterogéneo em termos de género, uma vez que é formado por treze rapazes e onze raparigas, formando um grupo de vinte e quatro crianças. No início do ano letivo, esta sala era frequentada por vinte e cinco crianças. No entanto, no final do mês de fevereiro duas delas deixaram de frequentar a instituição, dado que entraram para um jardim-de-infância mais próximo da zona onde residiam. Porém, no final do mês de abril chegou uma nova criança a esta sala. Devido ao pouco tempo de contacto com esta criança, não foi possível a recolha de informação acerca da mesma.

Deste modo, tendo em conta as vinte e três crianças, vinte nasceram no ano de 2008 e três no ano de 2009. Assim sendo, as três crianças que nasceram no ano de 2009 frequentarão a Sala dos Coelhoinhos por dois anos consecutivos. Esta decisão foi tomada para que existisse um equilíbrio no número de crianças a frequentar cada uma das salas da instituição. No que diz respeito ao envolvimento das três crianças mais novas nas atividades, foi possível verificar que não existe uma diferença notável entre as mesmas e as restantes crianças do grupo, pois todas conseguem acompanhar as atividades com facilidade.

No que respeita ao número de irmãos, nove das crianças não possuem irmãos; nove têm um irmão; quatro têm dois irmãos e, uma criança tem quatro irmãos.

Relativamente às características socioeconómicas foi possível verificar que a maioria das crianças pertence a um nível médio/baixo, pois os pais têm algumas dificuldades financeiras pelos mais variados motivos.

No que concerne às habilitações académicas dos pais e às profissões dos mesmos, são apresentados, de seguida, três gráficos ilustrativos de ambos os aspetos.

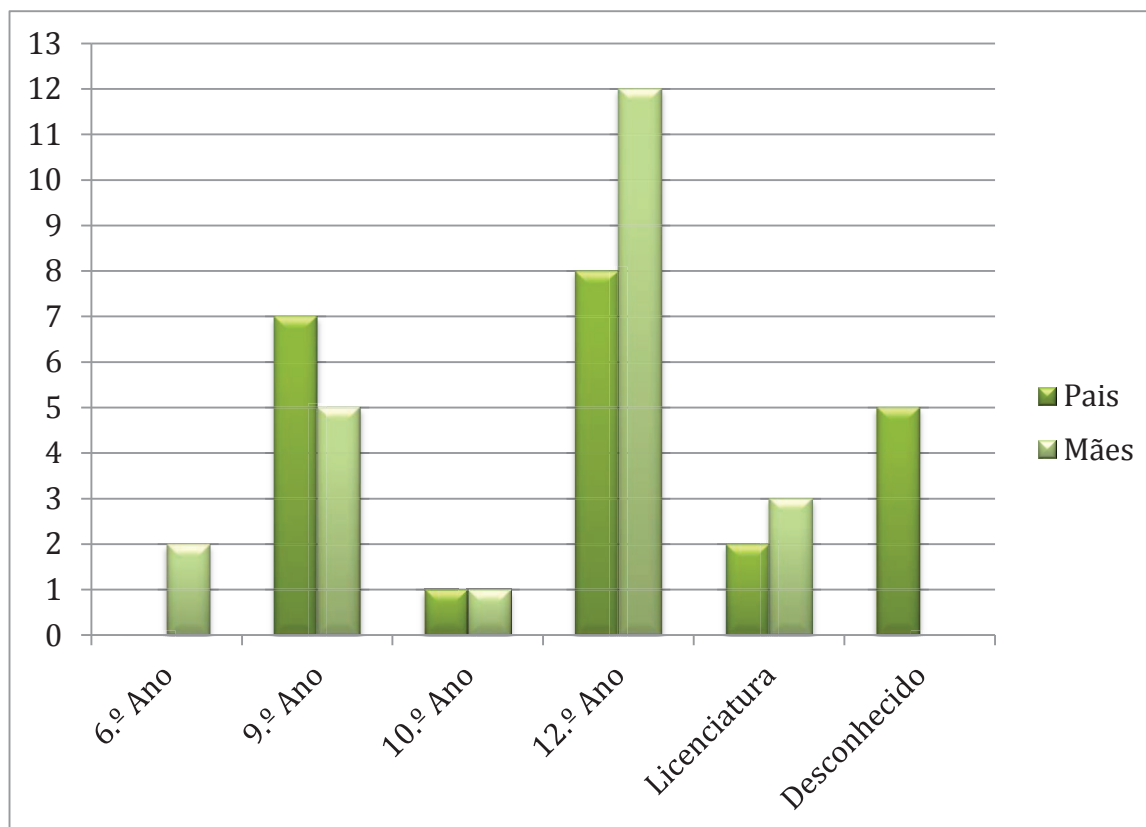


Gráfico 1 - Habilitações Académicas

Analisando este gráfico, no que diz respeito às habilitações académicas dos pais, é possível verificar a não existência de dados referentes às habilitações literárias de cinco pais; no referente aos outros, sete têm o 9.º Ano; um concluiu o 10.º Ano; oito possuem o 12.º Ano; dois concluíram a Licenciatura.

Por outro lado, no que diz respeito às habilitações das mães, é possível concluir que duas têm o 6.º Ano; cinco concluíram o 9.º Ano; uma tem o 10.º Ano; doze possuem o 12.º Ano; e, por último, três detêm uma Licenciatura.

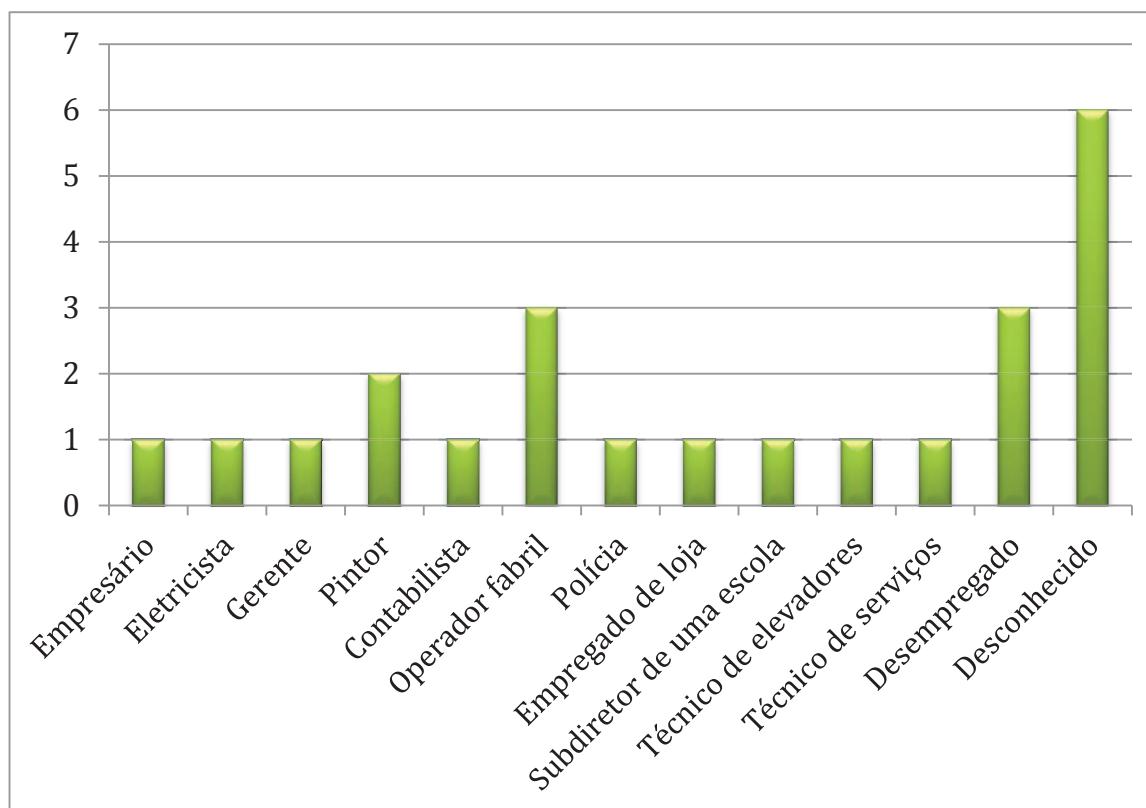


Gráfico 2 - Profissões dos Pais

No que concerne às profissões dos pais, é possível constatar que não existem dados referentes a seis pais. Dos restantes, através da análise do gráfico, podemos observar que existe um leque variado das profissões exercidas. Assim, é possível verificar que um pai é empresário; um é eletricista; um é gerente; dois são pintores; um é contabilista; três são operadores fabris; um é polícia; um é empregado de loja; um é subdiretor de uma escola; um é técnico de elevadores; um é técnico de serviços; três encontram-se em situação de desemprego.

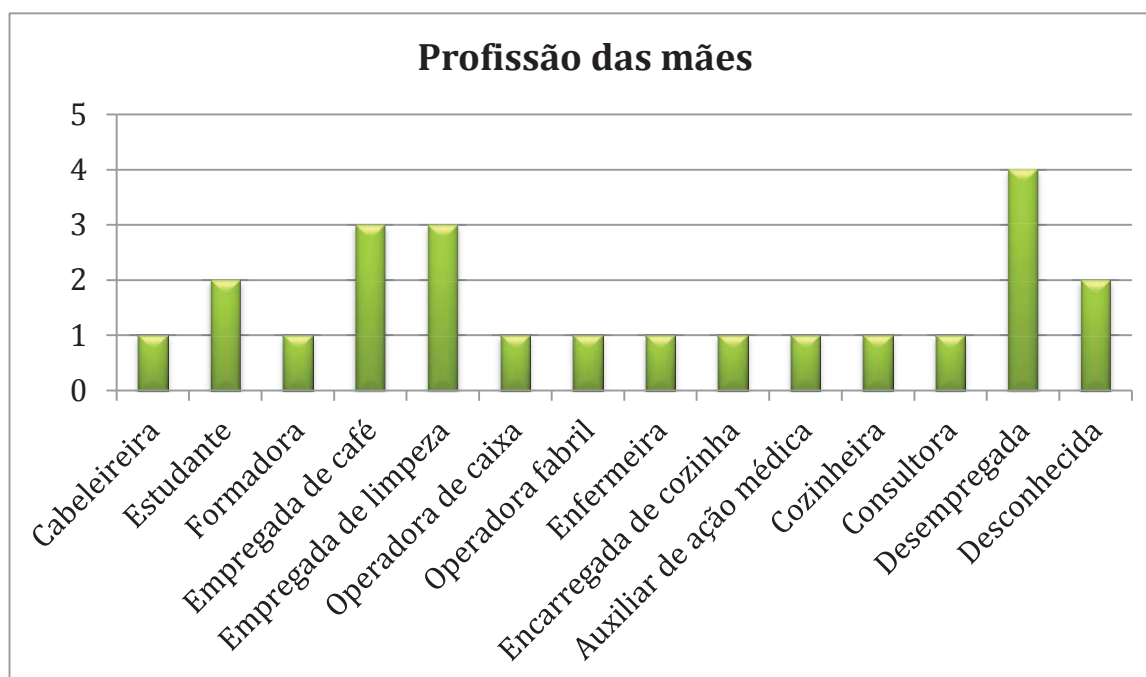


Gráfico 3 - Profissões das mães

Com base na observação do gráfico acima representado, é possível verificar que não existem dados referentes às profissões de duas das mães. Quanto às restantes, exercem profissões bastante variadas, mais especificamente, uma mãe é cabeleireira; duas são estudantes; uma é formadora; três são empregadas de café; três são empregadas de limpeza; uma é operadora de caixa; uma é operadora fabril; uma é enfermeira; uma é encarregada de cozinha; uma é auxiliar de ação médica; uma é cozinheira; uma é consultora; quatro estão em situação de desemprego.

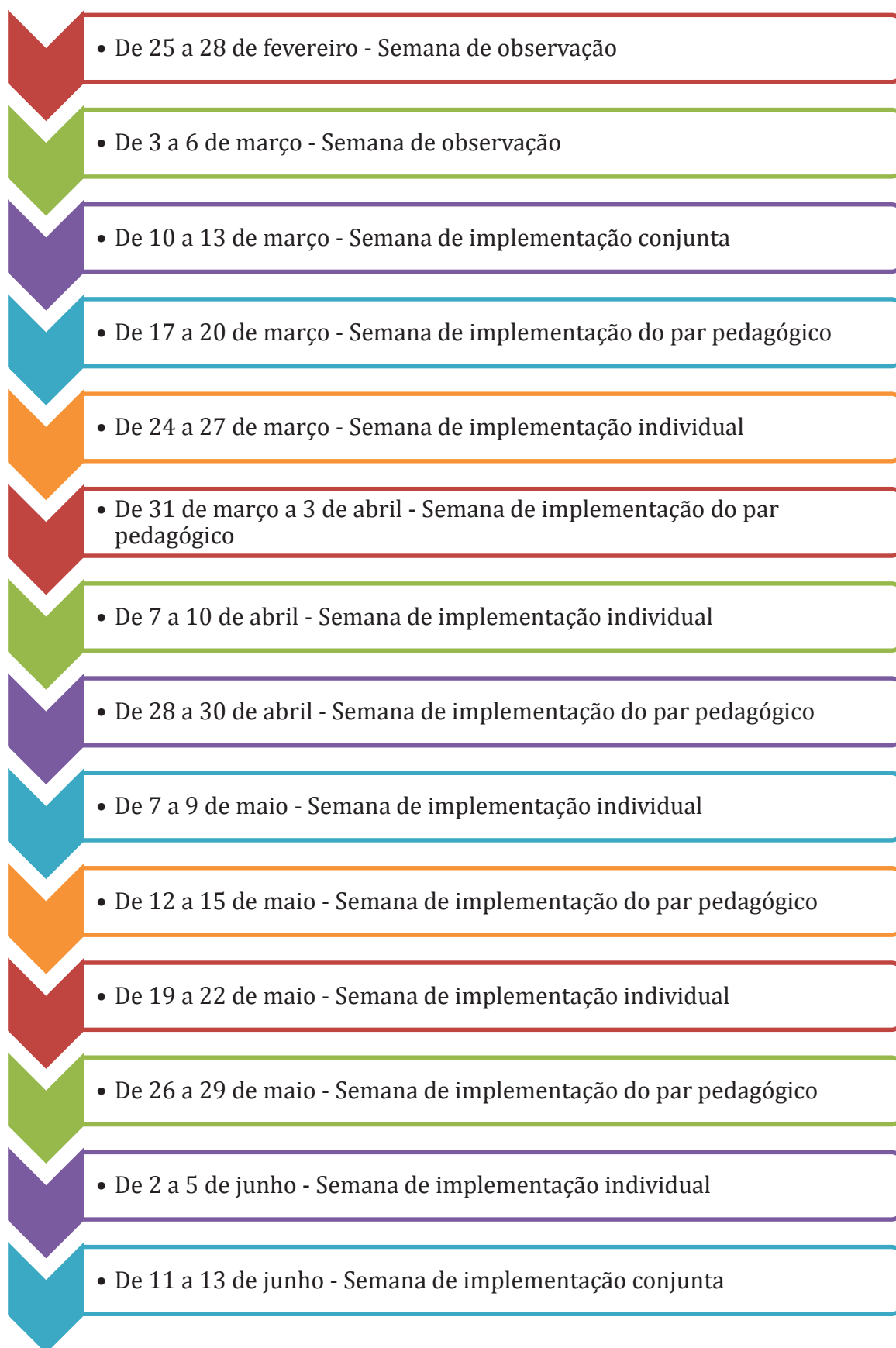
Desta forma, tendo em conta os três gráficos apresentados anteriormente, é possível concluir que tanto as habilitações académicas como as profissões dos pais das crianças são bastante variadas.

No que diz respeito ao desenvolvimento das crianças com as quais contactei, estas apresentam um desenvolvimento normal para a sua faixa etária. Por outro lado, relativamente ao seu comportamento, foi possível constatar, nas várias atividades desenvolvidas, que apresentam algumas falhas, podendo ser uma consequência do meio familiar em que estão inseridas. Neste grupo, existem algumas crianças que provocam alguma instabilidade nos restantes colegas, o que dificulta o desenvolvimento das atividades, dado que se torna um pouco difícil inculcar o respeito e controlar o comportamento. Um acontecimento que ocorre com alguma frequência neste grupo de crianças reside em agressões físicas por parte de alguns elementos do grupo para com os colegas.

Nesta instituição existe um núcleo de apoio psicológico, sendo que cinco das crianças do grupo estão a ser acompanhadas, cada uma com o seu motivo.

Por fim, no que concerne às atividades extracurriculares disponíveis na instituição, os pais podem inscrever as crianças na natação, ginástica e música, sendo que estas são pagas pelos pais, não sendo financiadas pelo jardim-de-infância em causa. No grupo de crianças com o qual desenvolvi a minha Prática Supervisionada, sete não têm ginástica, doze não têm natação e dez não têm música. Este fator deve-se, possivelmente, à falta de condições econ micas dos pais, o que não possibilita o pagamento destas atividades.

1.3. Calendarização da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar



1.4. Planificações desenvolvidas na Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Elementos de identificação:

Aluna de Prática Supervisionada: Maria de Lurdes Matos Lourenço

Educadora Cooperante: Educadora Célia Santos

Professora Supervisora: Professora Maria José Infante

Turma: Sala dos Coelhoinhos – 5 anos de idade

Número de crianças (previstas): 23

TEMA: A Primavera – O vestuário

Os tipos de revestimento dos animais

Áreas	Conteúdos	Objetivos
Área de Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Autocontrolo</u> - Sentido da responsabilidade • <u>Socialização</u> - Comunicação e integração grupal - Assimilação de normas e valores sociais 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconhecer-se como autor dos próprios atos e comportamentos. ✓ Promover atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes. ✓ Tomar consciência dos outros e estabelecer com eles relações de comunicação e integração grupal. ✓ Desenvolver atitudes de respeito, colaboração, ajuda e cooperação.

<p>Domínio da Expressão Plástica</p>	<ul style="list-style-type: none">• <u>Pintura</u><ul style="list-style-type: none">- A cor e os materiais• <u>Desenho</u><ul style="list-style-type: none">- Controle do traço – a linha- Materiais de desenho- Desenho figurativo	<ul style="list-style-type: none">✓ Construir frases simples e complexas.✓ Desenvolver a criatividade.✓ Desenvolver um progressivo controle perceptivo-motor do traço e do espaço gráfico.✓ Conhecer as características e possibilidades dos diversos materiais, utensílios e suportes das várias técnicas, assim como dos seus modos de utilização e conservação.✓ Desenvolver hábitos de limpeza, cuidado e ordem do material.✓ Desenvolver a expressão gráfica figurativa.✓ Experimentar as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las à produção de obras plásticas.✓ Exprimir-se plasticamente, aplicando as diferentes técnicas pictóricas e progredir na manipulação dos utensílios, materiais e suportes.
--------------------------------------	--	--

<p>Domínio da Expressão Motora</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Conhecimento do próprio corpo</u> <ul style="list-style-type: none"> - Partes do corpo • <u>Sensações</u> <ul style="list-style-type: none"> - Sentido da visão • <u>Organização espacial</u> <ul style="list-style-type: none"> - Localização e orientação espacial 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver uma imagem correta do seu próprio corpo. ✓ Descobrir as possibilidades dos diferentes órgãos dos sentidos. ✓ Desenvolver a orientação espacial e a direção do movimento, respeitante a um ou a vários pontos de referência.
<p>Domínio da Expressão Dramática</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Expressão corporal</u> 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver a imaginação e a linguagem corporal.
<p>Domínio da Matemática</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Conjuntos</u> <ul style="list-style-type: none"> - Correspondências - Relações entre os elementos de um conjunto - Ordem 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estabelecer relações entre os elementos de um conjunto. ✓ Estabelecer relações entre os elementos de dois conjuntos: correspondência.

Elementos de identificação:

Aluna de Prática Supervisionada: Maria de Lurdes Matos Lourenço

Educadora Cooperante: Educadora Célia Santos

Professora Supervisora: Professora Maria José Infante

Turma: Sala dos Coelhoinhos – 5 anos de idade

Número de crianças (previstas): 24

TEMA: As Profissões: a professora, a veterinária, o polícia e o bombeiro

Data de implementação: de 26 a 29 de maio

Áreas/Domínios	Conteúdos	Objetivos
❖ Área de Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Autocontrolo</u> - Sentido da responsabilidade • <u>Socialização</u> - Comunicação e integração grupal - Assimilação de normas e valores sociais 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconhecer-se como autor dos próprios atos e comportamentos. ✓ Promover atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes. ✓ Tomar consciência dos outros e estabelecer com eles relações de comunicação e integração grupal. ✓ Desenvolver atitudes de respeito, colaboração, ajuda e cooperação. ✓ Desenvolver o sentido de

<p>❖ Área de Conhecimento do Mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Meio Social <p>❖ Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Domínio da Linguagem Oral 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>O Trabalho e os Serviços</u> - Trabalho (tipos, funções e utilidade) – as profissões • <u>Compreensão Oral</u> - Compreensão de mensagens orais - Enriquecimento de vocabulário • <u>Sensibilização aos sons</u> - Aprender a dar atenção e a escutar 	<p>responsabilidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver condutas específicas de autocontrole, que permitam ajustar o próprio comportamento às exigências, necessidades e apelos de outras crianças e adultos. ✓ Conhecer e valorizar os diversos tipos de trabalho numa comunidade organizada. ✓ Compreender alguns aspetos relacionados com as profissões. ✓ Identificar algumas características específicas de cada profissão. ✓ Fomentar o diálogo. ✓ Adequar a sua comunicação a situações diversas. ✓ Transmitir mensagens. ✓ Fazer perguntas para obter informação. ✓ Saber escutar. ✓ Alargar o vocabulário. ✓ Construir frases simples e complexas.
--	--	--

<ul style="list-style-type: none"> ○ Domínio de Abordagem à Escrita ○ Domínio da Expressão Plástica 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Discriminação visual e organização espaço-temporal</u> <ul style="list-style-type: none"> - Perceção visual • <u>Pintura e Estampagem</u> <ul style="list-style-type: none"> - A cor e os materiais - Estampagem com esponja • <u>Construções</u> <ul style="list-style-type: none"> - Experimentação no espaço tridimensional - Construção 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver a discriminação visual de formas e tamanhos. ✓ Familiarizar-se com a escrita, através da visualização de alguns registos escritos. ✓ Desenvolver a criatividade. ✓ Desenvolver hábitos de limpeza, cuidado e ordem do material. ✓ Experimentar as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las à produção de obras plásticas. ✓ Expressar-se plasticamente, aplicando as diferentes técnicas pictóricas e progredir na manipulação dos utensílios, materiais e suportes. ✓ Desenvolver a ordenação harmoniosa e a composição no espaço tridimensional.
---	--	--

<ul style="list-style-type: none">○ Domínio da Expressão Musical ○ Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none">• <u>Ritmo</u> - Ritmo em canções e melodias • <u>Conjuntos</u> - Relações entre os elementos de dois conjuntos	<ul style="list-style-type: none">✓ Adaptar os movimentos corporais a ritmos pré-estabelecidos.✓ Ajustar ao ritmo de canções e melodias, em grupo.✓ Escutar com gosto e interesse música gravada e desfrutar dela. ✓ Estabelecer e identificar relações entre os elementos de dois conjuntos – identificar as diferenças presentes em duas imagens relacionadas com as profissões.
--	---	--

Dias da semana					
		<i>Segunda-feira</i>	<i>Terça-feira</i>	<i>Quarta-feira</i>	<i>Quinta-feira</i>
Atividades		<ul style="list-style-type: none"> →Receção das crianças; →Eleição do Rei/Rainha do dia; →Atualização do calendário do tempo; →Diálogo acerca das profissões, no geral; →Audição da música “Sónia e as Profissões – a Professora” e execução da coreografia da mesma (Anexo VIII); →Encenação da profissão; →Descobrir e identificar as diferenças (4) nas imagens e colori-las (Anexo IX); →Brincadeiras livres; →Higiene pessoal; →Almoço. 	<ul style="list-style-type: none"> →Receção das crianças; →Ida à capela; →Eleição do Rei/Rainha do dia; →Atualização do calendário do tempo; → Análise de uma imagem alusiva à profissão de veterinário (Anexo X); → Jogo: o “veterinário” tenta apanhar os “animais” para cuidar deles; → Estampagem de um desenho de um veterinário, recorrendo à esponja (Anexo XI); →Jogo dramático: imaginarem que são veterinários e referir qual o animal que mais gostavam de tratar; →Brincadeiras livres; →Higiene pessoal; →Almoço. 	<ul style="list-style-type: none"> →Receção das crianças; →Eleição do Rei/Rainha do dia; →Atualização do calendário do tempo; →Leitura e exploração da história “O meu pai é polícia”, de Carla Jorge e Irina Melo; →Diálogo acerca da profissão de polícia; →Jogo: o polícia tem de ver se os peões atravessam corretamente ou não a estrada; →Atribuição de características à profissão de polícia – registo numa folha; →Brincadeiras livres; →Higiene pessoal; →Almoço. 	<ul style="list-style-type: none"> →Receção das crianças; →Eleição do Rei/Rainha do dia; →Atualização do calendário do tempo; →Pequena encenação da profissão de bombeiro – colocar uma folha de papel a arder num recipiente e apagar com água/colocar um peluche numa árvore ou num sítio alto e subir para o salvar; →Construção de um carro de bombeiros (Anexo XII); →Associação dos instrumentos e do local de trabalho pertencentes às quatro profissões trabalhadas durante a semana – várias imagens e colagem numa cartolina (Anexo XIII); →Aula de ginástica; →Higiene pessoal; →Almoço.

1.5. Reflexão geral acerca da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

No que diz respeito à minha Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, esta foi desenvolvida com um grupo de vinte e cinco crianças com idades compreendidas entre os cinco e os seis anos, composto por rapazes e raparigas.

Nas semanas de observação foi possível constatar que se tratava de um grupo de crianças bastante heterogéneo no que se refere ao comportamento, sendo que algumas das crianças eram agressivas com os colegas. Este fator influenciou bastante o desenvolvimento das atividades observadas, dado que as crianças mais agitadas acabavam por destabilizar o restante grupo, o que dificultava e, em algumas situações, impedia a continuação da atividade que estava a ser implementada. Em conversa com a educadora, compreendi que muitos dos comportamentos e atitudes menos positivas advinham de alguns problemas familiares, como por exemplo, a separação dos pais, problemas económicos, entre outros fatores.

Numa fase posterior, no decorrer da implementação das atividades que planifiquei, pude concluir que era um pouco difícil manter o grupo de crianças focado na atividade que estava a ser aplicada, na medida em que alguns elementos tinham comportamentos que distraíam os restantes. Desta forma, procurei sempre desenvolver atividades em que existisse mais dinâmica, para que todos pudessem participar ao mesmo tempo. Apesar de implementar várias estratégias, para que tudo decorresse da melhor forma, tive muita dificuldade em controlar algumas crianças e em conseguir que todas estivessem empenhadas, devido ao seu comportamento, o que influenciou negativamente o decorrer de algumas das atividades.

Ao longo desta Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, procurei sempre cumprir com os temas solicitados pela educadora e com o programa mensal e tentei sempre incluir todas as áreas das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, adaptando-as à faixa etária do grupo de crianças, bem como às suas necessidades e características. Foi possível verificar o impacto que alguns temas tiveram no que diz respeito ao interesse e entusiasmo das crianças pelos mesmos. Por exemplo, numa das atividades que desenvolvi, foi feita uma sementeira em forma de 8 e foi notória a curiosidade das crianças em saber como ia crescer a mesma e o entusiasmo no contacto com a terra durante a atividade. É bastante gratificante para mim enquanto futura educadora de infância verificar o entusiasmo e o empenho das crianças nas atividades em que se dedicam e em que satisfazem as suas curiosidades.

Durante esta unidade curricular foi possível aprender muitos aspetos como o controlo de um grupo de crianças com muitos problemas ao nível do comportamento, bem como a adaptação de algumas atividades que estavam planeadas de uma forma e devido às circunstâncias tiveram de ser adaptadas para que tudo decorresse o mais positivamente possível. Para além deste aspeto, a educadora sempre me auxiliou e

indicou-me algumas estratégias para que as crianças estivessem empenhadas nas atividades propostas.

De uma forma geral, esta Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar fez-me crescer e evoluir bastante enquanto futura educadora de infância, dado que foi o meu primeiro contacto prático com crianças nesta faixa etária para poder implementar o que foi aprendido na teoria, sendo que na Licenciatura, o contacto que temos com a prática é um pouco mais reduzido e é maioritariamente de observação. Desta forma, esta experiência foi muito gratificante para a minha vida profissional, mas também pessoal, visto que muitas das vezes, o que as crianças precisavam era de um pouco mais de afeto, o que me levou a concluir que na maioria das vezes, quando não têm afeto suficiente em casa, o procuram nas pessoas que estão mais tempo com elas, ou seja, os colegas do jardim-de-infância, as educadoras, as auxiliares, entre outros elementos.

Um outro fator que fiquei a compreender melhor é a participação dos pais nas atividades dos seus filhos. Em conversa com a educadora cooperante, foi notório que os pais cada vez exigem mais dos educadores e solicitam no trabalho em contexto de jardim-de-infância alguns aspetos que deverão partir de casa. Para além disso, os pais cada vez são menos flexíveis para determinadas situações que acontecem ao longo do dia na vida dos seus filhos, o que leva a uma exigência cada vez maior do papel do educador de infância. Tal situação leva a que o educador-de-infância tenha de se adaptar ao grupo de crianças que tem e às suas necessidades, bem como aos pais do mesmo, para que o ano letivo decorra da melhor forma possível e para que os pais se sintam também confortáveis e confiantes com a educação dos seus filhos na instituição que se encontram a frequentar.

Relativamente ao meu Projeto de Investigação, apesar de este não ter sido implementado neste âmbito de Prática Supervisionada, foi possível observar que as crianças demonstram bastante interesse em participar nas atividades que dizem respeito à Expressão Dramática. Deste modo, no decorrer das atividades implementadas neste período de estágio, verifiquei o entusiasmo das crianças na realização de jogos em que desempenhavam outros papéis, como por exemplo, o papel de um professor perante a sua turma de alunos. Este envolvimento foi também notório, porquanto as crianças procuravam acentuar a sua expressão facial, gestual e postura, de acordo com as características dominantes das personagens representadas.

Na minha opinião, enquanto futura educadora, vai ser cada vez mais difícil corresponder às expectativas que os pais colocam em nós, mas se existir empatia desde o início e se todos os assuntos forem tratados com clareza e com o consentimento de ambas as partes para a resolução das situações e dos problemas que surjam ao longo do ano letivo, com certeza que as coisas decorrerão de forma positiva.

Capítulo II - Contextualização da Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Neste segundo capítulo será apresentada a Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, mais concretamente, a caracterização do contexto educativo; a caracterização da turma; a calendarização da Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico e os temas abordados ao longo das semanas; as duas planificações desenvolvidas na aplicação da investigação; e ainda, uma reflexão geral referente à Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

2.1. Caracterização do contexto educativo

De acordo com o Agrupamento de Escolas João Roiz, o Decreto-Lei n.º115-A/98, de 4 de maio é referido como um *“instrumento estratégico de explicitação de princípios, valores, metas e estratégias, segundo os quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa e organizar as decisões de política educativa.”*

Recorrendo ao Projeto Educativo do Agrupamento, referente aos anos de 2009 a 2013, é possível verificar que o agrupamento em questão é composto por cinco escolas, sendo elas as seguintes: Escola Básica do 1.º Ciclo – Valongo; Escola Básica do 1.º Ciclo Quinta da Granja de Castelo Branco; Escola Básica do 1.º Ciclo de Cebolais de Cima; Escola Básica do 1.º Ciclo de Retaxo; e, também, a Escola Básica Integrada João Roiz. Contudo, este ano letivo de 2014/2015, surgiram algumas mudanças, dado que já não é o Agrupamento de Escolas João Roiz e sim o Agrupamento de Escolas Amato Lusitano. Esta alteração levou a que ainda não tivesse sido publicado o Regulamento Interno e no qual constam a atual constituição do agrupamento em causa.

A sede do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano fica localizada numa área residencial da cidade de Castelo Branco, facilitando o acesso a alguns serviços, como por exemplo o hospital, zonas de comércio, transportes públicos, zonas de interesse local e cultural, entre outros aspetos.



Figura 9 - Sede do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

Tendo em conta o Projeto Educativo do agrupamento, é possível compreender que este se encontra dividido em três secções distintas, sendo elas:

- Caracterização do Agrupamento;
- Diagnóstico da situação;
- Áreas de intervenção.

Desta forma, é possível verificar que o agrupamento tem como objetivo a alcançar, a concretização de várias finalidades, possibilitando a sua aplicação da melhor maneira possível e por parte de todos os órgãos constituintes. Assim sendo, as finalidades presentes neste Projeto Educativo são as seguintes:

- Favorecer um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória numa dada área geográfica;
- Superar situações de isolamento de estabelecimentos e prevenir a exclusão social;
- Reforçar a capacidade pedagógica dos estabelecimentos que o integram e o aproveitamento racional dos recursos;
- Garantir a aplicação de um regime de autonomia, administração e gestão escolar;
- Valorizar e enquadrar experiências em curso.

No que diz respeito à Escola Básica João Roiz, na qual realizei a minha Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, localiza-se na Avenida Cidade Zhuhai, na cidade de Castelo Branco.

O agrupamento de escolas ao qual pertence a escola acima referida, tem disponível uma página na Internet (<http://aeamatolusitano.edu.pt/site/index.php>), na qual são publicadas e divulgadas as iniciativas realizadas no decorrer do ano, sendo que contém também algumas atualizações importantes, como por exemplo, as matrículas nas escolas.

Relativamente às infraestruturas da Escola Básica João Roiz, é possível verificar que esta tem um espaço de âmbito multidisciplinar, sustentado por um conjunto de meios humanos e materiais que possibilitam o desenvolvimento das atividades, quer curriculares, quer extracurriculares, englobando os seguintes serviços:

- Pavilhão desportivo;
- Campos de jogos ao ar livre;
- Biblioteca;
- Salas de música;
- Salas de convívio;
- Refeitório;
- Papelaria;
- Bar.

No que se refere às atividades de enriquecimento curricular que são proporcionadas aos alunos, mais especificamente aos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, são de vários tipos, nomeadamente: Inglês; Expressão e Educação Musical; Atividade Física e Desportiva; Expressão Plástica; Expressão Dramática; e ainda, Apoio ao Estudo.

Devido ao facto de existirem os três ciclos de estudo a decorrer nesta escola, as salas de aula do 1.º Ciclo estão situadas no Bloco A. Para além das salas de aula, estão disponíveis alguns serviços e equipamentos, como por exemplo o bar de professores, reprografia, entre outros, sendo que todos servem a comunidade escolar que frequenta a escola.

Tendo em conta os clubes que decorrem na escola, é possível verificar que são os seguintes: Saúde e Ambiente; Artec-Imagem; Matemática; NetRoiz; Jornalismo e Comunicação; Teatro; Línguas; e ainda, Desporto Escolar.

Para que seja possível responder às necessidades da comunidade escolar, a Escola Básica João Roiz definiu seis áreas de intervenção nas quais pretende atuar, sendo elas:

- Organização pedagógica;
- Aprendizagem dos alunos;
- Educação para a Saúde e Bem-Estar; Educação para a Prevenção e Segurança e Educação para os Direitos Humanos e Empreendedorismo;
- Funcionamento do agrupamento;
- Relação escola/comunidade;
- Formação dos membros da comunidade educativa.

A escola em questão tem principal preocupação com aspetos como os alunos com necessidades educativas especiais, promovendo a sua integração; com o abandono escolar, sendo que procura a sua prevenção recorrendo a um diálogo entre os alunos e as suas famílias, para que o aluno se envolva no seu próprio processo de aprendizagem; com a promoção do sucesso escolar, sendo que são desenvolvidas atividades que fomentam o interesse e a motivação dos alunos; com a estimulação de momentos de

leitura pelos alunos; com a promoção do domínio das novas tecnologias; entre outros aspetos.

No que diz respeito ao caso específico da sala de aula na qual estive a desenvolver a minha Prática Supervisionada, esta era composta por várias mesas de trabalho, cada uma para dois alunos, sendo que em algumas delas se encontrava apenas um aluno. À frente das mesas de trabalho dos alunos, encontrava-se a secretária da professora, sendo que tinha presente também um computador que poderia ser utilizado em qualquer altura.

Numa das paredes eram afixados alguns dos trabalhos dos alunos, pois esta continha um grande placar, onde estes podiam ser expostos.

Ao fundo da sala, estavam presentes dois armários, sendo que um se destinava à arrumação de vários materiais, como blocos de desenho, réguas, os manuais e os dossiês dos alunos, entre outros. O outro era destinado aos professores que lecionavam na turma em questão, na medida em que poderiam arrumar alguns dos seus materiais e outros objetos que fossem necessários para o decorrer das suas aulas.

Um aspeto importante de referir é o facto de existir sempre um projetor na sala de aula, o que permitia a apresentação de material multimédia acerca dos conteúdos abordados ao longo das aulas. No interior da sala de aula, existiam também dois quadros de ardósia. Numa das paredes da sala, havia janelas, o que permitia a entrada de luz natural na sala de aula.

2.2. Caraterização da turma

A turma com a qual desenvolvi a minha Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico é a turma A do 4.º Ano de escolaridade, sendo que esta frequenta o Agrupamento de Escolas Amato Lusitano, mais especificamente a Escola Básica João Roiz.

Esta turma tem como professora titular a professora Maria Emília Toscano, que tinha à sua responsabilidade vinte alunos, sendo que onze eram rapazes e nove raparigas, tendo idades compreendidas entre os nove e os dez anos. Dos vinte alunos que constituíam a turma, dois frequentavam a turma pela primeira vez; um tinha vindo do Jardim Escola João de Deus; e, um provinha da Escola Básica do 1.º Ciclo da Senhora da Piedade, sendo que o aluno em questão possuía necessidades educativas especiais.

Dois dos alunos que frequentavam a turma tinham necessidades educativas especiais. Um outro aluno possuía nacionalidade belga, o que conduzia a algumas dificuldades em falar português e em compreender algumas palavras da nossa língua.

Tendo como base a informação fornecida pela orientadora cooperante foi possível verificar que é uma turma heterogénea em vários aspetos. Para além dos alunos com necessidades educativas especiais, existia um aluno filho de pais surdos-mudos, mostrando disponibilidade e interesse em auxiliar os colegas quando estes manifestavam alguma dificuldade. Dois alunos têm os pais divorciados, o que pode provocar alguma instabilidade na sua vida pessoal e também escolar. Um outro caso específico prende-se com um aluno ao qual lhe faleceu o pai, sendo que por vezes demonstra períodos de maior sensibilidade e tristeza, sendo que por vezes necessita de maior atenção e carinho por parte dos adultos.

No que diz respeito ao comportamento dos alunos, é possível verificar que a turma apresenta algumas falhas a esse nível, dificultando o seu controlo por parte dos adultos, quer da orientadora cooperante, quer das professoras. Ao longo das semanas de observação e através de conversas com a orientadora cooperante foi possível concluir que é uma turma bastante agitada durante as aulas. Esta situação poderá prender-se com o facto de um dos alunos com necessidades educativas especiais fazer algumas intervenções inadequadas, levando a uma destabilização da restante turma. Após a tentativa de várias estratégias para o controlo da turma, a que foi mais respeitada pelos alunos foi o facto de as professoras e da orientadora cooperante permanecerem em silêncio até a turma estar mais calma e disposta a ouvir o que estava a ser abordado nas aulas, para que os alunos compreendessem que estavam a impedir o desenvolvimento das aulas.

A observação das atividades possibilitou verificar que existem ritmos de trabalho e de aprendizagem distintos, na medida em que nas atividades observadas alguns alunos terminavam as tarefas propostas rapidamente, enquanto outros demoravam mais tempo a concluir as mesmas. Ao longo das observações foi possível constatar que a turma em questão se interessa bastante pelas novas tecnologias, sendo que alguns dos alunos já

demonstram uma certa familiaridade em trabalhar com o computador. Recorrendo aos inquéritos de caracterização da turma disponibilizados pela orientadora cooperante foi notório que as aulas que os alunos mais gostam são aquelas em que se utilizam os meios audiovisuais/TIC.

De uma forma geral, quase todos os alunos frequentaram no ano transato a Escola Básica Quinta da Granja (n.º 10), sendo que todos gostavam desta escola, dando razões como “Porque lá tenho os meus amigos”; “Tem campo de futebol, pátio grande e sala gira”; entre outras respostas.

Em diálogo com a orientadora cooperante foi mencionado que a turma, tendo como comparação o ano anterior, apresentou mudanças significativas no que diz respeito ao comportamento. Na base desta situação pode estar a ocorrência de uma alteração no ambiente educativo, dado que no ano anterior, na escola frequentada pelos alunos, apenas existiam crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico e era um ambiente significativamente mais pequeno. Devido ao facto de as turmas de 3.º e 4.º ano de escolaridade se terem mudado para a Escola Básica João Roiz, ampliou-se o ambiente educativo, na medida em que nesta escola existem os três ciclos de estudo.

Relativamente ao nível socioeconómico dos alunos, com base nos dados fornecidos pela orientadora cooperante, foi possível constatar que seis dos alunos da turma têm apoio económico na escola.

No que se refere às habilitações académicas dos pais, estas oscilam bastante, indo do 4.º ano de escolaridade ao ensino superior. No entanto, a maioria dos pais manifestam interesse pela escola e participam de forma ativa na vida escolar dos seus educandos.

Relativamente às profissões exercidas pelos pais dos alunos, é possível constatar que alguns pais exercem a sua profissão no setor da indústria, outros no setor dos serviços, sendo que a maioria dos pais têm as suas funções neste último setor. Para além destes casos, é observável que alguns dos pais se encontram desempregados e outros em que a sua profissão não é conhecida. Para que possa haver uma melhor compreensão dos dados que dizem respeito às profissões dos pais e das mães dos alunos, seguem-se dois gráficos que ilustram esse aspeto.

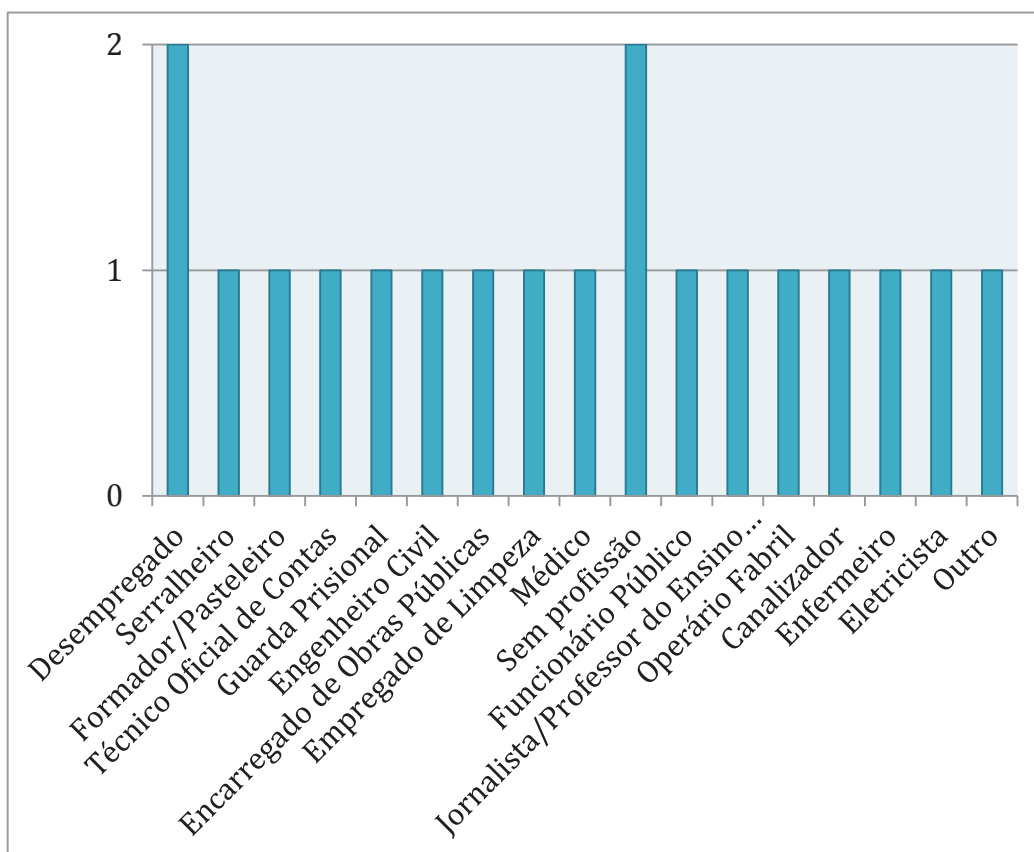


Gráfico 4 - Profissões dos pais dos alunos

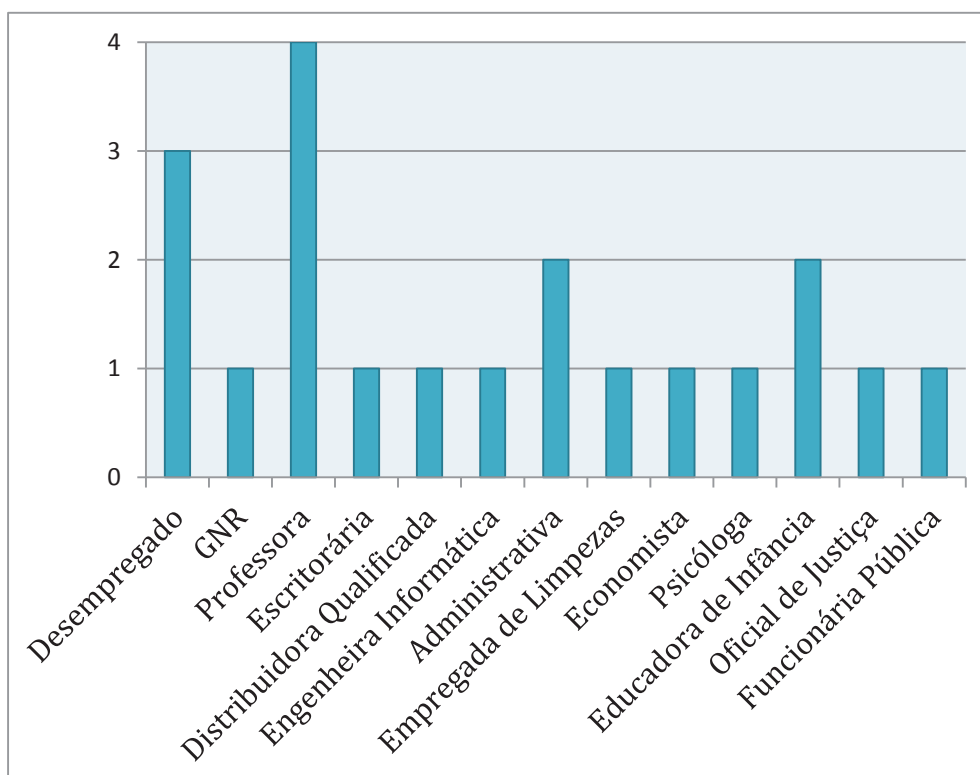


Gráfico 5 - Profissões das mães dos alunos

No que concerne ao tempo dispensado para o estudo fora da escola por parte dos alunos, recorrendo aos inquéritos de caracterização da turma dados pela orientadora cooperante, foi possível verificar que os alunos dispõem, em média, trinta minutos diários. Segue-se um gráfico com a informação referente ao tempo de estudo diário fora da escola.

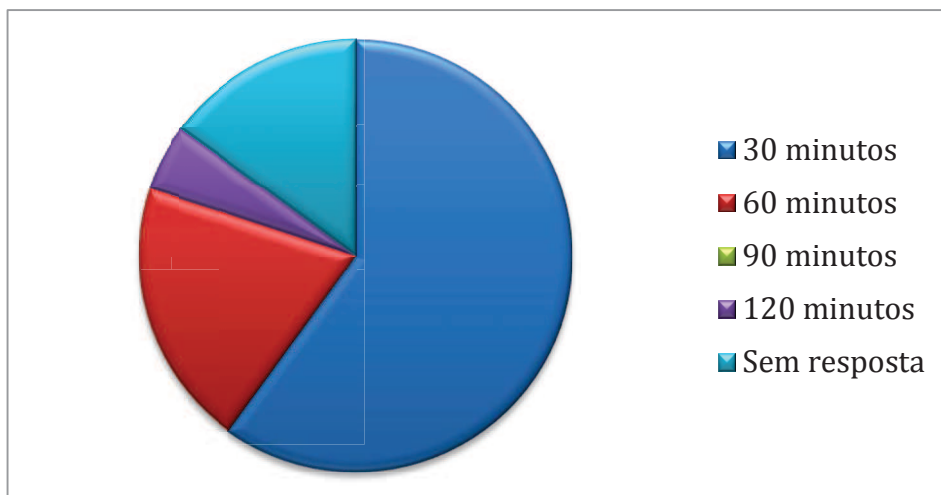


Gráfico 6 - Tempo de estudo

Tendo como referência o inquérito acima referido, é possível concluir as áreas curriculares pelas quais os alunos manifestam mais interesse. Para uma melhor compreensão dos dados, encontra-se seguidamente um gráfico com a informação recolhida.

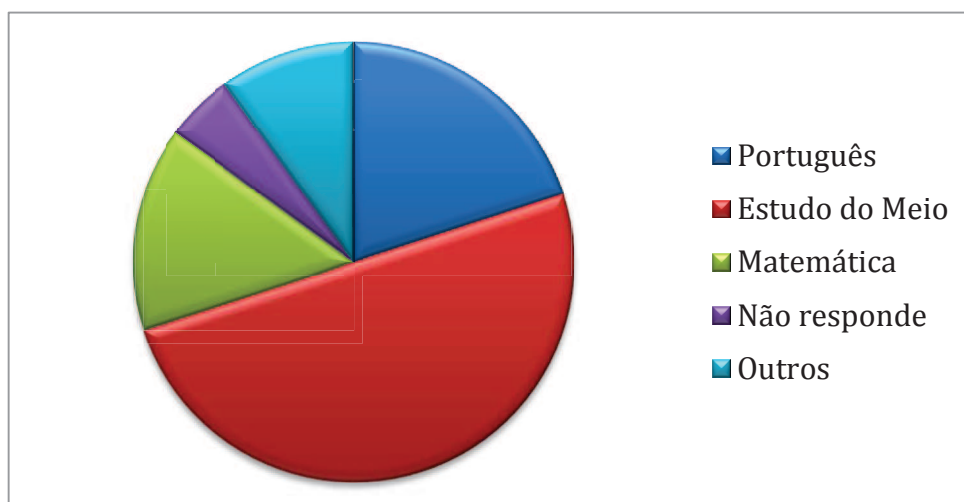


Gráfico 7 - Disciplina que os alunos gostam mais

A análise do gráfico anterior possibilita verificar que a maioria dos alunos se interessa pela área curricular de Estudo do Meio, tendo esta como preferência e referindo que prefere esta área com respostas como “Gosto de aprender novidades”; “Porque fala sobre diversas coisas, como animais, etc.”; entre outras afirmações.

De seguida, encontra-se um gráfico referente à disciplina que os alunos menos gostam.

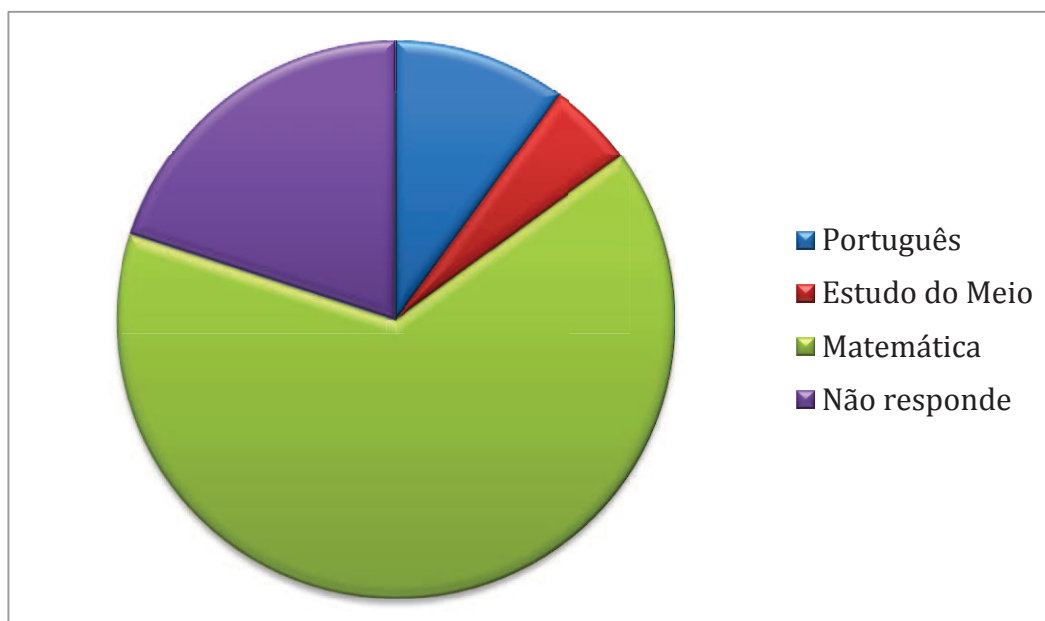


Gráfico 8 - Disciplina que os alunos menos gostam

No gráfico acima representado é possível observar que a disciplina pela qual os alunos demonstram menor preferência é a Matemática, justificando a sua opinião com respostas como “É muito complicada”; “Tem muitos conceitos e números”; entre outras.

No que se refere à relação existente entre a orientadora cooperante e os seus alunos, foi possível observar que esta é bastante positiva, na medida em que os alunos se sentem “à vontade” para comunicar e dialogar com a professora, conseguindo na sua maioria colocar as suas dúvidas. É importante salientar que a professora procura sempre utilizar exemplos do quotidiano dos alunos para lhes esclarecer as suas dúvidas, o que se revela fundamental para a criação de empatia e interação com os alunos.

Recorrendo ao questionário de caracterização da turma, as várias características que os alunos apreciam num professor variam entre a assiduidade, a simpatia, o espírito de justiça, entre outros fatores. De seguida, é apresentado um gráfico ilustrativo das respostas dadas pelos alunos.

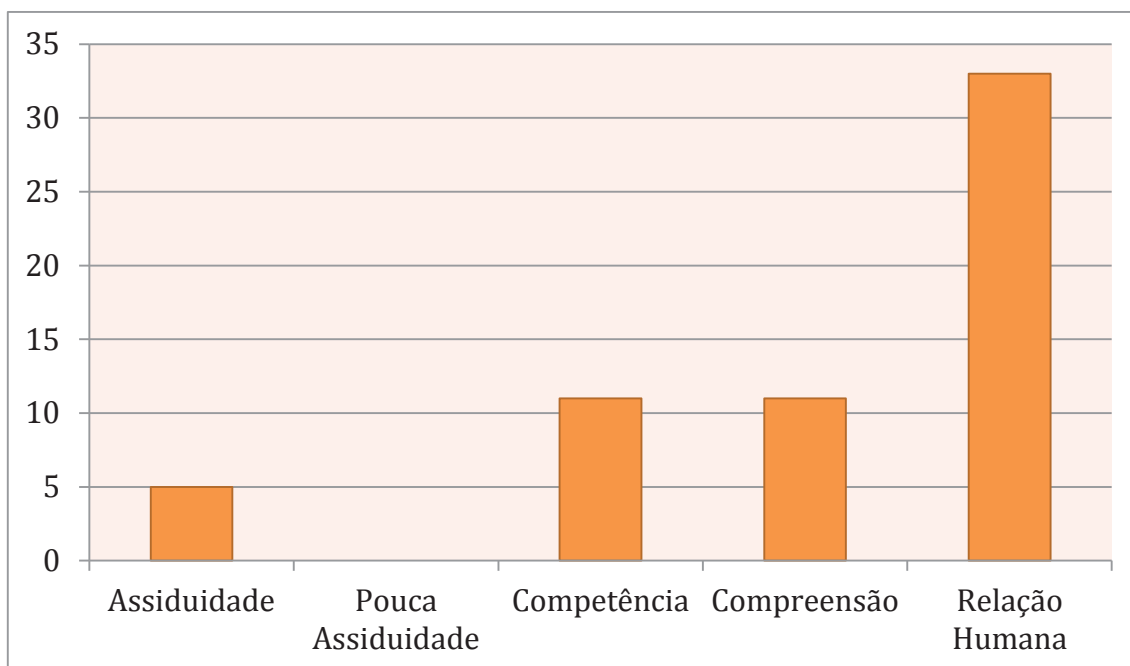




Gráfico 9 - Características apreciadas num professor


2.3. Calendarização da Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico




- De 14 a 16 de outubro - Semana de observação




- De 21 a 23 de outubro - Semana de implementação conjunta - "Cientista Orlando descobre os sismos e os incêndios"



- De 28 a 30 de outubro - Semana de implementação individual - "Cientista Orlando investiga o passado de Castelo Branco e o século"



- De 4 a 6 de novembro - Semana de implementação do par pedagógico - "Regresso ao passado... A Península Ibérica a.C."



- De 11 a 13 de novembro - Semana de implementação individual - "Cientista Orlando descobre quatro povos na Península Ibérica: os Lusitanos, os Romanos, os Bárbaros e os Muçulmanos"




- De 18 a 20 de novembro - Semana de implementação do par pedagógico - "Aqui nasce Portugal"



- De 25 a 27 de novembro - Semana de implementação individual - "O Cientista Orlando descobre o que é uma dinastia e quais os Reis da 1.ª Dinastia"



- De 2 a 4 dezembro - Semana de implementação do par pedagógico - "Aqui e Além-mar"




- De 9 a 11 de dezembro - Semana de implementação individual - "O Cientista Orlando descobre uma história chamada O Segredo do Rio e os Reis da 3.ª Dinastia portuguesa"




- 16 de dezembro - Semana de implementação conjunta - "Épocas festivas - o Natal"



- De 6 a 8 de janeiro - Semana de implementação do par pedagógico - "Uma viagem pelo Universo"



- De 13 a 15 de janeiro - Semana de implementação individual - "O Cientista Orlando dá a conhecer uma história chamada "História com Recadinho", a Implantação da República, o 25 de abril de 1974, a Democracia e os Símbolos Nacionais"



- De 20 a 22 de janeiro - Semana de implementação do par pedagógico - "À descoberta...do mundo"

2.4. Planificações desenvolvidas na aplicação da investigação

PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA
GUIÃO DE ATIVIDADES

Elementos de identificação

Orientadora Cooperante: Maria Emília Toscano

Aluna de Prática Supervisionada: Maria de Lurdes Matos Lourenço

Professor Supervisor: António Pais

Turma: 4.º A

Unidade temática: “ O Segredo do Rio e O Passado Nacional – a 3.ª Dinastia portuguesa”

Semana de 9 a 11 de dezembro de 2014

Seleção do conteúdo programático

EIXOS TRANSVERSAIS DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

- **Dominar linguagens:** Uso correto do português padrão, uso das diferentes linguagens (científica, matemática, artística).
- **Utilização das tecnologias da informação e comunicação:** Computador, projetor, PowerPoint, sítios da Internet.
- **Construir argumentação:** Compreender a importância e os feitos que marcaram a 3.ª Dinastia portuguesa; recordar conteúdos gramaticais já trabalhados; aplicar estratégias de resolução de problemas e conhecimentos matemáticos na resolução de exercícios; compreender a importância da leitura e conseguir fazer corretamente a interpretação.
- **Educação para a cidadania:** Valorizar os aspetos culturais relacionados com o tema e a importância dos feitos ocorridos na 3.ª Dinastia portuguesa; dar valor à leitura e à mensagem transmitida pela mesma.

Sequenciação dos conteúdos programáticos por áreas curriculares

Estudo do Meio

<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Normas, atitudes e valores</i>	<i>Avaliação</i>
Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições	O Passado Nacional	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer personagens e factos da história nacional. - Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado. - Conhecer a 3.ª Dinastia portuguesa e alguns feitos importantes que marcaram a mesma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção o que é dito pela professora. - Aguardar a sua vez para falar. - Respeitar as dúvidas e opiniões dos colegas. - Respeitar o ritmo de registo da informação dos colegas. - Participar na atividade, quando solicitado pela professora. - Escutar com atenção a informação que está a ser lida. - Respeitar a leitura dos colegas. - Manifestar a sua opinião e as suas dúvidas, quando solicitado pela professora. 	<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XIV); - Realização de um jogo alfanumérico; - Intervenções feitas pelos alunos. <p><u>Descritores de desempenho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece personagens e factos importantes da história nacional. - Conhece os Reis da 3.ª Dinastia portuguesa. - Conhece o significado da Restauração da Independência e o feriado nacional que era associado a este acontecimento. - Conhece os feitos importantes que marcaram a 3.ª Dinastia portuguesa.

Português					
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Normas, atitudes e valores	Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho		
<p>Oralidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral • Expressão Oral 	<ul style="list-style-type: none"> - Informação essencial e acessória - Ideia principal - Pesquisa e organização da informação: tema e assunto - Articulação e entoação - Planificação do discurso: identificação do tópico/tema; seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo - Reconto - Pergunta 	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar para aprender e construir conhecimentos. - Produzir um discurso oral com correção. - Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor. - Ler em voz alta textos. - Ler textos diversos. - Apropriar-se de novos vocábulos. - Organizar os conhecimentos do texto. - Ler para apreciar textos literários. 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir informação essencial de acessória. - Identificar ideias-chave de um texto ouvido. - Usar a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados, e olhando o interlocutor. - Mobilizar vocabulário cada vez mais variado e preciso, e estruturas frásicas cada vez mais complexas. - Adaptar o discurso às situações de comunicação. - Explicar. - Formular perguntas. - Ler um texto com articulação e entoação corretas. - Ler textos narrativos e informativos. - Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas do interesse dos alunos e conhecimento do mundo. - Identificar o tema ou assunto do texto e distinguir os subtemas, relacionando-os, de modo a mostrar que compreendeu a organização interna das informações. - Ler e ouvir ler obras para a infância. - Manifestar sentimentos e ideias suscitados por histórias. 	<ul style="list-style-type: none"> - Respeitar o ritmo de registo da informação dos colegas. - Empenhar-se por fazer uma caligrafia bem legível. - Respeitar as regras do jogo. - Escutar com atenção as indicações dadas pela professora. - Cooperar com os colegas no trabalho em grupo. - Aguardar pacientemente pela sua vez de jogar. - Auxiliar os colegas, quando solicitado pela professora. - Esperar pela sua vez para colocar as suas dúvidas. - Respeitar as dúvidas dos colegas. - Manifestar a sua opinião e resposta, quando solicitado pela professora. - Empenhar-se por responder corretamente às questões colocadas na ficha de leitura. 	<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XIV); - Intervenções feitas pelos alunos; - Diálogo acerca do texto informativo “O dia da Restauração da Independência”. <p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XIV); - Leitura da história “O Segredo do Rio”; - Leitura do texto informativo “O dia da Restauração da Independência”.

<p>Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Registo e organização da informação - Configuração gráfica: pontuação e ortografia 	<ul style="list-style-type: none"> - Redigir corretamente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar uma caligrafia legível. - Escrever com correção na ortografia e na pontuação. - Usar vocabulário adequado e específico dos temas tratados no texto. - Escrever frases completas, respeitando relações de concordância entre os seus elementos. 		<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XIV); - Ficha de leitura da história “O Segredo do Rio”; - Registos e respostas registadas pelos alunos.
<p>Gramática</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Flexão adjetival: grau (comparativo, superlativo) - Flexão verbal: conjugação (1.ª, 2.ª, 3.ª); pessoa (1.ª, 2.ª, 3.ª) singular, plural - Tempos verbais: presente, futuro, pretérito (perfeito e imperfeito) - Modos verbais: indicativo - Nome: próprio, comum (coletivo) 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer propriedades das palavras e explicitar aspetos fundamentais da sua morfologia e do seu comportamento sintático. - Reconhecer classes de palavras. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os graus dos adjetivos e proceder a alterações de grau. - Conjugar verbos regulares e verbos irregulares muito frequentes no indicativo (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro e presente). - Integrar as palavras nas classes a que pertencem: nome: nome próprio e comum (coletivo). 		<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XIV); - Jogo da memória; - Guião do aluno.

Matemática

<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Normas, atitudes e valores.</i>	<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>		
<p>Números e Operações</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Divisão inteira - Multiplicação 	<ul style="list-style-type: none"> - Efetuar divisões inteiras. - Utilizar o algoritmo da multiplicação e as tabuadas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Efetuar divisões inteiras com dividendos de três algarismos e divisores de dois algarismos. - Efetuar divisões inteiras utilizando o algoritmo. - Utilizar o algoritmo da multiplicação e as tabuadas, de 	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção as explicações da professora e dos colegas. - Intervir, quando solicitado pela professora. 	<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa

	- Estratégias de resolução de problemas	- Resolver problemas.	forma a auxiliar as divisões. - Resolver problemas de vários passos envolvendo números naturais e as quatro operações.	- Permanecer atento durante as atividades. - Respeitar as dúvidas dos colegas. - Empenhar-se por fazer corretamente as tarefas propostas. - Esperar pacientemente pela sua vez de intervir. - Manifestar as suas dúvidas, quando solicitado pela professora. - Respeitar o ritmo de trabalho dos colegas.	<u>Instrumentos de avaliação:</u> - Grelha de registo (Anexo XIV); - Resolução de problemas e de exercícios matemáticos presentes no manual; - Intervenções feitas pelos alunos.
--	---	-----------------------	---	--	---

Expressões

<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Normas, atitudes e valores</i>	<i>Avaliação</i>
<p>Expressão Musical</p> <p>Bloco 1 – Jogos de exploração</p>	<p>- Voz</p> <p>- Instrumentos</p>	<p>- Cantar canções.</p> <p>- Utilizar instrumentos musicais.</p> <p>- Organizar sequências de movimentos (coreografias elementares) para sequências sonoras.</p>	<p>- Cooperar em grupo na atividade.</p> <p>- Escutar com atenção as indicações dadas pelo par pedagógico e pela orientadora cooperante.</p> <p>- Empenhar-se por entoar corretamente a canção.</p>	<p><u>Descritores de desempenho:</u></p> <p>- Canta a canção “O Rodolfo era uma rena”.</p> <p>- Utiliza instrumentos musicais para acompanhar a canção.</p> <p>- Organiza sequências de movimentos, de forma a realizar uma coreografia, para acompanhar a canção “O Rodolfo era uma rena”.</p>

Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem

Guião de aula

Terça-Feira 9/12/2014

Responsável pela execução: Maria Lourenço

Tema integrador: “O Cientista Orlando descobre uma história chamada O Segredo do Rio e os Reis da 3.ª Dinastia portuguesa”

Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: 3.ª Dinastia portuguesa; Reis; cognome; Restauração da Independência; alfanumérico.

Recursos:

- Computador;
- Projetor;
- Esquema interativo com informações referentes aos Reis da 3.ª Dinastia portuguesa (Anexo XV);
- Sítio da Internet “Júnior” com texto informativo acerca da Restauração da Independência (Anexo XVI);
- Jogo alfanumérico (Anexo XVII).


Elemento integrador: Fantoches “Cientista Orlando”

O elemento integrador é composto por um fantoche chamado “Cientista Orlando”. No decorrer dos dias, irá lançar desafios ou levar consigo um acessório diferente, estando estes elementos relacionados com o tema a trabalhar. Neste dia, o “Cientista Orlando” irá levar consigo um ficheiro multimédia com um esquema interativo, que contém informações acerca dos Reis da 3.ª Dinastia portuguesa. Deste modo, o elemento integrador possibilita a existência de uma relação entre as várias áreas curriculares e propõe alguns desafios aos alunos, tentando sempre despertar a sua atenção e curiosidade.

SUMÁRIO:

- Ficha de avaliação de Matemática, sendo que esta será desenvolvida pela orientadora cooperante.
- Visualização e registo de informação acerca da 3.ª Dinastia portuguesa, para que os alunos possam assimilar alguns conhecimentos acerca desta dinastia.
- Explicação acerca da Restauração da Independência, de modo a que os alunos consigam compreender este acontecimento e a importância que este teve.
- Realização de um jogo, para que os alunos possam adquirir e aplicar conhecimentos acerca da 3.ª Dinastia portuguesa.

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:

Designação da atividade	Procedimentos de execução
<p>Realização de uma ficha de avaliação de Matemática (120 min.)</p> <p>Debate acerca do elemento integrador</p> <p>Atividade 1 – Visualização e registo de informação acerca da 3.^a Dinastia portuguesa (40 min.)</p> <p>Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste na visualização e registo de informação acerca da 3.^a Dinastia portuguesa. Desta forma, será projetado um esquema interativo, onde irão estar presentes imagens dos Reis da 3.^a Dinastia portuguesa, os seus nomes e cognomes, bem como algumas informações referentes aos mesmos, como por exemplo, os aspetos mais importantes que aconteceram nos seus reinados e alguns dados biográficos. À medida que será projetada a informação referente a cada um dos Reis da 3.^a Dinastia portuguesa, os alunos deverão registá-la nos seus cadernos diários e nos cadernos de apoio ao estudo, para que possam estudar posteriormente. Esta atividade terá duas metodologias, sendo que a apresentação de cada um dos Reis será feita coletivamente, para que os alunos possam participar, enquanto o registo da informação nos cadernos diários e nos cadernos de apoio ao estudo, será feito individualmente.</p> <p>Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, registo, compreensão e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas são a projeção de informação relacionada com a 3.^a Dinastia portuguesa e o registo da mesma, por parte dos alunos. Ao longo desta atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem são escutar com atenção o que é dito pela professora; aguardar a sua vez para falar; respeitar as dúvidas e opiniões dos colegas; respeitar o ritmo de registo da informação dos colegas; empenhar-se por fazer uma caligrafia bem legível; participar na atividade, quando solicitado pela professora.</p>	<p>No período da manhã, das 9h00 às 11h00, os alunos irão realizar uma ficha de avaliação da área curricular de Matemática. Deste modo, será a orientadora cooperante a desenvolver esta tarefa, dado que o enunciado da ficha de avaliação é elaborado pelas professoras do 4.º ano da Escola Básica João Roiz. Para além do enunciado, são as professoras que elaboram, também, as matrizes e os critérios de avaliação desta prova.</p> <p>- Diálogo acerca do que os alunos pensam que irá ser abordado, recordando os aspetos dados na semana anterior.</p> <p>- Exploração do ficheiro multimédia, de maneira a que os alunos fiquem a perceber o que vai ser apresentado.</p> <p>1.1. Explicação, aos alunos, acerca do que irá ser feito ao longo da atividade, de maneira a que estes consigam compreender o objetivo da mesma e colocar alguma dúvida existente.</p> <p>1.2. Projeção do esquema interativo (Anexo XV), de forma a dar início à atividade.</p> <p>1.3. Projeção e explicação das informações referentes ao primeiro Rei da 3.^a Dinastia. Estas informações são constituídas por uma imagem, o nome, o cognome, os anos de reinado, alguns factos importantes que aconteceram no seu reinado e alguns dados biográficos.</p> <p>1.4. Após a explicação dada pela professora, os alunos devem registar a informação nos seus cadernos diários e nos cadernos de apoio ao estudo, possibilitando que estudem posteriormente.</p> <p>1.5. Os dois procedimentos anteriores repetir-se-ão, até que tenham sido explicadas e registadas as informações referentes a cada um dos Reis da 3.^a Dinastia portuguesa, sendo que estas devem ser registadas em ambos os cadernos referidos anteriormente.</p> <p>1.6. Após o registo das informações alusivas ao último Rei da 3.^a Dinastia portuguesa, os alunos deverão colocar as suas dúvidas, no caso de existirem, e dar a sua opinião, caso considerem pertinente comentar alguma informação ou complementar a informação dada anteriormente.</p> <div style="text-align: center;">  </div>

Atividade 2 – Explicação acerca da Restauração da Independência (30 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste na realização de uma explicação acerca da Restauração da Independência, estando esta relacionada com a 3.ª Dinastia portuguesa. Desta forma, proceder-se-á a uma visita ao sítio da internet “Júnior”, no qual se encontra um texto informativo acerca da Restauração da Independência. Esta atividade será desenvolvida em grande grupo e será solicitado a alguns alunos aleatoriamente que leiam uma parte do texto que se encontra projetado. No final, deverá estabelecer-se um diálogo, para que os alunos possam colocar as suas dúvidas e fazer alguns comentários acerca da Restauração da Independência.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, compreensão, memorização e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas consistem na leitura de um texto informativo acerca da Restauração da Independência e na referência a alguns aspetos mais importantes. As normas, atitudes e valores que pretendo desenvolver com esta atividade são escutar com atenção a informação que está a ser lida; respeitar a leitura dos colegas; esperar pela sua vez para intervir; manifestar a sua opinião e as suas dúvidas, quando solicitado pela professora.

Atividade 3 – Realização de um jogo (50 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na realização de um jogo alfanumérico, no qual os alunos terão de descobrir o nome e o cognome dos Reis da 3.ª Dinastia portuguesa e algumas informações acerca da Restauração da Independência. Inicialmente, a explicação do jogo será realizada em grande grupo, para que os alunos possam esclarecer as suas dúvidas. No que diz respeito à realização do jogo, esta será desenvolvida individualmente. Por fim, a correção, será feita em grande grupo. Este jogo consiste num jogo alfanumérico, ou seja, cada número corresponde a uma letra, sendo dada aos alunos uma lista de números em que eles têm de fazer corresponder as letras corretas, de maneira a formar palavras. Desta forma, os alunos conseguem decifrar e formar palavras relacionadas com os conteúdos trabalhados ao longo das atividades anteriores.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, concentração, comunicação, decifração e associação. A técnica didática utilizada é uma correspondência alfanumérica.

2.1. Antes de dar início à atividade, a professora irá perguntar aos alunos se conhecem o acontecimento que ocorreu na 3.ª Dinastia portuguesa e que foi bastante importante, estabelecendo assim um diálogo com os alunos.

2.2. Projeção do texto informativo “Dia da Restauração da Independência”, recorrendo ao sítio da Internet “Júnior”, através de <http://www.junior.te.pt/servlets/Bairro?ID=365&P=Portugal> (Anexo XVI). Deste modo, serão escolhidos alguns aleatoriamente, para que possam proceder à leitura de uma parte do texto.

2.3. Diálogo acerca do que foi lido, sendo que este processo se realizará em grande grupo, para que todos possam participar, contribuindo com a sua opinião ou fazendo algum comentário que considerem importante.

2.4. No final da atividade, os alunos devem colocar as suas dúvidas para que possam ser esclarecidas e para compreenderem corretamente os conteúdos trabalhados.



3.1. Explicação das regras do jogo aos alunos. Será explicitado que a cada número corresponde uma letra e que irão ter uma lista de números, aos quais deverão associar letras, formando palavras relacionadas com os nomes e os cognomes dos Reis da 3.ª Dinastia portuguesa, bem como com informações alusivas à Restauração da Independência. É importante referir que será explicado aos alunos que quem não permanecer em silêncio durante a realização do jogo, este ser-lhe-á retirado.

3.2. Distribuição do jogo a cada um dos alunos (Anexo XVII), para que estes possam iniciar a sua realização, de forma individual e respeitando as regras.

3.3. Realização do jogo, individualmente, por parte dos alunos.

3.4. Correção do mesmo, em grande grupo e no computador, sendo que os alunos serão escolhidos aleatoriamente para se dirigirem ao mesmo, a fim de registar a sua resposta.

3.5. Após a correção do jogo, os alunos deverão colocar as suas dúvidas referentes a esta atividade ou a algum dos conteúdos trabalhados ao longo das atividades anteriores. Desta forma, a professora procurará esclarecer as dúvidas que os alunos possuem, para que possam assimilar corretamente os conteúdos aprendidos ao longo das atividades.

<p>Ao longo desta atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem consistem em ouvir com atenção as explicações dadas pela professora; empenhar-se na tarefa para a fazer o melhor possível; respeitar os ritmos de trabalho dos colegas; intervir quando solicitado pela professora; aguardar pacientemente pela sua vez para dar a sua resposta.</p>	<div data-bbox="906 248 1251 474" data-label="Image"> </div> <p>Nota: No início da tarde deste dia de atividades, a orientadora cooperante irá ler uma parte da história, da qual será fornecido um excerto para o ditado do dia seguinte. Desta forma, será fornecido um tempo, para que seja lida a história, de forma a que os alunos se possam familiarizar com a mesma, para se prepararem para o ditado a realizar no dia seguinte.</p>
<p>Quarta-feira-Feira 10/12/2014</p>	<p>Responsável pela execução: Maria Lourenço</p>
<p>Tema integrador: “O Cientista Orlando descobre uma história chamada O Segredo do Rio e os Reis da 3.^a Dinastia portuguesa”</p> <p>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: jogo da memória; conteúdos gramaticais; estratégias de resolução de problemas; leitura de números por ordens e classes; maior; menor; igual.</p>	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Colunas; - Jogo da memória (Anexo XVII); - Guião do aluno (Anexo XIX); - Vídeo da música “O Rodolfo era uma rena” (Anexo XX); - Exemplos de estratégias de resolução de problemas (em PowerPoint) (Anexo XXI); - Problemas presentes nas páginas 40 e 41 do manual de Matemática.
<p>Elemento integrador: Fantoches “Cientista Orlando”</p> <p>O elemento integrador é composto por um fantoche chamado “Cientista Orlando”. No decorrer dos dias, irá lançar desafios ou levar consigo um acessório diferente, relacionado com o tema a trabalhar. Neste dia, o “Cientista Orlando” levará consigo um jogo da memória relacionado com conteúdos gramaticais já lecionados anteriormente, de maneira a que os alunos possam aplicar os seus conhecimentos e associar um conteúdo gramatical à sua definição ou a um exemplo. Assim, será feita uma articulação entre as diferentes áreas curriculares e serão lançados alguns desafios aos alunos.</p>	
<p>SUMÁRIO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realização de um ditado, sendo que este faz parte de um concurso e será a orientadora cooperante a desenvolver a atividade com os alunos. - Realização de um jogo da memória relacionado com conteúdos gramaticais, de forma a que os alunos os possam recordar e aplicar. - Resolução de um guião do aluno, para que os alunos possam resolver exercícios com conteúdos gramaticais, aprofundando os conhecimentos que possuem acerca dos mesmos. - Ensaio de uma canção para apresentar na festa de Natal da escola. - Realização de revisões de estratégias de resolução de problemas, possibilitando que os alunos recordem as mesmas, para as poderem aplicar corretamente. - Resolução de problemas matemáticos presentes no manual de Matemática, para que os alunos tenham a oportunidade de aplicar os conhecimentos que possuem sobre as estratégias de resolução de problemas. 	

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:

Designação da atividade

Realização de um ditado (60 min.)

Debate acerca do elemento integrador

Atividade 1 – Realização de um jogo (60 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na realização de um jogo da memória, sendo este constituído por aspetos referentes a alguns conteúdos gramaticais lecionados anteriormente. Desta forma, os alunos terão a possibilidade de realizar uma revisão acerca dos conteúdos, de uma maneira um pouco mais lúdica, visto tratar-se de um jogo. Esta atividade será realizada em grande grupo, pois o jogo será executado no quadro de ardósia, fixando cada um dos cartões que compõem o jogo. Ao longo do jogo, pretende-se que os alunos façam corresponder um determinado conteúdo gramatical à sua definição ou a um exemplo, sendo que devem respeitar as regras de um jogo da memória, ou seja, só podem virar dois cartões de cada vez e terão de memorizar a posição dos cartões correspondentes, para que possam encontrar os pares corretos. Numa jogada, se não encontrarem o par correspondente, deverão voltar a virar novamente os cartões. É importante salientar que os alunos que não respeitarem as regras explicadas no início do jogo, serão desclassificados e perdem a possibilidade de jogar.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, associação e comunicação. A técnica didática utilizada consiste na execução de um jogo da memória, no qual os alunos devem aplicar conhecimentos adquiridos anteriormente relativamente a alguns conteúdos gramaticais. As normas, atitudes e valores que pretendendo que os alunos alcancem nesta atividade são respeitar as regras do jogo; escutar com atenção as indicações dadas pela professora; cooperar com os colegas no trabalho em grupo; aguardar pacientemente pela sua vez de jogar; auxiliar os colegas, quando solicitado pela professora.

Procedimentos de execução

Esta atividade será desenvolvida pela orientadora cooperante, visto que se trata da realização de um ditado, sendo que este faz parte de um concurso, no qual as turmas de 4.º Ano da Escola Básica João Roiz estão inseridas. Desta forma, esta atividade terá um tempo bastante flexível, uma vez que a hora de chegada da secção do texto para a turma em questão, não está marcada para uma hora certa, podendo chegar logo à hora de entrada dos alunos ou um pouco mais tarde.

- Visualização e exploração do acessório trazido pelo “Cientista Orlando”.

- Diálogo acerca do que os alunos consideram ser aquele jogo.

1.1. Explicação aos alunos das regras do jogo. Os alunos só poderão jogar um de cada vez, sendo escolhidos aleatoriamente pela professora. Em cada jogada, só podem virar dois cartões e, se não fizerem o par correto, voltam a virar os cartões e dirigir-se-ão novamente para o lugar. É importante referir que esta atividade será desenvolvida em grande grupo e no quadro de ardósia.

1.2. Colagem, no quadro de ardósia, dos cartões que constituem o jogo da memória (Anexo XVIII), de forma a que se possa dar início à atividade.

1.3. Escolha aleatória de um dos alunos, para se dirigir ao quadro e fazer uma jogada, de forma a tentar encontrar uma associação entre um conteúdo gramatical e a sua definição ou um exemplo referente ao mesmo. Após a jogada, o aluno deve regressar ao seu lugar.

1.4. Escolha de outro aluno, para que se possa dirigir ao quadro de ardósia para tentar fazer outra jogada, tendo por base os cartões virados pelo colega anterior ou fazendo uma nova tentativa sem utilizar esses cartões. Depois de ter jogado, o aluno deverá sentar-se no seu lugar.

1.5. Repetição dos dois processos anteriores, até que sejam encontrados todos os pares.

1.6. Após a descoberta de todos os pares, será feita uma leitura de todas as associações encontradas, para que os alunos interiorizem a informação referente aos conteúdos gramaticais presentes no jogo.

1.7. No final da atividade, os alunos deverão colocar as suas dúvidas, no caso de existirem, para que estas possam ser esclarecidas e para que possam aplicar os conteúdos gramaticais corretamente.

Grau Comparativo	Grau Superlativo Relativo de Superioridade	A mais linda O menos... Gardíssimo
Tão ... como		

Atividade 2 – Resolução de um guião do aluno

Esta atividade é de ampliação/reforço em contexto didático e consiste na resolução de um guião do aluno referente a conteúdos gramaticais trabalhados anteriormente. Desta forma, será distribuído a cada um dos alunos, um guião do aluno, para que possam proceder à sua resolução, de forma individual. Este guião conterà exercícios referentes aos tempos verbais do modo indicativo; aos graus dos adjetivos; aos nomes próprios, comuns e comuns coletivos. A correção do guião será feita pela professora, sendo que procederá à recolha dos mesmos para corrigir posteriormente. Esta atividade será feita em dois momentos, sendo que a explicação da mesma e a leitura do guião, serão feitos em grande grupo, enquanto a resolução será realizada individualmente.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, compreensão e comunicação. A técnica didática utilizada é a aplicação dos conhecimentos de conteúdos gramaticais para a resolução de um guião do aluno. No decorrer da atividade, as normas, atitudes e valores que desejo que sejam alcançadas são escutar com atenção as indicações dadas pela professora; esperar pela sua vez para colocar as suas dúvidas; respeitar as dúvidas dos colegas; empenhar-se por fazer a tarefa corretamente e com uma caligrafia legível.

Atividade 3 – Ensaio para a festa de Natal (60 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste num ensaio para a festa de Natal, sendo que os alunos irão entoar a canção “O Rodolfo era uma rena”. Desta forma, esta atividade será desenvolvida em grande grupo, em par pedagógico e com a orientadora cooperante, visto ser um ensaio para a festa de Natal da escola, onde todos irão participar. No início da atividade, será projetado um vídeo da música, com a letra da mesma, para que os alunos possam interiorizar a melodia e acompanhar a letra, de forma a interiorizá-la. O vídeo será repetido várias vezes, para que todos entoem a canção com a letra correta.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização e comunicação. A técnica didática utilizada consiste na entoação de uma canção para ser apresentada na festa de Natal da escola. As normas, atitudes e valores que pretendo ver alcançadas são cooperar em grupo na atividade; escutar com atenção as indicações dadas pelo par pedagógico e pela orientadora cooperante; empenhar-se por entoar corretamente a canção.

2.1. Projeção do guião do aluno (Anexo XIX), para que todas as questões sejam lidas em voz alta pela professora. É importante referir que este guião terá exercícios referentes aos conteúdos gramaticais que dizem respeito aos tempos verbais do modo indicativo, aos diferentes graus dos adjetivos e ainda, aos nomes próprios, comuns e comuns coletivos. Todos estes aspetos foram lecionados anteriormente, funcionando este guião do aluno como uma revisão sobre os mesmos.

2.2. Esclarecimento de dúvidas, acerca do que é pretendido que os alunos façam em cada uma das questões.

2.3. Distribuição de um guião a cada um dos alunos.

2.4. Resolução do guião, por parte dos alunos, de forma individual, para que possam aplicar os conhecimentos acerca dos conteúdos gramaticais, o mais corretamente possível e com uma caligrafia bem legível.

2.5. Esclarecimento de dúvidas que os alunos possuam, para que possam aplicar corretamente os conteúdos gramaticais em questão, doravante.

2.6. Recolha dos guiões dos alunos, por parte da professora, para que possa proceder à sua correção, posteriormente.



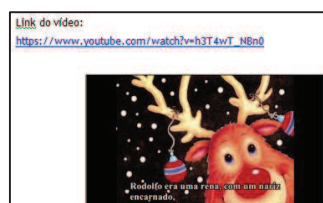
3.1. Explicação da atividade, por parte do par pedagógico e da orientadora cooperante, explicando que irão ensaiar uma música que será apresentada por eles na festa de Natal da escola.

3.2. Disposição dos alunos, de acordo com as posições que irão ocupar na atuação na festa de Natal da escola.

3.3. Projeção do vídeo da música (Anexo XX), no qual estará presente a letra da canção, para que os alunos possam interiorizar a melodia e a letra da canção. A música a ser apresentada na festa de natal será “O Rodolfo era uma rena”.

3.4. Entoação, por parte dos alunos, com a ajuda do par pedagógico e da orientadora cooperante, da canção, seguindo a letra da mesma através do vídeo projetado.

3.5. Repetição do procedimento anterior várias vezes, para que os alunos possam memorizar a letra da canção e entoá-la corretamente, de acordo com a melodia.



Atividade 4 – Realização de revisões de estratégias de resolução de problemas (40 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na realização de revisões acerca das estratégias de resolução de problemas abordadas e aplicadas anteriormente. Desta forma, serão projetados vários exemplos alusivos às estratégias de resolução de problemas, de maneira a que os alunos possam recordar este conteúdo. Esta atividade será desenvolvida em grande grupo, para que todos possam participar e colocar as suas dúvidas. À medida que são projetadas as estratégias de resolução de problemas, a professora solicitará aos alunos, aleatoriamente, para lerem o exemplo que está projetado. De seguida, irá pedir a um dos alunos que explique em que consiste essa estratégia. Desta forma, os alunos deverão colocar as suas dúvidas, para que estas sejam esclarecidas.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, compreensão e comunicação. A técnica didática utilizada é a projeção de exemplos alusivos às estratégias de resolução de problemas, de forma a que seja possível efetuar revisões acerca das mesmas. As normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem com a realização desta atividade são escutar com atenção as explicações da professora e dos colegas; intervir, quando solicitado pela professora; permanecer atento durante a atividade.

Atividade 5 – Resolução de problemas matemáticos (80 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na resolução de problemas presentes nas páginas 40 e 41 do manual de Matemática. Desta forma, inicialmente, serão lidos os problemas em voz alta pela professora, de maneira a que todos compreendam o que é pedido em cada um dos problemas. Se algum dos alunos tiver alguma dúvida, esta deverá ser colocada para ser esclarecida, possibilitando a realização da atividade. Esta fase será realizada em grande grupo. Posteriormente, os alunos devem proceder à resolução dos problemas, de forma individual. Quando todos os alunos tiverem resolvido os problemas matemáticos, proceder-se-á à correção dos mesmos no quadro de ardósia, sendo que os alunos serão escolhidos de forma aleatória.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, interpretação, resolução de problemas e comunicação.

4.1. Explicação da atividade, por parte da professora, para que os alunos possam compreender o objetivo da mesma, sendo explicado que irão efetuar revisões acerca das estratégias de resolução de problemas abordadas anteriormente.

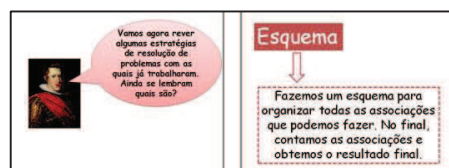
4.2. Projeção de exemplos referentes às estratégias de resolução de problemas, sendo que estes estarão presentes num PowerPoint (Anexo XXI).

4.3. Solicitação, a um aluno aleatoriamente, para ler o primeiro exemplo que se encontra projetado.

4.4. Após a leitura do exemplo, a professora pedirá a outro aluno que explique em que consiste a estratégia de resolução de problemas, acerca da qual foi lido o exemplo.

4.5. Os dois procedimentos anteriores serão repetidos até que sejam recordadas todas as estratégias de resolução de problemas presentes no PowerPoint.

4.6. No final da atividade, os alunos deverão colocar as suas dúvidas, para que fiquem esclarecidas, de maneira a que possam aplicar as estratégias de resolução de problemas de forma correta, numa fase posterior.



5.1. Explicação da atividade, por parte da professora, de forma a que os alunos fiquem a perceber o que é pretendido que façam ao longo da mesma.

5.2. Leitura dos problemas, por parte da professora, presentes no manual de Matemática, nas páginas 40 e 41. Após a leitura das questões os alunos devem colocar as suas dúvidas, para que possam resolver corretamente os problemas propostos.

5.3. Resolução dos problemas, por parte dos alunos, de forma individual. Na resolução dos problemas, os alunos devem aplicar as estratégias de resolução revistas anteriormente.

5.4. Correção, em grande grupo e no quadro de ardósia, de cada um dos problemas, sendo que os alunos serão selecionados aleatoriamente para darem a sua resposta.

5.5. No final da atividade, os alunos deverão colocar as suas dúvidas acerca de alguma estratégia que não tenham compreendido ou que não tenham conseguido aplicar corretamente, para que a possam ficar a compreender.

<p>A técnica didática utilizada consiste na aplicação de estratégias de resolução de problemas, de forma a alcançar o resultado pretendido. No decorrer da atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo ver alcançadas pelos alunos são ouvir atentamente as indicações dadas pela professora; colocar as suas dúvidas, quando a professora solicitar; respeitar as dúvidas dos colegas; empenhar-se por fazer corretamente a tarefa proposta; dar a sua resposta, apenas quando solicitado pela professora; esperar pacientemente pela sua vez de intervir.</p>	
<p>Quinta-Feira 11/12/2014</p>	<p>Responsável pela execução: Maria Lourenço</p>
<p>Tema integrador: “O Cientista Orlando descobre uma história chamada O Segredo do Rio e os Reis da 3.^a Dinastia portuguesa”</p> <p>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: Personagens; tempo da ação; espaço da ação; sequência de acontecimentos; interpretação; divisão; multiplicação; dividendo; quociente; divisor; resto; divisão exata e não exata; estratégias de resolução de problemas.</p>	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Colunas; - Livro com a história “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares; - História “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares (em PowerPoint) (Anexo XXII); - Texto da história (Anexo XXIII); - Ficha de leitura (Anexo XXIV); - Exercícios do manual de Matemática, das páginas 35 e 36; - Dado (Anexo XXV); - Vídeo da música “O Rodolfo era uma rena”, reproduzido no dia anterior.
<p>Elemento integrador: Fantoches “Cientista Orlando”</p> <p>O elemento integrador é composto por um fantoche chamado “Cientista Orlando”. No decorrer dos dias, irá lançar desafios ou levar consigo um acessório diferente, relacionado com o tema a trabalhar. Neste dia, o “Cientista Orlando” levará consigo, na parte da manhã, um livro com a história “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares e, da parte da tarde, irá levar exercícios matemáticos, que estão presentes no manual dos alunos. Desta forma, será feita uma articulação entre a implementação do tema do Projeto de Investigação da professora e os conteúdos a trabalhar neste dia de atividades.</p>	
<p>SUMÁRIO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura, análise e interpretação da história “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares, para que seja implementado o Projeto de Investigação da professora e para que os alunos desenvolvam a sua capacidade de interpretação de um texto. - Resolução de exercícios matemáticos, de forma a que os alunos apliquem conteúdos aprendidos anteriormente, fazendo assim, uma revisão dos mesmos. - Realização de um jogo, para que seja possível os alunos efetuarem uma consolidação de alguns conteúdos matemáticos lecionados anteriormente. - Ensaio para a festa de Natal da escola, de maneira a que os alunos consigam ficar o melhor preparados possível para a sua atuação na semana seguinte. 	

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:**Designação da atividade**

Exploração do elemento integrador e do acessório que leva consigo

Atividade 1 – Leitura, análise e interpretação da história “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares (120 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e será realizada em várias etapas distintas. Inicialmente, será feita uma análise ao conteúdo exterior do livro, ou seja, à ilustração que se encontra na capa e ao título da história, de forma a que os alunos consigam antecipar o conteúdo da história que irão ler. Esta etapa será desenvolvida em grande grupo. Posteriormente, será feita uma projeção da história, para que os alunos possam seguir a leitura e observar as ilustrações. Enquanto está a ser projetada a história, a professora irá lê-la em voz alta, enquanto os alunos seguem a leitura. De seguida, será entregue o texto da história a cada um dos alunos, para que possam fazer uma leitura silenciosa. Seguidamente, será entregue uma ficha de leitura, para que a possam preencher com o que lhes é solicitado ao longo da mesma. No início desta etapa, será feita uma leitura em voz alta pela professora, de todas as questões que estão presentes na ficha de leitura. Terminado o preenchimento da ficha de leitura e as respostas às questões, serão recolhidas, para que sejam analisadas posteriormente pela professora, de forma a basear o estudo do Projeto de Investigação.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de compreensão, análise, interpretação, leitura, atenção e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas consistem na leitura da história e na interpretação da mesma, dando resposta às questões que são colocadas. As normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem com esta atividade são esperar pela sua vez para falar e dar a sua opinião; manifestar a sua opinião e resposta, quando solicitado pela professora; empenhar-se por responder corretamente às questões colocadas na ficha de leitura.

Procedimentos de execução

- Visualização do acessório levado pelo elemento integrador (livro com a história “O Segredo do Rio”)
- Exploração deste acessório, estabelecendo um diálogo, para que todos possam participar.

Antes da leitura:

- Visualização dos elementos exteriores do livro, para que os alunos possam observar a ilustração presente na capa e darem a sua opinião sobre o que está representado na mesma.
- Leitura do título da obra, de forma a que os alunos possam mencionar sobre o que consideram que fala a história que irão ler.


Estas duas fases da atividade mencionadas anteriormente, serão realizadas em grande grupo.

Durante a leitura:

- Projeção da história, para que os alunos possam seguir a leitura e, também, observar e analisar as ilustrações. Esta projeção será feita através de um PowerPoint (Anexo XXII).
- Leitura da história “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares, em voz alta pela professora, sendo que os alunos devem acompanhar a leitura que se encontra na projeção. À medida que vão surgindo as ilustrações, estas serão analisadas uma a uma, para que os alunos possam manifestar as suas opiniões e compreender melhor o que está escrito no texto, através das ilustrações. Por exemplo, através da análise das ilustrações ao longo do texto, os alunos podem ficar a conhecer as expressões das personagens, os aspetos físicos, entre outros elementos.
- Diálogo acerca do que foi lido, de maneira a compreender se os alunos conseguiram perceber a história e se têm alguma dúvida relativamente a alguma palavra desconhecida ou a algum aspeto retratado na história.
- Distribuição do texto da história a cada um dos alunos (Anexo XXIII), para que seja mais fácil a leitura silenciosa por parte dos mesmos, visto que nem todos têm o mesmo ritmo de leitura.

Depois da leitura:

- Distribuição de uma ficha de leitura a cada um dos alunos (Anexo XXIV), para que estes a possam preencher posteriormente.
- Leitura em voz alta, pela professora, de cada um dos aspetos que é solicitado na ficha de leitura, para que os alunos coloquem as suas dúvidas, no caso de existirem, e compreendam o que é desejado que façam em cada uma das questões. Este processo será feito em coletivo.
- Preenchimento da ficha de leitura, individualmente, para que os alunos possam dar resposta às questões que lhes são colocadas, de maneira a perceber se compreenderam ou não o conteúdo da história.
- Recolha de todas as fichas de leitura, por parte da professora, para que possam ser analisadas e sirvam de base ao estudo do Projeto de Investigação em questão.

<p>Atividade 2 – Resolução de exercícios matemáticos (60 min.)</p> <p>Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na resolução de exercícios presentes no manual de Matemática, nas páginas 35 e 36. Estes exercícios são referentes a conteúdos já lecionados, funcionando como uma aplicação dos conhecimentos que os alunos possuem, sendo que dizem respeito à divisão e à multiplicação. Inicialmente, serão lidos todos os exercícios a resolver, em voz alta pela professora, de maneira a que os alunos possam colocar as suas dúvidas e compreender o que se pretende em cada questão. De seguida, os alunos deverão proceder à resolução dos exercícios, de forma individual. Por fim, será feita a correção em grande grupo, no quadro de ardósia, sendo escolhidos os alunos aleatoriamente para registarem a sua resposta.</p> <p>Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, interpretação, cálculo matemático e comunicação. A técnica didática utilizada consiste na aplicação de conhecimentos matemáticos acerca da divisão e da multiplicação, de forma a resolver os exercícios. As normas, atitudes e valores que pretendo ver alcançados pelos alunos são escutar com atenção as indicações da professora; manifestar as suas dúvidas, quando solicitado pela professora; respeitar as dúvidas dos colegas; empenhar-se por resolver corretamente os exercícios; respeitar o ritmo de trabalho dos colegas; intervir para dar a sua resposta, quando solicitado pela professora.</p> <p>Atividade 3 – Realização de um jogo (30 min.)</p> <p>Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na realização de um jogo relacionado com as diferentes estratégias de resolução de problemas e com alguns exercícios matemáticos, sendo que ambos os aspetos foram trabalhados anteriormente. Este jogo é constituído por um dado, sendo que em cada uma das faces tem uma estratégia de resolução de problemas ou a referência a um determinado exercício matemático, para que os alunos possam consolidar a matéria já lecionada. Desta forma, serão selecionados os alunos aleatoriamente para lançarem o dado. Após o lançamento do dado, devem explicar aos restantes colegas a estratégia de resolução de problemas ou a referência a um exercício</p>	<div style="text-align: center;">  </div> <p>2.1. Explicação da atividade aos alunos, para que eles fiquem a saber o que é desejado que executem. Será explicado que irão resolver exercícios matemáticos relacionados com a divisão e multiplicação, sendo estes conteúdos já lecionados.</p> <p>2.2. Leitura dos exercícios, em voz alta por parte da professora, presentes no manual de Matemática, nas páginas 35 e 36.</p> <p>2.3. Esclarecimento de dúvidas, para que os alunos compreendam o que é pretendido e para que executem a tarefa corretamente. Este procedimento e o anterior serão desenvolvidos em grande grupo.</p> <p>2.4. Resolução dos exercícios por parte dos alunos, de forma individual.</p> <p>2.5. Correção, em grande grupo, no quadro de ardósia, na medida em que os alunos serão escolhidos de maneira aleatória para se dirigirem ao mesmo e registar a sua resposta.</p> <p>2.6. No final da correção, os alunos que possuem dúvidas, devem colocá-las, para que sejam esclarecidas e para que compreendam corretamente os conteúdos trabalhados.</p> <p>3.1. Explicação das regras do jogo pela professora. O jogo consiste no lançamento de um dado (Anexo XXV), sendo que serão escolhidos os alunos aleatoriamente, para executarem este procedimento. Após o lançamento do dado, os alunos terão de explicar aos restantes colegas o conteúdo que lhe calhou no lançamento. É importante referir que será salientado que os alunos que não respeitarem as regras do jogo, serão desclassificados e não podem jogar mais.</p> <p>3.2. Solicitação, a um aluno, para que se desloque à zona do quadro de ardósia e lance o dado.</p> <p>3.3. Explicação, por parte desse aluno, do conteúdo que lhe saiu no lançamento do dado. Deve preocupar-se em realizar uma explicação correta e com clareza, de forma a que os restantes colegas o compreendam.</p>
--	---

matemático que lhe saiu no lançamento. Os colegas, no final da explicação do colega, poderão complementar a explicação e dar um exemplo de um problema, entre outros aspetos.

Esta atividade será desenvolvida em grande grupo e tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, compreensão e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas consistem no lançamento de um dado e de uma explicação efetuada pelos alunos, para que possam consolidar os conteúdos lecionados anteriormente. As normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem na realização desta atividade são escutar atentamente as instruções dadas pela professora; aguardar pacientemente pela sua vez de lançar o dado; intervir para complementar a explicação dos colegas, quando solicitado pela professora; empenhar-se por explicar corretamente e de forma clara o conteúdo que lhe saiu no lançamento do dado; respeitar as explicações dadas pelos colegas.

Atividade 4 – Ensaio para a festa de Natal (30 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na realização de um ensaio para a festa de Natal da escola. Desta forma, esta atividade será desenvolvida em grande grupo, em par pedagógico e em conjunto com a orientadora cooperante. Inicialmente, os alunos ocuparão os lugares estipulados no ensaio do dia anterior, para que se possa dar início à atividade. De seguida, será projetado o vídeo e entoada a letra da canção, de acordo com a melodia da mesma. Este processo será repetido várias vezes, até ao final do ensaio, para que a atuação na festa de Natal, corra o melhor possível.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização e comunicação. A técnica didática utilizada consiste na entoação de uma canção para ser apresentada na festa de Natal da escola. As normas, atitudes e valores que pretendo ver alcançadas são cooperar em grupo na atividade; escutar com atenção as indicações dadas pelo par pedagógico e pela orientadora cooperante; empenhar-se por entoar corretamente a canção.

3.4. Após a explicação, os restantes colegas podem complementar a explicação dada ou fornecer um exemplo alusivo ao conteúdo. É importante salientar que os alunos farão a sua intervenção, apenas quando solicitado pela professora.

3.5. Repetição dos três procedimentos anteriores, até que todos os alunos tenham procedido ao lançamento do dado, para que todos tenham tido a oportunidade de jogar.

3.6. Esclarecimento de dúvidas, para que os alunos compreendam corretamente os conteúdos presentes no dado e os consigam aplicar.



4.1. Organização dos alunos, nos lugares estipulados no ensaio do dia anterior, de forma a ocuparem os mesmos lugares da atuação na festa de Natal.

4.2. Projeção do vídeo da música com a respetiva letra, de maneira a que os alunos a entoem de acordo com a melodia.

4.3. Repetição do procedimento anterior, de maneira a que os alunos fiquem o melhor preparados possível para a atuação na festa de Natal e que esta corra o melhor possível.

PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA GUIÃO DE ATIVIDADES

Elementos de identificação

Orientadora Cooperante: Maria Emília Toscano

Aluna de Prática Supervisionada: Maria de Lurdes Matos Lourenço

Professor Supervisor: António Pais

Turma: 4.º A

Unidade temática: “História com Recadinho e O Passado Nacional e os Símbolos Nacionais”

Semana de 13 a 15 de janeiro de 2015

Seleção do conteúdo programático

EIXOS TRANSVERSAIS DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

- **Dominar linguagens:** Uso correto do português padrão, uso das diferentes linguagens (científica, matemática, artística).
- **Utilização das tecnologias da informação e comunicação:** Computador, projetor, colunas, PowerPoint, Prezi, dicionário online Priberam.
- **Construir argumentação:** Compreender a importância de alguns acontecimentos históricos e dos símbolos nacionais para o nosso país; aplicar os conhecimentos relativos aos conteúdos matemáticos referentes aos ângulos, nos exercícios propostos; compreender a importância da leitura e conseguir fazer corretamente a interpretação; conseguir fazer uma dramatização de uma história a partir de um texto dramático.
- **Educação para a cidadania:** Valorizar os acontecimentos históricos abordados e os símbolos nacionais; dar valor à leitura e à mensagem transmitida pela mesma; dar importância à dramatização de uma história, como sendo um complemento da interpretação da mesma.

Sequenciação dos conteúdos programáticos por áreas curriculares

Estudo do Meio

<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Normas, atitudes e valores</i>	<i>Avaliação</i>
<p>Bloco 2 - À descoberta dos outros e das instituições</p>	<p>O Passado Nacional</p> <p>Reconhecer Símbolos Nacionais</p>	<p>- Conhecer personagens e factos da história nacional.</p> <p>- Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado.</p> <p>- Bandeira nacional.</p> <p>- Hino nacional.</p>	<p>- Escutar com atenção as indicações e explicações dadas pela professora.</p> <p>- Colocar o dedo no ar sempre que quiser intervir.</p> <p>- Aguardar pela sua vez para responder.</p> <p>- Respeitar as respostas dadas pelos colegas.</p> <p>- Esforçar-se por fazer uma caligrafia bem legível.</p> <p>- Respeitar o ritmo de trabalho dos colegas.</p>	<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <p>- Avaliação formativa</p> <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <p>- Grelha de registo (Anexo XXVI);</p> <p>- Intervenções feitas pelos alunos;</p> <p>- Respostas dadas pelos alunos à pergunta n.º 1 da página 58 do manual;</p> <p>- Respostas dadas pelos alunos na construção do mapa conceitual.</p>

			<ul style="list-style-type: none"> - Esforçar-se por copiar as informações presentes no quadro de ardósia sem cometer erros ortográficos. - Aguardar a sua vez para dar a sua opinião ou colocar as suas dúvidas. - Respeitar as opiniões e dúvidas dos colegas. - Escutar com atenção o Hino Nacional "A Portuguesa". 	<p><u>Descritores de desempenho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece personagens e factos da história nacional. - Conhece os factos históricos que se relacionam com os feriados de 5 de outubro e de 25 de abril e os seus significados. - Reconhece a evolução da bandeira de Portugal. - Reconhece o hino nacional e o seu significado.
--	--	--	--	---

Português

Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Normas, atitudes e valores	Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho		
<p>Oralidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral • Expressão Oral 	<ul style="list-style-type: none"> - Informação essencial e acessória - Ideia principal - Pesquisa e organização da informação: tema e assunto - Articulação, entoação - Planificação do discurso: identificação do tópico/tema; seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo - Reconto - Pergunta 	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar para aprender e construir conhecimentos. - Produzir um discurso oral com correção. - Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor. 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir informação essencial de acessória. - Identificar ideias-chave de um texto ouvido. - Usar a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados, e olhando o interlocutor. - Mobilizar vocabulário cada vez mais variado e preciso, e estruturas frásicas cada vez mais complexas. - Adaptar o discurso às situações de comunicação. - Explicar. - Formular perguntas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção as indicações e explicações dadas pela professora. - Esforçar-se por ler o mais corretamente possível. - Respeitar a leitura dos colegas. - Esforçar-se por responder corretamente às perguntas de interpretação. - Empenhar-se em fazer uma caligrafia bem legível. - Respeitar o ritmo de trabalho dos colegas. - Respeitar as respostas dadas pelos colegas. 	<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XXVI); - Intervenções feitas pelos alunos; - Diálogo acerca dos textos lidos; - Explicações dadas pelos alunos acerca das suas respostas nas tarefas propostas.
<p>Leitura</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Texto - Paratexto e vocabulário relativo ao livro (título, capa, contracapa, ilustração, ilustrador) 	<ul style="list-style-type: none"> - Ler em voz alta textos. - Ler textos diversos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ler um texto com articulação e entoação corretas e uma velocidade de leitura de, no mínimo, 125 palavras por minuto. - Ler textos narrativos e dramáticos, informações. 	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção a leitura feita pela professora. - Empenhar-se por responder corretamente às questões da ficha 	<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa

Escrita	<ul style="list-style-type: none"> - Autor - Pesquisa e organização da informação: tema, assunto; hierarquização da informação - Texto narrativo - Componentes da narrativa: personagens, espaço, tempo e ação 	<ul style="list-style-type: none"> - Apropriar-se de novos vocábulos. - Organizar os conhecimentos do texto. - Ler para apreciar textos literários. - Redigir corretamente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas do interesse dos alunos e conhecimento do mundo. - Identificar o tema ou o assunto do texto e distinguir os subtemas, relacionando-os, de modo a mostrar que compreendeu a organização interna das informações. - Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância. - Utilizar uma caligrafia legível. - Escrever com correção na ortografia e na pontuação. - Escrever frases completas, respeitando relações de concordância entre os seus elementos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção a leitura do texto dramático. - Empenhar-se por escrever cuidadosamente as suas ideias. 	<p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XXVI); - Leitura do texto "História de uma flor"; - Leitura da história "Histórica com Recadinho". <p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XXVI); - Respostas dadas pelos alunos às várias questões; - Registos dos alunos, nos seus cadernos diários; - Registos dos alunos acerca das dramatizações realizadas, tendo em conta as suas opiniões.
	<ul style="list-style-type: none"> - Registo e organização da informação - Mapas - Configuração gráfica: pontuação e ortografia 				

Matemática

Domínios / Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Normas, atitudes e valores.	Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho		
Geometria e Medida	<ul style="list-style-type: none"> - Figuras geométricas - Ângulos 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e comparar ângulos 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar um semiplano como cada uma das partes em que fica dividido um plano por uma reta nele fixada. - Identificar um ângulo côncavo AOB de vértice O (A, O e B pontos não colineares) como um conjunto complementar, no plano, do respetivo ângulo convexo unido com as semirretas OA e OB. - Associar um ângulo raso a um semiplano. 	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção as indicações e as explicações dadas pela professora. - Colocar o dedo no ar para intervir. - Esperar pela sua vez de participar. - Respeitar as dúvidas dos colegas. - Empenhar-se por resolver corretamente os exercícios propostos. 	<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XXVI); - Intervenções feitas pelos alunos;

			<ul style="list-style-type: none"> - Associar um ângulo giro a um plano. - Identificar um ângulo como “agudo” se tiver amplitude menor do que a de um ângulo reto. - Identificar um ângulo convexo como “obtusos” se tiver amplitude maior do que a de um ângulo reto. - Reconhecer ângulos retos, agudos, obtusos, convexos e côncavos em desenhos e saber representá-los. 	<ul style="list-style-type: none"> - Respeitar as respostas dos colegas. - Respeitar o ritmo de trabalho dos colegas. - Respeitar as regras do jogo. - Cooperar no trabalho em grupo. - Empenhar-se por responder corretamente às tarefas propostas no jogo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Respostas dadas nos exercícios propostos; - Respostas dadas no jogo da glória.
--	--	--	---	---	---

Expressões

<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Normas, atitudes e valores</i>	<i>Avaliação</i>
<p>Expressão Dramática</p> <p>Bloco 2 - Jogos Dramáticos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Linguagem não verbal - Linguagem verbal - Linguagem verbal e gestual 	<ul style="list-style-type: none"> - Reproduzir gestos e movimentos. - Dramatizar uma pequena história em pequeno grupo, a partir de um texto dramático. - Utilizar adereços. 	<ul style="list-style-type: none"> - Escutar com atenção as indicações dadas pela professora. - Respeitar o papel atribuído a cada um dos colegas, não fazendo juízos de valor. - Respeitar os colegas. - Cooperar no trabalho em grupo. - Empenhar-se por representar o mais corretamente possível a sua personagem, de acordo com o texto dramático. - Permanecer em silêncio durante a apresentação dos colegas. 	<p><u>Tipologia de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa <p><u>Instrumentos de avaliação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de registo (Anexo XXVI); - Dramatizações feitas pelos alunos; - Diálogo com os alunos acerca das dramatizações realizadas. <p><u>Descritores de desempenho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Reproduz gestos e movimentos. - Dramatiza a história “História com Recadinho” em pequeno grupo, a partir do texto dramático da mesma. - Utiliza adereços, de forma a caracterizar a personagem que representa.

Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem

Guião de aula

Terça-Feira 13/01/2015

Responsável pela execução: Maria Lourenço

Tema integrador: “O Cientista Orlando dá a conhecer uma história chamada “História com Recadinho”, a Implantação da República, o 25 de abril de 1974, a Democracia e os Símbolos Nacionais”

Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: Implantação da República; 25 de abril de 1974; mapa concetual; personalidades; tema; interpretação.

Recursos:

- Computador;
- Projetor;
- Colunas;
- Vídeo “História de Portugal – 1.ª República”, disponível a partir do sítio da Internet <https://www.youtube.com/watch?v=8zs0CrdqTUo> (Anexo XXVII);
- Manual de Estudo do Meio;
- Estrutura do mapa concetual acerca do 25 de abril de 1974 (Anexo XXVIII);
- Fotografias de personalidades ligadas ao 25 de abril de 1974 (Anexo XXIX);
- Manual de Português;
- Livro de fichas de Português.

Elemento integrador: Fantoche “Cientista Orlando”

O elemento integrador consiste num fantoche chamado “Cientista Orlando”, sendo que este em cada um dos dias, leva consigo um acessório, de forma a introduzir o tema a trabalhar ao longo do dia. Neste dia em específico, levará consigo um vídeo acerca da Implantação da República, sendo que este será o ponto de partida para as atividades a realizar ao longo deste dia.

SUMÁRIO:

- Visualização de um vídeo intitulado de “História de Portugal – 1.ª República”, para que os alunos fiquem a conhecer este acontecimento histórico de uma forma mais lúdica.
- Exploração de uma imagem presente no manual de Português, de forma a que os alunos ativem os seus conhecimentos acerca do acontecimento ligado aos cravos vermelhos.
- Construção de um mapa concetual acerca do 25 de abril de 1974, para que os alunos refiram alguns aspetos referentes ao mesmo, ficando com a informação esquematizada, facilitando a sua compreensão.
- Visualização de fotografias de personalidades importantes do 25 de abril de 1974 e da 1.ª República, de maneira a que os alunos fiquem com os seus conhecimentos acerca deste conteúdo um pouco mais alargados.
- Leitura, análise e interpretação do texto “História de uma flor”, permitindo o desenvolvimento das capacidades de leitura e de interpretação de um texto, por parte dos alunos.

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:

Designação da atividade

Debate acerca do elemento integrador

Atividade 1 – Visualização de um vídeo (40 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste na visualização de um vídeo acerca de Implantação da República. Deste modo, será projetado um vídeo, para que este possa ser visualizado por todos. Considero importante referir que neste ficheiro multimédia, à medida que é explicada a Implantação da República, surgem imagens referentes a este acontecimento e a personalidades importantes que fizeram parte da 1.ª República portuguesa, o que possibilita uma melhor compreensão e um alargamento do conhecimento dos alunos. Após a visualização do vídeo, será estabelecido um diálogo com os alunos, para que estes possam referir qual o acontecimento de que falava o vídeo; quais as personalidades importantes que foram referidas; quais as razões que levaram à Implantação da República; entre outros aspetos. É importante referir que as respostas dadas pelos alunos serão registadas no quadro de ardósia pela professora, para que os alunos as possam copiar para os seus cadernos diários. No final da atividade, os alunos deverão dar resposta à questão n.º1 da página 58 do manual de Estudo do Meio. Inicialmente, a visualização do vídeo e o diálogo serão realizados em grande grupo, enquanto que o registo das respostas e a resposta à pergunta presente no manual serão desenvolvidas individualmente. Por fim, a correção da questão presente no manual será feita em grande grupo.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, comunicação, registo e compreensão. As técnicas didáticas utilizadas consistem na projeção de um vídeo acerca da Implantação da República e no registo das respostas dadas, por parte dos alunos. No decorrer desta atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo ver atingidas pelos alunos são escutar com atenção as indicações e explicações dadas pela professora; colocar o dedo no ar sempre que quiser intervir; aguardar pela sua vez para responder; respeitar as respostas dadas pelos colegas; esforçar-se por fazer uma caligrafia bem legível; respeitar o ritmo de trabalho dos colegas.

Procedimentos de execução

- Diálogo acerca da Implantação da República, de forma a antecipar os conhecimentos que os alunos possuem acerca deste acontecimento.

- Exploração do ficheiro multimédia levado pelo “Cientista Orlando”, sendo que este aborda a Implantação da República.

1.1. Inicialmente, será feita a explicação da atividade aos alunos, por parte da professora. Desta forma, os alunos terão conhecimento acerca do que é pretendido que façam ao longo da atividade e podem esclarecer as suas dúvidas.

1.2. Projeção e visualização do vídeo “História de Portugal – 1.ª República”, disponível a partir do sítio da Internet <https://www.youtube.com/watch?v=8zs0CrdqTUo> (Anexo XXVII).

1.3. Após a visualização do vídeo, será feito um diálogo acerca do mesmo, em grande grupo, sendo que será solicitado aos alunos que refiram qual o acontecimento de que falava o vídeo; quais as personalidades importantes que foram referidas; quais as razões que levaram à Implantação da República; entre outros aspetos. É importante referir que os alunos serão escolhidos aleatoriamente para darem as suas respostas, sendo que deverão colocar o dedo no ar.

1.4. À medida que os alunos dão as suas respostas, estas serão registadas no quadro de ardósia pela professora.

1.5. Registo das respostas dadas, no caderno diário, por parte dos alunos, individualmente, de maneira a que estes fiquem com a informação registada e para que a possam consultar posteriormente.

1.6. Após o registo, os alunos deverão proceder à realização da questão n.º1 da página 58 do manual de Estudo do Meio, sendo que esta tarefa será feita individualmente.

1.7. Correção das respostas dos alunos, em grande grupo, sendo que será escolhido um aluno aleatoriamente para referir a sua resposta.

1.8. No final da atividade, os alunos deverão colocar as suas dúvidas acerca do acontecimento retratado no vídeo, para que estas possam ser esclarecidas e para que os alunos possam assimilar corretamente os conhecimentos adquiridos ao longo da atividade.



Atividade 2 – Exploração de uma imagem (20 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste na exploração de uma imagem composta por um cravo vermelho e por pessoas contentes, presente na página 146 do manual de Português. Desta forma, será feita uma abordagem ao 25 de abril de 1974, sendo que os alunos serão questionados acerca do acontecimento que está relacionado com os cravos vermelhos e o que representa esse acontecimento. Assim, serão ativados os conhecimentos prévios dos alunos, de forma a proceder para a atividade seguinte. É importante referir que esta atividade será desenvolvida coletivamente.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, observação, comunicação, ativação de conhecimentos prévios e compreensão. A técnica didática utilizada consiste na exploração de uma imagem relacionada com o 25 de abril de 1974. As normas, atitudes e valores que pretendo desenvolver nos alunos ao longo desta atividade são escutar com atenção as indicações dadas pela professora; respeitar as respostas dos colegas; colocar o dedo no ar quando quiser intervir; esperar pela sua vez para falar.

Atividade 3 – Construção de um mapa concetual (45 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na elaboração de um mapa concetual referente ao 25 de abril de 1974. Esta atividade será desenvolvida em grande grupo, sendo que os alunos deverão dar as suas opiniões, enquanto a professora as registará no quadro de ardósia. À medida que os alunos irão dando as suas opiniões, a professora regista-as e complementa-as, de forma a construir um mapa concetual. Serão colocadas algumas questões acerca das características do Estado Novo; se conhecem alguma personalidade importante ligada ao 25 de abril de 1974; quais as razões que levaram a esta revolução; como consideram que aconteceu esta revolução; entre outras questões. No final do mapa concetual estar construído no quadro de ardósia, os alunos deverão copiá-lo para os seus cadernos diários, para poderem ficar com a informação registada. Esta fase de registo nos cadernos diários, será feita individualmente.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, compreensão, comunicação, memorização, associação e registo. A técnica didática utilizada é a construção de um mapa concetual acerca do acontecimento histórico de Portugal de 25 de abril de 1974. Ao longo desta atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos desenvolvam são colocar o dedo no ar

2.1. Antes de dar início à atividade, será dada uma explicação, pela professora, de que os alunos irão observar uma imagem relacionada com um acontecimento histórico de Portugal, sendo que deverão referir qual será esse acontecimento.

2.2. De forma a dar início à atividade, os alunos deverão proceder à abertura do manual de Português, na página 146, para que a possam observar com atenção e descobrir qual o acontecimento histórico que estará relacionado com a imagem.

2.3. Levantamento das respostas dos alunos, sendo que estes serão escolhidos aleatoriamente e deverão levantar o dedo e aguardar a sua vez, no caso de quererem responder.

2.4. Após os alunos darem as suas respostas, será explicado que os cravos vermelhos estão associados ao 25 de abril de 1974 e os alunos serão questionados acerca do significado desse acontecimento, de forma a antecipar a atividade seguinte.

É importante referir que esta atividade será desenvolvida em coletivo.

3.1. No início da atividade, a professora explicará em que consiste a mesma, de forma a que os alunos compreendam o objetivo a alcançar com a sua realização.

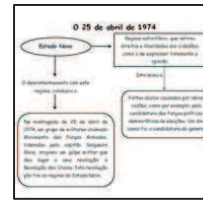
3.2. Inicialmente, serão colocadas algumas questões aos alunos, como por exemplo quais as características do Estado Novo; se conhecem alguma personalidade importante ligada ao 25 de abril de 1974; quais as razões que levaram a esta revolução; como consideram que ocorreu esta revolução; entre outras questões. Esta etapa será feita em grande grupo, sendo que os alunos serão escolhidos aleatoriamente para darem as suas respostas. Esta fase será desenvolvida em grande grupo.

3.3. À medida que os alunos dão as suas respostas, estas serão registadas no quadro de ardósia pela professora, de maneira a elaborar um mapa concetual acerca do 25 de abril de 1974. Enquanto a professora regista as respostas dadas pelos alunos, estas serão complementadas com informações dadas pela mesma. É importante referir que a professora irá levar uma estrutura previamente feita, algumas informações referentes ao 25 de abril de 1974, facilitando a complementação das respostas dos alunos (Anexo XXVIII).

3.4. No final do mapa concetual estar elaborado no quadro de ardósia, os alunos deverão copiá-lo para os cadernos diários, sendo que esta fase será realizada individualmente.

3.5. No final da atividade, os alunos deverão colocar as suas dúvidas, de maneira a que estas possam ser esclarecidas pela professora, para que possam prosseguir com outros conteúdos, assimilando corretamente as informações adquiridas ao longo desta atividade e da atividade anterior.

sempre que quiser dar a sua resposta; respeitar a respostas dos colegas; aguardar pela sua vez para falar; empenhar-se por fazer uma caligrafia bem legível; esforçar-se por copiar as informações presentes no quadro de ardósia sem cometer erros ortográficos; respeitar o ritmo de trabalho dos colegas.



Atividade 4 – Visualização de fotografias (15 min.)

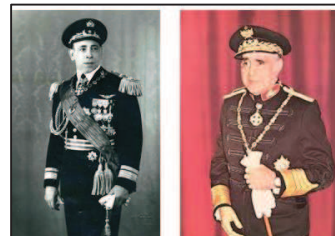
Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na visualização de fotografias referentes a personalidades importantes no acontecimento histórico de 25 de abril de 1974. Desta forma, os alunos podem adquirir novos conhecimentos importantes para a sua cultura e para que possam compreender melhor o acontecimento em questão. Esta atividade será desenvolvida em grande grupo, sendo que será projetada uma fotografia de cada vez, para que os alunos fiquem a conhecer o nome de cada uma das personalidades que intervieram no 25 de abril de 1974. Cada aluno poderá dar a sua opinião ou colocar alguma dúvida que possua.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, compreensão, associação e comunicação. A técnica didática utilizada consiste na visualização de fotografias alusivas a personalidades importantes no 25 de abril de 1974. As normas, atitudes e valores que pretendo ver atingidos com esta atividade são escutar com atenção as indicações e as explicações dadas pela professora; colocar o dedo no ar sempre que quiser participar; aguardar a sua vez para dar a sua opinião ou colocar as suas dúvidas; respeitar as opiniões e dúvidas dos colegas.

4.1. Inicialmente será dada uma explicação, por parte da professora, de que os alunos irão visualizar várias fotografias referentes a personalidades importantes que intervieram no 25 de abril de 1974.

4.2. Após a explicação, proceder-se-á à visualização das fotografias, sendo que será projetada uma de cada vez, para que os alunos as possam observar com atenção e ficar a conhecer o nome de cada uma das personalidades (Anexo XXIX).

4.3. À medida que são projetadas as fotografias, os alunos poderão dar as suas opiniões ou colocar alguma dúvida, desde que coloquem o dedo no ar, sendo selecionados aleatoriamente para responderem, posteriormente.



Atividade 5 – Leitura, análise e interpretação do texto “História de uma flor” (120 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na leitura, análise e interpretação do texto “História de uma flor”, de Matilde Rosa Araújo, estando este presente na página 146 do manual de Português. Esta atividade será desenvolvida em três fases distintas, sendo elas o antes da leitura, o durante a leitura e o depois da leitura. O antes da leitura será desenvolvido em grande grupo, para que todos tenham a oportunidade de participar e manifestar as suas ideias. O durante a leitura terá várias etapas diferentes, sendo que, inicialmente, será feita a leitura em voz alta pela professora; de seguida será feita a leitura individualmente por cada um dos alunos e em voz alta; posteriormente, cada um dos alunos deverá fazer uma leitura silenciosa para que sublinhem as palavras desconhecidas; seguidamente, será referido o significado das palavras assinaladas, sendo que a professora pedirá aos alunos que consultem o dicionário a fim de lerem em voz alta o significado de cada uma das palavras. No depois da leitura, será estabelecido um diálogo acerca do texto, sendo esta etapa desenvolvida em grande grupo. Após o diálogo, os alunos deverão responder às questões de interpretação presentes na página 147 do manual de Português, de forma individual. De seguida, a correção será feita em grande grupo no quadro de ardósia. Se ainda restar tempo suficiente, os alunos irão resolver a ficha n.º 51 do livro de fichas de Português, sendo esta referente ao texto lido nesta atividade.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, comunicação, leitura, interpretação, compreensão e memorização. As técnicas didáticas utilizadas consistem na leitura de um texto, sublinhar as palavras desconhecidas, procurar o seu significado no dicionário e responder às perguntas de interpretação. Ao longo desta atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem são escutar com atenção as indicações dadas pela professora; esforçar-se por ler o mais corretamente possível; respeitar a leitura dos colegas; esforçar-se por responder corretamente às perguntas de interpretação; empenhar-se em fazer uma caligrafia bem legível; respeitar o ritmo de trabalho dos colegas; respeitar as respostas dadas pelos colegas.

Antes da leitura:

- Abertura do manual de Português na página 146.
- Visualização da imagem presente no texto, para que os alunos se possam recordar do conteúdo abordado nas duas atividades anteriores.
- Leitura do título do texto, de forma a que os alunos refiram o que pensam que o texto vai tratar.

É importante referir que estes dois procedimentos serão executados em grande grupo, para que todos possam participar.

Durante a leitura:

- Leitura em voz alta, feita pela professora, do texto “História de uma flor”, de Matilde Rosa Araújo, sendo que os alunos deverão seguir a leitura.
- Leitura em voz alta, por parte de cada um dos alunos, sendo que estes serão escolhidos aleatoriamente.
- Leitura silenciosa pelos alunos, para que estes possam proceder, individualmente, à seleção das palavras desconhecidas, sublinhando-as.
- De seguida, a professora pedirá a cada um dos alunos que refira quais as palavras que assinalou anteriormente, para que se procure o seu significado no dicionário, sendo que esta tarefa será realizada pelo aluno que estará a referir as palavras que desconhece. À medida que os alunos encontram os significados das palavras, estes deverão ser lidos em voz alta, para que toda a turma fique a conhecer o significado da palavra em questão.

Depois da leitura:

- Nesta fase, inicialmente será estabelecido um diálogo com os alunos, em coletivo para que eles possam referir alguns aspetos acerca do texto que foi lido, nomeadamente, do que falava o texto e quais as partes que consideram mais importantes.
- Realização das perguntas de interpretação presentes na página 147 do manual de Português, individualmente, por parte dos alunos.
- Após a realização das perguntas de interpretação, será feita a correção das mesmas, em grande grupo e no quadro de ardósia, sendo os alunos escolhidos aleatoriamente para registarem as suas respostas.
- Depois da correção, se ainda restar tempo suficiente, os alunos deverão proceder à realização da ficha n.º 51 do livro de fichas de Português, relativa ao texto lido anteriormente. A correção da ficha será feita pela professora, numa fase posterior.

Quarta-feira-Feira 14/01/2015	Responsável pela execução: Maria Lourenço
<p>Tema integrador: “O Cientista Orlando dá a conhecer uma história chamada “História com Recadinho”, a Implantação da República, o 25 de abril de 1974, a Democracia e os Símbolos Nacionais”</p> <p>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: Personagens; tempo da ação; espaço da ação; sequência de acontecimentos; interpretação; Democracia; símbolos nacionais; Hino Nacional; planos; semiplanos; ângulos; ângulos convexos; ângulos côncavos; amplitude.</p>	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Livro com a história “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta; - História “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta (em Prezi) (Anexo XXX); - Texto “História com Recadinho”, sem ilustrações (Anexo XXXI); - Ficha de leitura (Anexo XXXII); - Informações referentes à Democracia e aos símbolos nacionais (em Prezi) (Anexo XXXIII); - Hino Nacional “A Portuguesa”; - Folha branca A4; - Manual de Matemática; - Imagens referentes à classificação dos ângulos segundo as suas amplitudes (em PowerPoint) (Anexo XXXIV); - Cartaz com informações sobre os ângulos (Anexo XXXV); - Livro de fichas de Matemática.
<p>Elemento integrador: Fantoche “Cientista Orlando”</p> <p>O elemento integrador consiste num fantoche chamado “Cientista Orlando”, sendo que este em cada um dos dias, leva consigo um acessório, de forma a introduzir o tema a trabalhar ao longo do dia. Neste dia em particular, levará consigo o livro “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta e um ficheiro multimédia com informações acerca da Democracia e dos Símbolos Nacionais.</p>	
<p>SUMÁRIO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura, análise e interpretação do texto “História com Recadinho”, para que os alunos desenvolvam a sua capacidade de interpretação de um texto e para que possa ser implementado o Projeto de Investigação da professora. - Visualização de informações referentes à Democracia e aos símbolos nacionais, de maneira a que os alunos fiquem a compreender o que é a Democracia e para que fiquem a conhecer melhor quais os símbolos nacionais. - Audição do Hino Nacional, de forma a que os alunos fiquem a conhecer o seu significado e a sua importância para o nosso país. - Explicação acerca dos planos e dos semiplanos, possibilitando a compreensão de ambos os conceitos pelos alunos. - Explicação sobre os ângulos convexos e os ângulos côncavos, de maneira a que seja possível a aquisição de novos conhecimentos acerca destes dois aspetos e a aplicação dos mesmos, nos exercícios propostos. - Classificação dos ângulos segundo a sua amplitude, desenvolvendo nos alunos uma melhor perceção acerca das possíveis amplitudes dos ângulos e da forma como estes são classificados. - Resolução de exercícios, de maneira a que os alunos apliquem os conhecimentos adquiridos anteriormente. 	

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:

Designação da atividade

Debate acerca do elemento integrador

Atividade 1 – Leitura, análise e interpretação do texto “História com Recadinho” (90 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste na leitura, análise e interpretação do texto “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta. É importante referir que esta atividade faz parte do meu Projeto de Investigação. Esta tarefa irá desenvolver-se em três momentos distintos, sendo eles o antes da leitura, o durante a leitura e o após a leitura. A fase inicial será realizada em grande grupo. No durante a leitura, inicialmente, será feita a leitura do texto em voz alta pela professora; de seguida, será entregue a cada um dos alunos, o texto lido, para que possam proceder à leitura silenciosa e à seleção das palavras desconhecidas; por fim, cada aluno deverá referir quais as palavras que não conhece, para que a professora pesquise o seu significado no dicionário online Priberam. No após a leitura, numa primeira fase, será estabelecido um diálogo, em grande grupo, acerca do texto que foi lido e, posteriormente, será realizada uma ficha de leitura acerca do texto, de forma individual.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, compreensão, interpretação e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas consistem em ouvir ler, sublinhar as palavras desconhecidas e na realização de uma ficha de leitura referente ao texto lido.

No decorrer desta atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo ver alcançadas pelos alunos são escutar com atenção as indicações e explicações dadas pela professora; escutar com atenção a leitura feita pela professora; esforçar-se por fazer uma caligrafia bem legível; empenhar-se por responder corretamente às questões da ficha de leitura; respeitar o ritmo de trabalho dos colegas.

Procedimentos de execução

- Conversa acerca do livro “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta.

- Numa fase posterior, será feito um pequeno diálogo acerca do ficheiro multimédia levado pelo elemento integrador, com informações referentes à Democracia e aos Símbolos Nacionais.

Antes da leitura:

- Inicialmente, a professora irá explicar esta atividade consiste em ler e interpretar o texto “História com Recadinho”, cujo resultado será utilizado no seu Projeto de Investigação.
- De seguida, os alunos serão questionados acerca do seu conhecimento acerca da história que irá ser lida, ou seja, se já a conhecem ou não.
- Após as respostas dos alunos, serão explorados os elementos exteriores do livro, ou seja, as imagens presentes na capa e na contracapa do mesmo. Desta forma, os alunos deverão referir o que observaram, bem como algum elemento que considerem importante destacar.
- De seguida, será lido o título da história, para que com base nas ilustrações e no título, os alunos possam dizer o que pensam que irá ser tratado ao longo da história.

Todos os procedimentos referentes à fase do antes da leitura, serão executados em grande grupo, possibilitando a participação de todos.

Durante a leitura:

- Projeção da história, para que os alunos possam seguir a leitura e observar as ilustrações presentes ao longo da mesma. Esta projeção será feita a partir do programa Prezi (Anexo XXX).
- De seguida, será feita uma leitura em voz alta do texto “História com Recadinho”, pela professora.
- Distribuição do texto, sem ilustrações, a cada um dos alunos (Anexo XXXI), para que possam proceder a uma leitura silenciosa do mesmo e sublinhar as palavras que não conhecem.
- Pesquisa, por parte da professora, do significado das palavras no dicionário online Priberam. Nesta etapa, será selecionado um aluno de cada vez, para que possa dizer as palavras que selecionou e para que se possa procurar o seu significado. Este processo repetir-se-á quando todos os alunos tiverem todos os significados esclarecidos.

Depois da leitura:

- Nesta última fase, inicialmente, será feito um debate acerca do que foi lido, para que os alunos possam dizer resumidamente o que aconteceu na história e referir quais as partes que consideraram mais interessantes.

Atividade 2 - Visualização de informações referentes à Democracia e aos símbolos nacionais (30 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste na visualização de informações referentes à Democracia e aos símbolos nacionais, através de um ficheiro multimédia. Desta forma, serão explicados ambos os conteúdos, para que os alunos possam ficar a compreender melhor e a perceber a importância para o nosso país. À medida que a professora projeta o ficheiro multimédia com as informações, estas deverão ser registadas no caderno diário, por parte dos alunos, para que possam consultá-la posteriormente. Esta atividade será desenvolvida em grande grupo, porém, o registo da informação no caderno diário será feito individualmente.

Desta forma, todos os alunos podem colocar as suas dúvidas, fazer algum comentário que considere importante, entre outros.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, registo, compreensão e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas são a projeção de um ficheiro multimédia com informações referentes a ambos os conteúdos e o registo da mesma, no caderno diário dos alunos. As normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem com esta atividade são escutar com atenção as explicações e indicações dadas pela professora; empenhar-se por fazer uma caligrafia bem legível; respeitar as dúvidas e comentários dos colegas; colocar o dedo no ar sempre que quiser fazer uma intervenção; aguardar pela sua vez para participar.

- Após o diálogo, será distribuída uma ficha de leitura (Anexo XXXII), para que os alunos possam proceder à sua resolução, de forma individual.



2.1. Inicialmente, a professora explicará aos alunos em que consiste a atividade, para que estes possam compreender o objetivo da mesma.

2.2. De seguida, será projetado o ficheiro multimédia com informações referentes à Democracia e aos símbolos nacionais. Esta projeção será feita através do programa Prezi (Anexo XXXIII). Deste modo, os alunos ficam a conhecer ambos os conteúdos e conseguem compreender a importância dos mesmos para o nosso país. Esta etapa será feita em coletivo.

2.3. À medida que são projetadas as informações, os alunos deverão registá-las nos seus cadernos diários, individualmente, para que a possam consultar posteriormente.

2.5. No final da atividade, os alunos deverão colocar as suas dúvidas e fazer algum comentário que considerem importante relativamente aos conteúdos acerca da Democracia e dos símbolos nacionais. Desta forma, esta fase será desenvolvida em grande grupo.



Atividade 3 – Audição do Hino Nacional (60 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na audição do Hino Nacional “A Portuguesa”. Desta forma, os alunos que não conhecem ficam a conhecer o Hino Nacional do nosso país e os que já o conhecem, ficam a compreender melhor o seu significado e o que é retratado na sua letra. Após a audição do Hino Nacional, será estabelecido um diálogo com os alunos acerca do mesmo.

Esta atividade será desenvolvida em grande grupo e tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, audição, interpretação, compreensão e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas consistem na audição do Hino Nacional “A Portuguesa” e num diálogo acerca do mesmo. Ao longo desta atividade, as normas, atitudes e valores que desejo ver alcançadas pelos alunos são escutar com atenção as indicações dadas pela professora; escutar com atenção o Hino Nacional “A Portuguesa”; colocar o dedo no ar quando quiser intervir; aguardar pela sua vez de falar.

Atividade 4 – Explicação acerca dos planos e dos semiplanos (15 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste numa explicação acerca dos planos e dos semiplanos, sendo que esta será feita através da dobragem de uma folha branca de tamanho A4. Desta forma, os alunos compreendem, de uma maneira prática, o que são os planos e os semiplanos.

Esta atividade será realizada em coletivo e tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, associação, memorização e comunicação. A técnica didática utilizada consiste na explicação dos conceitos de planos e semiplanos, através da dobragem de uma folha branca A4. As normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem nesta atividade são escutar com atenção as indicações e as explicações dadas pela professora; colocar o dedo no ar para intervir; esperar pela sua vez de participar; respeitar as dúvidas dos colegas.

3.1. Antes de dar início à atividade, a professora irá explicar aos alunos que irão ouvir o Hino Nacional chamado “A Portuguesa”, sendo este um símbolo muito importante no nosso país.

3.2. Audição do Hino Nacional “A Portuguesa”.

3.3. Diálogo acerca do que os alunos ouviram, sendo que estes deverão referir alguma palavra desconhecida, qual pensam ser o significado deste símbolo nacional, entre outros aspetos.

3.4. À medida que os alunos fazem as suas intervenções, a professora procurará referir o significado das palavras que os alunos não conhecem e complementar as informações dadas pelos alunos, de forma a que eles compreendam o que representa o Hino Nacional e qual a importância que tem para o nosso país.

3.5. No final da atividade, será reproduzido novamente o Hino Nacional, para que os alunos o ouçam já conhecendo o seu significado.

Todos os procedimentos desta atividade serão desenvolvidos em grande grupo.

4.1. Inicialmente, a professora explicará que vão ser dados os planos e os semiplanos, de forma a que os alunos fiquem a conhecer os conteúdos que irão ser abordados nesta atividade.

4.2. De seguida, será explicado que a folha branca A4 representa um plano e que irá ser dobrada ao meio. Desta forma, os alunos deverão imaginar que o vinco que marca o meio da folha diz respeito a uma reta e que as partes divididas por essa reta, neste caso, cada uma das metades da folha correspondem a um semiplano.

4.3. No final da explicação e da demonstração, os alunos deverão colocar as suas dúvidas acerca de ambos os conteúdos abordados, para que estas possam ser esclarecidas, possibilitando o avanço para a próxima atividade.

É importante referir que toda a atividade será executada em grande grupo.

Atividade 5 - Explicação sobre os ângulos convexos e os ângulos côncavos (40 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste numa explicação sobre os ângulos convexos e os ângulos côncavos, recorrendo à leitura da explicação presente na página 70 do manual de Matemática e a vários desenhos exemplificativos feitos no quadro de ardósia pela professora. Desta forma, os alunos começarão por ler a informação do manual de Matemática referente a estes conteúdos e, de seguida, a professora complementar essa informação, utilizando vários desenhos exemplificativos feitos no quadro de ardósia. Assim, os alunos compreenderão em que consistem ambos os ângulos convexos e os ângulos côncavos. Esta etapa será feita em coletivo. Após a explicação, os alunos deverão realizar, individualmente, os exercícios 2 e 3, da página 71 do manual de Matemática, sendo estes referentes ao conteúdo abordado. Terminada a resolução dos exercícios, estes serão corrigidos em grande grupo, no quadro de ardósia, sendo os alunos selecionados aleatoriamente.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, compreensão, memorização, identificação e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas são uma explicação acerca dos ângulos convexos e dos ângulos côncavos e na resolução de dois exercícios referentes aos mesmos. No decorrer desta atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos desenvolvam são escutar com atenção as indicações e as explicações dadas pela professora; levantar o dedo sempre que quiser intervir; esperar pela sua vez para participai; empenhar-se por resolver corretamente os exercícios propostos; respeitar as respostas e as dúvidas dos colegas.

Atividade 6 - Classificação dos ângulos segundo a sua amplitude (20 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste numa explicação acerca da classificação dos ângulos segundo a sua amplitude. Esta explicação será feita pela professora, recorrendo a um ficheiro multimédia, com várias imagens ilustrativas de cada um dos ângulos. Desta forma, os alunos ficam com uma melhor perceção de cada uma das amplitudes e ficam a conhecer as classificações dos ângulos segundo as mesmas. Após a explicação dada pela professora, será mostrada uma imagem da bandeira portuguesa, com alguns dos ângulos que podem ser identificados na mesma.

Esta atividade será desenvolvida em grande grupo e tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, associação, memorização, correspondência e comunicação. A técnica didática

5.1. De forma a iniciar a atividade, a professora irá referir que ao longo da atividade, serão explicados os ângulos convexos e os ângulos côncavos e que, no final, resolverão dois exercícios, onde aplicarão o que aprenderam.

5.2. De seguida, será feita uma leitura da explicação presente na página 70 do manual de Matemática, referente aos ângulos convexos e aos ângulos côncavos. Esta fase será feita pelos alunos, sendo estes escolhidos aleatoriamente.

5.3. Posteriormente, a professora fará vários desenhos exemplificativos, de maneira a complementar a informação presente no manual, para que os alunos compreendam melhor ambos os conceitos matemáticos.

5.4. Após a explicação da professora, os alunos irão resolver os exercícios 2 e 3 da página 71 do manual de Matemática, de forma a aplicarem os conhecimentos adquiridos anteriormente.

5.5. Terminados os exercícios, será feita a correção dos mesmos no quadro de ardósia e em grande grupo, sendo que os alunos serão escolhidos aleatoriamente para irem registar a sua resposta.

5.6. Após a correção dos exercícios, os alunos deverão colocar as suas dúvidas, para que estas possam ser esclarecidas, de maneira a que assimilem corretamente os conteúdos.

6.1. Inicialmente, a professora irá explicar em que consiste a atividade que vai ser desenvolvida, para que os alunos fiquem a conhecer os objetivos da mesma.

6.2. Projeção de um ficheiro multimédia com várias imagens referentes à classificação dos ângulos segundo as suas amplitudes. Esta projeção será feita a partir de um PowerPoint (Anexo XXXIV).

6.3. À medida que são projetadas as imagens referentes a cada ângulo, estas terão o nome correspondente ao nome do ângulo e a professora irá explicar qual a sua amplitude.

6.5. Após a explicação da professora, será projetada a bandeira portuguesa, para que os alunos tentem identificar os vários tipos de ângulos existentes na mesma, colocando o dedo no ar para intervir. Posteriormente, serão escolhidos aleatoriamente para darem a sua resposta.

6.6. Posteriormente, na projeção, os ângulos presentes na bandeira portuguesa aparecerão identificados.

utilizada consiste na explicação da classificação dos ângulos segundo a sua amplitude, recorrendo a várias imagens ilustrativas e à bandeira portuguesa, presentes num ficheiro multimédia.

As normas, atitudes e valores que pretendo ver alcançados pelos alunos nesta atividade são escutar com atenção as indicações e explicações dadas pela professora; colocar o dedo no ar para falar; aguardar pela sua vez de intervir; respeitar as dúvidas dos colegas.

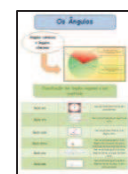
Atividade 7 – Resolução de exercícios (45 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na resolução de exercícios matemáticos, mais especificamente, da ficha n.º 19 do livro de fichas de Matemática. Esta ficha é referente aos conteúdos trabalhados nas atividades anteriores, na medida em que contempla exercícios acerca dos ângulos. Esta atividade será dividida em três momentos, sendo que o primeiro diz respeito à leitura de todos os exercícios presentes na ficha e será feita em coletivo. O segundo momento é referente à resolução dos exercícios e esta será feita individualmente. Por fim, o terceiro momento corresponde à correção da ficha, sendo que esta será feita em grande grupo, no quadro de ardósia, sendo os alunos escolhidos aleatoriamente.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, compreensão, memorização, resolução de exercícios matemáticos e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas são a resolução de exercícios matemáticos e a respetiva correção. No decorrer desta atividade, as normas, atitudes e valores que desejo que os alunos alcancem são escutar com atenção as indicações dadas pela professora; empenhar-se por resolver corretamente os exercícios propostos; respeitar o ritmo de trabalho dos colegas; colocar o dedo no ar sempre que quiser participar; aguardar a sua vez de intervir.

6.7. No final da atividade, os alunos deverão colocar as suas dúvidas acerca do conteúdo abordado ao longo da atividade, para que estas possam ser esclarecidas pela professora.

Após a realização desta atividade, será mostrado um cartaz de tamanho A3 com as informações acerca dos ângulos (Anexo XXXV), referentes às atividades anteriores, que será afixado no placard da sala de aula, para que os alunos o possam consultar posteriormente.



7.1. De forma a dar início à atividade, a professora irá explicar aos alunos que irão resolver uma ficha de trabalho com exercícios referentes aos conteúdos abordados nas atividades anteriores, aplicando os conhecimentos que adquiriram.

7.2. De seguida, os alunos deverão abrir o livro de fichas de Matemática na ficha n.º 19, para que se proceda à leitura dos respetivos exercícios, para o esclarecimento de possíveis dúvidas. Esta etapa será desenvolvida em grande grupo, sendo que as questões serão lidas em voz alta pela professora.

7.3. Resolução dos exercícios presentes na ficha, individualmente, por parte dos alunos.

7.4. Resolução dos exercícios, em grande grupo, no quadro de ardósia, sendo que os alunos serão escolhidos aleatoriamente para se dirigirem ao mesmo e registarem a sua resposta.

7.5. Por fim, serão esclarecidas as dúvidas que os alunos ainda possuam relativamente aos conteúdos trabalhados.

Quinta-Feira 15/01/2015	Responsável pela execução: Maria Lourenço
<p>Tema integrador: “O Cientista Orlando dá a conhecer uma história chamada “História com Recadinho”, a Implantação da República, o 25 de abril de 1974, a Democracia e os Símbolos Nacionais”</p> <p>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: Texto dramático; dramatização; personagens; didascálias; expressões; falas; movimentos; acessórios; ângulos; jogo da glória.</p>	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Texto dramático da história “História com Recadinho” (Anexo XXXVI); - Acessórios para as personagens; - Câmara de filmar; - Jogo da glória acerca dos ângulos (Anexo XXXVII).
<p>Elemento integrador: Fantoches “Cientista Orlando”</p> <p>O elemento integrador consiste num fantoche chamado “Cientista Orlando”, sendo que este em cada um dos dias, leva consigo um acessório, de forma a introduzir o tema a trabalhar ao longo do dia. Neste dia em específico, levará consigo o texto dramático da história “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta.</p>	
<p>SUMÁRIO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura do texto dramático da história “História com Recadinho”, para que os alunos o fiquem a conhecer, possibilitando uma melhor compreensão nas atividades seguintes. - Preparação da dramatização, de maneira a que os alunos possam ensaiar o trabalho a ser apresentado aos colegas. - Apresentação das dramatizações, de modo a que sejam gravadas em vídeo, servindo de elemento base ao Projeto de Investigação da professora. - Diálogo e registo acerca das dramatizações, compreendendo os aspetos positivos, os aspetos negativos, o que aconteceu na história, entre outros aspetos, a partir da opinião dos alunos. - Realização de um jogo, possibilitando uma revisão dos conteúdos matemáticos referentes aos ângulos trabalhados no dia anterior. 	

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:**Designação da atividade*****Debate acerca do elemento integrador***

Atividade 1 – Leitura do texto dramático da história “História com Recadinho” (30 min.)

Esta atividade é de abordagem em contexto didático e consiste na leitura do texto dramático da história “História com Recadinho”, sendo que esta foi trabalhada no dia anterior. Inicialmente, será feita uma leitura em voz alta pela professora, para que os alunos fiquem a conhecer a estrutura do texto e o que é retratado no mesmo. De seguida, será explicado aos alunos que irão fazer uma dramatização do texto, sendo que serão constituídos dois grupos formados por dez alunos cada um. É importante referir que os grupos já estarão previamente formados. Após a distribuição dos alunos por cada um dos grupos, dentro de cada grupo, será atribuída a personagem que cada aluno irá representar, sendo que os papéis já estarão definidos previamente. Desta forma, poder-se-á prosseguir para a atividade posterior.

Esta atividade será desenvolvida em grande grupo e tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, compreensão e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas consistem na leitura do texto dramático que os alunos irão representar e na atribuição dos grupos e dos papéis para cada um dos alunos. As normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem com esta atividade são escutar com atenção as indicações dadas pela professora; escutar com atenção a leitura do texto dramático; respeitar o papel atribuído a cada um dos colegas, não fazendo juízos de valor.

Procedimentos de execução

- Diálogo acerca da atividade que os alunos pensam que irão realizar a partir do texto dramático da história “História com Recadinho”.

1.1. Antes de dar início à atividade, a professora irá explicar que irá ler o texto dramático da história “História com Recadinho” e que a turma será dividida em dois grupos e, dentro de cada grupo, será atribuída a personagem a ser representada por cada elemento. Tal como é do conhecimento dos alunos, neste dia, será a implementação do último momento do Projeto de Investigação da professora.

1.2. Leitura do texto dramático da história “História com Recadinho” (Anexo XXXVI), em voz alta pela professora.

1.3. Após a leitura do texto dramático, será estabelecido um pequeno diálogo com os alunos acerca do mesmo, fazendo uma análise da sua estrutura e dos elementos que o constituem.

1.4. Divisão da turma em dois grupos constituídos por dez elementos cada um, sendo que os grupos já estarão previamente definidos pela professora.

1.5. Atribuição da personagem que cada aluno, dentro do seu grupo, irá representar na dramatização da história. Os papéis a representar por cada um dos alunos também estará previamente definido pela professora.

1.6. No final de todos os alunos terem a sua personagem atribuída, deverão colocar as suas dúvidas, para que estas possam ser esclarecidas antes de se prosseguir para a atividade seguinte.



Atividade 2 - Preparação da dramatização (40 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na preparação da dramatização da história, por parte de cada um dos grupos definidos na atividade anterior. Desta forma, poderão ensaiar a dramatização, para a apresentarem aos colegas na atividade seguinte, mais especificamente, as falas, as expressões, os movimentos, entre outros aspetos. No final desta atividade serão atribuídos os acessórios que cada uma das personagens do grupo 1 irá levar para a realização da dramatização.

Esta atividade será realizada em pequeno grupo e tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, dramatização e comunicação. A técnica didática utilizada é o ensaio da dramatização da história, a apresentar numa fase posterior. Ao longo desta atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo ver alcançadas pelos alunos são escutar com atenção as indicações da professora; respeitar os colegas; cooperar no trabalho em grupo; empenhar-se por representar o mais corretamente possível a sua personagem, de acordo com o texto dramático.

Atividade 3 - Apresentação das dramatizações (50 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na apresentação das dramatizações referentes à história “História com Recadinho”, ensaiadas na atividade anterior. Ao longo das apresentações dos dois grupos, será gravado um vídeo de ambas as dramatizações, que consistirá num outro elemento base do Projeto de Investigação da professora.

Esta atividade será executada em pequeno grupo e tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, memorização, comunicação e dramatização. A técnica didática utilizada consiste na dramatização da história “História com Recadinho”. As normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem com esta atividade são respeitar os colegas; cooperar no trabalho em grupo; permanecer em silêncio durante a apresentação dos colegas; empenhar-se por representar corretamente a personagem atribuída, de acordo com o texto dramático.

2.1. Inicialmente, a professora irá explicar aos alunos que irão proceder à preparação da dramatização da história a apresentar aos colegas na atividade seguinte.

2.2. Após a explicação, os alunos deverão juntar-se de acordo com os grupos definidos na atividade posterior.

2.3. Preparação da dramatização a apresentar aos colegas na atividade anterior, nomeadamente, as falas, as expressões, os movimentos de cada personagem, entre outros aspetos.

2.4. No final da preparação da dramatização, serão atribuídos os acessórios a cada uma das personagens do Grupo 1, pois será o primeiro a representar na atividade seguinte.

3.1. De forma a iniciar a atividade, a professora irá explicar que primeiro apresenta o grupo 1 e, de seguida, o grupo 2. A professora informará também que, ao longo das duas dramatizações, tal como já é do conhecimento dos alunos, haverá a gravação de um vídeo, constituindo assim, um elemento base para o Projeto de Investigação da professora.

3.2. Apresentação da dramatização do grupo 1, sendo que os elementos do grupo 2 deverão permanecer em silêncio durante a apresentação dos colegas.

3.3. Após a dramatização feita pelo grupo 1, haverá a troca dos acessórios das personagens, para que o grupo 2 possa apresentar a sua dramatização.

3.4. Apresentação da dramatização do grupo 2. Neste momento, os elementos constituintes do grupo 1 deverão permanecer em silêncio.

3.5. Terminadas as apresentações e a gravação dos vídeos, existirá um momento de diálogo entre a professora e os alunos acerca das dramatizações que foram realizadas.

Atividade 4 – Diálogo e registo acerca das dramatizações (40 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste num diálogo e registo acerca das dramatizações. Desta forma, será estabelecido um diálogo entre a professora e os alunos, de maneira a que eles refiram como se sentiram no papel de uma personagem de uma história; como foi o trabalho com os colegas; o que aconteceu na história; entre outros aspetos. Esta fase será desenvolvida em grande grupo, para que seja possível a recolha da opinião de todos os alunos. De seguida, cada aluno individualmente, deverá registar numa folha os aspetos referidos no diálogo, sempre tendo em conta a sua opinião. Após o registo por parte dos alunos, as folhas serão recolhidas pela professora, para que possam servir de base ao seu Projeto de Investigação.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, sentido crítico, escrita e comunicação. As técnicas didáticas utilizadas consistem num diálogo estabelecido com os alunos acerca das dramatizações e no registo por escrito das opiniões dos alunos. No desenrolar desta atividade, as normas, atitudes e valores que pretendo ver alcançadas pelos alunos são respeitar as opiniões dos colegas; colocar o dedo no ar para intervir; aguardar a sua vez de falar; empenhar-se por escrever cuidadosamente as suas ideias; esforçar-se por fazer uma caligrafia bem legível.

Atividade 5 – Realização de um jogo (80 min.)

Esta atividade é de sistematização em contexto didático e consiste na realização de um jogo da glória referente ao conteúdo matemático dos ângulos, trabalhado no dia anterior. Assim, os alunos poderão rever este conteúdo matemático de uma forma lúdica. Esta atividade será desenvolvida em pequeno grupo, mais especificamente, em pares. Será distribuído um tabuleiro de jogo e um dado a cada par, sendo que as tarefas solicitadas no jogo, deverão ser resolvidas numa folha, que será recolhida pela professora, no final do jogo.

Esta atividade tem como finalidade didática desenvolver as capacidades de atenção, compreensão, memorização e comunicação. A técnica didática utilizada consiste em realizar um jogo que servirá como revisão de um conteúdo matemático abordado anteriormente. As normas, atitudes e valores que pretendo que os alunos alcancem com esta atividade são escutar com atenção as indicações dadas pela professora; respeitar as regras do jogo; cooperar no trabalho em grupo; empenhar-se por responder corretamente às tarefas propostas no jogo.

4.1. De maneira a dar início à atividade, a professora irá explicar o que é pretendido que os alunos façam ao longo da mesma, de forma a perceberem o seu objetivo.

4.2. Diálogo acerca das dramatizações realizadas da parte da manhã. Ao longo do diálogo, será solicitado aos alunos que refiram a forma como se sentiram no papel de uma personagem de uma história; como foi o trabalho com os colegas; o que aconteceu na história que dramatizaram; entre outros aspetos que os alunos queiram referir. Esta etapa será realizada em grande grupo, possibilitando a participação de todos.

4.3. Após o diálogo, cada aluno, de forma individual, deverá proceder ao registo dos aspetos abordados no diálogo, tendo sempre em atenção a sua opinião. Posteriormente, a professora irá recolher os registos dos alunos, ficando assim com mais uma base para o seu Projeto de Investigação.

4.4. No final da atividade, os alunos terão a oportunidade de fazer algum comentário acerca do trabalho que desenvolveram, colocar alguma questão acerca do mesmo, entre outros aspetos.

5.1. Antes de iniciar a atividade, a professora procederá à explicação das regras do jogo, sendo que quem não as cumprir, será desclassificado e não poderá jogar mais.

5.2. Distribuição de um tabuleiro de jogo (Anexo XXXVII) e de um dado, a cada um dos pares.

5.3. Início do jogo, sendo que as tarefas propostas ao longo do mesmo, deverão ser registadas numa folha com a identificação dos elementos que constituem cada um dos pares.

5.4. Recolha da folha com a resolução das tarefas, pela professora, para que possam verificar os resultados obtidos e proceder às correções necessárias.

5.5. No final desta atividade, os alunos deverão colocar as suas dúvidas acerca do conteúdo matemático dos ângulos, para que possam assimilar corretamente os conhecimentos.



2.5. Reflexão geral acerca da Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico

No início da Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico, ao entrar na sala de aula da turma com a qual eu e o meu par pedagógico iríamos estagiar, deparámo-nos com um grupo bastante curioso e aparentemente sossegado. No primeiro contacto com a turma, alguns dos alunos demonstraram bastante curiosidade e colocaram questões um pouco mais pessoais, como por exemplo, a data de aniversário para que pudessem oferecer um presente nesse dia. Neste primeiro momento de contacto com a turma, em conversa com a orientadora cooperante, foi dada a informação da presença de dois alunos com necessidades educativas especiais, tendo um acompanhamento por parte de uma professora do ensino especial. Um dos casos ainda se encontrava em estudo por parte dos médicos, o que não auxiliou na reação relativamente a determinados comportamentos que o aluno em questão demonstrou, pois ainda não se conhecia a melhor forma de controlar e de reagir aos mesmos.

No decorrer das duas semanas de observação, foi possível verificar que alguns dos alunos têm um comportamento que provoca a agitação da restante turma, tendo de estar sentados em lugares um pouco estratégicos, para que as aulas possam decorrer da melhor forma. Outro aspeto importante de referir foi o facto de a orientadora cooperante tomar como ponto de partida para determinados fatores, alguns acontecimentos e situações da vida quotidiana, para que os alunos pudessem compreender mais facilmente o que está a ser dito relativamente a um determinado conteúdo das áreas curriculares. Para além de permitir uma melhor compreensão por parte dos alunos, no caso específico desta turma, a utilização de aspetos da vida quotidiana suscita o interesse dos alunos no que está a ser explicado, pois poderá ser um acontecimento ou situação que os alunos já viveram ou poderão vir a vivenciar.

Para além desta relação, eu e o meu par pedagógico também pudemos experienciar a forma como a orientadora cooperante reagia a determinados comportamentos por parte dos alunos, mais especificamente, de um aluno com necessidades educativas especiais. Tais situações permitiram-nos compreender um pouco melhor como reagir a certas situações quando nos encontrássemos a implementar as atividades nas nossas semanas de prática.

No que diz respeito à primeira semana de implementação, esta foi realizada em par pedagógico o que ajudou a não sentir tanto nervosismo, pois encontrávamo-nos as duas a lecionar os conteúdos para a turma. Este aspeto auxiliou bastante no primeiro contacto com os alunos assumindo o papel de professoras, pois ao tomarmos essa responsabilidade temos de ser o mais corretas possível nas nossas explicações, o que implica uma preparação prévia. Desta forma, não nos sentíamos tão nervosas, pois se faltasse algum aspeto importante na explicação dada por um elemento, o outro complementava essa explicação, facilitando essa tarefa.

Relativamente às semanas de implementação individuais, foi possível verificar que houve uma evolução, quer ao nível das planificações quer ao nível da comunicação com os alunos. No que se refere às planificações, tentei sempre completá-las cada vez mais e procurei utilizar uma linguagem cada vez mais formal. Por outro lado, a comunicação com os alunos tornou-se cada vez mais positiva ao longo das semanas, na medida em que, com o passar do tempo, fui compreendendo melhor as características do grupo e as melhores formas de lecionar os conteúdos, sendo que a turma, no geral, era bastante participativa.

Outro aspeto importante de salientar prende-se com o facto de ao longo das semanas de implementação terem sido utilizadas várias estratégias para controlar o grupo de alunos no que se refere ao comportamento. A técnica que eu e o meu par pedagógico utilizámos e que obteve mais resultado foi mantermo-nos em silêncio até que a turma percebesse que só continuaríamos a aula quando todos estivessem em silêncio e com atenção ao que estava a ser explicado. Porém, no decorrer das semanas, foi cada vez mais fácil o controlo do grupo, pois já nos encaravam como sendo professoras e tendo de nos respeitar como tal. É importante referir que no decorrer das semanas de implementação tentei sempre informar-me e estudar os conteúdos a lecionar ao longo da semana, para que me fosse possível responder às dúvidas dos alunos e para que conseguisse ser o mais correta possível nas explicações. Para além desta preparação, resolvi sempre previamente os exercícios que propúnhamos, para que tudo pudesse decorrer da melhor forma e para que não fosse perdido tempo das aulas a resolvê-los. Outro aspeto importante prende-se com o facto de ter procurado sempre circular na sala de aula, evitando algumas faltas de atenção e chamando à atenção de alguns alunos mais distraídos para resolução dos exercícios propostos e para a participação nas atividades.

No que se refere à segunda semana de implementação em par pedagógico, tivemos a oportunidade de participar na festa de Natal da escola e compreender como estes eventos são organizados. Foi uma experiência enriquecedora enquanto futuras profissionais do ensino, pois pudemos preparar uma canção com os alunos, sendo que a apresentaram na festa, com a nossa orientação. Deste modo, tivemos a perceção de como é feita a preparação dos alunos e de como são feitas as atuações dos mesmos numa festa como a de Natal, sendo que neste evento se encontravam presentes os familiares dos alunos. No caso específico do dia de implementação das atividades, este decorreu positivamente e num ambiente um pouco mais descontraído, sendo que existia música ambiente alusiva à época festiva do Natal e os alunos, apesar de mais descontraídos, empenharam-se bastante na realização das tarefas propostas pelo par pedagógico.

No que concerne à implementação do meu Projeto de Investigação, foi possível constatar que os alunos se mostraram bastante entusiasmados com o facto de terem a oportunidade de representarem um texto dramático, bem como a hipótese de trabalharem duas obras literárias, de formas distintas. Relativamente à primeira obra, esta foi trabalhada apenas com a leitura da história, a realização de perguntas de interpretação e alguns diálogos acerca da obra trabalhada. Nesta fase, os alunos mostraram curiosidade nos acontecimentos da narrativa, porém, tiveram dificuldade em

analisar alguns dos aspetos pedidos nas questões de interpretação. Por outro lado, na segunda fase, uma outra obra narrativa foi trabalhada inicialmente, com a leitura do texto e a realização de perguntas de interpretação e alguns diálogos. Numa fase posterior, foi feita a representação da história a partir de uma adaptação do texto original a texto dramático. No momento da caracterização física das personagens atribuídas a cada um dos alunos e na representação destas, foi notória a dinâmica por parte dos alunos, tentando sempre dizer as respetivas falas e utilizando expressões o mais adequadas. Assim, foi-me possível observar que os alunos gostam bastante das atividades relacionadas com a Expressão Dramática, pois podem utilizar a linguagem verbal e não verbal e serem eles próprios a desempenharem os papéis das personagens que fazem parte da narrativa que está a ser trabalhada. E, simultaneamente, verificar uma melhor compreensão dos aspetos interpretativos da narrativa por parte dos alunos.

No que diz respeito à nossa relação enquanto par pedagógico, esta foi bastante positiva, sendo que sempre nos ajudámos mutuamente desde o início da nossa prática supervisionada. Este auxílio revelou-se fundamental no que diz respeito a alguns materiais, bem como na gestão de alguns elementos da turma, nomeadamente, com os alunos com necessidades educativas especiais e com alunos com algumas dificuldades a nível da aprendizagem. Deste modo, no decorrer da semana de implementação de um dos elementos, o outro encontrava-se junto destes alunos, para que os pudesse auxiliar de uma forma mais individualizada. Para além desta ajuda, a nossa relação enquanto par pedagógico conduziu a uma maior confiança no decorrer da lecionação das aulas.

Por fim, a nossa relação com a orientadora cooperante também foi bastante positiva, sendo que sempre mostrou disponibilidade para nos atender e ajudar sempre que necessário. Para além deste aspeto, sempre nos motivou nas nossas atividades, mostrando interesse pela realização de todas e intervindo sempre que considerava necessário devido às características da turma, dado que já possuía um conhecimento muito mais alargado da turma e de cada um em específico.

Em suma, considero que a Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico decorreu de forma positiva, fazendo-me crescer enquanto futura professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico no que diz respeito a determinados aspetos, nomeadamente, ao nível dos diferentes ritmos de aprendizagem; ao comportamento; a determinadas intervenções feitas pelos alunos; à preparação das aulas; entre outros aspetos. Desta forma, com a realização deste estágio, foi possível adquirir uma “bagagem” fundamental para a minha futura vida profissional.

Capítulo III - Enquadramento Teórico

Neste terceiro capítulo apresento um enquadramento teórico acerca de vários temas relacionados com o meu Projeto de Investigação. Os temas abordados ao longo deste capítulo são a leitura e os textos narrativos no 1.º Ciclo do Ensino Básico; o conceito de Expressão Dramática; a criatividade e a imaginação na criança; a relação entre o Drama e a Escrita Infantil; o Texto Dramático e a sua compreensão; a Expressão Dramática na educação; o Jogo e as Expressões Artísticas; a Expressão Dramática e o Jogo Dramático no 1.º Ciclo do Ensino Básico; e, por fim, a diferença entre Teatro e Expressão Dramática.

3.1. A Leitura e os Textos Narrativos no 1.º Ciclo do Ensino Básico

A criança deve ter contacto com os livros e com a leitura desde muito cedo, para que possa adquirir o gosto pela mesma e alcançar competências de literacia. Deste modo, a criança quando se encontra em idade pré-escolar, apesar de não conseguir ler, pode manusear os livros e interpretar as imagens que estão presentes nos mesmos.

Posteriormente, quando entra para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, a criança aprende a ler e a escrever, sendo que a leitura possui um papel determinante, estando estipulada no Programa de Português do Ensino Básico (2009).

A leitura é um aspeto bastante importante e está contemplada nos Programas Curriculares (Marques, 1972). Desta forma, o professor pode fomentar o gosto por este hábito, desenvolvendo várias atividades na escola que envolvam a leitura de textos narrativos para a infância, podendo os alunos dar continuidade a esta prática em casa.

Para facilitar a seleção das obras a trabalhar com os alunos por parte dos professores, o Plano Nacional de Leitura tem disponíveis algumas listas de obras destinadas a cada ano de escolaridade. O Plano Nacional de Leitura visa promover hábitos de leitura nos cidadãos em geral, porém incide mais sobre as crianças e os jovens em idade escolar. De acordo com o que é referido no estudo “Os Estudantes e a Leitura”, *“as competências básicas de leitura, ou se adquirem nos primeiros anos de vida, ou dão lugar a dificuldades que progressivamente se acumulam, se multiplicam e transformam em obstáculos quase intransponíveis”* (Mário F. Lages, 2007, p. 3), é possível constatar a importância que este hábito representa para os alunos, na medida em que se não for trabalhado pode dar origem a problemas que possivelmente não se conseguem resolver.

A realização de uma análise textual é importante, dado que esta conduz a um conhecimento mais profundo do texto e estimula o espírito crítico, de forma a desenvolver as possibilidades de sentir e de interpretar várias emoções e pensamentos. (Marques, 1972).

A prática da leitura pode ser considerada como um instrumento de educação intelectual e moral, tal como é afirmado nas Instructions ministérielles sur l'enseignement du français, referenciadas por Maurice Roustan, citado em Marques (1972, p. 23): *“Bem praticada, ela é ao mesmo tempo um exercício de lógica e de composição, pois que mostra e faz encontrar aos alunos a ordem das ideias e as ligações que as unem...”*. O facto de ser feita uma análise dos textos, esta conduz a um desenvolvimento da educação da sensibilidade intelectual e estética.

O conto é um dos géneros mais frequentes no que diz respeito à literatura para crianças, englobando uma variedade de temas e uma reflexão acerca de determinados problemas que se colocam ao ser humano. Desta forma, é criada a possibilidade de as crianças estabelecerem um contacto com vários problemas que podem surgir na realidade, constatando que existem diversos pontos de vista e opiniões, bem como diferentes formas de solucionar os problemas que se poderão colocar no futuro. Assim, através dos contos, é possível que aprendam a procurar a solução para resolver um determinado problema, se este lhes surgir na vida real, estando melhor preparadas para o enfrentar (Sousa, 2008). Outros aspetos relevantes que estão presentes nos contos infantis são o facto de estes retratarem uma situação do quotidiano, assim como a personagem principal ser frequentemente uma criança, o que possibilita uma identificação com a mesma e uma maior motivação para ouvir, ler e trabalhar o conto.

Para além dos contos, ao longo de todo o 1.º Ciclo do Ensino Básico podem ser trabalhados outros textos narrativos destinados a esta faixa etária. Assim, torna-se fundamental que os alunos os compreendam, entendendo os aspetos essenciais dos mesmos.

Philip Taylor (2000), salienta que o Drama auxilia as crianças a construírem os símbolos, imagens, a sequência narrativa, a fazerem uma análise das ideias transmitidas pela história e ainda, aprenderem a brincar com a narrativa. Desta forma, a dramatização de uma certa história requer mais improvisação nos temas mais importantes e permite uma melhor compreensão da mesma, sendo também uma motivação para as crianças, dado que vão estar em ação. Para esta improvisação ser possível, é necessário que exista uma construção dos vários atos fictícios, ou seja, a junção de várias ideias que os membros do grupo possuem.

O'Neill, citado na obra anteriormente referida, defende e promove *“o professor como um cúmplice ativo no jogo da criança.”* (Taylor, 2000) Deste modo, o professor é um forte investimento nos momentos abertos em que a criança está a jogar e pode interagir com os seus alunos, ao mesmo tempo que controla a qualidade da experiência que está a ser proporcionada aos alunos. Isto permite também que os alunos, ao realizarem uma reflexão acerca das ações que efetuaram, compreendam melhor o mundo que os rodeia.

Os artistas como Maxine Greene, tal como mencionado na obra de Taylor, relembram que devemos partir do ordinário para o extraordinário, para que os alunos consigam encontrar uma forma de criarem para verem, ouvirem e para sentirem mais a

experiência que estão a vivenciar. Desta forma, através do Drama, os alunos conseguem realizar aprendizagens significativas para a sua vida.

3.2. O conceito de Expressão Dramática

Expressão Dramática é a designação utilizada nos atuais programas e orientações do Pré-Escolar e do 1º ciclo do Ensino Básico, bem como tem sido a designação adotada pela quase totalidade dos cursos de formação de Educadores e de Professores do 1º ciclo do Ensino Básico, em Portugal. Esta área, no entanto, surge com designações diferenciadas consoante os países, os contextos e as correntes metodológicas que lhe servem de suporte. Se todos concordam que esta disciplina é importante nos currículos escolares, nem todos, todavia, aceitam a mesma acentuação e denominação. Se para uns a componente da teatralização é um fator determinante da sua especificidade, para outros a acentuação recai sobre a elaboração dramática, enquanto para outros, ainda, o mais importante é a ação que se estabelece entre um sujeito e os outros sujeitos/grupo. Deste modo, podemos constatar que em termos terminológicos, para além de Expressão Dramática encontramos outras denominações, designadamente: Arte Dramática, Teatro, Jogo Dramático, Linguagem Dramática, Expressão Corporal, Drama Educativo, Dramática Criativa, entre outras. Como refere Gisèle Barret (1989), a maioria das designações partem do substantivo, ou adjetivo Drama ou Dramático, acrescentando-lhe um adjetivo, ou substantivo, que marca a sua acentuação.

No ponto de vista de Maria de São Pedro Lopes (2011) os primeiros profissionais nesta área educativa em Portugal, no respeitante aos formadores que mais os influenciaram, dividem-se em dois grupos: os que tiveram uma formação predominante com autores/ formadores anglófonos e os que se formaram com maior incidência em autores/formadores francófonos.

A nível das personalidades mais marcantes em língua Inglesa a autora aponta Gavin Bolton, Peter Slade, Brian Way, Dorothy Heathcote, Cecily O'Neill, Richard Courtney, Jonothan Neelands, Kathleen Gallagher, Philip Taylor, entre outros. Quanto às referências dominantes em língua francesa, a autora assinala Leon Chancerel, Jean-Pierre Ryngaert, Gisèle Barret e Hélène Gauthier.

Quando a autora apresenta Gavin Bolton, refere que o seu estudo sobre a história do Drama educativo demonstrou a forma como os professores de Drama se basearam em experiências realizadas por pioneiros para que pudessem experienciar e refletir acerca das suas próprias práticas, sendo que essas reflexões originaram distintas abordagens metodológicas. Dando o exemplo de Peter Slade, Bolton mostra que aquele incidiu fortemente na introdução da atividade física, sob influência de Laban, sendo considerada como uma forma de as crianças demonstrarem o ponto em que se sentem seguras, para que se consigam expressar livremente. Lopes refere que Peter Slade *“parece ter*

compreendido que para haver criação artística, era necessária eliminar, física e psicologicamente, qualquer ambiente intimidante e bloqueador, que pudesse rodear a criança." (Lopes, 2011, p. 33). Concordo com a conclusão de Slade, na medida em que as crianças têm de se sentir seguras, até para participarem ativamente no decorrer de uma aula dita normal, para darem as suas opiniões, as suas respostas num determinado exercício, por exemplo. No caso de não se sentirem seguras, evitam a sua participação e ficam constrangidas quando os professores as convidam a participar.

Por outro lado, segundo a mesma autora, Bolton assinala que o trabalho de Brian Way teve um maior foco no desenvolvimento da pessoa e das suas capacidades. Este fator conduziu a uma metodologia com exercícios adequados às diversas capacidades do indivíduo. Também o trabalho de Heathcote é referido na obra anteriormente mencionada, na medida em que para Heathcote, o conceito de acting/representação teve origem em Vygotsky, acerca do brincar ao faz-de-conta, pois está vinculado ao significado. Ou seja, enquanto brinca, a criança vê as coisas como tendo um significado próprio, sendo que para esta autora, a natureza da ação dramática está relacionada com o significado e cabe ao professor fazer com que as experiências sejam as mais significativas para as crianças. Desta forma, o professor desempenha diversos papéis e participa nas experiências dramáticas. Isto permite ao professor controlar as situações, levando as crianças a refletir acerca das representações das suas personagens, para tornar significativa a experiência humana. Assim, este controlo permite saber em que ponto do drama e das suas vidas pessoais se encontram as crianças, para que surjam contextos em que os sentimentos tenham origem nos conhecimentos que já possuem e possam ajudar na resolução de problemas.

Citando Jonothan Neelands, Lopes refere que para este autor o teatro não é apenas uma atividade para públicos, o teatro é *"um processo de interpretação do comportamento humano que vai para além dos textos dramáticos e das capacidades associadas com a representação; é uma prerrogativa de todas as pessoas, e não apenas de algumas; e que compreender o teatro é um processo activo e formador de juízos críticos."* (Lopes, 2011, p. 42). Desta forma, Jonothan Neelands defende um teatro que se faça e não apenas um teatro que se veja. Assim, ainda de acordo com o mesmo autor, as experiências dramáticas fomentam o aparecimento de contextos de aprendizagem integrada, na medida em que são contextos feitos pelos alunos e de acordo com os seus interesses, levando a que a aprendizagem dos alunos seja uma autêntica descoberta. Tal como é referido na obra anteriormente mencionada, *"Os alunos, ao colocarem-se em personagem, numa determinada situação, podem percorrer com ela várias áreas de conhecimento até solucionarem o problema ou problemas dessa mesma personagem, sempre numa moldura interactiva com outras personagens."* (Lopes, 2011, p. 44).

Para Richard Courtney (2003), a força e a motivação que está presente na experiência dramática é um princípio essencial para que a experiência dramática possa ter implicações no currículo. Para além desta característica, para este autor, o Drama também possui valores que lhe são exteriores, na medida em que pode existir uma passagem de conhecimentos para todas as áreas curriculares, sendo esta passagem feita

de duas formas distintas, ou seja, através de um saber existencial generalizado ou através de um saber de temas específicos. No primeiro caso, ocorre uma simulação de acontecimentos que podem vir a acontecer no futuro, sendo que se uma pessoa simular a ação de uma entrevista de emprego, por exemplo, quando ocorrer essa mesma entrevista no futuro, essa pessoa já está preparada e a experiência ficcionada vai auxiliá-la na situação real da entrevista. No segundo caso, é quando se recorre ao Drama como complemento das outras disciplinas. Assim, de acordo com Richard Courtney, *“o Drama deveria ser visto como parte integrante do currículo e não como «apêndice de luxo» do horário, a ter lugar depois de as necessidades das outras áreas do currículo terem sido satisfeitas.”* (Lopes, 2011, p. 52)

O Drama pode, pois, ser utilizado como um reforço das outras áreas curriculares, para que os alunos consigam compreender melhor determinados aspetos, na medida em que estão a vivenciar uma certa situação e esta pode acontecer no futuro, tendo assim, a base para saberem resolver a situação da melhor forma.

Continuando na visão de Lopes (2011), a metodologia de Kathleen Gallagher tem como base a cultura dos alunos. Desta forma, a autora considera a vivência e a criação de histórias a partir da literatura existente, ou seja, a partir de livros de fotografias, histórias tradicionais ou artigos de revistas, como razões para conduzir a experiência para uma reflexão e um estudo da cultura dos alunos. Assim, são estabelecidos quatro campos de aprendizagem através do Drama, sendo eles Drama e aprendizagem expressiva, Drama e inteligência, Drama como um processo coletivo e ainda, Drama como desenvolvimento pessoal. No primeiro campo é salientada a expressão artística como significativa e constante, nomeadamente, quando os alunos participam na escolha de formatos estéticos para as suas representações dramáticas. No segundo, é referida a cognição, sendo que tem sido utilizada maioritariamente para fazer a descrição das atividades mentais que processam a informação. No terceiro, é afirmado que são estabelecidas relações, através da vivência coletiva que engloba o processo de criação de personagens e contextos. Existem alunos em que a sua participação não é tão ativa como a dos restantes, no entanto, ao participarem nestas experiências, continuam a tentar compreender e a interpretar as mesmas. Por último, no quarto campo, emerge a importância no impacto que o Drama pode ter no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, conduzindo-os a elevar a sua consciencialização no que diz respeito aos assuntos de cariz social.

Para Taylor (2000), o Drama assume um carácter transformador, na medida em que é a manipulação da linguagem teatral realizada pelos profissionais de educação que vai auxiliar os alunos a agir, a refletir e a transformar. Assim, os professores e os alunos tentam alcançar uma compreensão estética tendo em conta três fatores, sendo eles as pessoas, a paixão e a plataforma. O primeiro fator é respeitado, na medida em que o Drama é uma arte em que os elementos que constituem o grupo colaboram entre si; o segundo, porque existem fortes respostas emocionais; e o terceiro, porque é um espaço onde as pessoas criam as suas paixões. Deste modo, o autor afirma que *“os professores*

têm de ser pessoas capazes de fazer leituras do material humano que têm na sala de aula e adaptar as suas propostas em função das respostas dos alunos.” (Lopes, 2011, p. 67)

Na minha opinião, a metodologia dos autores anteriormente referidos, é bastante importante, na medida em que os alunos necessitam de estar preparados para enfrentar algumas situações que lhes vão surgir no futuro e, na sala de aula, ao criar determinadas situações ficcionadas, estamos a auxiliá-los a que resolvam as situações da melhor forma na vida real. Considero também bastante importante a quebra de barreiras existentes entre as Expressões e as outras unidades curriculares, na medida em que todas elas fazem parte do currículo de igual forma e podem ser utilizadas como ferramentas auxiliaadoras de área para área.

No respeitante aos autores de língua francesa, destaca-se Léon Chancerel (1936) que logo na introdução da sua obra “Jeux Dramatiques dans L’Éducation” define os Jogos Dramáticos da seguinte forma: *“Les Jeux Dramatiques seront donc des jeux donnant aux enfants le moyen d’extérioriser, par le mouvement et la voix, leurs sentiments profonds et leurs observations personnelles. Ils auront pour objet d’augmenter et de guider leurs désirs et leurs possibilités d’expression.”* (p.5). E mais adiante: *“On a mis bien longtemps en France à comprendre que l’expression dramatique spontanée, gratuite, fonctionnelle, le jeu dramatique était d’une part, l’un des meilleurs instruments de formation et d’éducation de l’enfance, et, d’autre part, le seul chemin de rénovation profonde de l’art du théâtre”* (p.10). Desta forma, os jogos dramáticos que são realizados durante a infância são considerados como sendo o caminho para a iniciação da arte dramática, na perspetiva da formação do espetador e até mesmo na formação dos profissionais do Teatro. O jogo dramático é então considerado como uma metodologia de intervenção educacional, tendo como base o jogo de faz-de-conta.

No meu ponto de vista, os educadores e os professores devem procurar sempre responder às necessidades e às características que os seus alunos possuem. Só assim, é possível que os alunos correspondam ao que lhes é solicitado, mesmo no âmbito da representação, de modo a que todas as experiências, incluindo as dramáticas, sejam significativas e contribuam para o seu processo de aprendizagem. No caso das experiências dramáticas, podem revelar-se bastante vantajosas, levando a que os alunos consigam compreender e dominar determinados assuntos que são próprios de outras áreas do currículo, enriquecendo assim o seu processo ao longo da sua aprendizagem.

Jean-Pierre Ryngaert (1981), na esteira de Léon Chancerel, engloba as atividades dramáticas sobre a designação de Jogo Dramático, definindo as suas características principais na sua relação com o Teatro, com o Jogo e com a Aprendizagem. Afirmando que o jogo dramático oferece ao aluno a vantagem de poder repetir, de passar à frente, de dominar o tempo, parar e prosseguir, voltar atrás, na medida em que a situação é ficcionada. Defende também que o jogo dramático possibilita o auxílio no controlo das emoções, pois o facto de brincar com medos que são imaginários é considerado um método natural da criança enfrentá-los na vida real, tornando-a mais forte e ajudando-a ao seu crescimento.

Gisèle Barret (1992) optando pela designação de Expressão Dramática, detém um relevante papel nos estudos sobre a prática da Expressão Dramática e a sua organização metodológica, propondo uma estrutura com dupla entrada (estrutura de atelier e estrutura de conteúdo), um Quadro didático que estrutura as várias componentes pedagógicas, bem como cria e defende uma Pedagogia da Situação. Na sua metodologia, afirma que a flexibilidade deverá ser imperativa, para que seja possível respeitar tempos de arranque, de instruções e de retroação.

Por outro lado, Hélène Gauthier afirma que a sua metodologia se baseia nas histórias pessoais e de grupo que os alunos inventam, muito na linha defendida por Freinet. Deste modo, estabelece os princípios que norteiam a sua metodologia: *“o ensaio experimental, o trabalho livre e o suporte do meio. [...] se a criança tiver a possibilidade de experimentar diferentes elementos do teatro, se dispuser do material, dos instrumentos e das técnicas de trabalho necessárias, poderá, por si própria, fazer a aprendizagem do teatro.”* (Lopes, 2011, p. 74). Um outro aspeto referido pela autora é o facto de as salas de aula se organizarem em oficinas, sendo esta estratégia considerada como uma motivação para as experiências teatrais.

Considero que esta pluralidade de perspetivas, longe de ser motivo de confusão conceptual, acaba por enriquecer e valorizar, quer a nível de conceitos, quer a nível metodológico, esta área, que surgindo no âmbito escolar somente no início do século XX, demonstra uma grande vitalidade pela sua inserção nos currículos escolares, desde os primeiros anos da educação/ensino formal, em vários países.

3.3. A criatividade e a imaginação na criança

Como é referido na obra de Vigotski (2009), designa-se por atividade criadora toda a realização humana de criação de algo novo. Desta forma, o ser humano necessita da sua experiência anterior, pois ajuda-o a conhecer o mundo que o rodeia e a criar hábitos que pode utilizar numa situação idêntica que ocorra numa fase posterior da sua vida.

No caso da psicologia, à atividade criadora do indivíduo, que o faz ser um ser que cria e que modifica o seu presente, chama imaginação ou fantasia, pois a atividade criadora é baseada na combinação.

Também a imaginação tem um papel importante no processo de criação, na medida em que permite a criação nas várias áreas, nomeadamente, no campo artístico, científico e técnico. Assim, ao longo da nossa vida, surgem situações que nos fogem da rotina, nas quais temos de criar, por exemplo, para conseguirmos uma solução para uma determinada situação. No caso específico das crianças, estas revelam a sua capacidade criadora, fundamentalmente, quando jogam. Por exemplo, quando imaginam que estão a cavalgar e fazem os movimentos e gestos como se estivessem realmente a cavalgar. É

importante referir que em cada estágio do seu desenvolvimento, a criança tem uma forma de expressão e uma capacidade de criar distintas.

Na obra acima referida, são estabelecidas quatro formas que relacionam a atividade de criar com a realidade, sendo elas as seguintes: todo o trabalho intelectual se baseia em elementos adquiridos da realidade e das experiências anteriores; a relação entre produtos da fantasia e determinados produtos complexos da realidade; a ligação emocional que se pode manifestar de duas formas, ou seja, todo o sentimento e toda a emoção tem tendência a manifestar-se em determinadas imagens relacionadas com esta, ou é a imaginação a influenciar os sentimentos; e por último, o que foi construído pela fantasia pode representar algo completamente novo, que não existe na experiência do indivíduo nem semelhante a nenhum objeto real.

No caso particular dos contos infantis, estes auxiliam a criança, pois permitem a explicação de relações práticas complexas, as suas imagens iluminam o problema e têm uma linguagem figurada e emocional.

Vigotski (2009), assinala que o mais próximo da criação literária infantil é a criação teatral das crianças, no drama, sendo que, juntamente com a expressão verbal, é o aspeto mais frequente da criação artística na criança. Deste modo, o drama é baseado na ação, sendo que com ele, a criança sente-se realizada. Um outro fator da importância do drama para a criança é o facto de este estar vinculado com os jogos, ou seja, a base de toda a criação infantil.

No caso do teatro infantil, são as próprias crianças que compõem, improvisam, elaboram e ensaiam a obra e os respetivos papéis a serem representados. Todos estes aspetos motivam as crianças e exercitam a sua imaginação e criação técnica.

Um aspeto que é referido pelo mesmo autor é que *“a lei básica da arte criadora infantil consiste em que o seu valor não reside no resultado, no produto da obra, mas sim no processo.”* (Vigotski, 2009, p. 88). Eu partilho da opinião de Vigotski, na medida em que considero que se as crianças estiverem preocupadas apenas com o resultado final, não tiram proveito do processo de elaboração e preparação da obra, nem conseguem adquirir conhecimentos, pois estão focadas apenas no resultado final. Enquanto que, se as incentivarmos a estarem concentradas no processo de elaboração e a tirarem prazer e conhecimentos desse processo, conseguem adquirir aprendizagens significativas e o resultado acaba por ser bom.

Também na síntese crítica da Conferência Rare earth, rich explorations, realizada em 2005 e apresentada por Nevitt (Nevitt, 2006), é referido que os denominados atores-professores conduzem os alunos a pensarem nos problemas e, conseqüentemente, a articular as suas respostas em palavras e ações, levando também a que desenvolvam a sua criatividade na resolução de problemas e de algumas situações. Naomi Doyle citada neste contexto, defende que é necessária uma apaixonada crença do professor no auxílio às crianças, nomeadamente na participação destas no teatro, para que possam efetuar aprendizagens significativas para as suas vidas.

3.4. A relação entre o Drama e a Escrita Infantil

Segundo Marie Jeanne McNaughton, autora do estudo “Drama and Children’s Writing: a study of the influence of drama on the imaginative writing of primary school children” (1997), nas escolas primárias é cada vez mais frequente a utilização do drama como uma metodologia que auxilia a aprendizagem das crianças. Desta forma, o drama seria benéfico para o desenvolvimento cognitivo e para as competências da linguagem falada e, também, para o desenvolvimento das competências da escrita.

Wagner é mencionado no artigo acima referido, na medida em que nos seus estudos relativamente à influência do drama na escrita persuasiva, descobriu que as crianças que vivenciam a representação de papéis antes da escrita, conseguiram redigir muito melhor do que as restantes crianças que não tiveram essa experiência. Por outro lado, a autora explica que Pellegrini concluiu que o jogo dramático estaria fortemente relacionado com a escrita de palavras, de forma fluente. Porém, as crianças escreviam palavras soltas que eram ditadas oralmente, não escrevendo um texto propriamente dito.

Ao longo dos seus estudos, Craig e Edward, também mencionados no artigo em questão, tiveram em conta alguns aspetos relativos à aprendizagem do drama. Deste modo, estes dois autores concluíram que as crianças deveriam ter algum tema sobre o qual vão falar ou escrever, dado que se iriam envolver num trabalho de linguagem significativa. Também Evans, ao longo dos seus estudos, concluiu que o drama se pode revelar bastante positivo para a expressão dos sentimentos e também para auxiliar na revelação de partes do carácter que, de outro modo, podem continuar escondidas.

Na minha opinião, é bastante importante que as crianças tenham contacto com o drama, na medida em que vivenciam uma determinada experiência que lhes é proposta. Desta forma, conseguem reagir a essa mesma situação, aplicando os seus conhecimentos e, também, os seus sentimentos e emoções. Ao ser uma experiência espontânea, os professores, conseguem identificar determinados comportamentos que as crianças demonstram, sendo que estes podem não ser identificados numa outra atividade que não seja de carácter espontâneo. A vivência de uma determinada experiência por parte das crianças, auxilia a escrita acerca dessa mesma experiência, por exemplo, dado que a criança vivenciou a situação e consegue transpor os acontecimentos e as situações que vivenciou recorrendo à escrita.

Com a análise do estudo anteriormente referido, foi possível verificar que McNaughton, estipulou algumas questões, de modo a comparar a escrita criativa das crianças que experienciaram o drama com a das que integravam o grupo de discussão. As questões definidas pela autora foram:

“1. Existe alguma diferença?”

2. *Será que a escrita das crianças que passaram pela experiência do drama demonstram uma maior competência no uso de escolhas linguísticas apropriadas em áreas do léxico [...], de estrutura e voz com o objectivo de transmitir o seu significado?*

3. *Será o drama capaz de ajudar as crianças a expressar conceitos, ideias ou emoções mais integralmente ou explicitamente?*

4. *Será bom, animado, igualmente bom, ou melhor, promover discussões em redor das crianças para as ajudar a expressar as suas ideias na escola?" (McNaughton, 1997)*

No que diz respeito ao procedimento de investigação para este estudo, foram divididas as crianças em dois grupos: um dos grupos tinha aulas de drama e outro apenas tinha aulas de discussão, sendo que posteriormente, eram juntas e era-lhes solicitado que redigissem um texto. Isto permitiu que a escrita das crianças que vivenciaram o drama fosse comparada com a das que participaram apenas na discussão, sendo que foram notórias algumas diferenças: em 17 das 20 propostas de escrita, o grupo de drama conseguiu um melhor desempenho na tarefa de escrita do que o grupo de discussão; o grupo de drama escreveu, em média, 24,5% a mais do que o grupo de discussão, sendo que para estas duas diferenças contribuíram alguns fatores relacionados com o drama, como por exemplo, o envolvimento diário, o papel desempenhado pelo professor e, também, a reflexão depois de efetuar um papel.

Relativamente à metodologia de pesquisa do estudo em questão, foi utilizado pela autora o esquema quasi-experimental de Borg. Este esquema foi segmentado em cinco fases distintas, sendo elas o procedimento de seleção; as experiências semelhantes; as aulas; a ocupação com a escrita; e ainda, a análise dos dados.

No que diz respeito à primeira fase, foram feitos dois grupos de cinco crianças de turmas diferentes. Porém, a distribuição ao acaso destes grupos, iria acarretar algumas variáveis externas, como habilidades variáveis, abstrações e problemas comportamentais. Segundo a autora, foi necessária a ajuda dos professores da turma, de modo a serem constituídos dois grupos semelhantes, no que diz respeito à habilidade de escrita, sexo, assiduidade, comportamento e meio social.

Na segunda fase, o Grupo A e o Grupo B usufruíram de experiências semelhantes, com a exceção do drama e das discussões. A autora do estudo refere que Campbell e Stanly definem algumas ameaças para a validade interna, sendo que a autora estabeleceu algumas medidas para que estas ameaças fossem contornadas. Essas medidas eram assemelhar os grupos; ser ela própria a lecionar cada uma das aulas; garantir que existia um entusiasmo semelhante dado nas aulas de drama e nas de discussão, no que se refere ao conteúdo, tempo e envolvimento das crianças; possibilitar o menor contacto possível entre os grupos antes das aulas de escrita; juntar ambos os grupos para ser lecionada a aula de escrita e apresentar a tarefa de escrita; e ainda, garantir que nenhum dos grupos tinha auxílio extra da professora da turma.

Relativamente à terceira fase, nesta a autora do estudo procurou promover um ambiente de trabalho que fosse bom e positivo, para que as crianças compreendessem

que teriam de fazer um esforço árduo e participativo e, também, para que soubessem que se podiam sentir seguras e que as suas opiniões e sentimentos seriam respeitados. Nas aulas de drama foi utilizada a técnica de improvisação com todos os grupos. A autora fundamenta-se em Neelands, na medida em que este afirmava que o drama seria um método através do qual a criança tem uma aprendizagem ativa e tem a oportunidade de descobrir novos significados. Neelands estipulou algumas técnicas de suporte do processo dramático, sendo elas a improvisação, a mímica, quadros, entrevistas, encontros, simulações e, ainda, ouvir o pensamento das personagens.

Por outro lado, socorrendo-se do ponto de vista de Heathcote, que defendia a realização de questões em todas as fases do drama, a autora do estudo realizou as questões de forma a definir o contexto, para que os alunos participassem na situação diária, para que conseguissem aprofundar e definir os seus pensamentos, construir as suas crenças, testar as suas obrigações e desafiar os seus objetivos. As questões utilizadas no fim das aulas tinham como objetivo que os alunos pudessem refletir e avaliar os seus trabalhos.

Nas aulas de discussão, a autora procurou sempre colocar muitas questões aos alunos para que estes pudessem falar, levando-os a utilizar a imaginação, a especulação e a reflexão, tal como acontecia com o grupo de drama.

No que se refere à quarta fase, foi estimulada a escrita criativa em todas as atividades de escrita, na medida em que os professores auxiliaram os alunos, fornecendo-lhes contextos estimulantes e dados suficientes. Tal como a autora refere no seu estudo, Stabler e Wardlow defendem que os professores deveriam estimular os alunos a participarem numa discussão pré-escrita, para que consigam explicar verbalmente como é que pessoas imaginárias poderão ser. Para que ao longo do estudo as atividades de escrita decorressem da melhor forma, a autora utilizou algumas estratégias como *“dar uma clara e inequívoca indicação da tarefa; assegurar que as crianças estavam bem motivadas para escrever e que viam um propósito para a escrita; assegurar que elas eram competentes nos pré-requisitos de competências linguísticas, [...] introduzir outros exemplos desse género de escrita apropriadamente; assegurar que as crianças estavam conscientes do público alvo do seu trabalho.”* (McNaughton, 1997)

Por fim, na última fase, a autora teve em conta o processo de Hopkins, com as seguintes etapas: *“imersão nos dados e a produção inicial de categorias; validação de categorias; organização e interpretação de categorias; e apresentação de teoria ou conclusões.”* (McNaughton, 1997)

No estudo acima mencionado, foi possível concluir que o grupo de crianças que participou no drama conseguiu desempenhar melhor a tarefa de escrita criativa comparativamente com o grupo de discussão, conseguindo até, escrever mais do que este último grupo referido. Desta forma, é possível verificar que o drama auxilia na escrita criativa das crianças, dado que neste estudo o grupo que desenvolveu a atividade de drama conseguiu atribuir mais características às personagens, assim como revelar

maior diversidade no vocabulário utilizado do que o grupo que participou apenas na discussão, entre outros aspetos diferenciadores.

Considero que é bastante importante a forma como os alunos são abordados pelo professor para desempenharem uma determinada tarefa na sala de aula. Se os alunos não estiverem suficientemente motivados para uma determinada atividade, perdem o interesse e não aplicam as suas capacidades nessa mesma atividade. No caso específico do meu Projeto de Investigação, segundo o que experienciei, os alunos demonstraram estar mais motivados no momento em que tinham de desempenhar o papel de personagens do texto narrativo que estávamos a analisar do que apenas na leitura. Outro aspeto, que foi possível verificar através da representação dramática da obra narrativa, foi o facto de os alunos conseguirem identificar aspetos mais específicos da narrativa com maior facilidade, como as personagens principais, secundárias, entre outros, do que apenas com a leitura e diálogo acerca do texto narrativo. Assim, considero bastante importante a utilização do drama como um complemento para a compreensão de aspetos fundamentais da narrativa.

3.5. O Texto Dramático e a sua compreensão

De acordo com Sim-Sim (2008), o facto de as crianças realizarem a leitura de textos de teatro e de representarem essa mesma leitura, ajuda-as no seu desenvolvimento sociocognitivo. Deste modo, o ensaio de um texto, com o intuito de ser representado para uma audiência, possibilita uma compreensão mais profunda do mesmo e uma expressividade da leitura oralizada. Para além destes aspetos, o facto de as crianças lerem em voz alta durante os ensaios, estimula a rapidez de processamento e auxilia o treino de aspetos referentes à boa pronúncia das palavras.

Ainda de acordo com a mesma obra, *“A leitura oralizada é mais atractiva quando acompanhada de gestos e movimentos, os quais contribuem para uma maior facilidade na memorização dos textos.”* (Sim-Sim, 2008, p. 49)

Na minha opinião, tal como é referido na obra (Sim-Sim, 2008), para as crianças é mais fácil compreenderem um texto quando passam à ação, ou seja, quando o ensaiam para o representar, desenvolvendo outros aspetos, como uma leitura correta e entoada. No que diz respeito à utilização de gestos e movimentos durante a leitura, considero que estes aspetos enriquecem o texto que está a ser lido.

Deste modo, na obra (Sim-Sim, 2008) é salientada a importância da compreensão do texto, a explicação do significado de palavras desconhecidas para as crianças, a leitura oralizada do texto, a repetição da leitura do texto e, ainda, a memorização de passagens do texto.

Assim, são estipuladas algumas estratégias de ensino da leitura de um texto de teatro, ou seja, um texto dramático, sendo elas a *“exploração da compreensão do texto e da prática cénica, a leitura oralizada pela turma, a recitação e a leitura em coro.”* (Sim-Sim, 2008, p. 50)

3.6. A Expressão Dramática na educação

De acordo com Richard Courtney (2003), o teatro começou a ter um papel importante na educação, sendo que este facto se deveu às teorias evolucionistas que mostraram que cada estágio de desenvolvimento deveria ficar completo, para que a criança pudesse passar para o estágio seguinte.

No que diz respeito à educação, o grande avanço do teatro ocorreu no século XX.

Ainda no âmbito da educação, Courtney refere John Adams como o autor do termo educação pedocêntrica ou, também chamada educação a partir da criança.

Segundo John Dewey, (cit. Courtney, 2003), *“a fonte primária de toda atividade educativa está nas atitudes e atividades instintivas e impulsivas da criança, e não na apresentação e aplicação de material externo, seja através de ideias de outros ou através dos sentidos e, conseqüentemente, inúmeras atividades espontâneas das crianças, jogos, brincadeiras, mímicas [...] são as pedras fundamentais dos métodos educacionais.”* (p. 42)

Desta forma, variadas escolas começaram a colocar estes métodos em prática. Caldwell Cook foi, segundo Courtney, o principal responsável pela ideia de a atividade dramática ser um método bastante efetivo na aprendizagem das crianças. Também John Merrill (Courtney, 2003) aplicava métodos semelhantes, fomentando exercícios orais e improvisações simples, sendo encarados como métodos para o ensino de línguas e literatura. Por outro lado, William Wirt (Courtney, 2003) salientava a utilização de uma escola-auditório para o desenvolvimento do método de educação trabalho-estudo-jogo.

Na segunda metade do século XX foi posto em prática o jogo natural, dado que era considerado importante do ponto de vista educacional. Desta forma, Robert Newton, segundo Courtney, fez algumas experiências significativas, nomeadamente, com pessoas desempregadas. Após várias experiências e investigações, as artes criativas foram encaradas como sendo uma parte fundamental na educação. Assim, o professor teria o papel de orientar as crianças para uma disciplina interna e permitia a continuação dos benefícios do exercício da espontaneidade.

Segundo Percy Nunn, citado na obra anteriormente referida, *“A imitação é o primeiro estágio na criação da individualidade, e quanto mais rico for o campo de ação para a imitação mais rica será a individualidade desenvolvida.”* (Courtney, 2003, p. 43)

Deste modo, em relação ao jogo dramático ser visto como uma qualidade humana, conduziu a que dois professores estudassem e investigassem alguns conceitos que alterariam a atividade dramática nas escolas. Por um lado, Peter Slade defendia que o *“jogo dramático infantil era uma forma de arte com direito próprio, tendo o seu próprio lugar como disciplina na escola.”* (Courtney, 2003, p. 44) Por outro lado, Burton (ibidem) afirmava que a atividade dramática era uma forma para o ser humano assimilar a experiência, sendo fundamental para toda a educação. Assim, nas escolas britânicas, as crianças entre os cinco e os onze anos de idade, desde há várias décadas, têm tempo destinado ao jogo dramático. Em Portugal, a partir de 1979 foi a área de Educação e Expressão Dramática no programa da então denominada Escola Primária, atualmente 1.º Ciclo do Ensino Básico, assim como nas orientações para o Jardim de Infância, atualmente Pré-Escolar.

No caso das escolas portuguesas, deveria haver sempre um tempo destinado ao jogo dramático, dando a possibilidade às crianças de interiorizarem algumas experiências. No caso da articulação do jogo dramático com uma matéria abordada numa outra unidade curricular, oferece uma melhor interiorização do conteúdo por parte da criança, por exemplo.

Courtney advoga que o método dramático foi desenvolvido, primeiramente, por Caldwell Cook, o qual defendia que a atuação era uma forma segura de aprender. Por exemplo, ao abordar os conteúdos da História, com este método, o manual é utilizado como um estímulo, em que as crianças representavam os conteúdos nele abordados. Desta forma, a representação possibilita a compreensão e a aprendizagem dos acontecimentos históricos. Na minha opinião, este método pode ser utilizado, também, em outras áreas curriculares, permitindo assim uma aprendizagem, assimilação e interiorização dos conteúdos trabalhados.

O método de Cook, segundo Courtney (2003) baseava-se em três princípios fundamentais, sendo eles o facto de o aprendizado não estar assente na leitura ou na escuta, mas sim na ação, no fazer e na experiência; o bom trabalho é, frequentemente, resultado do esforço espontâneo e livre interesse; e ainda, para as pessoas jovens, o meio natural do estudo é o jogo.

Através deste método, as crianças escreviam as suas próprias peças e, tendo isto como ponto de partida, eram levadas a pintar, a modelar, a desenhar, sendo também desenvolvido o ensino da língua e leituras. Desta forma, o professor assumia a função de líder, assistindo ao desenvolvimento das habilidades expressivas e da autodisciplina dos seus alunos.

Por outro lado, Peter Slade fundamentou-se no trabalho experimental e defendia que o jogo dramático infantil era uma forma de arte que poderia ser encarada como uma unidade curricular, tal como a música e a literatura, tendo também um espaço dedicado no horário escolar.

No seu método, Slade, de acordo com Courtney (2003), faz a distinção entre duas formas de jogo, sendo elas o jogo pessoal e o jogo projetado. É importante referir que

ambas as formas de jogo são dramáticas. No caso do jogo pessoal, a criança é integrada no movimento e na caracterização, existindo ruído e esforço físico, conduzindo a uma atuação no sentido real. Por outro lado, no jogo projetado, há uma maior utilização da mente do que do corpo e, neste caso, a criança projeta uma situação dramática imaginária, sendo esta exterior aos objetos e exige uma grande concentração. Deste modo, o jogo dramático infantil utiliza um discurso espontâneo, sendo estimulado pela improvisação e enriquecido pela interpretação.

Para Courtney, Stanley Evernden foi um dos primeiros no que diz respeito à formação de professores para o jogo dramático infantil. Desta forma, estipula alguns objetivos, tais como mover-se e falar de forma confiante e adequada em variadas situações; explorar situações, caráter e disposição de humor; terminar com as noções imaturas e distorcidas, para que sejam interiorizadas noções mais maduras; desenvolver a autodisciplina e a cooperação com os outros, tendo em conta a liberdade; desenvolver o comportamento social; estar disposto a novas aprendizagens; e por fim, na atuação, ter em conta um ser e um fazer sinceros, em vez de técnicas para aparência e exibição.

Também Rudolf Laban, na perspetiva de Courtney, teve um papel bastante importante nesta área, na medida em que baseou o seu trabalho na dança moderna educacional, tentando aplicar uma maneira de expressão de movimento que tivesse em conta *“a riqueza das formas livres de movimento, gestualidade e passos, assim como o uso dos movimentos que o homem contemporâneo utiliza em sua vida cotidiana.”* (Courtney, 2003, p. 49) No seu método, faz referência a oito esforços fundamentais, sendo eles torcer, pressionar, deslizar, flutuar, sacudir, talhar, socar e pontuar, sendo que cada um tem em si três dos seis elementos do movimento, ou seja, forte, leve, contido, rápido, direto e flexível.

Tendo em conta o trabalho desenvolvido por Laban, Alan Garrard (Courtney, 2003) aplicou uma forma de teatro-dança, em que o movimento criativo das crianças evolui de forma espontânea para teatro criativo.

Ultimamente tem existido uma ênfase no que diz respeito à relação entre a imaginação e a escrita criativa, a linguagem e a fala, visto que se trata de uma relação direta entre todos estes aspetos. Cook, Slade e Laban foram alguns autores que utilizaram esta relação. De acordo com o *Handcook for Teachers in Elementary School* *“está claro que o teatro é o mais efetivo método para aperfeiçoar a clareza e fluência da fala das crianças. [...] Na escola, pode ser definido apropriadamente como um treinamento, um estudo, e uma arte. É excelente disciplina para a fala e autoconfiança. Proporciona oportunidades extraordinárias para o estudo literário ativo, e é um modo natural e efetivo de expressão artística para a criança.”* (Courtney, 2003, p. 50)

Na obra anteriormente referenciada, são citados Blackman, James Britton e Burton, que afirmam que *“o perigo de qualquer tipo de classificação está em que, partindo de uma generalização conveniente, acaba por impor-se em lugar de complexidade viva que pretende resumir, e a aplicação prática passa a ser orientada pela generalização ao invés de pelas situações reais existentes.”* (Courtney, 2003, p. 53)

A educação deve estar diretamente relacionada com as atitudes e ideias que a criança possui numa determinada atividade na qual esteja inserida. Desta forma, a criança toma iniciativa em realizar as suas atividades e ter prazer na realização das mesmas. Deste modo, a partir das suas próprias atividades, a criança irá aprender com a sua experiência, como sendo um projeto pessoal, contínuo, cumulativo e multidimensional.

Tal como é referido na obra em questão, o teatro só é válido quando está inserido no próprio processo de vida, pois *“as atividades dramáticas e as formas de aproximação da espécie humana, incluindo as das crianças, podem ser avaliadas apenas em termos das áreas de experiência que abrangem, suas próprias manifestações, e seus próprios resultados.”* (Courtney, 2003, p. 54)

Deste modo, o teatro tem um papel bastante importante no desenvolvimento e na preparação dos indivíduos para as situações que irão ocorrer ao longo das suas vidas. O teatro está presente em todos os processos educacionais, sendo essencial na educação primitiva, como uma ferramenta para testar determinados acontecimentos da vida, levando o adolescente a relacionar-se com a comunidade e com as tarefas estabelecidas pelo meio ambiente.

Segundo o que Groos afirma, a criança ao improvisar e ao jogar dramaticamente, vai experienciar a natureza dos objetos, as probabilidades e os fatores limitativos dos eventos e os pormenores do processo, porque *“cada ação desafia o pensamento, a memória, a precisão...”* (Courtney, 2003, p. 55) Assim, a ação dramática tem uma grande importância para a sensibilidade e experiência artísticas que ocorram posteriormente e, também, para examinar as condições de existência e necessidades humanas.

A Educação Dramática tem como base o que a criança é, deixando-a evoluir e completar, sendo que o jogo da criança tem o seu valor próprio. Deste modo, a imaginação dramática possibilita à criança o desenvolvimento da sua capacidade para verificar a relação entre ideias, sendo que recorre à personificação e identificação para conseguir compreender e apreender o meio que a rodeia. Desta forma, o teatro assume um papel fundamental para a educação criativa, sendo que a criatividade espontânea se baseia na experiência dos sentidos e, por outro lado, a espontaneidade baseia-se na imaginação dramática.

De acordo com Freud, ainda no ponto de vista de Courtney, o jogo dramático oferece à criança a possibilidade de tomar posse do seu meio, na medida em que a imaginação dramática ensina a pensar, a examinar, a explorar, a testar hipóteses e ainda, a descobrir a realidade. Assim, nada se encontra vivo em nós, nem possui realidade absoluta, a não ser que o experienciemos, quando fazemos uma atuação do mesmo.

Na aprendizagem existem várias áreas a abordar, sendo que todas elas estão relacionadas com a experiência total e são, simultaneamente, as bases para que se consiga compreender a vida. Desta forma, a Educação Dramática desempenha um papel abrangente, dado que se baseia nas várias áreas do aprendizado que estão relacionadas com o impulso dramático.

Na obra anteriormente referida, é visível essa mesma relação, na medida em que podemos verificar que são utilizados *“aspectos da filosofia, pois temos de examinar porque educamos nossas crianças dessa maneira; da psicanálise, para entender os símbolos utilizados pelas crianças e os motivos subliminares no contexto do jogo; da sociologia, pois atuar é uma atividade social que inclui a interação dos indivíduos; da psicologia social, porque imitação, identificação, desempenho de papéis e tudo o mais está diretamente ligado à atuação do homem em seu meio; da cognição e psicolinguística, pois o relacionamento entre a formação do conceito e linguagem influencia diretamente o método dramático de aprendizagem.”* (Courtney, 2003, pp. 58, 59)

Os indivíduos são influenciados por diversos fatores existentes no meio envolvente, como por exemplo a escola, a comunidade em que está inserido, a sua cultura, algumas situações que ocorrem na sua comunidade, entre outros aspetos.

No que diz respeito ao Jogo Dramático, a imitação possui um papel bastante importante. Alguns behavioristas como McDougall, Woodworth e Gabriel Tarde, consideravam, segundo Courtney, que a imitação era uma abordagem inata, tendo duas formas principais de abordagem, sendo elas condicionamento e instrumental.

Segundo o mesmo autor, Miller e Dollard defendiam que o comportamento humano é aprendido e adquirido. Desta forma, quando a imitação faz parte integrante do padrão de comportamento como sendo um impulso adquirido, esta atua como se fosse um impulso primário. Estes dois teóricos estabeleceram três tipos distintos de imitação, sendo eles o igualado-dependente, em que o líder é capaz de fazer a leitura dos fatores de destaque do meio, adquirindo um papel fundamental para o comportamento de multidões ou no caso de os jovens assemelharem o seu comportamento ao de pessoas com idades superiores às suas; o copiar, no qual a resposta é levada, de forma gradual, a uma aproximação com o modelo; e por fim, o mesmo, em que duas pessoas executam a mesma ação como resposta ao mesmo fator. Deste modo, Miller e Dollard afirmaram que a imitação ajuda na aprendizagem, na medida em que o sujeito é obrigado a dar resposta à sugestão apropriada, de uma forma rápida.

No que se refere à identificação, Talcott Parsons (cit. Courtney, 2003) distingue entre imitação e identificação. Deste modo, afirma que a imitação consiste no processo através do qual, aspetos científicos de cultura, características individuais de conhecimento, habilidade e comportamento simbólico se assumem. Assim, a imitação não requer uma relação emocional entre o indivíduo e o modelo. Contrariamente, a identificação necessita da interiorização dos valores do modelo, de uma relação emocional entre quem está a imitar e quem está a ser imitado, para que os padrões de valor possam ser partilhados. Deste modo, a imitação é considerada uma das primeiras formas no que diz respeito à comunicação lúdica que se desenvolve entre a criança e os seus pais, para que assim possa existir uma identificação posterior.

Mowrer (cit. Courtney, 2003) afirmou que a imitação fundamental para a aprendizagem é baseada na identificação. No caso específico dos bebés, estes produzem

os sons para receber novamente alguns prazeres que os seus pais lhes concederam num momento anterior.

Por outro lado, Sears (cit. Courtney, 2003) estabelece várias etapas de desenvolvimento, sendo que a primeira diz respeito ao facto de a criança desenvolver um impulso de dependência pelo modo de afetos utilizado pela mãe para cuidar da criança; a segunda etapa é referente à imitação por parte da criança, ou seja, imita a mãe; a terceira etapa refere-se ao facto de a criança se sentir gratificada pela imitação, sendo esta frequente e adotando as características de um sistema de motivação secundário. Desta forma, a intensidade com que ocorre a identificação, está diretamente dependente com o tipo de educação de afetos dada à criança.

Ainda de acordo com Sears, a frequente relação de imitação da criança com a recompensa, leva à identificação, revelando-se assim, um impulso adquirido, em que a resposta satisfatória é atuar como sendo outra pessoa, através do jogo dramático.

Relativamente ao estudo da aprendizagem da aquisição de papéis sociais através do jogo, Mead (cit. Courtney, 2003) foi um dos pioneiros dessa investigação. Este afirmava que o Jogo Dramático tem dois produtos, sendo o primeiro a aquisição de papéis e a aquisição de habilidades em papéis que podem ser alterados.

Deste modo, Mead e Moreno (cit. Courtney, 2003) defendiam que a imitação está ligada à identificação que, recorrendo ao desempenho de um papel, é dramático. Assim, a representação de um papel exige movimentos que englobam todo o esqueleto, a gesticulação motora e verbal, a postura e forma de andar, estilos de fala ou pronúncia, a utilização de determinado vestuário, o uso de acessórios, o emprego de emblemas ou ornamentações. Desta forma, quanto mais números de papéis existirem no repertório de comportamentos de uma pessoa, mais facilmente se ajustará ao meio social.

Relativamente ao conceito e símbolo, na obra de Courtney (2003) refere que as imagens são criadas pela experiência sensorial e desempenham a base para a formulação de conceitos. Deste modo, os métodos pelos quais uma imagem pode ser criada, são os seguintes: *“perceptual; imagens de sonhos; imagens desenvolvidas a partir de uma matriz neutra; imagens hipnagógicas, que ocorrem quando estamos prestes a dormir; imagens hipnopômica que ocorrem quando estamos prestes a acordar; alucinações; imagens eidéticas.”* (Courtney, 2003, p. 241). Desta forma, o pensamento simbólico pode dar início à ação e auxiliar na organização da personalidade. De acordo com as investigações experimentais com artistas, Patrick elaborou um modelo para o pensamento criativo, que se resume a três aspetos: *“Preparação – familiarizar-se com a situação e materiais; Incubação – inconscientemente, o problema começa a se definir, e fragmentos dele aparecem; Iluminação – quando a meta específica é vislumbrada e o trabalho se inicia nessa direção, podendo ser influenciado.”* (Courtney, 2003, p. 243)

Na obra de Courtney referida, é mencionado que o jogo presente no faz-de-conta da criança pode ser disciplinado e controlado.

No que diz respeito à aprendizagem de memória, a capacidade de recordar imagens pode ser exercitado por alguns fatores, ou seja, pelo objetivo e interesse; pela frequência com que se prolonga a recordação; e ainda, pela intensidade com que a experiência original criou a imagem. O último fator pode ser influenciado pelo jogo dramático, de forma direta. Deste modo, no caso dos professores, se estes conduzirem os seus alunos no jogo para que tenham uma experiência valiosa, certamente que estes alunos, mais tarde, recordarão imagens valiosas. Assim, Bacon afirmava que *“a atuação é uma arte que fortalece a memória. Torna mais significativo o material a ser memorizado, ajudando o processo de repetição, e promovendo a memorização em profundidade, através de uma compreensão abrangente. [...] o jogo dramático facilita a recordação de imagens que é vital no processo de rememoração.”* (Courtney, 2003, pp. 253, 254)

Por outro lado, no que diz respeito à assimilação, Piaget afirma que o jogo e a imitação são dois aspetos diretamente ligados a este processo. Este autor refere que o jogo é a assimilação das experiências novas. Por outro lado, a imitação é a reprodução dos modelos familiares, ou seja, quando a criança assimila o seu modelo através do jogo, imita esse mesmo modelo. Piaget referiu ainda que o nível simbólico ou dramático da imaginação desempenha um papel bastante importante, na medida em que através deste, o indivíduo interioriza os objetos e torna-os significantes.

Por sua vez, Lola Poveda (1995) defende que as atividades dramáticas executadas nas escolas estão, maioritariamente, relacionadas com a literatura, mais especificamente com a interpretação de obras. Para esta autora, o texto tem uma maior projeção, sendo que este supõe o domínio de hábitos e conhecimentos quanto ao falar, ler e escrever; o encontro com a linguagem literária; e ainda, a resolução da obra dramática. Deste modo, para a compreensão de um determinado texto é necessário aprender a falar e a escutar.

Na obra anteriormente referida, é salientado que *“a linguagem escrita perde qualidades expressivas próprias da linguagem falada, como por exemplo, o timbre, o volume, a articulação e a expressão.”* (Poveda, 1995, p. 163) Este aspeto é bastante importante, na medida em que para as crianças que estejam a efetuar os seus primeiros contactos com obras literárias, não é fácil compreender nem adquirir motivação, dado que na linguagem escrita não existe o timbre, nem o volume, nem a articulação, nem a expressão. Só após algum tempo de contacto com a linguagem escrita é que as crianças conseguem imaginar, por exemplo, a forma como uma personagem do texto está a falar para outra.

Um outro aspeto importante que é realçado pela autora, anteriormente referida, é o contributo do teatro para a construção da linguagem oral baseada no diálogo. Deste modo, na inovação pedagógica, é necessário ter em conta os elementos e as atividades a executar antes da leitura. Na minha opinião, os elementos a analisar antes da leitura revelam um papel bastante importante e, no caso específico das minhas planificações, em todas as atividades de leitura, existiam três etapas distintas, sendo elas o antes da leitura, o durante a leitura e o depois da leitura. Deste modo, são abordados diferentes

aspectos referentes à leitura da obra selecionada, utilizando diferentes atividades ao longo das três etapas.

Lola Poveda (1995) indica diversas finalidades da leitura para a criança, sendo elas a recreativa, a informativa, a de trabalho ou estudo, a crítica, a criativa e ainda, a expositiva. É também salientada a importância que o texto dramático tem, na medida em que este se pode integrar em todas as formas da atividade escolar e a técnica de elaboração do texto dramático é também aplicável em todas as áreas do percurso escolar. Desta forma, as atividades dramáticas e o comentário de textos são encarados como a base para o desenvolvimento do sentido crítico. Assim, a Expressão Dramática assume o papel de um instrumento na aprendizagem da leitura e da escrita, pois existe uma descrição dos elementos dinâmicos e a elaboração de guiões para a criação de textos.

Na obra acima referida, é salientado que o jogo é parte integrante da linguagem, pois não existe jogo sem linguagem. Desta forma, no caso concreto do jogo dramático, este fomenta a ação e cada palavra deve conduzir à ação que vai acontecer a seguir, cada expressão deve definir a personalidade de cada personagem e cada diálogo deve ser uma compensação de forças e a resolução permanente de um determinado conflito. Assim, para a elaboração de uma peça de teatro, é necessário ter em conta alguns aspetos como a interpretação criativa de um texto através da reflexão e posta em ação; os elementos interpretativos são exercitados, nomeadamente, a voz e o corpo; a utilização de elementos auxiliares que fazem a interpretação mais expressiva, como a decoração; e ainda, a coordenação e união de todos os elementos referidos anteriormente, sendo que o trabalho cabe, na maioria, ao monitor das atividades.

Desta forma, o teatro pode ajudar a criança a desenvolver o seu sentido crítico, na medida em que esta dá a sua opinião pessoal e faz uma análise de todas as vivências. Nas suas críticas, a criança tem a tendência de se fixar num determinado aspeto, num elemento ou numa certa personagem, por exemplo.

Também Dorothy Heathcote (1991) realça a importância das atividades dramáticas, referindo que estas são uma capacidade do próprio ser humano para se imaginar na posição de outra pessoa, para ver como se sente, sendo que estas atividades são consideradas como sendo um processo bastante simples e eficiente no que diz respeito à retenção de algumas informações. Desta forma, através do Drama, o professor tem duas oportunidades únicas que só esta atividade lhe pode oferecer, sendo a primeira o facto de esta expressão exigir as ideias que surgem nos grupos. A segunda oportunidade é referente à possibilidade que o Drama oferece de aplicar as individualidades, trabalhar como um grupo, conceber ideias e ser uma área e um nível de interesse.

Nesta ordem de ideias, o Drama é relevante, na medida em que cada criança dá o seu contributo e aplica livremente as suas capacidades. Por outro lado, também o professor aprende com as intervenções das crianças, podendo aproveitar esse fator como uma metodologia para melhorar alguns aspetos nas atividades de Drama que pretenda fazer posteriormente, por exemplo.

Segundo esta última autora, são estabelecidos alguns aspetos que as crianças podem aplicar quando se desenvolve uma atividade dramática, ou seja, podem aplicar os seus pontos de vista no que se refere à sua vida e às pessoas, utilizarem os seus padrões de avaliação e ainda, desenvolverem as suas capacidades de expressão de uma determinada ideia. Para que este processo ocorra, é também necessário existir uma boa capacidade de comunicação entre os membros do grupo.

Tal como já foi referido ao longo deste trabalho, a Expressão Dramática pode ser um suporte para as outras áreas do currículo, ou seja, pode ser uma ferramenta que está ao alcance do professor, para que os alunos tenham a possibilidade de realizar aprendizagens significativas recorrendo às atividades dramáticas. Este aspeto é salientado por Heathcote (1991), na medida em que o *“drama também está ao serviço das outras áreas do currículo, simplesmente porque quando as pessoas são colocadas no ato de viver, no seu ambiente, a área de estudo a respeito delas pode ser tão variada como os seus personagens ou ambiente.”* (Heathcote, 1991, p. 57)

No que se refere à principal dificuldade do professor ao desenvolver uma atividade dramática, esta reside no facto de ser difícil encontrar o planeamento de um trabalho progressivo, descobrindo qual é a experiência significativa para a criança. Desta forma, na obra acima mencionada, são estabelecidas algumas capacidades que devem ser exercidas no papel do professor, sendo elas as seguintes: para uma possível compreensão dos seis elementos do drama e como eles se combinam, é necessário existir um apoio entre os mesmos; o professor deve possuir uma imaginação pictórica e auditiva imponente; ter a empatia suficiente para sentir o clima geral de um grupo; deter a capacidade de colocar as necessidades das crianças à frente do plano delineado pelo professor; efetuar alterações sensíveis de registo na comunicação verbal com o grupo; possuir a capacidade de aplicar mudanças de registo no papel de ensino; e por fim, a capacidade de olhar e a capacidade de escutar.

Deste modo, o drama na educação engloba pessoas que estão a desempenhar papéis de forma ativa com várias situações, em que são reveladas algumas atitudes. Assim, através do Drama, os professores podem controlar algumas situações, para que as crianças aprendam a controlar também os seus comportamentos e que tentem ajustar as suas atitudes às situações que lhes são colocadas, para que isto as possa auxiliar nas suas vidas futuras. Para que o processo de aprendizagem seja significativo, é necessário que as crianças estejam aptas a receber o que o professor lhes transmite e, para isso, é também fundamental que o professor receba e interprete os sinais que as crianças lhe transmitem. Para que o professor aplique o seu papel, é preciso que demonstre segurança, sendo que é importante possuir alguns níveis de segurança, como o nível de ruído, ou seja, a qualidade do som na atuação do professor; o nível de distância, isto é, a distância que o professor requer entre si e as crianças; o nível do conforto do grupo, na medida em que este aspeto está dependente da dimensão dos grupos; o facto de muitas decisões serem alcançadas; os interesses do professor; os recursos do professor; e ainda, a variedade de registos.

Na obra de Dorothy Heathcote (1991) é dado ênfase a algumas vantagens do Drama, na medida em que este é baseado na sociologia, aplica as capacidades de cada criança, promove a interação entre os indivíduos, tem também uma base no jogo e conduz à elaboração grupal. No meu ponto de vista, todos estes fatores mencionados são bastante significativos ao longo da vida dos indivíduos, sendo que se forem trabalhados desde cedo, certamente que quando a criança chegar à idade adulta, já se encontra mais preparada para enfrentar determinadas situações e consegue, por exemplo, ter um emprego no qual seja necessário trabalhar em equipa.

3.7. O Jogo e as Expressões Artísticas

De acordo com Arquimedes da Silva Santos (2008), as expressões utilizadas como forma de auxílio educacional, proporcionam uma evolução harmoniosa da motricidade e também, do campo afetivo e cognitivo. Debesse afirma que *“muitas das motivações, manifestações e, conseqüentemente, suas expressões radicam na actividade lúdica.”* (Santos, 2008, p. 85) Desta forma, quando joga, a criança conhece-se a si própria, aos outros e ao meio que a rodeia, através dos modos expressivos aos quais pode aceder e outros que pode descobrir, recorrendo ao movimento, às mãos, aos gestos, à mímica, aos traços e às cores, aos sons, à voz e à palavra. Deste modo, as atividades lúdicas e expressivas, no caso do jardim-de-infância, possibilitam um desenvolvimento da personalidade da criança, de forma equilibrada.

Santos realça a contribuição de Piaget para o desenvolvimento desta área, na medida em que de entre as suas categorias, destacou o jogo simbólico, através do qual a criança pode *“transformar o real por assimilação [...] às necessidades do eu.”* (Santos, 2008, p. 86) Também Arno Stern defendia que *“a expressão artística da criança é uma linguagem”* (Santos, 2008, p. 86) Assim, no ponto de vista de desenvolvimento, a expressão artística possui uma evolução, através das manifestações espontâneas e intencionais, nas quais demonstram as necessidades biológicas, psíquicas e sociais da criança.

Desta forma, Piaget deu ênfase ao jogo como fazendo parte do desenvolvimento intelectual, sendo que neste mesmo desenvolvimento, existem períodos distintos na infância, sendo eles: *“no período sensório-motor, mais do que um comportamento reflexo, aparece no que designa assimilação reprodutora, atingindo, entre os dois e os sete anos, o período da inteligência representativa [...] isto é, o jogo simbólico. Nele realça uma como que assimilação-linguagem, de um simbolismo próprio do eu de cada criança, variando segundo as necessidades, reaparecendo ou representando-se principalmente em conflitos da esfera afectivo-emocional.”* (Santos, 2008, p. 93)

Por outro lado, Chateau (1975), ao longo dos seus estudos, deu ênfase à problemática dos jogos e das suas idades, ou seja, à evolução do jogo no tempo, realçando quatro

aspectos genéticos, sendo eles a origem das regras tradicionais, as variações em cada idade da infância, a calendarização e ainda, considerar o jogo como a expressão de uma ou várias tendências.

A Lei de Bases do Sistema Nacional de Ensino propõe a inserção nos objetivos principais da Educação Pré-Escolar, do *“valor da expressão corporal, pelo movimento e dança criativa, a expressão vocal, a expressão musical, a expressão plástica, a expressão dramática, com repercussões nas esferas afectiva e cognitiva.”* (Santos, 2008, p. 90)

Ainda de acordo com a obra de Arquimedes da Silva Santos (2008), mencionada anteriormente, é realçado que a expressão artística nas crianças funciona como uma forma de formação e de integração numa escolaridade que seja aberta e significativa a nível pedagógico. Deste modo, a expressão artística possibilita uma aprendizagem das relações inter-humanas, ou seja, facilita a comunicação, sendo esta efetuada através de vários fatores, como os gestos, o grafismo, o canto, entre outros.

De acordo com Santos (2008), Herbert Read declara que a atividade artística ocorre em três fases distintas, sendo a primeira *“a de simples percepção de qualidades materiais – cores, sons, movimentos e muitas outras reacções físicas mais complexas e indefinidas”*; a segunda, *“arranjo de tais percepções em formas e padrões agradáveis”*; e, por fim, a terceira, *“quando se reforça certo arranjo de percepções a corresponder a um determinado estado emotivo ou sentimental preexistente.”* (Santos, 2008, p. 119) Desta forma, as expressões podem ser consideradas como um meio terapêutico de autorregulação, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo.

No caso específico dos jogos expressivos que recorrem à mão e à visão, são estimulados os órgãos do sentido da visão e do tato, como no desenho, na pintura e na modelagem, por exemplo. Nos jogos expressivos em que se recorre à audição, são diferenciados os vários sons e ruídos. Por outro lado, nos jogos expressivos em que se utiliza todo o corpo, é considerada a atividade mais completa e mais feliz para a criança. Assim, nas atividades lúdicas, nascem manifestações expressivas corporais, vocais, plásticas, musicais e dramáticas, permitindo um desenvolvimento equilibrado da criança.

No que diz respeito à Educação pela Arte, esta presta especial atenção aos exercícios que envolvem o corpo e os sentidos do indivíduo, para que se desenvolva de forma harmoniosa a nível da psicomotricidade, da afetividade e da sensibilidade. Estes fatores levam a que o indivíduo cresça nas suas capacidades de expressão, comunicação e criação.

Mais especificamente no caso do Drama na educação básica, este é considerado como uma atividade lúdica própria da criança. Neste aspeto, Leenhardt (1974) afirma que se deve falar de Expressão Dramática ou Jogos Dramáticos em vez de representação teatral, pois as crianças ainda não possuem maturidade suficiente para a representação teatral. Desta forma, o Drama assume um papel envolvente específico da criança, revelando o seu mundo interior através de gestos, movimentos, voz, atitudes e todos os outros meios

expressivos que possui. Assim, o Jogo Dramático tem a sua base na improvisação e está associado aos jogos de imitação.

3.8. A Expressão Dramática e o Jogo Dramático no 1.º Ciclo do Ensino Básico

A Expressão Dramática é uma área que faz parte integrante do Programa para o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Como tal, é necessário que os alunos tenham a possibilidade de desenvolver atividades referentes a esta área, podendo fazer uma articulação entre a mesma e as restantes áreas do Programa, de forma a auxiliá-los na compreensão de determinados aspetos. Tal como Maria do Céu Melo (2005) refere, as Artes podem ser utilizadas como *“ferramentas ao serviço de outros propósitos exteriores às próprias Artes.”* (Melo, 2005, p. 13)

Ainda segundo a mesma autora, na escolaridade obrigatória, muitos dos professores encaram a educação artística como uma área secundária, considerando a prática artística uma questão de jeito e de gosto.

Na minha opinião e segundo o que experienciei durante a Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico, alguns professores acabam por ocupar o tempo destinado ao ensino e prática das Expressões, com as disciplinas de Português, Matemática, ou Estudo do Meio. Apesar de no currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico ter sido estabelecido um tempo para a área das Expressões, o que é facto é que há professores que acabam por não cumprir o que está legislado e desvalorizar esta área, nomeadamente a Expressão Dramática.

Na opinião de Lopes (2011), Brian Way foi um dos primeiros a realizar investigações referentes à Educação Dramática e referiu que uma resposta a diversas perguntas simples pode apresentar uma de duas formas, sendo elas a da informação e a da experiência direta. É também salientado que a forma da experiência direta é associada à Expressão Dramática, na medida em que esta proporciona momentos de experiência direta. No que diz respeito ao caso específico da educação, a Expressão Dramática possibilita o desenvolvimento do indivíduo na sua totalidade.

Também Richard Courtney foi bastante importante no estudo da Educação Dramática, definindo e distinguindo alguns conceitos específicos. Desta forma, Richard Courtney define que *“Teatro: espectáculo frente a uma audiência. Jogo: actividade meramente exercida porque nos dá prazer. Jogo Dramático: jogo que contém representação e/ou identificação.”* (Lopes, 2011, p. 26) Este refere ainda que na educação, o teatro deve ter como base o jogo dramático para auxiliar no desenvolvimento da criança.

Por outro lado, Dorothy Heathcote (1991) estabelece a característica socializante do drama, na medida em que é uma atividade desenvolvida em grupo. Esta autora salienta a importância do desenvolvimento de cada um dos indivíduos, mas de acordo com situações onde os membros constituintes de um grupo juntam as suas diferenças num projeto dramático comum a todos.

Segundo Lopes (2011), para Gavin Bolton, a dicotomia Teatro/Expressão Dramática tem origem no fator de a experiência ser ou não interiorizada e ser ou não significativa. Tal como é referenciado pela autora: *“Se queremos que a maioria dos nossos alunos passem por experiências significativas que conduzam à resolução de problemas vários, incluindo os de compreensão sobre o mundo que os rodeia, e que seja essa força motivadora do seu trabalho, então a ênfase não pode existir exclusivamente num produto acabado e perfeito, mas sim no equilíbrio entre este e o processo que está a ser vivenciado.”* (Lopes, 2011, p. 29)

Eu concordo com este aspeto, na medida em que é necessário os professores estarem atentos aos seus alunos, para que todas as atividades sejam significativas para eles e para que o seu processo de aprendizagem seja rico em experiências, de modo que seja feita uma aprendizagem significativa. Desta forma, os alunos conseguem compreender melhor alguns dos aspetos que os rodeiam, bem como os aspetos abordados nas aulas.

A Expressão Dramática permite que os alunos consigam estabelecer uma nova relação com o texto, dado que o leem com o intuito de o representar. Este aspeto leva a que sejam fomentadas as aprendizagens básicas da leitura e da expressão escrita, sendo que são trabalhadas recorrendo a um processo lúdico (Landier, 1994).

Os alunos devem ter a oportunidade de contactar com as diferentes vertentes artísticas. Neste caso específico, a Expressão Dramática revela-se bastante importante para que os alunos consigam compreender os aspetos principais dos textos narrativos para a infância, recorrendo à dramatização. Neste sentido, a leitura dramatizada engloba a construção de sentidos a partir da mente e do corpo, para que cada um manifeste um conjunto de sentimentos. Desta forma, antes da realização das atividades de leitura dramatizada, é necessário ter em conta algumas variáveis estando estas relacionadas com o aluno; com o professor; com os colegas da turma; com o grupo turma; possivelmente com a Internet; e ainda, com outros intervenientes, como os pais, amigos, entre outros (Duarte, 2001).

Na perspetiva de Alberto B. Sousa (1980), a Expressão Dramática revela-se essencial na educação, pois engloba alguns aspetos importantes para o desenvolvimento da criança, podendo ser adequada às idades, aos meios disponíveis nas escolas e aos objetivos a alcançar. Através das atividades desenvolvidas nesta área, é dada a oportunidade aos alunos de desenvolverem a sua expressividade, criatividade, consciência de valores e ainda, a sua relação com os outros. Este autor afirma, ainda, que as crianças sentem necessidade de brincar, podendo as atividades de Expressão Dramática desempenhar um papel lúdico, pois recorrem à imaginação, ao movimento, à criação, entre outros aspetos.

Amílcar Martins (2002) defende que o jogo de caráter dramático possibilita o desenvolvimento do eu, a sua diversificação e dispersão num processo de descoberta ao nível individual. Desta forma, este tipo de jogo leva a que exista uma experiência do eu, recorrendo à sua relação com o outro.

O Jogo Dramático é necessário à criança pois permite-lhe a utilização expressiva e comunicativa do seu corpo e da sua voz. Este aspeto é realçado por Gauthier (2000, p.18) *“Os jogos dramáticos serão então jogos que fornecem à criança meio de exteriorizar, pelo movimento e pela voz, os seus sentimentos profundos e as suas observações pessoais. Terão como objectivo aumentar e orientar os seus desejos e as suas possibilidades de expressão”*.

Segundo Ryngaert (1981), o jogo dramático tem como finalidade a realização de uma reflexão sobre a realidade, baseando-se num discurso produzido numa linguagem artística e afastando-se do naturalismo. Este tipo de atividade deve ser realizado em conjunto, pois é deste modo que o indivíduo se prepara para si e com os outros. Este tipo de jogo não está dependente do texto, dado que é substituído pela palavra improvisada ou determinada a partir de um guião, sendo que existem momentos que acompanham o texto e a criação de sinais visuais e sonoros presentes num espaço.

Ainda de acordo com o mesmo autor (1981), o jogo dramático recorre à apresentação dentro da sala de aula, como meio para questionar e constatar a comunicabilidade do discurso sustentado. Este tem o intuito de formar jogadores que se preocupem em dominar o seu discurso, de maneira a que não procurem ser ou parecer, mas sim mostrar. Para este aspeto contribui um comportamento elaborado no contexto de uma situação de comunicação. Desta forma, a procura da expressão está relacionada com as exigências do discurso e o trabalho acerca da forma está associado a uma crítica do conteúdo.

A atividade dramática é caracterizada por uma materialização dos produtos da imaginação, na medida em que jogamos num espaço determinado, as personagens são de carne e osso e os sentimentos que surgem possuem a aparência de verdadeiros sentimentos. A preparação do espaço para o jogo dramático realiza-se com base no espaço escolar e no mobiliário presente, que vai desempenhar novas funções. Deste modo, os objetivos educativos estabelecidos a longo prazo não devem prejudicar o prazer do jogo numa determinada altura e num determinado local (Ryngaert J.-P. , 1981).

No ponto de vista de Maria do Céu Melo (2005), *“a educação artística generalista contribui para a construção de vários tipos de literacia [...] proporcionando aos alunos uma variedade de modos de perceber, pensar e comunicar. As expressões artísticas [...] desenvolvem a intuição, o raciocínio e a imaginação com o objectivo único de expressão e comunicação.”* (Melo, 2005, pp. 13,14). Pedro Barbosa, citado nesta mesma obra, afirma que *“No caso da apreensão (e construção) artística do mundo ou cognição estética [...] não se obtém um conhecimento puramente racional e abstracto, o sensorial e o intelectual, o*

racional e o emocional, o consciente e o inconsciente, se encontram unificados no poder integrador da imagem e do símbolo.” (Melo, 2005, p. 15)

Desta forma e de acordo com a mesma autora, o conhecimento estético é constituído, tendo como base uma postura empática do sujeito, em que este atua como ator e objeto, para que conheça e que se conheça a si próprio, criando.

Assim, considero que a educação artística é bastante importante para o desenvolvimento de alguns conhecimentos e competências nas crianças, quer delas próprias, quer da sua relação com os outros. Segundo Melo (2005), *“A educação artística (...) proporciona aos estudantes a aquisição de saberes, posturas e competências que podemos reenviar também para o domínio do sociocultural.”* Permitindo *“A compreensão das experiências humanas; a compreensão das influências das artes nos modos de interpretar e actuar sobre as realidades; a formulação de julgamentos sobre produtos e assuntos artísticos e culturais; o desenvolvimento dos processos empáticos necessários à compreensão e ao respeito pela pluralidade dos modos de pensar, trabalhar e expressar das várias culturas pessoais e societárias.”* (Melo, 2005, p. 14)

Nesta perspetiva, a educação artística pode ser utilizada para uma melhor compreensão de alguns assuntos abordados em outras áreas curriculares, podendo ser articulada com estas, bem como no desenvolvimento de alguns aspetos necessários à vida das crianças.

De acordo com o que é referido na obra em questão, ao articular as Expressões Artísticas com os vários saberes presentes nos programas, poderá ser feita uma integração, estabelecendo relações didáticas entre ambas as vertentes.

Tendo como base a obra anteriormente referida e a minha Prática Supervisionada, quer no contexto da Educação Pré-Escolar, quer no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, considero bastante importante a articulação entre os conteúdos dos programas e a Educação Artística, dado que os conteúdos respetivos se podem completar, possibilitando uma melhor compreensão de alguns assuntos abordados, por exemplo.

3.9. A diferença entre Teatro e Expressão Dramática

Para a análise deste ponto, recorro aos autores citados por Miguel Oliveira & Sandrina Milhano (2010) e suas reflexões. De acordo com Brian Way, *“a resposta a muitas perguntas simples pode ter uma de duas formas: a da informação, ou a da experiência directa.”* (Milhano, 2010, p. 136) Desta forma, Way foi um dos primeiros a estudar alguns aspetos relacionados com a Expressão Dramática, afirmando que *“a função da Expressão Dramática na educação (...) está intimamente ligada à implementação prática de um dos objectivos da educação em geral, (...) desenvolvimento da pessoa no seu todo.”* (Milhano, 2010, p. 136). Ainda segundo o mesmo autor, existe

uma diferença entre Teatro e Expressão Dramática, pois *“o teatro está altamente preocupado com a comunicação entre os actores e a audiência, e a Expressão Dramática está altamente preocupada com a experiência dos participantes...”* (Milhano, 2010, p. 136)

Também Richard Courtney foi bastante importante para os estudos na área da Expressão Dramática. Segundo este autor, o teatro na educação deve ter como base o jogo dramático, para que possa existir um auxílio no desenvolvimento da criança. Para Richard Courtney *“O “teatro” remete-nos para um espectáculo perante uma audiência. O “drama” é um processo humano espontâneo onde se pensa e actua numa ficção do “como se” enquanto, simultaneamente, nos empenhamos num processo que tem a ver com a própria vida. O teatro codifica numa forma artística os tipos de sentimentos gerados pelos actos dramáticos espontâneos dos seres humanos.”* (Milhano, 2010, p. 137)

Por outro lado, a professora Dorothy Heathcote acrescenta a característica socializante do Drama, visto que é uma atividade desenvolvida em grupo. Deste modo, realça a importância do desenvolvimento de cada pessoa, sendo que este processo ocorre em situações onde os diversos indivíduos de um grupo juntam as suas diferenças num projeto dramático que lhes é comum. Assim, esta autora considera que a Expressão Dramática tem um papel fundamental na aprendizagem. Ainda de acordo com Dorothy Heathcote, a diferença entre Teatro e Expressão Dramática reside no seguinte: *“No teatro o autor define as intenções e os procedimentos a serem seguidos, como por exemplo as palavras que têm de ser ditas (...) No drama, é a consciencialização de um grupo para a criação de uma peça, que queremos estimular. Para que isto aconteça criamos a oportunidade para que uma série de personalidades trabalhem em conjunto na resolução de problemas.”* (Milhano, 2010, p. 138)

Já Gavin Bolton, segundo os autores anteriormente mencionados, refere que a diferença entre Teatro e Expressão Dramática está no facto de a experiência ser ou não interiorizada, levando a que esta possa ser ou não significativa. Desta forma, afirma que *“A maior parte do teatro nas escolas parte deste princípio falso de tornar explícito o que nunca foi implícito, de exteriorizar o que nunca foi interiorizado.”* (Milhano, 2010, p. 138)

Ainda, segundo os mesmos autores, é explicado que para P. Baldwin, as experiências em Expressão Dramática não se traduzem, fundamentalmente, em ensaios constantes para que, posteriormente, possam ser apresentados a um público. Segundo este autor, este fator conduz a uma perda de valor educativo do processo de aprendizagem. Também na opinião dos autores, Kowalski partilha a opinião de P. Baldwin, na medida em que afirma que *“Não se trata de ensaiar um espectáculo de teatro, mas de representar dramaticamente situações problemáticas ficcionadas, significativas para o grupo, valorizando a espontaneidade, a cooperação e responsabilização de cada um numa construção colectiva.”* (Milhano, 2010, p. 139)

Por outro lado, para estes autores, Christopher Havell defende a existência de uma maior ênfase dada à estética no ensino das artes e da Expressão Dramática. Também R. Courtney tem a mesma opinião, destacando que a Expressão Dramática é uma forma de estimular fortes experiências estéticas, afirmando que *“Os sentimentos são inerentes aos*

actos dramáticos. Na realidade, um acto não pode ser dramático a não ser que esteja embebido em sentimentos.” (Milhano, 2010, p. 140)

Desta forma, é possível concluir que os vários autores procuraram estabelecer algumas distinções entre Expressão Dramática e Teatro, valorizando as várias vantagens que a Expressão Dramática, neste caso específico, poderá trazer para os alunos. Assim, vivem experiências que lhes possibilitam resolver diversos problemas, dando-lhes motivação para o processo de aprendizagem. Tal como é assinalado pelos autores acima mencionados, *“o desenvolvimento da criança e o papel dos sentimentos e das emoções em todo o processo dramático, são elementos conducentes à realização de experiências significativas e criativas imprescindíveis num contexto educacional.” (Oliveira, 2010, p. 141)*

Capítulo IV - Plano de Investigação e Metodologia

4.1. Investigação

A investigação consiste num processo sistemático e orientado, ajustado de forma intencional, tendo como principal objetivo inovar ou alargar o conhecimento acerca de um determinado domínio. Deste modo, o conhecimento pode adotar várias formas, sendo elas um corpo de conhecimentos sob a forma de leis condensadas; o conhecimento de um contexto específico que possibilita tomar as decisões adequadas para um determinado contexto; o conhecimento das determinantes do meio envolvente e dos comportamentos dos atores de um certo sistema; conhecimentos hipotéticos; conhecimentos específicos; conhecimentos sob a forma de criação de novos referenciais de pensamento; entre outros aspetos (De Ketele & Roegiers, 1993).

A investigação é considerada como um processo fundamental, sendo que ao existirem diferentes formas de investigação, provoca a presença de diversas funções e exigências. Deste modo, cada tipo de investigação deve ser pensado e realizado para tornar possível o preenchimento de uma função prioritária, reconhecendo a sua utilidade para cada caso específico (De Ketele & Roegiers, 1993).

Para que exista a possibilidade de facilitar a escolha do tipo de investigação que mais se adequa a um determinado estudo, é possível constatar que se a função prioritária auxiliar os atores dessa investigação a tomarem consciência das determinantes da sua ação e a tomarem decisões específicas, a investigação-ação é a mais indicada para o desenvolver. Por outro lado, se a investigação tem o objetivo de verificar o bom fundamento de uma lei científica, deve recorrer-se à investigação científica.

No que diz respeito às condicionantes, se o tipo de investigação for condicionado pela função prioritária, a forma como a investigação irá decorrer está relacionada com o referencial do investigador, mais especificamente, com o sistema de valores a que se refere.

Em qualquer investigação, existe uma problemática que lhe está associada, sendo que se colocam as questões: qual é a função da investigação que se encontra em causa? Qual a sua função prioritária e quais as secundárias? Em que referencial se insere esta investigação? Este referencial está definido à partida ou é suscetível de ser modificado, ou está ainda por construir? (De Ketele & Roegiers, 1993).

Assim, podemos verificar que a investigação é um processo global que se insere no tempo e que necessita de vários tipos de investigação que se apoiem e relacionem entre si.

De acordo com Jean-Marie De Ketele & Xavier Roegiers (1993), de forma a conseguir estabelecer a diferença entre os vários tipos de investigação, existem critérios que

possibilitam a mesma, tais como o referencial existente à partida, podendo ser muito estrito e bem definido, suscetível de ser adaptado ao longo do percurso; o produto procurado à partida, que poderá ser uma lei científica, uma decisão contextualizada; o valor prioritário ao qual a investigação se refere, podendo ser a eficácia, a verdade; o grau de generalidade procurado; entre outros critérios.

4.1.1. Questão problema

Verificar se a dramatização de histórias com crianças do 1.º Ciclo produz uma maior competência narrativa do que o simples reconto oral.

4.1.2. Objetivos da investigação

1. Verificar se a expectativa de representação de um texto narrativo provoca na criança maior entusiasmo e atenção do que somente a sua leitura pela professora ou por ela própria.

2. Compreender se através do Jogo Dramático as crianças conseguem identificar com maior facilidade as personagens e as suas características, emoções e papéis em cada narrativa.

3. Averiguar se a prática de dramatização de histórias conduz a uma melhor compreensão da estrutura narrativa, da organização sequencial dos acontecimentos narrados e da sua mensagem.

4.2. Metodologia utilizada no Estudo

No caso específico deste estudo e de forma a respeitar a temática, a dar resposta à questão-problema e a atingir os objetivos propostos, irá ser utilizado o método de investigação-ação, sendo que este consiste numa tentativa de formalizar uma investigação que se pretende explicitamente comprometida, em oposição à investigação que tem como objetivo ser independente, não reativa e objetiva (De Ketele & Roegiers, 1993).

Este tipo de investigação possui quatro etapas que se inserem num primeiro ciclo, sendo elas: planificar, agir, observar e refletir. Posteriormente, no segundo ciclo, o plano engloba quatro etapas distintas: o registo, agir, observar e refletir.

Desta forma, cabe ao investigador do estudo a desenvolver, formular questões relevantes, de maneira a identificar os objetivos a atingir e a selecionar as estratégias e metodologias mais adequadas no decorrer do mesmo.

Para esta metodologia de investigação, segundo De Ketele & Roegiers, muito contribuiu Elliot, na medida em que estabeleceu características fundamentais para este tipo de investigação em contexto escolar. Essas características são as seguintes:

- A investigação-ação desenvolver a sua investigação tendo como base as ações humanas e as situações sociais que são vivenciadas pelos professores;
- A investigação-ação ter como principal objetivo a compreensão que o professor possui acerca do seu problema, assumindo uma posição exploratória;
- A investigação-ação assumir uma posição teórica segundo a qual a ação que pretende mudar a situação é suspensa até que seja encontrada uma compreensão mais profunda do problema prático;
- Na explicação acerca do que sucede na situação prática, a investigação-ação utilizar enunciados naturalistas, de acontecimentos ligados e recolocados num determinado contexto;
- A investigação-ação interpretar o que acontece tendo como base o ponto de vista dos atores na situação-problema, sendo que se baseia nas representações que os diversos atores têm da situação; nas intenções e finalidades; na seleção e tomadas de decisão; nos reconhecimentos de certas normas, princípios e valores que fundamentam as representações, as finalidades e as decisões;
- A investigação-ação descrever e explicar o que acontece na situação, recorrendo à linguagem dos participantes. Neste aspeto, as relações de investigação-ação têm como função fundamental tornar o diálogo mais profundo entre os atores da situação ou ajudar outros investigadores ou atores;
- A investigação-ação só poder ser validada de acordo com um diálogo não obrigatório entre os diversos participantes;
- A investigação-ação dever assegurar a todos os participantes um livre acesso a todas as informações suscetíveis de permitir uma melhor compreensão do problema.

4.3. Recolha de dados

Ao longo do desenvolvimento deste Projeto de Investigação foram utilizadas várias técnicas de recolha de dados, de forma a conseguir obter a informação necessária, tais como: um questionário aos alunos (Anexo XXXVIII); uma entrevista à professora (Anexo XXXIX); notas de campo; observação participante; e ainda, a gravação de um vídeo. Para além destas técnicas foi também solicitado aos alunos que escrevessem um pequeno

comentário com as suas opiniões acerca da influência que a dramatização do segundo texto que foi aplicado teve na compreensão do mesmo.

A recolha de informações possui várias funções, podendo ser para detetar necessidades; fazer uma escolha ou tomar uma decisão; melhorar um funcionamento ou os desempenhos; formar; resolver um problema; circunscrever um fenómeno; testar hipóteses científicas; etc. Esta recolha de informações pode situar-se no quadro de uma ação definida de maneira mais ou menos precisa; apresentar um carácter unilateral ou multilateral; revestir um carácter mais ou menos organizado; e ainda, necessitar de garantias de validade mais ou menos estritas (De Ketele & Roegiers, 1993).

As notas de campo têm uma aplicação nos casos em que o investigador tem como objetivo estudar as situações no seu contexto sociocultural, caracterizando-se pela sua flexibilidade. Desta forma, esta técnica foi utilizada ao longo de todo o processo de implementação do projeto.

O questionário que foi efetuado aos alunos teve como finalidade compreender se os alunos possuem hábitos de leitura; se gostam de executar atividades de Expressão Dramática; se consideram que esta área das expressões pode ser importante para uma melhor compreensão dos textos narrativos; entre outros. O questionário por inquérito é caracterizado por adotar o sentido de um estudo de um tema específico numa população, cuja amostra se determina a fim de clarificar alguns parâmetros. De acordo com F. Bacher, apresentado pelos autores atrás referenciados, existem dois tipos de problemas que são prováveis de se destacar num inquérito: problemas precisos que são levantados à escala de uma população inteiramente determinada e a propósito da qual se pretende chegar a conclusões generalizáveis; e também, problemas complexos que põem em jogo um grande número de fatores. Os mesmos autores acrescentam, ainda, para explicar a elaboração dos questionários, a citação de R. Ghiglione *“para construir um questionário, é necessário, evidentemente, saber de maneira precisa o que se procura, assegurar-se que as perguntas têm um sentido, que todos os aspectos da questão foram abordados...”* (De Ketele & Roegiers, 1993, p.36).

A entrevista realizada à professora no decorrer deste projeto foi semiestruturada, de forma a obter a informação necessária e dando liberdade à professora no que diz respeito às respostas. Desta forma, foi possível obter informações acerca da maneira como a professora trabalha os textos narrativos para a infância: a que estratégias costuma recorrer; com que frequência trabalha estes textos; qual a receptividade dos alunos; os resultados que obtém dos mesmos; entre outros aspetos. É importante referir que esta entrevista foi realizada antes da aplicação do projeto. O Dicionário Petit Larousse, explica a utilidade da entrevista, *“a entrevista com uma pessoa para a interrogar sobre os seus actos, as suas ideias, os seus projectos, quer para publicar ou difundir o seu conteúdo, quer para a utilizar para fins de análise (inquérito de opinião)”*.

A observação efetuada aos alunos foi uma observação participante, de maneira a perceber as suas reações; as suas expressões; a sua relação com os outros; entre outros aspetos. Segundo De Ketele & Damas (1980, p. 27), *“Observar é um processo que*

inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objetivo final ou organizador e dirigido a um objecto para recolher informação sobre ele”.

O vídeo é uma técnica utilizada quando se pretende desenvolver estudos de observação em contextos naturais, permitindo ao investigador uma repetição da realidade, para detetar factos ou pormenores de que não se tenha apercebido durante a ação. Desta forma, foram efetuadas gravações em vídeo das dramatizações dos alunos para, posteriormente, poder retirar conclusões acerca dos mesmos.

De maneira a conseguir dar resposta à questão-problema elaborada, procedi a uma triangulação dos dados recolhidos, na medida em que são comparadas e relacionadas as várias informações, de forma a retirar as conclusões necessárias para lhe dar resposta e verificar se os objetivos propostos foram alcançados. Para que seja possível uma melhor compreensão da relação entre os dados recolhidos, esta triangulação dos mesmos encontra-se no capítulo seguinte.

A triangulação de dados da informação tem como objetivo determinar a sua validade. Deste modo, uma informação só deve ser considerada se tiver origem em três fontes diferentes e independentes. No caso de não existir este processo, o investigador não pode considerar a informação como válida, sendo que nesta situação, pode mencionar a informação precisando que não foi validada; completar a informação de maneira a torná-la válida; fazê-la figurar como a percepção de uma pessoa e não como uma informação objetiva; ou ainda, afastar pura e simplesmente a informação. De Ketele & Roegiers afirmam existirem três níveis de triangulação distintos:

Nível um – A informação é relatada por três fontes do mesmo estatuto;

Nível dois – A informação é relatada por três fontes com estatuto diferente;

Nível três – A informação é relatada por três fontes diferentes, mas segundo metodologias distintas.

Desta forma, é possível retirar conclusões tendo em conta diversas fontes, para que seja possível dar resposta à questão-problema e à verificação dos objetivos propostos.

Capítulo V - Tratamento dos dados recolhidos

5.1. Notas de campo e fichas de leitura

5.1.1. Primeira intervenção do Projeto de Investigação

Na primeira intervenção do meu Projeto de Investigação, realizada a 11 de dezembro de 2014, foi trabalhado o texto narrativo “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares, sendo que esta história faz parte do Plano Nacional de Leitura para o 4.º Ano do Ensino Básico.

Para que a leitura da obra decorresse da melhor forma e para que os alunos ficassem a compreender melhor a obra em questão, o momento da leitura foi dividido em três etapas distintas, sendo elas:

- Antes da leitura:

- Visualização dos elementos exteriores do livro, para que os alunos observem a ilustração presente na capa e darem a sua opinião sobre o que está representado na mesma.

- Leitura do título da obra, de forma a que os alunos refiram a sua opinião sobre o que consideram que fala a história que irão ler.

- Estas duas fases da atividade mencionadas anteriormente, serão realizadas em grande grupo.

- Durante a leitura:

- Projeção da história, para que os alunos sigam a leitura e, também, observar e analisar as ilustrações. Esta projeção será feita através de um PowerPoint.

- Leitura da história “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares, em voz alta pela professora, sendo que os alunos devem acompanhar a leitura que se encontra na projeção. À medida que vão surgindo as ilustrações, estas serão analisadas uma a uma, para que os alunos possam manifestar as suas opiniões e compreender melhor o que está escrito no texto, através das ilustrações. Por exemplo, através da análise das ilustrações ao longo do texto, os alunos podem ficar a conhecer as expressões das personagens, os aspetos físicos, entre outros elementos.

- Diálogo acerca do que foi lido, de maneira a compreender se os alunos conseguiram perceber a história e se têm alguma dúvida relativamente a alguma palavra desconhecida ou a algum aspeto retratado na história.

- Distribuição do texto da história a cada um dos alunos, para que seja mais fácil a leitura silenciosa por parte dos mesmos, visto que nem todos têm o mesmo ritmo de leitura.

- Depois da leitura:

- Distribuição de uma ficha de leitura a cada um dos alunos, para que estes a possam preencher posteriormente.

- Leitura em voz alta, pela professora, de cada um dos aspetos que é solicitado na ficha de leitura, para que os alunos coloquem as suas dúvidas, no caso de existirem, e compreendam o que é desejado que façam em cada uma das questões. Este processo será feito em coletivo.

- Preenchimento da ficha de leitura, individualmente, para que os alunos respondam às questões que lhes são colocadas, de maneira a perceber se compreenderam ou não o conteúdo da história.

- Recolha de todas as fichas de leitura, por parte da professora, para que sejam analisadas e sirvam de base ao estudo do Projeto de Investigação em questão.

Ao longo da leitura da obra, os alunos estiveram atentos, demonstrando até, em algumas partes constituintes da história, uma certa admiração com o que estava a acontecer na mesma.

No final da leitura, quando questionei aos alunos sobre a mensagem transmitida pela história, obtive respostas bastante interessantes, como *“sermos amigos dos nossos amigos”*; *“não poluirmos o ambiente”*; *“sabermos guardar um segredo”*; entre outras respostas.

Ao longo da resolução da ficha de leitura, todos os alunos se mostraram empenhados e concentrados, na medida em que até os alunos mais distraídos se mostraram concentrados, terminando mais cedo a atividade.

Ao analisar as fichas de leitura realizadas, é possível verificar que um dos alunos não respondeu à maioria das questões; outros alunos tiveram dificuldade em ordenar as imagens referentes à sequência dos acontecimentos na história; e ainda, na questão em que era solicitado que fizessem um resumo da história com base nas imagens, alguns alunos demonstraram muita dificuldade, na medida em que uns escreveram apenas sobre a parte da história que mais gostaram, enquanto outros escreveram, em vez de um resumo apresentaram um texto bastante extenso, inventando e integrando até novas falas entre as personagens.

No que diz respeito à identificação das personagens que faziam parte da história, as respostas dos alunos foram várias, pois alguns referiram apenas as duas personagens principais e outros referiram todas as personagens que integravam a história.

De um modo geral, todas as crianças, nas suas respostas, foram bastante diretas, ou seja, deram respostas pouco aprofundadas e não fundamentaram algumas das suas opiniões.

Nesta primeira intervenção houve um aluno que não participou, pois não foi à escola nesse dia. Houve outra aluna que só assistiu a uma parte da leitura, pois estava doente e foi para casa.

5.1.2. Segunda intervenção do Projeto de Investigação

A segunda intervenção do meu Projeto de Investigação ocorreu em dois dias, sendo eles o dia 14 e 15 de janeiro de 2015.

Na segunda intervenção do meu Projeto de Investigação, realizada a 14 de janeiro de 2015, foi trabalhado o texto narrativo “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta, sendo que também esta obra integra o Plano Nacional de Leitura para o 4.º Ano do Ensino Básico.

Para que os alunos compreendessem a história e estivessem motivados para a leitura da mesma, este processo ocorreu em três fases diferentes, sendo elas:

- Antes da leitura:

- Inicialmente, a professora irá explicar que esta atividade consiste em ler e interpretar o texto “História com Recadinho”, cujo resultado será utilizado no seu Projeto de Investigação.

- De seguida, os alunos são questionados acerca do seu conhecimento acerca da história que irá ser lida, ou seja, se já a conhecem ou não.

- Após as respostas dos alunos, são explorados os elementos exteriores do livro, ou seja, as imagens presentes na capa e na contracapa do mesmo. Desta forma, os alunos referem o que observaram, bem como algum elemento que considerem importante destacar.

- De seguida, é lido o título da história, para que com base nas ilustrações e no título, os alunos possam dizer o que pensam que irá ser tratado ao longo da história.

- Todos os procedimentos referentes à fase do antes da leitura, serão executados em grande grupo, possibilitando a participação de todos.

- Durante a leitura:

- Projeção da história, para que os alunos possam seguir a leitura e observar as ilustrações presentes ao longo da mesma. Esta projeção será feita a partir do programa Prezi.

- De seguida, será feita uma leitura em voz alta do texto “História com Recadinho”, pela professora.

- Distribuição do texto, sem ilustrações, a cada um dos alunos, para que possam proceder a uma leitura silenciosa do mesmo e sublinhar as palavras que não conhecem.

- Pesquisa, por parte da professora, do significado das palavras no dicionário online Priberam. Nesta etapa, é selecionado um aluno de cada vez, para que possa dizer as palavras que selecionou e para que se possa procurar o seu significado. Este processo repetir-se-á quando todos os alunos tiverem todos os significados esclarecidos.

- Depois da leitura:

- Nesta última fase, inicialmente, é feito um debate acerca do que foi lido, para que os alunos possam dizer resumidamente o que aconteceu na história e referir quais as partes que consideraram mais interessantes.

- Após o diálogo, é distribuída uma ficha de leitura, para que os alunos possam proceder à sua resolução, de forma individual.

Durante a leitura, todos os alunos se mostraram bastante interessados pelos acontecimentos da história, dado que a personagem principal do texto era uma bruxa diferente das outras, pois em vez de fazer mal, ajudava as pessoas. Desta forma, os alunos ficaram surpreendidos com este aspeto da história, ficando sempre à espera do que iria acontecer a seguir.

No que diz respeito às fichas de leitura, durante a resolução das mesmas, os alunos estiveram concentrados e empenhados, na medida em que todos conseguiram responder às questões que eram colocadas.

Ao analisar as fichas de leitura, é possível verificar que os alunos continuaram com dificuldade em referir as personagens que faziam parte da história. Porém, no que diz respeito ao resumo da história, nesta segunda intervenção, foi notória uma melhoria por parte de todos os alunos.

Na ficha de leitura em questão, era solicitado aos alunos que referissem o que é que podíamos fazer na vida real para praticarmos boas ações, como a personagem principal da história. As respostas foram bastante diversificadas: *“Podemos ser simpáticos, ajudar as pessoas que necessitam”*; *“Ajudarmo-nos uns aos outros como a bruxinha ajudou aquela cidade”*; *“Podemos ajudar os colegas, respeitar os mais velhos, não andar à luta, não dizer asneiras e ajudar idosos”*; entre outras respostas.

Nesta segunda intervenção, nas respostas dos alunos às questões da ficha de leitura, também houve uma melhoria no geral, pois deram respostas mais completas e fundamentaram algumas delas.

No segundo dia desta segunda intervenção, a 15 de janeiro de 2015, foram preparadas pelos alunos e apresentadas as dramatizações da história de Luísa Dacosta *“História com Recadinho”*, as quais foram gravadas em vídeo. Após esta fase, foram inquiridos os alunos acerca do texto narrativo e verificou-se uma maior compreensão por parte destes de alguns aspetos que nas fases anteriores não tinham sido por eles captadas, como a noção de espaço onde as ações decorriam e a noção da sequência temporal da história. Também verifiquei uma maior preocupação da sua parte, em procurar definir e caracterizar cada uma das personagens da história.

5.2. Questionários

Os questionários foram dados aos alunos no dia 28 de janeiro de 2015 e tiveram como objetivo verificar os hábitos de leitura dos alunos; o tipo de textos que preferem; se compreendem ou não facilmente alguns elementos das histórias, entre outros aspetos.

Através da análise dos questionários, foi possível verificar que a maioria dos alunos tem o hábito de ler sem ser na escola, costuma comprar, ou requisitar livros para ler. Desta forma, a turma com a qual estive a estagiar, tem na sua grande maioria hábitos de leitura apesar de poderem sentir dificuldade em compreender alguns elementos que compõem as histórias.

No que diz respeito ao tipo de textos que os alunos mais gostam, os tipos de texto eleitos pela maioria dos alunos foram o texto narrativo e o texto poético, seguindo-se a banda desenhada, sendo pouco significativa a escolha de outro tipo de textos (textos dramáticos, textos dialogais, textos que retratam a História de Portugal, textos que fazem parte do manual de Português, textos de terror), ou a opção pelo item que englobava todos os tipos de texto.

Relativamente à identificação dos elementos principais da história, como a identificação das personagens que fazem parte da mesma, a maior parte dos alunos respondeu que consegue identificá-los facilmente, bem como ordenar a sequência dos acontecimentos da história.

No que se refere à compreensão do conteúdo da história e da mensagem transmitida pela mesma, todos os alunos responderam que o Jogo Dramático os auxiliava a perceber melhor estes aspetos. Também na pergunta em que era colocada a questão do gosto dos alunos pelas atividades que envolvessem o Jogo Dramático, todos responderam que gostavam de participar nessas mesmas atividades.

Em relação à participação dos alunos num grupo de teatro, através da análise dos questionários, foi possível constatar que a grande maioria não pratica atividades nesse âmbito, em atividades extracurriculares.

Por fim, na última questão, a maioria dos alunos respondeu que para compreender melhor todos os aspetos relacionados com a história, a melhor forma seria através da leitura e do Jogo Dramático.

Para uma melhor compreensão de todos estes aspetos mencionados anteriormente, no que diz respeito à análise dos questionários feitos aos alunos, encontram-se abaixo alguns gráficos que ilustram as várias respostas obtidas.

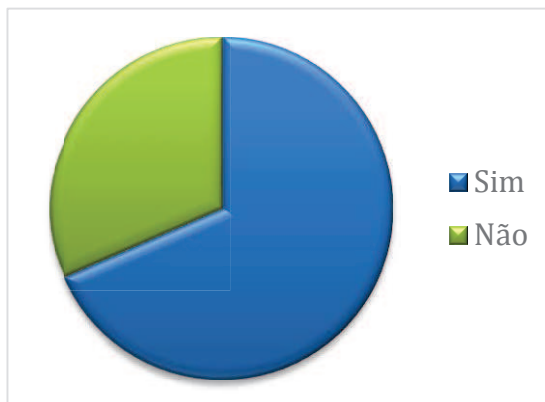


Gráfico 10 - Tens o hábito de ler, sem ser na escola?

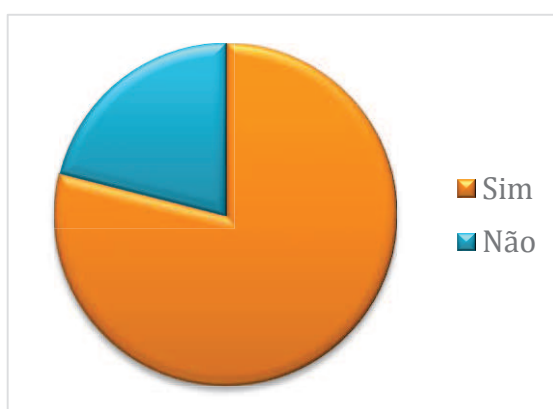


Gráfico 11 - Costumas requisitar ou comprar livros para ler?

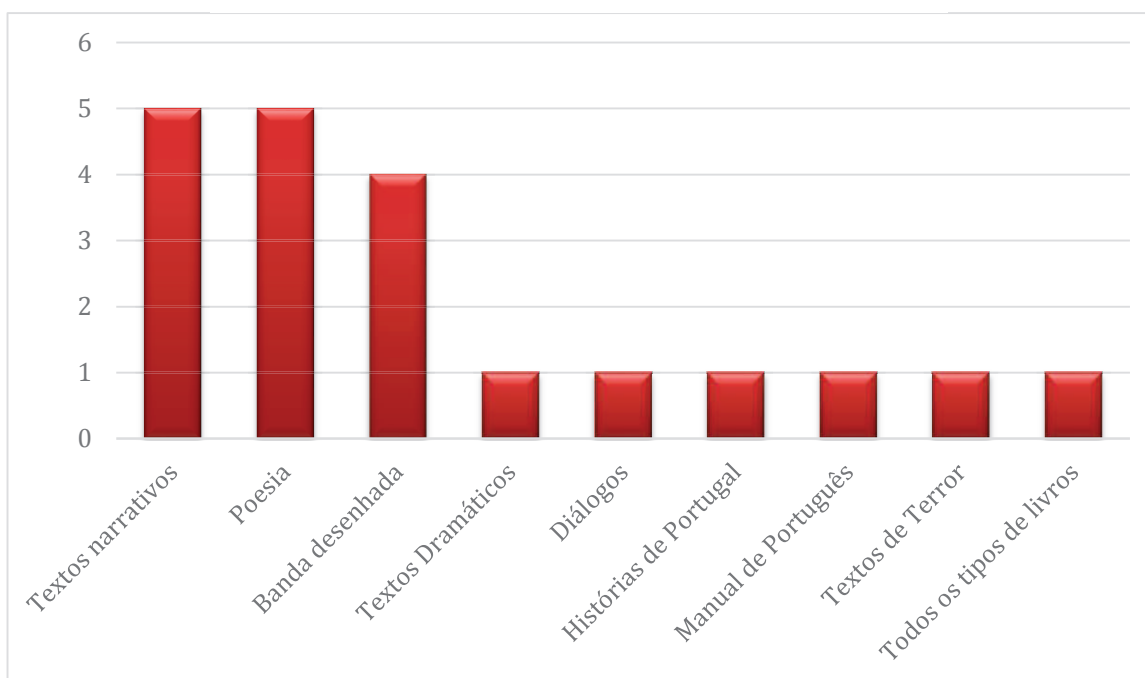


Gráfico 12 - Que tipo de textos gostas de ler?

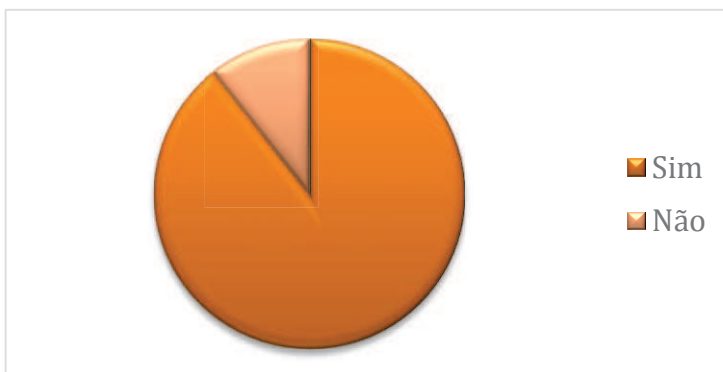


Gráfico 13 - Consegues identificar facilmente os elementos do texto, como por exemplo, as personagens e as suas características?

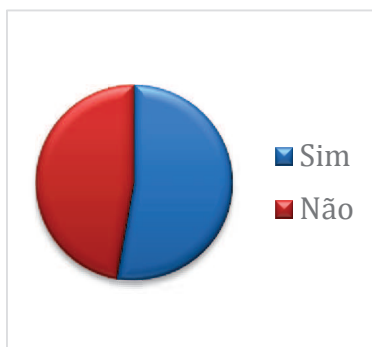


Gráfico 14 - Se te pedissem para ordenares a sequência dos acontecimentos de uma história, achas que conseguias fazer esta tarefa com facilidade?



Gráfico 15 - Achas que fazendo um Jogo Dramático conseguias perceber melhor o conteúdo da história e a mensagem transmitida?

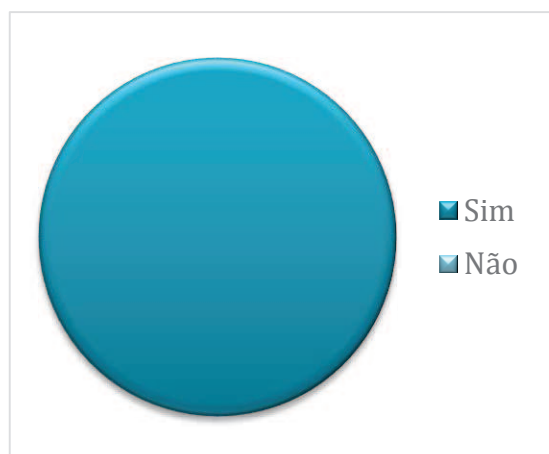


Gráfico 16 - Gostas de participar em atividades que tenham Jogos Dramáticos?

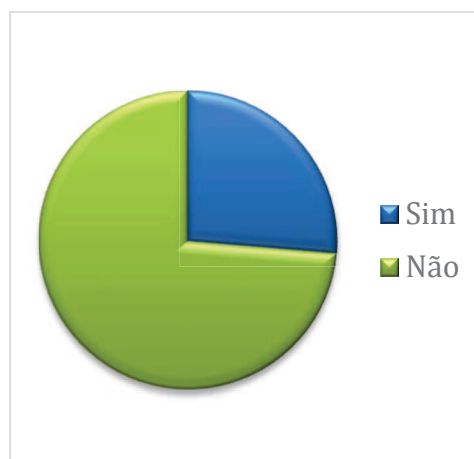


Gráfico 17 - Pertences a algum grupo de teatro?

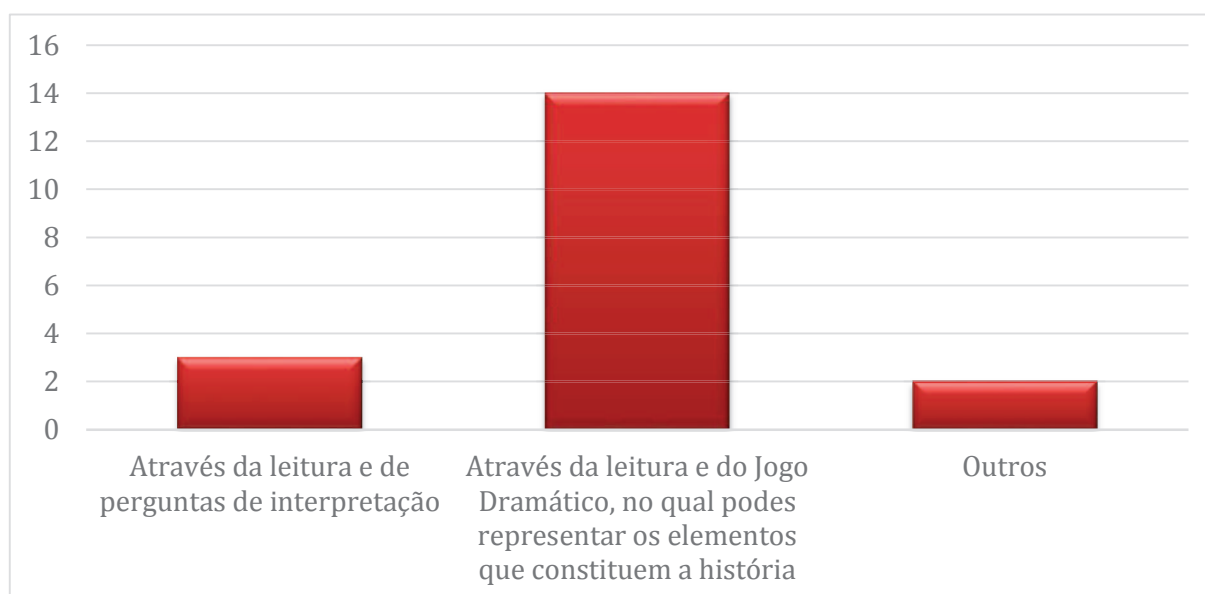


Gráfico 18 - Uma história tem os seus elementos, como as personagens, os espaços, o tempo, a sequência de acontecimentos e uma mensagem. Qual achas que é a melhor forma de compreenderes estes aspetos?

Através da análise dos gráficos acima representados, é possível concluir que a maioria dos alunos concorda com a utilização da Expressão Dramática, mais especificamente do Jogo Dramático, na compreensão dos textos narrativos, facilitando assim a sua compreensão.

5.3. Comentários escritos dos alunos

No segundo dia da segunda implementação do meu Projeto de Investigação, solicitei aos alunos que escrevessem um breve comentário acerca da dramatização e se tinha ou não contribuído para uma melhor compreensão da história trabalhada.

As opiniões dadas pelos alunos foram bastante variadas, sendo que todos eles concordaram que a dramatização os ajudou a compreender melhor a história do que apenas a leitura e a interpretação da mesma. Porém, as vantagens que mencionaram foram bastante diversificadas.

De entre os comentários de todos os alunos, selecionei alguns que não mencionam o nome de nenhum colega da turma e que revelam uma maior clareza. Desta forma, os comentários que selecionei foram os seguintes:

- *“O trabalho com os colegas correu muito bem. Empenhamo-nos no trabalho e a dramatização correu muito bem. A história foi mais fácil de perceber com a dramatização porque fizemos em conjunto e eu gosto de trabalhar em grupo.”*
- *“Na minha opinião nós trabalhamos bem em grupo e empenhamo-nos muito. Cada um decorou a sua parte. Eu consegui perceber melhor a história com a dramatização. Para mim foi mais fácil perceber a história com a dramatização porque vi os lugares onde aconteceu a história.”*
- *“Eu acho que o trabalho com os meus colegas correu muito bem porque fizemos todos bem. Empenhamo-nos todos no teatro e cada um de nós decorou a sua parte no teatro. Para mim foi mais fácil perceber a história com a dramatização porque nós é que contamos a história. Na minha opinião o trabalho correu muito bem.”*
- *“O trabalho correu muito bem e foi muito giro e divertido. Na dramatização nós representamos a peça “História com Recadinho” e primeiro atuou o grupo 1 e depois atuou o grupo 2. Atuaram bruxas, um bruxo rapaz, uma rapariga, uma velhinha, um menino que foi salvo e a mãe do menino. Mas eu percebi melhor com a representação do que com a leitura.”*
- *“A dramatização correu bem, fizemos muitas coisas divertidas mas enganei-me algumas vezes. Havia bastantes personagens e trabalhámos em grupo. Foi muito giro: as roupas, as falas, os espaços projetados. Foi muito mais fácil compreender a história com a dramatização. Adorei a dramatização.”*
- *“O trabalho que fiz com os meus colegas correu bem, e na dramatização fizemos um texto com falas que se percebe melhor como ocorre a história. Foi mais fácil compreender a história escolhida com a dramatização, porque participamos nesta representação vários alunos da turma nos grupos em que fomos distribuídos. A turma foi dividida em dois grupos tendo cada grupo dez alunos. A minha personagem foi muito divertida e gostei muito da parte que me calhou. Eu gosto muito de representar e ficou muito melhor com os meus colegas. Obrigada!”*

Deste modo, ao fazer uma análise de todos os comentários escritos pelos alunos, é possível compreender que todos se entusiasmarão com a experiência e referindo terem passado a compreender melhor a história através da dramatização que realizaram. Apesar do nervosismo que sentiam, conseguiram dizer a maior parte das falas e aproveitar a dramatização da melhor forma possível. Foi, também, acentuado por quase todos os alunos a importância do grupo na realização da atividade e o empenho que todos tiveram na preparação e execução da atividade de Jogo dramático.

Assim, na minha opinião, o Jogo Dramático pode ser encarado como um grande auxiliar no que diz respeito à compreensão dos textos narrativos, pois é uma forma de complementar a leitura e a interpretação da história, oferecendo também, momentos diferentes aos alunos, que simultaneamente os divertem e os coloca em situação de diálogo, treino tão importante na formação do indivíduo.

5.4. Entrevista à Orientadora Cooperante

A entrevista feita à Orientadora Cooperante era composta por nove questões, sendo que no decorrer da entrevista procurei obter mais alguns elementos, para além dos que estavam explícitos nas perguntas feitas à Orientadora Cooperante. Desta forma, para que seja possível uma melhor compreensão dos dados recolhidos na entrevista, agrupei as questões por categorias, sendo elas as seguintes: hábitos de leitura dos alunos; identificação dos elementos que constituem o texto narrativo; importância do Jogo Dramático; possíveis limitações da aplicação do Jogo Dramático; e ainda, utilidade do Jogo Dramático na compreensão dos textos narrativos. Assim, de seguida, encontra-se uma análise da entrevista realizada à Orientadora Cooperante, efetuada em fevereiro de 2015, de acordo com as categorias anteriormente referidas.

5.4.1. Categoria 1 - Hábitos de leitura dos alunos

Relativamente aos hábitos de leitura dos alunos, a Orientadora Cooperante referiu que a maioria da turma se interessa bastante pela leitura, tendo até muito gosto por esta atividade e estando muito motivados para a mesma, fazendo também pesquisas de livros que gostariam de ler. Durante a entrevista é também referido que os alunos que não têm o hábito de ler se deve ao facto de estarem envolvidos em várias atividades extracurriculares e acabarem por deixar a leitura um pouco para trás.

No que diz respeito à requisição de livros na biblioteca, segundo a professora, quase todos os alunos se dirigem à mesma durante a hora do almoço e procuram ocupar o tempo com a leitura, chegando mesmo a requisitar livros para levarem para casa.

De acordo com a entrevista, a maioria dos alunos revelam bastante interesse na leitura fora do contexto de sala de aula, demonstrando também o aumento da sua cultura geral e a motivação que têm por determinados temas e matérias, levando também para a sala de aula alguns artigos e pesquisas que fizeram. *“Tenho alunos que demonstram uma cultura geral que, no nível etário em que estão, até é um pouco elevada. Em certos assuntos, não são só os conhecimentos que têm da escola, ou seja, é o que pesquisam, os livros que têm, mas este aspeto também depende da motivação de cada criança.”*

5.4.2. Categoria 2 - Identificação dos elementos que constituem o texto narrativo

No que se refere à interpretação do texto, a turma em questão consegue fazê-lo com facilidade, na medida em que a Orientadora Cooperante tem o hábito de ler o texto narrativo em voz alta e depois cada aluno faz a sua leitura. Numa fase posterior, o texto é explorado em conjunto e os alunos conseguem interpretá-lo facilmente.

No caso específico da identificação das personagens do texto, a Orientadora Cooperante afirma que os alunos as conseguem identificar com facilidade, desde que não seja um número muito grande de personagens, porque nesse caso, terão de ser os colegas, com os complementos uns dos outros que chegam ao conjunto de todas as personagens que fazem parte da história. No que diz respeito ao tempo em que decorre a ação, os alunos revelam alguma dificuldade neste aspeto, mas de modo geral, todos conseguem identificar o tempo em que decorre a ação. *“Tenho por regra geral, eu fazer a leitura, cada um dos alunos faz a sua leitura e depois fazemos a exploração oral do texto e depois, a partir daí, no geral, conseguem atingir o objetivo com facilidade.”*

5.4.3. Categoria 3 - Importância do Jogo Dramático

Relativamente ao desenvolvimento de atividades que envolvam o Jogo Dramático em contexto de sala de aula, a Orientadora Cooperante é da opinião que este aspeto é muito importante e que na turma em questão existem muitos alunos que têm motivação para essas mesmas atividades. *“Os alunos puxam uns pelos outros e, enquanto que noutras turmas há colegas a dizerem que não querem participar nas dramatizações, nesta turma isso não acontece, não há nenhum aluno que diga que não, todos querem participar.”*

5.4.4. Categoria 4 - Possíveis limitações da aplicação do Jogo Dramático

Algumas das limitações na aplicação do Jogo Dramático referidas pela Orientadora Cooperante foram o facto de o programa ser um pouco extenso e a Professora não ter tempo para realizar mais atividades que envolvam as dramatizações, por exemplo e também o facto de existirem alguns alunos com os quais é mais complicado trabalhar com este tipo de atividades, apesar de a totalidade da turma gostar bastante das atividades de Expressão Dramática. *“Sou sincera, devido à situação, devido ao programa que tenho, gostaria mais de trabalhar essa área, mas também estou limitada. Este ano já fizeram várias dramatizações e eles adoraram.”*

5.4.5. Categoria 5 - Utilidade do Jogo Dramático na compreensão dos textos narrativos

A Orientadora Cooperante considera bastante importante que os alunos vivenciem as próprias personagens e que isso os motiva para conseguirem uma melhor interpretação do texto. É também da opinião que o Jogo Dramático complementa a leitura e a interpretação do texto, mas nem sempre é possível aplicar o Jogo Dramático na interpretação dos textos. *“...uma coisa é nós estarmos a ler, a interpretar, a explorar e depois, é os próprios alunos terem essas vivências pelas personagens que irão representar na dramatização. Aí completa toda a parte de interpretação, do vocabulário, o desenrolar do texto, a conclusão e há uma participação diferente dos alunos, mais motivadora.”*

Na entrevista, é referido que a realização do Jogo Dramático para a interpretação do texto narrativo requer uma maior preparação dos alunos, tornando-se assim mais significativo para os alunos, conseguindo compreender melhor o texto que foi lido, interpretado e explorado anteriormente.

5.5. Vídeos das dramatizações da história

Ao visualizar os vídeos gravados ao longo das dramatizações dos dois grupos de alunos, é possível verificar o entusiasmo de ambos os grupos com a dramatização da história “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta, na medida em que ficaram eufóricos com os fatos e acessórios de cada personagem e no facto de estarem a interagir entre si.

No que diz respeito às falas, os alunos encontravam-se um pouco nervosos e, por vezes, eu tinha de os auxiliar nas suas falas, pois não se lembravam como era a fala completa. Porém, apesar deste pequeno nervosismo, os alunos gostaram bastante de realizar a dramatização da história e desenvolveram um excelente trabalho em grupo.

Ao longo das dramatizações da história, também os alunos que tinham necessidades educativas especiais se sentiram integrados no grupo e desempenharam o seu papel de uma ótima maneira com o auxílio dos colegas. Na minha opinião, este tipo de trabalho valoriza a interação entre todos os alunos, realçando a importância de cada um e o valor que a ajuda tem num trabalho desenvolvido em grupo.

No meu ponto de vista, a dramatização da história contribuiu para que os alunos a compreendessem melhor, que adquirissem aprendizagens significativas e ficassem a perceber determinados aspetos da história que não tinham sido assimilados com a leitura e interpretação, dado que foram os próprios alunos a desempenhar o papel das personagens intervenientes no enredo da história.

De uma forma geral, todos os alunos se empenharam na dramatização para que tudo decorresse da melhor maneira e usufruíram desta mesma atividade, mantendo-se sempre motivados e divertidos, respeitando sempre as regras de sala de aula e o respeito pelos restantes colegas.



Figura 10 - Gravação dos vídeos

5.6. Triangulação dos dados

No respeitante às práticas de leitura, houve concordância entre as opiniões emitidas pelos alunos e as considerações efetuadas a esse respeito pela sua Orientadora Cooperante. Enquanto esta refere que a maioria da turma se interessa pela leitura e requisita livros, cerca de um terço dos alunos diz não ler fora da Escola e um quarto indica que não requisita, nem compra livros.

No referente à identificação dos elementos que constituem o texto narrativo, também se verifica uma convergência entre as respostas das crianças e a da professora cooperante. A quase totalidade dos alunos considera que tem facilidade em identificar as personagens, o que é confirmado pela professora, mas que não foi verificado na primeira ficha de leitura. Quanto à organização temporal da sequência narrativa, a professora refere maiores dificuldades nesse ponto por parte dos alunos, dificuldades que também são expressas no inquérito aos alunos por quase metade da turma. No que diz respeito às fichas de leitura, aplicadas antes da atividade de jogo dramático, os alunos demonstraram, ainda, alguma dificuldade na identificação das personagens e na sequenciação narrativa, apesar de se ter notado uma evolução da primeira ficha de leitura para a segunda.

Nas notas de campo, foi possível constatar que os alunos demonstraram bastante interesse pelas atividades que envolviam o Jogo Dramático. Também os comentários escritos pelos alunos revelaram um grande interesse e uma valorização do Jogo Dramático na compreensão dos textos narrativos e dos seus elementos.

Relativamente à entrevista realizada à Orientadora Cooperante, foi possível apurar que o Jogo Dramático é valorizado e contribui para uma melhor compreensão dos textos narrativos, complementando a leitura e a interpretação.

Por fim, nos vídeos gravados com as dramatizações, verifiquei que os alunos, apesar do nervosismo que sentiam, demonstraram bastante entusiasmo na atividade e adoraram desempenhar o papel das personagens da história que tinham explorado anteriormente.

Desta forma, com os vários dados recolhidos, é possível constatar que os alunos gostam bastante de realizar atividades que envolvam o Jogo Dramático e consideram-nas importantes em sala de aula e, quanto à Orientadora Cooperante, também valoriza bastante o Jogo Dramático como um complemento à atividade de leitura e interpretação dos textos, embora assinala a falta de tempo para realizar essa atividade.

Capítulo VI - Limitações do Estudo

Ao longo deste estudo, a principal limitação que encontrei na sua realização foi o facto de ter planeado quatro dias de intervenção e só poder implementar o meu Projeto de Investigação em apenas dois dias, o que me limitou bastante o tempo das atividades, bem como a comparação entre o momento em que era efetuada somente a leitura e a interpretação do texto com o segundo momento com a leitura, interpretação e dramatização do texto. Desta forma, os dados que recolhi foram mais reduzidos do que eu esperava na planificação do Projeto de Investigação, ou seja, a investigação foi menos aprofundada e detalhada devido à falta de tempo de implementação.

Uma outra limitação que encontrei foi o facto de não poder disponibilizar aos alunos a tarefa de adaptação do texto narrativo “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta a texto dramático, como era minha intenção, visto que me foi comunicado pela Orientadora Cooperante, que as crianças da turma, com as quais desenvolvi a minha Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, não conseguiriam realizar essa tarefa.

Porém, apesar destas dificuldades, planifiquei e desenvolvi as atividades para que tudo decorresse da melhor forma e para que os alunos usufríssem das mesmas e efetuassem aprendizagens significativas para as suas vidas futuras.

Tendo em conta os aspetos mencionados, a amostra e o tempo previsto para esta pesquisa, não será possível generalizar estes dados, no entanto, poderemos concluir que, neste caso, a compreensão do espaço e tempo narrativos, assim como as características das personagens foi facilitada com a dramatização da história, tendo sido, igualmente, relevado, quer pela Professora Cooperante, quer pelos alunos, a importância das atividades dramáticas na compreensão dos componentes da narrativa.

Capítulo VII - Conclusões e contributo do Projeto de Investigação para o futuro

A Educação e Expressão Dramática, uma das componentes da área das Expressões do currículo do Pré-escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, segundo o meu ponto de vista, deverá ter um papel relevante nestes dois setores de educação/ensino, pela possibilidade que oferece na aquisição de saberes e competências relacionais, de expressão e de comunicação oral/corporal, bem como pelo facto de poder ser um meio para a promoção de saberes e competências de outras áreas curriculares.

No caso específico deste estudo, a Expressão Dramática, mais concretamente o Jogo Dramático, serviu de complemento para a compreensão de um texto narrativo. Consideramos que a motivação, inerente à prática do Jogo Dramático por parte dos alunos, foi um fator que determinou uma maior atenção aos aspetos narrativos, sendo possível verificar que, com as atividades de Expressão Dramática, os alunos têm uma motivação completamente diferente, assumindo até mais responsabilidade, dado que cada um dos alunos assume o papel de uma determinada personagem.

Nestas atividades, é necessário que os alunos consigam trabalhar em grupo e interagir com os colegas, o que se verificou nas atividades por mim desenvolvidas e foi assinalado pelos alunos. Os dois alunos com necessidades educativas especiais participaram na atividade como qualquer outro aluno e desempenharam muito bem os papéis que lhes foram solicitados, sendo que os restantes colegas os auxiliaram e integraram no grupo.

Com este trabalho de investigação foi possível recolher as opiniões de vários intervenientes, ou seja, dos alunos e da Orientadora Cooperante. Os dados que recolhi de ambas as partes revelaram que todos consideram a Expressão Dramática, nesta interligação com a Língua Portuguesa, um contributo bastante significativo na sala de aula. Entendemos, a partir da análise dos dados recolhidos, que esta forma de explorar os textos narrativos, colocando a criança em ação dramática, determina não somente o interesse dos alunos e o seu envolvimento, mas, igualmente, uma mais fácil compreensão da estrutura e do conteúdo dos textos narrativos. Desta forma, é possível concluir que é muito importante utilizar a Expressão Dramática em sala de aula, em conjunto com as outras áreas curriculares, fomentando aprendizagens significativas de uma forma diferente daquela a que os alunos estão habituados.

Para a minha futura vida profissional, considero bastante importante a interligação entre todas as áreas curriculares, sempre que possível, nomeadamente, utilizar o Jogo dramático como meio privilegiado para promover uma melhor compreensão de textos narrativos. Enquanto futura professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na minha vida profissional tentarei realizar estas atividades, proporcionando várias experiências aos alunos, para que sejam eles próprios a vivenciar as histórias, a fim de compreenderem melhor todos os respetivos componentes narrativos. Dado que através da dramatização

são eles próprios que apresentam a história para um público, neste caso para os restantes elementos da turma, necessitam de estruturar a sequência narrativa, perceber as diferenças caracterizadoras das personagens para as representar, compreender melhor as situações narradas através dos diálogos que se estabelecem e, por consequência, os temas principais refletidos no texto.

Este trabalho de investigação possibilitou o meu crescimento em diferentes etapas: no trabalho de pesquisa, em que aprofundei as problemáticas subjacentes a esta prática, na escolha dos objetivos e questões de investigação, na justificação das metodologias aplicadas, nas atividades implementadas com os alunos, na análise dos dados recolhidos e, finalmente, na reflexão a que este estudo me conduziu.

Em suma, este estudo permitiu evidenciar a importância do Jogo Dramático na compreensão dos elementos estruturais da narrativa e relevar o papel da Expressão Dramática no contexto do 1ºCiclo do Ensino Básico.

Como projeção para outros trabalhos subsequentes, creio que poderiam ser implementados estudos, centrando-se no Jogo Dramático, que focalizassem outros aspetos a trabalhar no domínio narrativo, desenvolvidos através da elaboração pelos alunos de guiões dramáticos a partir de contos. Igualmente, sobre a problemática que abordei, poderia haver mais estudos em contextos diferenciados. Como é acentuado por Madalena Leitão (2004), o Drama tem uma tripla dimensão de Narrativa, de Representação e de Interação comunicativa, sendo por isso um espaço privilegiado para o desenvolvimento de estudos sobre o texto narrativo.

Referências Bibliográficas

- Barret, G. (1989). Para uma definição de Expressão Dramática. *Percursos - Cadernos de Arte e Educação*, nº1.
- Barret, G. (1992). *Pédagogie de L'Expression Dramatique. Montréal: Recherche en Expression*. Montréal: Recherche en Expression.
- Chancerel, L. (1936). *Jeux Dramatiques dans L'Education*. Paris: Librairie Théâtrale.
- Chateau, J. (1975). *A Criança e o Jogo*. Coimbra: Atlântida Editora.
- Courtney, R. (2003). *Jogo, Teatro & Pensamento - As bases intelectuais do teatro na educação*. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva.
- De Ketele, J.-M. & Damas, M. J. (1980). *Observar para Avaliar*. Edições Almedina.
- De Ketele, J.-M. & Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Duarte, I. M. (2001). *Gavetas de Leitura - Estratégias e materiais para uma pedagogia da leitura*. Porto: Edições ASA.
- Educação, M. d. (2004). *Organização Curricular e Programas - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Mem Martins: Departamento da Educação Básica.
- Educação, M. d. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa.
- Gauthier, H. (2000). *Fazer Teatro desde os Cinco Anos*. Coimbra: Edições Minerva.
- Heathcote, D. (1991). *Collected writings on education and drama*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press.
- Landier, G. B.-C. (1994). *Expressão Dramática e Teatro*. Lisboa: Edições ASA.
- Leenhardt, P. (1974). *A Criança e a Expressão Dramática*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Leitão, M. M. (2004). *Drama e Desenvolvimento Moral: Perpectivas, modalidades e alguns equívocos*. Educare-Educere, Nº Especial.
- Lopes, M. S. P. (2011). *O Saber Dramático: A Construção e a Reflexão*. Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Mário F. Lages, C. L. (2007). *Os Estudantes e a Leitura*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).
- Marques, F. C. (1972). *A Análise Literária*. Coimbra: Livraria Almeida.
- Martins, A. (2002). *Didáctica das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.

- McNaughton, M. J. (1997). Drama and Children's Writing: a study of the influence of drama on the imaginative writing of primary school children. *Research in Drama*, Vol. 2, N.º1, 55-86.
- Melo, M. d. (2005). *A Expressão Dramática - À procura de percursos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Milhano, M. O. (2010). *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade*. Leiria: Folheto Edições & Design; Centro de Investigação Identidades e Diversidades.
- Nevitt, R. (2006). Conferences reviews: Rare earth, rich explorations. *Research in Drama Education*, Vol. 1, N.º3, 359-365.
- Oliveira, M. M. (2010). *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade*. Leiria: Folheto Edições & Design; Centro de Investigação Identidades e Diversidades.
- Poveda, L. (1995). *Ser o No Ser - Reflexión antropológica para un programa de pedagogía teatral*. Madrid: Narcea.
- Ryngaert, J.-P. (1981). *O Jogo Dramático no Meio Escolar*. Coimbra: Centelha.
- Santos, A. d. (2008). *Mediações Arteducacionais*. Coimbra: Textos de educação.
- Sim-Sim, I. (2008). *PNEP - O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. Ministério da Educação.
- Sousa, C. M. (2008). *Contos de Fadas como uma estratégia para a aprendizagem da leitura*. Aveiro.
- Taylor, P. (2000). *The drama classroom: Action, reflection, transformation*. Nova Iorque: Routledge/Falmer.
- Vigotski. (2009). *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid : Ediciones Akal.

Anexos

Anexo I - Poema “As nossas roupas”, de Walkiria Garcia

As nossas roupas

No outono ou no inverno,
Na primavera ou no verão,
Ao abrir nossa gaveta,
Muitas roupas lá estão.

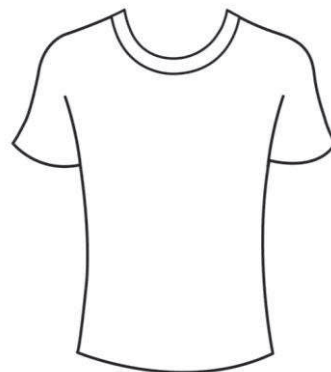
Mas porque usamos roupas?
E de onde elas vêm?
Aparecem como mágica,
Ou são feitas por alguém?

Walkiria Garcia

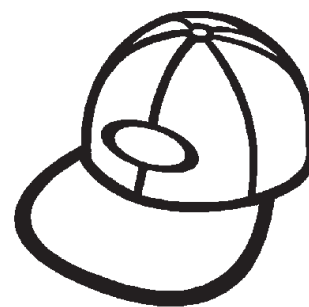


Anexo II - Imagens de peças de roupa para ligar às partes do corpo

Liga as peças de vestuário às partes do corpo que achas certas.



Liga as peças de vestuário às partes do corpo que achas certas.



Anexo III - Imagens de peças de vestuário para fazer seleção das que são adequadas para a Primavera





Anexo IV - Jogo da memória com peças de vestuário

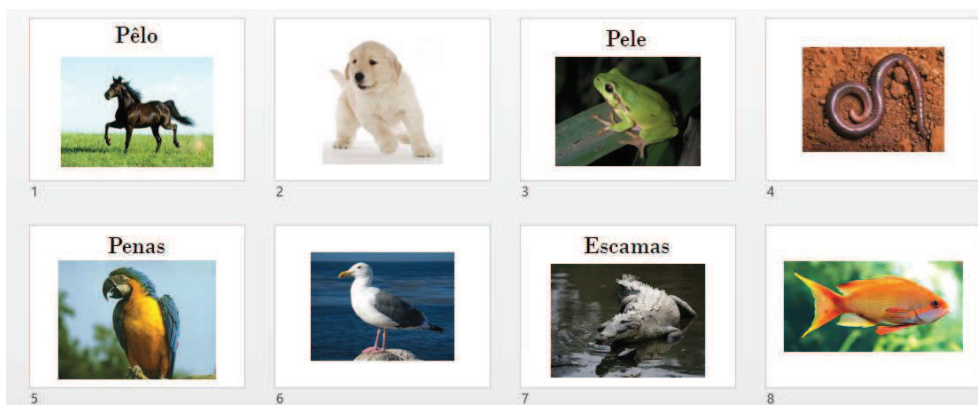


1 2 3 4 5 6

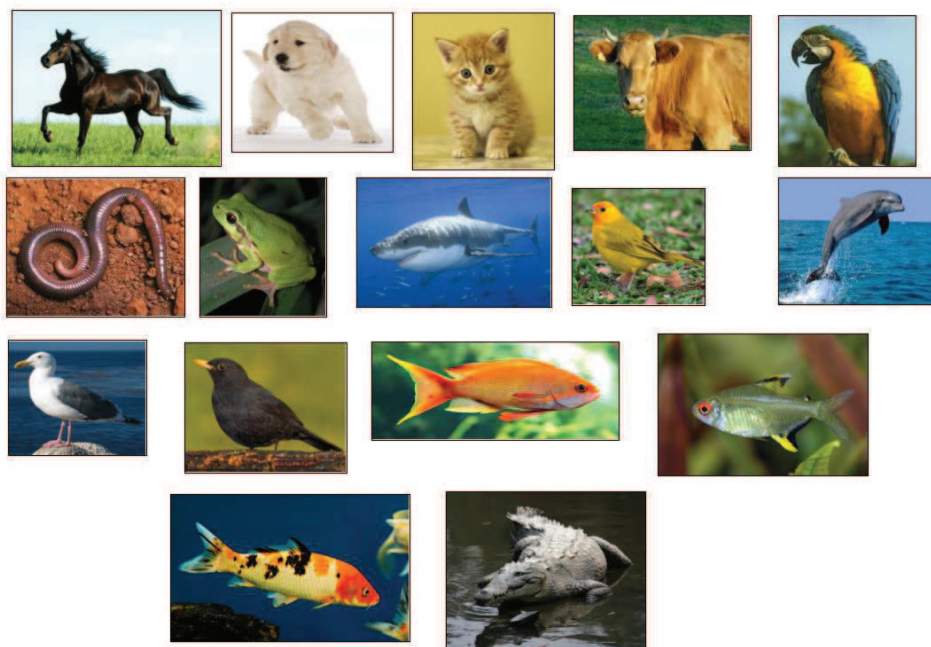
7 8 9 10 11

12

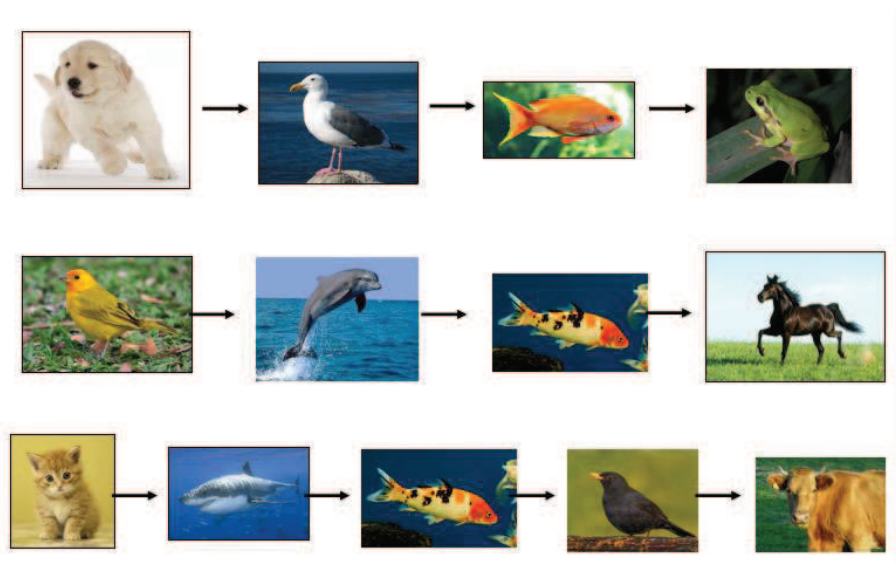
Anexo V - Cartões de animais com diferentes tipos de revestimento



Anexo VI - Imagens de animais para agrupar de acordo com o tipo de revestimento



Anexo VII - Sequências de imagens



Anexo VIII - Link da música “Sónia e as Profissões - a Professora”

<http://www.youtube.com/watch?v=aB1c4nSdkIs>

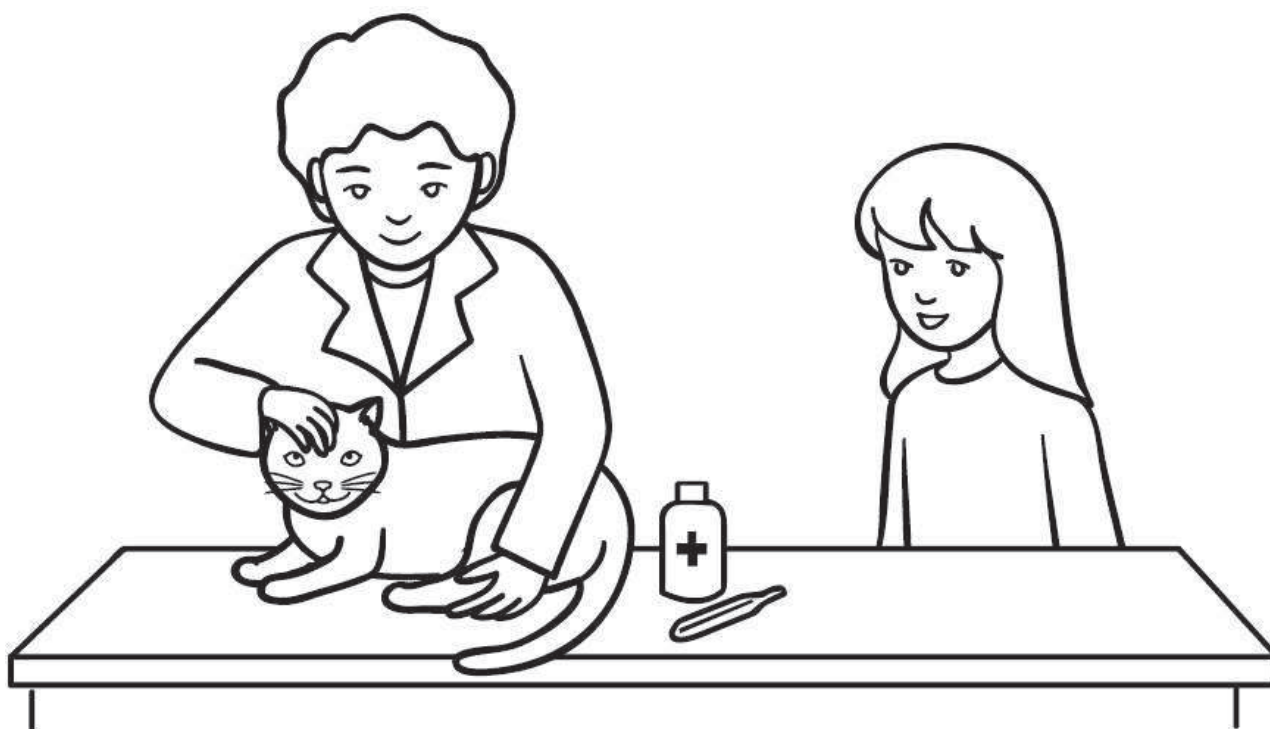
Anexo IX - Imagens para descobrir as diferenças



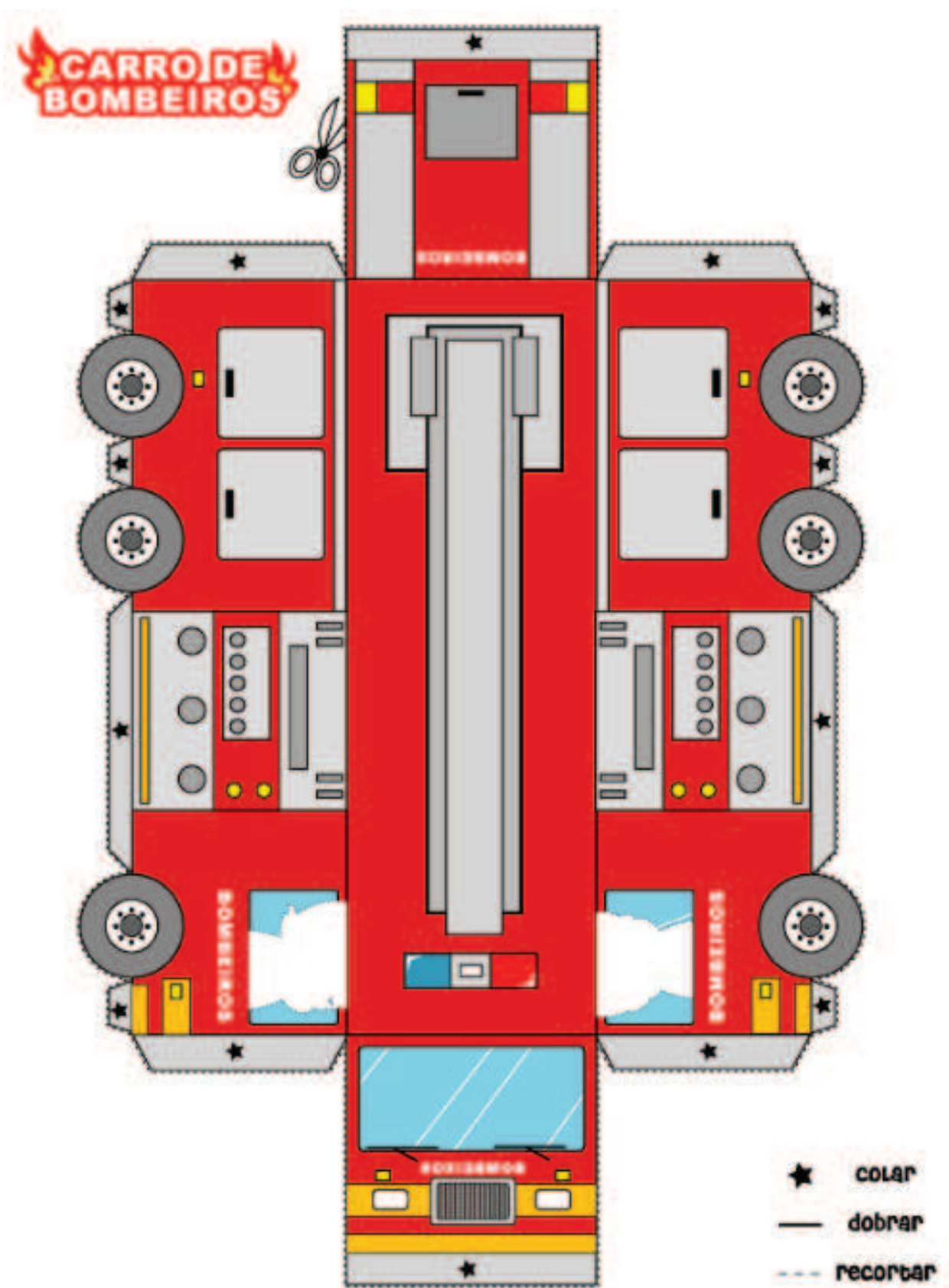
Anexo X - Imagem alusiva à profissão de veterinário



Anexo XI - Desenho de veterinário para estampar



Anexo XII - Carro de bombeiros



Anexo XIII - Imagens para associar os instrumentos e o local de trabalho às profissões

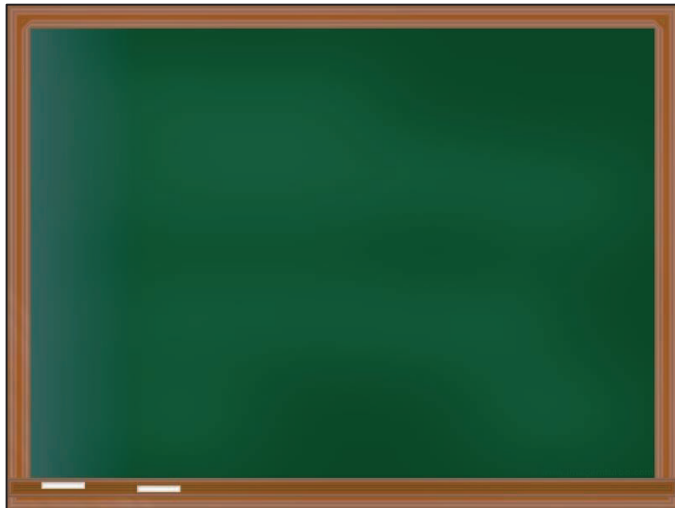
Professora

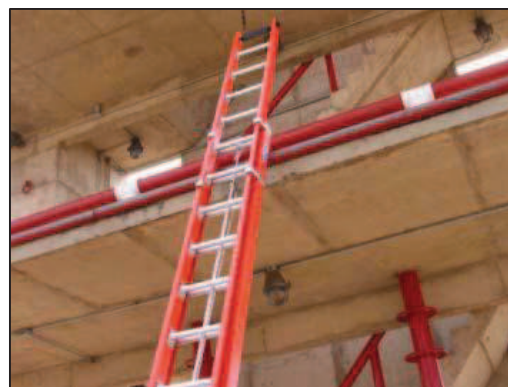
Veterinária

Polícia

Bombeiro







Anexo XIV - Grelha de registo

A preencher com: NS – Não Satisfaz; S- Satisfaz; SB – Satisfaz Bem

Área Curricular: Estudo do Meio

Descritores desempenho	Conhece personagens e factos importantes da história nacional	Conhece os Reis da 3. ^a Dinastia portuguesa	Conhece o significado da Restauração da Independência e o feriado nacional que era associado a este acontecimento	Conhece os feitos importantes que marcaram a 3. ^a Dinastia portuguesa
Nome dos alunos				

Área Curricular: Português (Oralidade)

Descritores desempenho	Distinguir informação essencial de acessória	Identificar ideias-chave de um texto ouvido	Usar a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados, e olhando o interlocutor	Mobilizar vocabulário cada vez mais variado e preciso, e estruturas frásicas cada vez mais complexas	Adaptar o discurso às situações de comunicação	Explicar	Formular perguntas
Nome dos alunos							

Área Curricular: Português (Leitura)

Descritores desempenho	Ler um texto com articulação e entoação corretas	Ler textos narrativos e informativos	Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas do interesse dos alunos e conhecimento do mundo	Identificar o tema ou assunto do texto e distinguir os subtemas, relacionando-os, de modo a mostrar que compreendeu a organização interna das informações	Ler e ouvir ler obras para a infância	Manifestar sentimentos e ideias suscitados por histórias
Nome dos alunos						

Área Curricular: Português (Escrita)

Descritores desempenho	Utilizar uma caligrafia legível	Escrever com correção na ortografia e na pontuação	Usar vocabulário adequado e específico dos temas tratados no texto	Escrever frases completas, respeitando relações de concordância entre os seus elementos
Nome dos alunos				

Área Curricular: Português (Gramática)

Descritores desempenho Nome dos alunos	Identificar os graus dos adjetivos e proceder a alterações de grau	Conjugar verbos regulares e verbos irregulares muito frequentes no indicativo (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro e presente)	Integrar as palavras nas classes a que pertencem: nome: nome próprio e comum (coletivo)

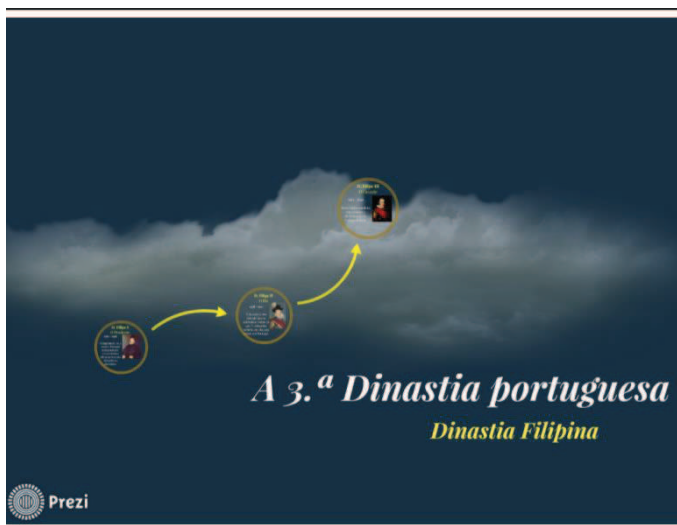
Área Curricular: Matemática

Descritores desempenho Nome dos alunos	Efetuar divisões inteiras com dividendos de três algarismos e divisores de dois algarismos	Efetuar divisões inteiras utilizando o algoritmo	Utilizar o algoritmo da multiplicação e as tabuadas, de forma a auxiliar as divisões	Resolver problemas de vários passos envolvendo números naturais e as quatro operações

Área Curricular: Expressões (Expressão Musical)

Descritores desempenho Nome dos alunos	Canta a canção “O Rodolfo era uma rena”	Utiliza instrumentos musicais para acompanhar a canção	Organiza sequências de movimentos, de forma a realizar uma coreografia, para acompanhar a canção “O Rodolfo era uma rena”

Anexo XV - Esquema interativo com informações referentes aos Reis da 3.^a Dinastia portuguesa



D. Filipe I O Prudente

1580 - 1598

Compromete-se a manter Portugal independente. Os territórios ultramarinos são deixados ao abandono.



Prezi

D. Filipe II O Pio

1598 - 1621

É durante o seu reinado que se estabelece o mito de que D. Sebastião voltaria um dia para reinar em Portugal.



Prezi

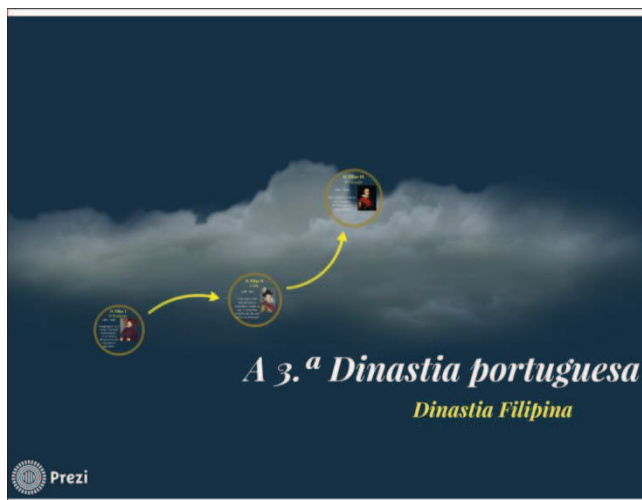
D. Filipe III O Grande

1621 - 1640

Toma várias medidas que causam a Restauração da Independência.



Prezi



Anexo XVI - Sítio da Internet “Júnior” com texto informativo acerca da Restauração da Independência

<http://www.junior.te.pt/servlets/Bairro?ID=365&P=Portugal>

Dia da Restauração da Independência

- Como deves saber, o dia 1 de Dezembro é feriado em Portugal. Nesse dia comemora-se o Dia da Restauração da Independência.
- Queres saber porquê? Tudo começou em finais do séc. XVI: o rei de Portugal era D. Sebastião.
- Em 1578, D. Sebastião morreu na batalha de Alcácer-Quibir, no norte de África. Portugal ficou, assim, sem rei, pois D. Sebastião era muito novo e ainda não tinha filhos, não havia herdeiros directos para a coroa portuguesa.



Assim, quem subiu ao trono foi o Cardeal D. Henrique, que era tio-avô de D. Sebastião. Mas só reinou durante dois anos porque nem todos estavam de acordo com ele como novo rei. Mas atenção: estas coisas nunca são simples, houve muitos pretendentes e isto deu muita confusão...



Em 1580, nas Cortes de Tomar, Filipe II, rei de Espanha, foi escolhido como o novo rei de Portugal. A razão para a escolha foi simples: Filipe II era filho da infanta D. Isabel e também neto do rei português D. Manuel, por isso tinha direito ao trono.

- Nesta altura, era frequente acontecerem casamentos entre pessoas das cortes de Portugal e Espanha, o que fazia com que houvesse espanhóis que pertenciam à família real portuguesa e portugueses que pertenciam à família real espanhola.




Anexo XVII - Jogo alfanumérico

AEAL

Nome: _____
Data: _____

Agora que já ficaste a conhecer mais sobre a 3.ª Dinastia portuguesa e sobre a Restauração da Independência, vou lançar-te um desafio! Vais fazer um jogo alfanumérico, para descobrires as informações codificadas!



Utiliza a lista de códigos, para descodificares as palavras que te são solicitadas.

1. 12 8 3 9 14 5 9

10. 14 18 10 1 5 4 16 5

1. 12 8 3 9 14 5 9 9

10. 14 9 10

1. 12 8 3 9 14 5 9 9 9

10. 20 18 2 4 1 5

18 5 22 16 2 19 18 2 6 2 10 1 2
9 4 1 5 14 5 4 1 5 4 6 9 2

Lista de códigos:

A cada letra corresponde um número. Vais precisar desta lista para conseguires descodificar as informações que estão a seguir.

A - 2	N - 4
B - 8	O - 10
C - 6	P - 14
D - 1	Q - 13
E - 5	R - 18
F - 12	S - 22
G - 20	T - 16
H - 7	U - 19
I - 9	V - 17
J - 15	X - 21
L - 3	Z - 23
M - 11	

6 10 11 5 11 10 18 2 - 22 5 4 10 1 9 2 19 11
15 15 23 5 11 8 18 10

10 22 18 5 9 22 1 2 16 5 18 6 5 9 18 2
1 9 4 2 22 16 9 2 20 10 17 5 18 4 2 17 2 11
14 10 18 16 19 20 2 3 5 5 22 14 2 4 7 2 2 10
11 5 22 11 10 16 5 11 14 10

10 22 14 10 18 16 19 20 19 5 22 5 22
18 5 17 10 3 16 2 18 2 11 - 22 5 6 10 4 16 18 2
2 22 9 16 19 2 6 2 10

Anexo XVIII - Jogo da memória

<p>Grau Comparativo</p> <p>Tão ... como</p>	<p>Grau Superlativo Relativo de Superioridade</p>	<p>A mais linda</p> <p>O menos...</p> <p>Gordíssimo</p>
---	---	---


<p>Grau Superlativo Relativo de Inferioridade</p>	<p>Grau Superlativo Absoluto Analítico</p>	<p>Grau Superlativo Absoluto Sintético</p>
---	--	--


<p>Muito pobre</p> <p>Presente do Indicativo</p>	<p>Eu bebo</p> <p>Futuro</p> <p>Ela irá</p>	<p>Pretérito Perfeito Indicativo</p>
--	---	--

<p>Representa uma ação passada e acabada</p>	<p>Nome próprio</p> <p>António</p>	<p>Nome comum</p> <p>Cão</p>
--	--	----------------------------------

<p>Nomes comuns coletivos</p>	<p>Indicam um conjunto de qualquer coisa</p>
---------------------------------------	--

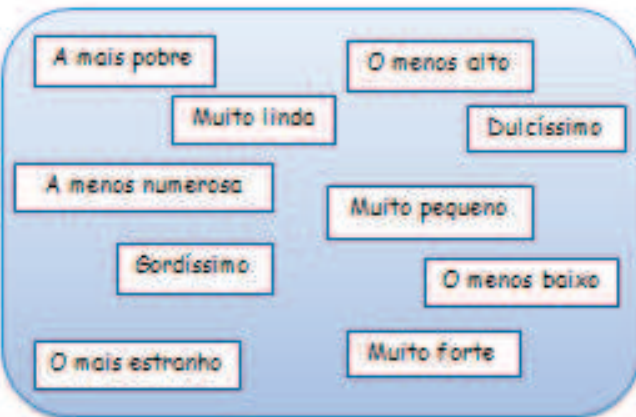
Anexo XIX - Guião do aluno

 Nome: _____
Data: _____



Agora que já recordaste alguns conteúdos gramaticais com o Jogo da Memória, vais resolver os exercícios que te são propostos neste guião do aluno.

1. No balão que se encontra a seguir, estão alguns adjetivos, nos diferentes graus. Selecciona os adjetivos, de forma a conseguires colocá-los na tabela, no grau a que pertencem. Depois de fazeres essa seleção e preenchimento, deves colocar os adjetivos nos restantes graus, de maneira a que fiques com a tabela completa.



Grau Superlativo Relativo de Superioridade	Grau Superlativo Relativo de Inferioridade	Grau Superlativo Absoluto Sintético	Grau Superlativo Absoluto Analítico

2. Conjuga o verbo andar, no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito do indicativo.

Pretérito perfeito

Pretérito imperfeito

3. Conjuga o verbo comer, no presente do indicativo.

4. Conjuga o verbo partir, no futuro.

5. Do quadro que se segue, seleciona os nomes próprios, os nomes comuns e os nomes comuns coletivos e coloca-os no local certo.

Júlio	cadeira	pinhal	maria	vaca
alcateia	Periche	computador	cadeiras	
flor	Julieta	lapis	exames	abelha
China	janela	patas	Lisboa	Portugal

Nomes próprios:

Nomes comuns:

Nomes comuns coletivos:

Anexo XX - Vídeo da música “Rodolfo era uma rena”

Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=h3T4wT_NBn0



Anexo XXI - Exemplos de estratégias de resolução de problemas (em PowerPoint)

Vamos agora rever algumas estratégias de resolução de problemas com as quais já trabalhamos. Ainda se lembram quais são?

Esquema

↓

Fazemos um esquema para organizar todas as associações que podemos fazer. No final, contamos as associações e obtemos o resultado final.

Casaco vermelho → Botas pretas
→ Botas castanhas
→ Botas cinzentas

Casaco preto → Botas pretas
→ Botas castanhas
→ Botas cinzentas

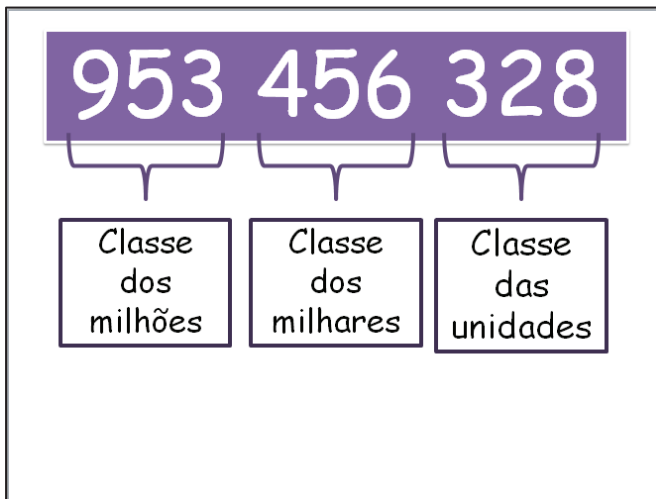
Organização de uma sequência de passos

↓

Fazemos uma lista organizada com as várias informações que nos são dadas no problema.

1.º dia: 1 moeda
2.º dia: 2 moedas
3.º dia: 4 moedas
4.º dia: 8 moedas
5.º dia: 16 moedas
6.º dia: 32 moedas
7.º dia: 64 moedas
8.º dia: 128 moedas
9.º dia: 256 moedas
10.º dia: 512 moedas

Vamos agora rever a leitura de números, por ordens e por classes.

Anexo XXII - História “O Segredo do Rio”, de Miguel Sousa Tavares (em PowerPoint)



Era uma vez um rapaz que morava numa casa no campo. Era uma casa pequena e branca, com uma chaminé muito alta por onde saía o fumo da lareira, que no Inverno estava sempre acesa, e que servia para cozinhar e para aquecer a casa.

À roda da casa havia um pomar com árvores de fruto e, como as árvores eram de várias espécies, havia sempre fruta fresca durante quase todo o ano. No Inverno as árvores davam laranjas e tangerinas, na Primavera davam pêras e maçãs vermelhas, no Verão era a vez das ameixas, das cerejas e dos pêssegos, no fim do Verão e no Outono chegavam os figos e os marmelos e a parreira grande que dava sombra enchia-se de uvas. E, quando passava a estação própria de cada fruta, podia-se comer as compotas que a mãe do rapaz tinha feito e que guardava em tigelas de barro e boiões de vidro que davam sempre um cheiro perfumado a toda a casa.

Mas o sítio preferido do rapaz era o ribeiro. O ribeiro era um braço do rio que passava lá ao longe, na aldeia, e que de repente se separava dele e serpenteava pelo meio dos campos, entre os arrozais e os campos de milho do Verão, até voltar a encontrar-se outra vez com o rio principal, já depois de passada a casa.



Anexo XXIII - Texto da história

O Segredo do Rio

Miguel Sousa Tavares, com ilustrações de Fernanda Fragateiro

Era uma vez um rapaz que morava numa casa no campo. Era uma casa pequena e branca, com uma chaminé muito alta por onde saía o fumo da lareira, que no Inverno estava sempre acesa, e que servia para cozinhar e para aquecer a casa.

À roda da casa havia um pomar com árvores de fruto e, como as árvores eram de várias espécies, havia sempre fruta fresca durante quase todo o ano. No Inverno as árvores davam laranjas e tangerinas, na Primavera davam pêras e maçãs vermelhas, no Verão era a vez das ameixas, das cerejas e dos pêssegos, no fim do Verão e no Outono chegavam os figos e os marmelos e a parreira grande que dava sombra enchia-se de uvas. E, quando passava a estação própria de cada fruta, podia-se comer as compotas que a mãe do rapaz tinha feito e que guardava em tigelas de barro e boiões de vidro que davam sempre um cheiro perfumado a toda a casa.

Mas, além das árvores do pomar, o campo à roda da casa onde o rapaz vivia tinha também outras árvores, muito altas e grossas e que eram tão antigas que já

estavam lá antes de a casa ter sido feita pelo avô do rapaz. O castanheiro dava castanhas, a noqueira dava nozes, mas, acima de tudo, as árvores grandes e antigas, como os dois carvalhos em frente de casa, davam sombra e pareciam guardar a casa e fazer companhia.

Junto ao ribeiro, que passava à frente do terreno, havia faias, altas e esguias, e chorões, cuja copa densa caía até ao chão e debaixo das quais o rapaz brincava às cabanas com os amigos e com os dois irmãos mais novos.

Mas o sítio preferido do rapaz era o ribeiro. O ribeiro era um braço do rio que passava lá ao longe, na aldeia, e que de repente se separava dele e serpenteava pelo meio dos campos, entre os arrozais e os campos de milho do Verão, até voltar a encontrar-se outra vez com o rio principal, já depois de passada a casa.

O ribeiro fazia uma curva e depois mergulhava numa pequena cascata de pedras, antes de se alargar e formar um lago, mesmo em frente da casa. O chão era de areia e pequenas pedras, que se chamam seixos, e a água era transparente e óptima para beber.

As pessoas que moravam naquele lugar e na aldeia próxima bebiam daquela água, cozinhavam com ela e pescavam no rio e por isso todos tinham muito cuidado para não sujar o rio, deitando lixo ou outras coisas lá para dentro. As pessoas sabiam que a água é a coisa mais preciosa da vida e que um rio que corre limpo é um milagre da natureza que não pode ser estragado.

Aí, nesse pequeno lago que o ribeiro formava, o rapaz aprendera a nadar ainda muito pequeno e passava lá todos os dias de Verão a tomar banho. Debaixo de água nadava com os olhos abertos e por isso conhecia já quase todo o fundo do rio, desde as pedras mais bonitas até às várias espécies de peixes que desciam pela cascata e atravessavam o lago, continuando pelo rio abaixo em direcção ao mar, muito longe dali. Havia também dois ou três peixes que não estavam de passagem e moravam nas margens do pequeno lago, entre esconderijos de pedras,

cobertos por ramos de árvores que mergulhavam sobre as águas e escondiam os seus buracos. Às vezes o rapaz ia espreita-los nas suas casas e, quando os via lá, sabia que os peixes tinham ido nadar ao longo do rio, à procura de comida.

Quando ficava com frio de tanto tomar banho, o rapaz vinha estender-se num pequeno espaço de areia muito grossa que havia na margem do ribeiro e ficava a aquecer-se ao sol. Nas noites de Verão, antes de ir para a cama, vinha também muitas vezes sentar-se ali, para se refrescar com a brisa fresca que vinha do rio, ou então deitava-se de costas na areia e ficava a olhar para as estrelas do céu, que brilhavam como se estivessem todas em festa.

Às vezes passava uma estrela cadente no céu, e o rapaz pedia logo três desejos à estrela, como tinha aprendido com a sua mãe.

A mãe ensinara-lhe também que cada estrela do céu era uma pessoa boa que tinha morrido e que tinha deixado na terra alguém de quem gostava muito e, por isso, ficava no céu, depois de morrer, e de lá de cima via tudo o que se passava cá em baixo e tomava conta das pessoas de quem gostava e que deixara cá em baixo.

Uma noite de Verão, quando a luz da Lua deixava ver até o fundo do rio, aconteceu que o rapaz estava sentado à sombra de um chorão e ouviu o barulho de alguma coisa a roçar nas silvas, na outra margem do ribeiro. Escondeu-se mais na sombra e ficou muito quieto a escutar. E então viu um grande javali, com as suas presas que pareciam facas e o focinho a cheirar o chão, que saiu do mato, seguido por dois filhotes pequenos, e foi até ao ribeiro, onde todos começaram a beber água. Com o coração aos pulos, de medo e de excitação, o rapaz ficou suspenso, sem fazer nenhum movimento e quase sem respirar, até que o javali e os seus filhotes acabassem de beber e desaparecessem outra vez no mato.

Mas a maior aventura do rapaz no rio ainda estava para acontecer e deu-se numa tarde de Primavera, quando o campo estava cheio de trevos, de

malmequeres e de girassóis e a casa parecia toda cercada de flores, que cresciam nos canteiros e nos vasos que a mãe do rapaz regava e tratava com tanto cuidado.

Era uma tarde já quente mas a água do ribeiro ainda estava muito fria para se poder tomar banho e o rapaz estava deitado de bruços na pequena praia de areia, distraído a fazer uma construção com pedras e ramos de árvores. De repente ouviu um grande barulho na água atrás de si e voltou-se ainda a tempo de ver um enorme peixe que dava um salto imenso fora da água, todo torcido como se fosse uma bailarina, e, depois de ficar um instante suspenso no ar, olhando tudo à roda, caiu outra vez dentro de água, com um grande estardalhaço, salpicando água até onde estava o rapaz. Este ficou quieto de medo, porque nunca tinha visto um peixe daquele tamanho e nem sabia que os peixes podiam dar saltos tão grandes fora de água. Sem saber o que fazer e até sem coragem para fugir, o rapaz ficou a olhar para a água e viu claramente o peixe que nadava de um lado para o outro, como se fosse dono do lago. Mas o mais extraordinário é que daí a bocado o peixe tirou metade do corpo fora da água, como se estivesse em pé no fundo, e pôs-se a olhar para o rapaz, com um sorriso na sua boca enorme. E, depois, como se fosse um sonho, o rapaz ouviu o peixe a falar, com uma voz estranha, que parecia vir do fundo do rio:

- Olá, rapaz! Tu vives aqui? - perguntou o peixe, com muito bons modos.

- Vi-vi-vo - gaguejou o rapaz, ainda a tremer de medo.

- Ah - disse o peixe - este é um sítio muito bonito. O ribeiro é muito bonito, a água é muito limpa e há várias pedras onde se pode construir uma casa. Este lago é teu?

- É, é m-meu - disse o rapaz. - É on-onde eu tomo banho no Verão, é onde eu brin-brinco sempre que não está a cho-chover. Mas, diz-me uma coisa, peixe - o rapaz encheu-se de coragem -: como é que tu falas a língua das pessoas?

- Ah, isso é a história da minha vida. Queres ouvi-la?

- Quero - disse o rapaz, já cheio de curiosidade.

- Pois bem, vou contar-te. Eu nasci e cresci dentro de um aquário que pertencia a um rapaz assim da tua idade. Ele gostava muito de mim e tratava-me muito bem. Estava sempre a dar-me comida e por isso eu fui crescendo muito. E falava tantas vezes comigo, contava-me tudo da vida dele, conversámos tanto, tanto, que eu acabei a falar a língua das pessoas. Mas só consigo falar fora da água. Debaixo de água só falo a língua dos peixes. Então aconteceu que eu fui ficando tão grande que já não cabia no aquário e a mãe do rapaz resolveu que eu tinha de ser deitado fora. Então combinou-se que eu iria ser lançado num rio muito grande, para que vivesse com os outros peixes. Eu e o meu amigo chorámos muito por nos separarmos, mas não havia nada a fazer e então ele levou-me dentro do aquário até um rio e deitou-me lá para dentro, dizendo-me "vai e sê feliz". E, de então para cá, já passou muito tempo e eu tenho nadado sem parar, subindo e descendo esse rio e outros ribeiros, à procura de um lugar bom para fazer a minha casa. Mas ainda não encontrei nada tão bom como o aquário onde eu cresci. É esta a minha história.

E, dizendo isto, o peixe calou-se e aproveitou para mergulhar dentro de água e respirar, porque os peixes só respiram debaixo de água.

O rapaz ficou em silêncio, a pensar no que fazer. Aquele peixe enorme e falador era uma coisa muito estranha ali no seu ribeiro. Se ele ali ficasse, nunca mais poderia nadar à vontade no lago e nunca mais poderia estar ali sozinho, como gostava. Mas também tinha pena do peixe, há tanto tempo à procura de uma casa para viver, e pensou no outro rapaz que tinha chorando quando se separara do peixe e que a esta hora devia estar a pensar se o peixe seria feliz no rio ou se não tinha encontrado nenhum lugar para viver e já teria ido parar ao mar, sendo engolido por algum tubarão.

Assim, quando o peixe voltou a tirar a cabeça fora de água, o rapaz já sabia o que ia fazer. Mas antes perguntou-lhe:

- Que espécie de peixe és tu?

- Sou uma carpa, um peixe de rio, os que dão os maiores saltos fora de água. Alimento-me de lagartos do fundo do rio ou de insectos que pousam à superfície da água. Gostamos de viver sempre no mesmo sítio e conseguimos viver muitos anos até morrer.

- Então, peixe, vamos fazer um acordo. Tu ficas a morar aqui, constróis a tua casa e fazes a tua vida. Mas ninguém pode saber que tu falas a língua das pessoas e que conversamos os dois. Se souberem que eu falo com um peixe, vão achar que sou maluco e tiram-me daqui. Ouviste?

- Fica combinado, e vamos ser amigos. Muito e muito obrigado! - disse o peixe, feliz.

E deu um salto tão grande fora da água que o rapaz teve de olhar para o céu para ver até onde ele subira.

E assim, durante toda aquela Primavera, o rapaz e o peixe foram ficando amigos e aprendendo a brincar juntos. Quando o rapaz não tinha escola ou não era chamado para ajudar os pais, vinha até ao ribeiro e aí ficava a falar com o peixe ou a jogar à bola com ele: o rapaz atirava a bola ao peixe, que a agarrava na boca, dando um salto fora de água, e mergulhava com ela no fundo do rio. Depois, de repente, quando o rapaz não estava à espera, o peixe dava um salto fora da água e com a boca atirava a bola com toda a força para terra, onde o rapaz tentava agarrá-la.

Chegou o Verão e os dias lindos continuaram, mas agora com mais calor. Estava sempre sol, e noites claras de estrelas, e em breve a mãe do rapaz autorizou-o a tomar banho no rio, porque já não estava frio. Esses foram os tempos de grande brincadeira entre o rapaz e o peixe. Juntos, mergulhavam dentro de água, o rapaz agarrado à cauda do peixe, que nadava à superfície e o arrastava com toda a força, como se fosse um barco a motor. Às vezes, o peixe parava num ponto no meio do rio e dizia ao rapaz: "agarra-te ao meu rabo com força que vamos mergulhar lá no fundo, para eu te mostrar umas pedras muito

bonitas". E o rapaz agarrava-se com as duas mãos à cauda do peixe, fechava a boca e, com os olhos muito abertos, descia até ao fundo do rio e voltava para cima agarrado a ele. Os outros peixes, que os viam passar assim debaixo de água, olhavam espantados para eles e paravam no sítio onde estavam, suspensos de admiração e com os olhos muito abertos, como os das crianças no circo.

Nas noites mais quentes desse Verão, quando o calor não o deixava dormir, o rapaz descia, silencioso, pela janela do quarto e ia até ao ribeiro. Então, atirava umas pedrinhas para dentro de água, que era o sinal combinado para chamar o seu amigo. E o peixe, que dormia no seu buraco, feito com pedras e ramos de árvores arrastados pela corrente, acordava com o som das pedras a cair dentro de água e vinha ter com o rapaz à margem. E aí ficavam a conversar muito tempo, o rapaz contando o que se passava na escola e em casa, e o peixe contando tudo o que acontecia debaixo de água, dentro do rio.

Passou o Verão, veio o Outono e, em lugar das chuvas que se esperavam, o sol continuou sempre a brilhar e os dias continuaram muito quentes.

O rapaz estava feliz porque isso permitia-lhe continuar a tomar banho no rio durante o dia e a vir sentar-se à noite na sua margem. Mas o pai do rapaz andava calado, com cara de poucos amigos, falando pouco e resmungando muito. Pelas conversas do pai com a mãe, o rapaz percebeu que ele estava preocupado com a falta de chuva. As colheitas do Outono estavam ameaçadas, o milho estava seco, as uvas queimadas, a seara não crescera e não havia azeitonas nas oliveiras.

E, de semana para semana, as coisas foram ficando piores. Continuava a não chover e em breve o poço que servia para regar os legumes e o pomar ficou seco. As laranjas, os marmelos, as romãs, apodreciam nas árvores, antes que ficassem maduros para poderem ser colhidos. O pai do rapaz andava agora profundamente triste e às vezes até arrancava os cabelos da cabeça, sem saber o que fazer.

E um dia, estava o rapaz já deitado na cama, ouviu uma conversa entre o pai e a mãe, que estavam sentados em dois bancos ao pé da lareira. Dizia o pai:

- Já não há pão no celeiro, não há azeite no lagar, não há fruta nas árvores. Não temos legumes nenhuns para vender na cidade e trocar por comida. Não sei o que vamos dar de comer aos filhos daqui em diante. Como não choveu nada durante a Primavera e o Verão, nem sequer há caça nos campos. Não vejo um coelho, uma lebre ou uma perdiz. Fugiu tudo.

A mãe ficou calada, a pensar. Também ela não tinha fruta para fazer compotas, não havia trigo nem milho para vender ao moleiro para que ele os transformasse em farinha no seu moinho. No galinheiro já restavam poucas galinhas e patos e também não havia comida que sobrasse para lhes dar. O porco, que devia ser morto quando viesse o frio, não tinha engordado muito e não daria muita carne para o Inverno. A vida no campo é assim: nos anos de abundância, quando chove muito e nas alturas certas, enchem-se os celeiros e as despensas de comida, todos ficam felizes e há festas nas aldeias a todo o tempo para celebrar as colheitas. Nos anos de seca, os prados ficam secos, a fruta apodrece nas árvores, a caça foge, e as pessoas andam tristes e às vezes passam fome. Tudo o que, mesmo assim, conseguiam produzir, vendiam para as cidades, para poderem comprar as outras coisas que precisavam, como roupa para os filhos ou os remédios, para quando eles estivessem doentes. Assim, as pessoas das cidades, que têm sempre comida, julgam que no campo nunca falta nada de comer, mas não é verdade: os camponeses vendem o melhor que têm para a cidade e ficam com os restos e com o pior, que às vezes não lhes chega. Nos anos piores, eles têm de aproveitar tudo: fazem sopas de ervas daninhas, usam as cascas das batatas e das cebolas e cozinham raízes de árvores.

A mãe do rapaz já tinha conhecido outros anos assim e sabia que não havia nada a fazer: só choveria quando o céu quisesse.

- Não sei o que vamos fazer. Não sei o que vamos dar de comer aos nossos filhos - repetia o pai, com voz triste, a olhar para a tijoleira gasta do chão.

Mas, de repente, a mãe teve uma ideia e a cara dela alegrou-se:

- Agora me lembro! Vi há dias uma carpa gigantesca, aqui no ribeiro, em frente de casa. Voltei a vê-la dois dias depois, o que quer dizer que ela vive aqui. Se tu bloqueares com um tronco de árvore ou com uma rede a parte de baixo do rio, ela não consegue fugir por aí nem pela cascata acima e fica presa. Então podes apanhá-la, nem que seja com um tiro de caçadeira. Digo-te que aquele peixe deve pesar aí uns cinquenta quilos e, depois de arranjado e de o salgarmos, deve dar comida para uns dois meses, até que se mate o porco. Que achas?

- Grande ideia! - disse o pai. - Amanhã mesmo, logo de manhãzinha, vou tirar a rede da capoeira e estendê-la dum lado ao outro do ribeiro, para que a carpa não possa fugir. E depois vou apanhá-la.

O rapaz ouviu aquela conversa e ficou gelado de terror e sem saber o que fazer. Se avisasse o peixe e ele fugisse nessa noite, ficava na mesma sem o seu amigo e a família ficava sem comida. Por outro lado, se deixasse o pai pescar a carpa, ele não conseguia imaginar-se capaz de comer aos bocados aquele peixe que agora seu grande companheiro de conversas e de brincadeiras.

O rapaz ficou muito quieto no escuro, na cama, enquanto continuava a ouvir os pais a conversar na sala. Depois, eles foram-se deitar e a casa ficou toda às escuras e em silêncio. A Lua estava em quarto crescente e vinha uma luz lá de fora que entrava pela janela do quarto e vinha bater no chão ao pé da cama do rapaz. Ainda a tremer de medo, este levantou-se, vestiu à pressa umas calças e umas botas, abriu a janela devagar para não fazer barulho e deixou-se escorregar para o lado de fora da casa.

Correu até à margem do ribeiro, até à praiazinha de areia grossa, e fez o sinal combinado para acordar o peixe, atirando três pedrinhas para o sítio onde ficava a casa dele.

Passados uns instantes, ouviu um barulho debaixo de água e apareceu a cabeça da carpa, ainda com os olhos pequeninos de quem tinha acabado de acordar.

- Mas o que se passa, o que queres a uma hora destas? - perguntou o peixe.

O rapaz contou-lhe rapidamente o que se passava e disse-lhe:

- Tens de fugir já esta noite. Daqui a bocado, logo que romper o dia, o meu pai estará aqui para montar a rede e, se tu não tiveres fugido, ficas preso.

As despedidas foram rápidas e tristes. O rapaz tinha lágrimas nos olhos ao pensar que se ia separar do amigo e também por pensar que o peixe tinha de recomeçar outra vez a sua procura de um sítio bom para viver. O peixe iria descer o ribeiro até voltar a encontrar o rio que vinha da aldeia e, quando aí chegasse, teria de escolher entre subir ou descer o rio, à procura de uma nova casa.

- Adeus, adeus. Não chores - disse-lhe o peixe. - Talvez, se não for viver para muito longe, um dia te possa vir visitar no Verão e voltaremos a tomar banho juntos. Adeus, meu amigo, não esquecerei nunca que me deixaste viver aqui no teu ribeiro e que me salvaste a vida esta noite. Onde quer que eu esteja, nunca me esquecerei de ti.

E, dito isto, o peixe mergulhou outra vez na água e afastou-se devagarinho pelo rio abaixo. O rapaz ficou a ver a sua sombra debaixo de água, através da luz da Lua, até que deixou de o ver e de ouvir o barulho da água à sua passagem. Então, deitou-se de bruços na areia e deixou-se chorar durante muito tempo. Depois, voltou para casa e deitou-se na cama, tão triste por dentro, que era como se tivesse uma pedra dentro do peito, no lugar do coração.

Claro que, no dia seguinte, foi grande a decepção e o desalento do pai quando, depois de montada a rede, percebeu que afinal a carpa já não vivia ali. O rapaz seguiu os seus gestos à distância, sentindo-se culpado por aquela traição,

mas ao mesmo tempo sentindo-se aliviado por não ter de ver o amigo a ser morto com um tiro.

Nessa noite o jantar foi muito triste. Todos estavam silenciosos e tristes. Os pais, porque tinham visto desaparecer a última esperança de arranjar comida para os próximos tempos, e o rapaz porque tinha saudades do amigo e nem conseguia pensar nele sem imaginar a falta que lhe ia fazer.

E tudo continuou triste nos dias e nas semanas seguintes. O Sol continuava a brilhar e os dias eram lindos, mas não se pode comer o Sol e as pessoas do campo não se cansavam de olhar para o céu, a ver se avistavam nuvens que fossem sinal de chuva. Ninguém se atrevia a fazer as sementeiras daquela época, com medo de que a falta de água matasse as sementes na terra. Todos andavam maldispostos e as pessoas quase não falavam entre si. O rapaz nunca mais fora passear para a margem do rio. De repente, o rio tinha perdido o seu segredo, tinha perdido a sua magia. A vida do rapaz parecia-lhe completamente vazia e sem sentido. Preferia não ir passear para o rio, nem sequer olhar para lá para não sentir mais a falta do seu amigo. Todo o tempo em que não estava na escola, ficava em casa, fechado no quarto e deitado na cama a olhar para o tecto. E perguntava a si mesmo se o mundo iria acabar.

Tinham passado duas semanas desde que o peixe se fora embora. A Lua estava agora cheia e, num céu límpido, sem nuvens algumas, de noite via-se quase tão bem como de dia. Numa noite dessas, o rapaz estava à janela do quarto, entretido a ver as sombras que a luz da Lua fazia no olival e no pomar e a ouvir o canto das corujas, que gritavam umas com as outras, como se fosse de dia e estivessem cheias de pressa. Dali, da janela do quarto, conseguia avistar o ribeiro e via as suas águas quietas, que, ao luar, pareciam pintadas de prata. Estava exactamente a olhar para o ribeiro, quando o coração lhe deu um pulo no peito.

Foi como se tivesse uma visão: primeiro, distinguiu um remoinho debaixo de água e depois viu claramente o corpo enorme do peixe sair metade fora de água e ficar ali em pé, como se estivesse a chamar por ele. O rapaz esfregou os olhos, para ter a certeza de que não estava a sonhar. Mas não estava: viu o peixe mergulhar passado um bocado, para respirar, e logo depois voltar a tirar a cabeça de fora de água e ficar quieto, a olhar.

- "Está à minha espera!" - pensou o rapaz, louco de alegria. - "É ele, é ele que voltou!"

Em menos de um minuto, calçou as botas sem sequer as apertar e, mesmo em pijama, pulou pela janela lá para fora e desatou a correr pelo meio do olival até à borda de água.

Estava tão contente que entrou pela água adentro e abraçou-se ao peixe, sentindo o seu corpo molhado e coberto de grossas escamas.

- Olá, olá amigo, que fazes tu aqui?

- Voltei para viver aqui outra vez, se tu me deixares.

- Mas como podes voltar a viver aqui, se o meu pai te pesca, quando te vir?

- Mas se eu resolver o vosso problema, se eu arranjar comida para vocês todos, o teu pai já não precisa de me pescar, não é verdade?

- Mas como é que tu nos arranjas comida para dois meses?

- Já arranjei. Está ali, no fundo do rio. Ora, olha.

O rapaz olhou para onde o peixe tinha dito, mas só conseguia ver o que lhe pareceu ser um embrulho enorme, atado por uma rede de pesca.

- O que é aquilo? - perguntou ele.

- Ah, aquilo é uma longa história e difícil de acreditar. Ora, ouve-me: quando saí daqui, descí o ribeiro e cheguei ao rio grande, lá adiante, junto ao moinho. Não sabia se havia de descer o rio ou subi-lo e ia a pensar como deve ser triste para vocês não terem comida e como deve ser horrível para os vossos pais saberem que, quando se acabarem as últimas reservas, não vão ter nada que dar

de comer aos filhos. Não deve haver nada pior para um pai e uma mãe do que verem um filho com fome e não terem nada para lhe dar.

O rapaz ouvia a história, comovido e morto de curiosidade.

- E depois, e depois? - perguntou ele.

- Depois, pus-me a pensar naquilo que os homens comem, que é muito diferente do que comem os peixes. E foi então que, de repente, me lembrei que lá para cima, lá muito para o alto no rio, está um navio naufragado, pelo qual eu passei aquando da minha viagem até vir aqui ter. Eu até tinha ficado dois dias a dormir nesse barco e lembro-me bem do porão dele. Parece que o barco encalhou numas pedras, quando vinha a descer o rio, no ano passado, durante uma tempestade no Inverno. Partiu-se ao meio e foi ao fundo, abrindo-se o porão e despejando a carga no fundo do rio. Como eu fui criado num aquário, numa casa com pessoas, sabia o que era aquela carga: latas de comida, daquelas que as pessoas comem. Então, voltei a subir o rio até lá, para ver o que podia fazer. Descobri o barco e encontrei uma rede de pesca que estava no convés semidestruído. Demorou-me três dias a estender a rede no chão, a pôr lá em cima muitas e muitas latas de comida e depois fazer um saco gigantesco com a rede, e atar as pontas para que não se perdesse nenhuma lata pelo caminho. É esse saco que está aí - concluiu o peixe, ofegante, e mergulhou para respirar.

O rapaz mal conseguiu esperar que ele voltasse à superfície outra vez, para lhe perguntar:

- Mas como é que tu conseguiste arrastar esse saco enorme, com esse peso todo até aqui?

- Olha, foram doze dias e doze noites de esforço. Primeiro, tentei arrastar a rede sozinho, mas logo vi que não era capaz. Depois, pedi ajuda aos peixes do rio, mas todos eles eram pequenos, não havia nenhum tão grande como eu, e a ajuda que me deram não chegava para nada. Então, ao fim do primeiro dia de esforços inúteis, estava eu na margem a descansar e a pensar no que fazer,

quando de repente ouvi um barulho nas moitas e vejo aparecer duas raposas que vinham beber água ao rio. E então lembrei-me de lhes pedir também que me ajudassem. Expliquei-lhes o que era aquela carga, expliquei-lhes que aquela comida ia fazer com que tu e a tua família não tivessem fome durante o Inverno e disse-lhes que tu eras o meu melhor amigo e que, quando as pessoas são amigas dos animais, nós, os animais, temos de retribuir essa amizade.

- As raposas ajudaram-te a trazer a rede? - perguntou o rapaz, espantado.

- Sim, foram elas. Sem as raposas, eu não tinha conseguido. Elas puxavam com os dentes, de terra, e eu puxava de dentro do rio.

Quando a maré estava a vazar, puxávamos sem descanso. Quando a maré começava a encher, parávamos para descansar. Ainda bem que era a descer o rio e não a subir! Mesmo assim, demorámos onze dias e onze noites até aqui chegarmos.

- E as raposas onde estão? - perguntou o rapaz.

- As raposas foram-se embora, lá para a serra onde vivem, porque para elas era muito perigoso estarem aqui ao pé das casas, pois os caçadores podiam vê-las e matá-las. Mas combinámos que, se eu cá ficar outra vez a viver e se tu quiseres, dentro de duas semanas, quando for lua nova, tu vais acender uma grande fogueira e elas virão até aqui para fazermos todos uma festa. Imagina: um peixe, um rapaz e duas raposas a dançarem à roda de uma fogueira!

- Fantástico, fantástico! Nós estamos salvos e tu também estás salvo - o rapaz batia palmas, de contente. - Amanhã vou contar ao meu pai que foste tu que arrastaste o saco com comida até aqui e que foste tu que nos salvaste. Não lhe posso dizer que falas a nossa língua, senão vão achar que tu és um fantasma e vão querer matar-te. Também não lhe posso dizer que nós brincamos e nadamos juntos, senão ele vai-se assustar e vai querer na mesma que tu saias daqui. Ninguém pode saber o nosso segredo.

- Então como é que fazes para ele me deixar ficar aqui? - perguntou o peixe.

- Vou-lhe dizer que és de certeza um peixe muito inteligente e muito nosso amigo. Vou-lhe dizer que não se pode matar nem expulsar quem nos salvou da fome e que nos dá sorte e por isso temos de te deixar viver aqui para sempre.

E assim fez o rapaz no dia seguinte. Contou aos pais o que tinha combinado com o peixe e levou-os até ao rio, onde os pais não queriam acreditar naquele milagre que lhes tinha acontecido.

Durante toda a manhã, o pai, a mãe e os filhos arrastaram a rede para fora da água, cortaram-na com uma faca e carregaram e arrumaram as latas de comida dentro de casa. Havia de tudo: latas de atum, de sardinhas, de carne, de tomate, de feijão, de legumes, de frutas. Havia comida que chegasse para o Inverno inteiro, mesmo que não voltasse a chover antes da Primavera.

Quando tudo ficou arrumado, quando os pais se sentaram felizes à mesa, rapidamente concordaram em deixar o peixe ficar lá a viver.


- Ele trouxe-nos sorte e mostrou ser nosso amigo. Os animais também são nossos amigos, não são só as pessoas. Um peixe não fala, mas pode ser amigo dos homens, como são os cães, os gatos, os cavalos.

O rapaz sorriu, quando ouviu o pai dizer que um peixe não fala. "Se ele soubesse...", pensou o rapaz.


E a primeira coisa que o pai fez, quando acabou de almoçar, foi fazer uma tabuleta de madeira, presa a um pau, que espetou à beira do rio, e onde escreveu: "proibido pescar neste local."

No dia seguinte, o rapaz fez também uma tabuleta que espetou ao lado da outra e onde escreveu, com a letra desenhada que lhe tinham ensinado na escola: "este rio tem um segredo e esse segredo é só meu."

Anexo XXIV - Ficha de leitura

 Nome: _____
Data: _____

Ficha de leitura
O Segredo do Rio, de Miguel Sousa Tóres



1. Observe atentamente a imagem da capa do livro e preenche as seguintes questões:

a) Título: _____
b) Editora: _____
c) Nome do autor: _____
d) Nome do ilustrador: _____

2. O que consegues observar na capa?

3. Com base no título do livro, de que se trata a história?

4. Agora que já leste a história, quais são os personagens presentes?

5. Onde se passa a ação da história?

6. Qual era o sítio onde o rapaz gostava muito de passar os seus tempos livres?

7. Quando viu o peixe pela primeira vez, como é que ficou o rapaz?

8. Passada algum tempo, como ficou a relação entre o rapaz e o peixe?

9. Quem ajudou o rapaz a fazer comida para o Drácono?

10. Ordene as ilustrações de acordo com a sequência do texto.



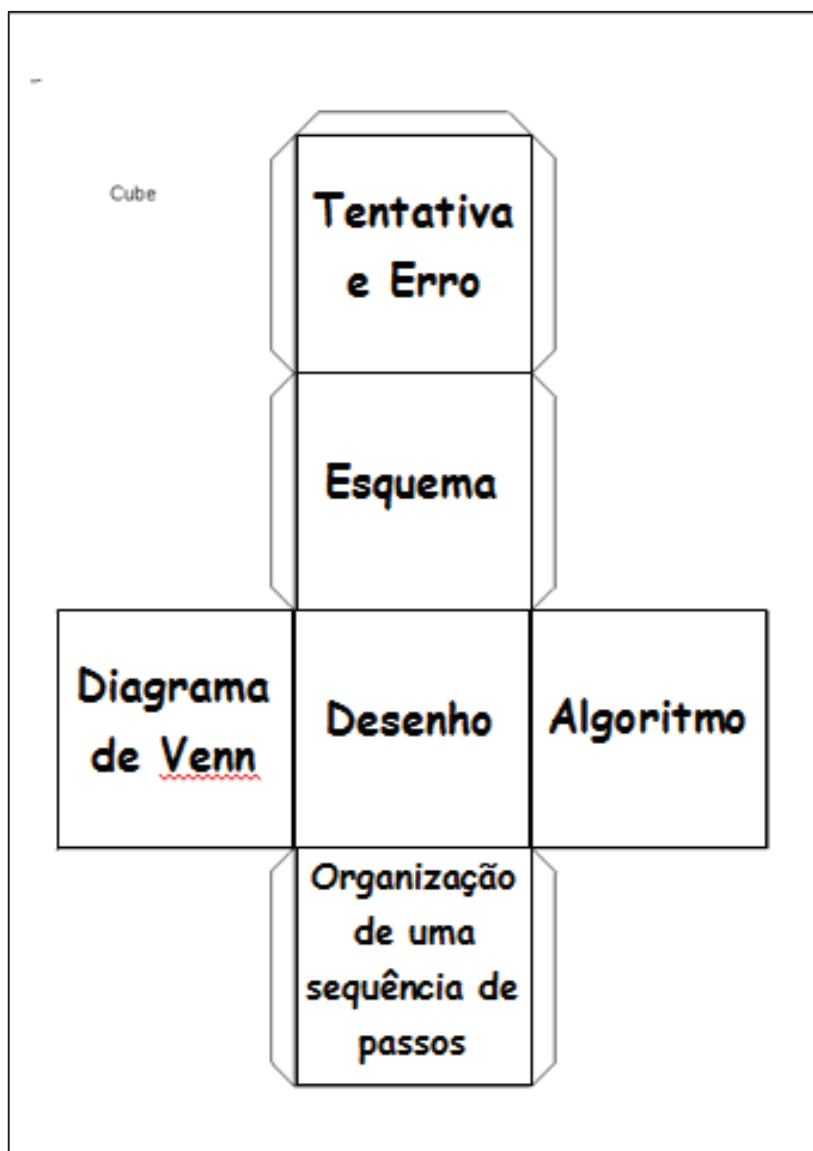
2



11. Com base nas ilustrações, faça um breve resumo da história.

3

Anexo XXV - Dado



Anexo XXVI - Grelha de Registo

A preencher com: NS – Não Satisfaz; S- Satisfaz; SB – Satisfaz Bem

Área Curricular: Estudo do Meio

Descritores desempenho	Conhece personagens e factos da história nacional	Conhece os factos históricos que se relacionam com os feriados de 5 de outubro e de 25 de abril e os seus significados	Reconhece a evolução da bandeira de Portugal	Reconhece o hino nacional e o seu significado
Nome dos alunos				

Área Curricular: Português (Oralidade)

Descritores desempenho	Distinguir informação essencial de acessória	Identificar ideias-chave de um texto ouvido	Usar a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados, e olhando o interlocutor	Mobilizar vocabulário cada vez mais variado e preciso, e estruturas frásicas cada vez mais complexas	Adaptar o discurso às situações de comunicação	Explicar	Formular perguntas
Nome dos alunos							

Área Curricular: Português (Leitura)

Descritores desempenho Nome dos alunos	Ler um texto com articulação e entoação corretas e uma velocidade de leitura de, no mínimo, 125 palavras por minuto	Ler textos narrativos e textos dramáticos, informações	Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas do interesse dos alunos e conhecimento do mundo	Identificar o tema ou o assunto do texto e distinguir os subtemas, relacionando-os, de modo a mostrar que compreendeu a organização interna das informações	Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância

Área Curricular: Português (Escrita)

Descritores desempenho Nome dos alunos	Utilizar uma caligrafia legível	Escrever com correção na ortografia e na pontuação	Escrever frases completas, respeitando relações de concordância entre os seus elementos

Área Curricular: Matemática

Descritores desempenho	Identificar um semiplano como cada uma das partes em que fica dividido um plano por uma reta nele fixada	Identificar um ângulo côncavo AOB de vértice O (A , O e B pontos não colineares) como um conjunto complementar, no plano, do respetivo ângulo convexo unido com as semirretas OA e OB	Associar um ângulo raso a um semiplano	Associar um ângulo giro a um plano	Identificar um ângulo como “agudo” se tiver amplitude menor do que a de um ângulo reto	Identificar um ângulo convexo como “obtusos” se tiver amplitude maior do que a de um ângulo reto	Reconhecer ângulos retos, agudos, obtusos, convexos e côncavos em desenhos e saber representá-los
Nome dos alunos							

Área Curricular: Expressões (Expressão Dramática)

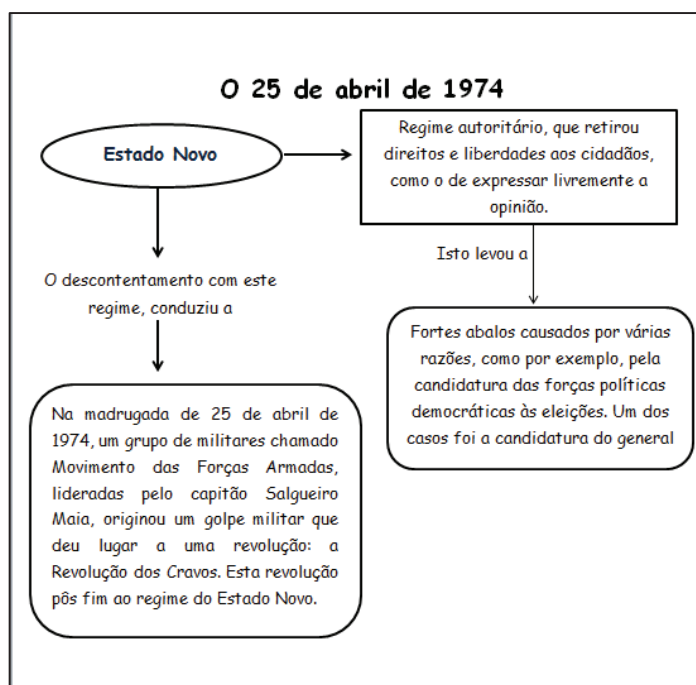
Descritores desempenho	Reproduz gestos e movimentos	Dramatiza a história “História com Recadinho” em pequeno grupo, a partir do texto dramático da mesma	Utiliza adereços, de forma a caracterizar a personagem que representa
Nome dos alunos			

Anexo XXVII - Vídeo “História de Portugal - 1.ª República”

Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=8zs0CrdqTUo>

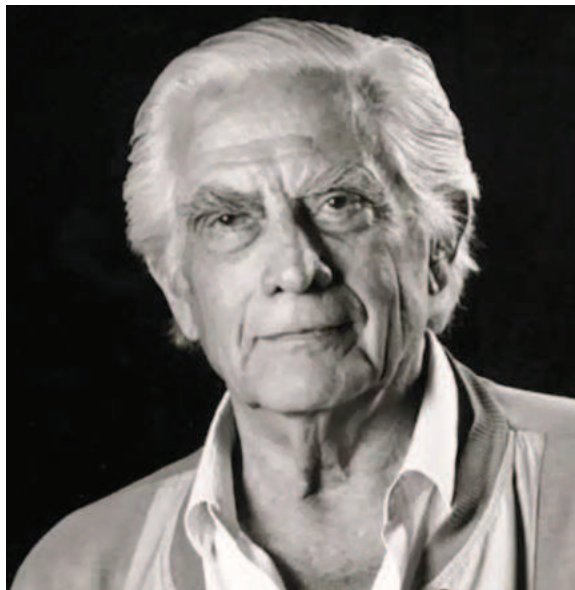


Anexo XXXVIII - Estrutura do mapa conceitual acerca do 25 de abril de 1974

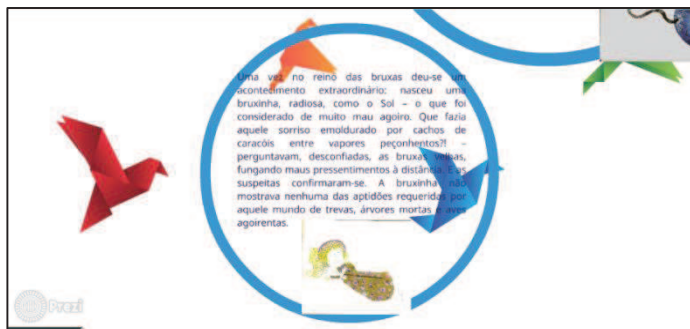


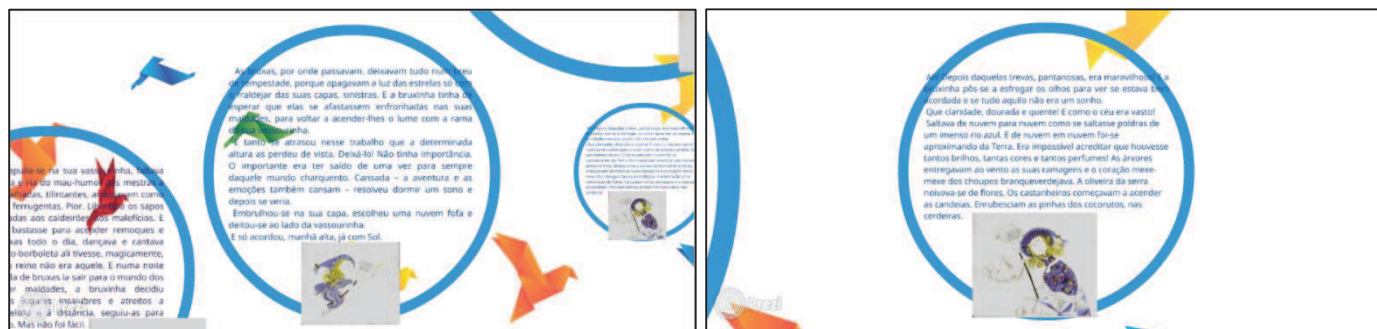
Anexo XXIX - Fotografias de personalidades ligadas ao 25 de abril de 1974





Anexo XXX - História “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta (em Prezi)





Anexo XXXI - Texto “História com Recadinho”, sem ilustrações

História com Recadinho

Luísa Dacosta

Uma vez no reino das bruxas deu-se um acontecimento extraordinário: nasceu uma bruxinha, radiosa, como o Sol - o que foi considerado de muito mau agouro. Que fazia aquele sorriso emoldurado por cachos de caracóis entre vapores peçonhentos?! - perguntavam, desconfiadas, as bruxas velhas, fungando maus pressentimentos à distância. E as suspeitas confirmaram-se. A bruxinha não mostrava nenhuma das aptidões requeridas por aquele mundo de trevas, árvores mortas e aves agoirentas.

Volta não vira, escapulia-se na sua vassourinha, faltava às aulas de bruxaria e ria do mau-humor das mestras a quem as suas gargalhadas, tilintantes, arrepiavam como guinchos de portas ferrugentas. Pior. Libertava os sapos e as cobras destinadas aos caldeirões dos malefícios. E como se isso não bastasse para acender remoques e achaques das bruxas todo o dia, dançava e cantava como se um pássaro-borboleta ali tivesse, magicamente, surgido. Não, o seu reino não era aquele. E numa noite em que uma revoada de bruxas ia sair para o mundo dos homens a semear maldades, a bruxinha decidiu abandonar aqueles lugares insalubres e atreitos a constipações. Cautelosa e à distância, seguiu-as para aprender o caminho. Mas não foi fácil.

As bruxas, por onde passavam, deixavam tudo num breu de tempestade, porque apagavam a luz das estrelas só com o fraldejar das suas capas, sinistras. E a bruxinha tinha de esperar que elas se afastassem enfronhadas nas suas maldades, para voltar a acender-lhes o lume com a rama da sua vassourinha.

E tanto se atrasou nesse trabalho que a determinada altura as perdeu de vista. Deixá-lo! Não tinha importância. O importante era ter saído de uma vez para sempre daquele mundo charquento. Cansada - a aventura e as emoções também cansam - resolveu dormir um sono e depois se veria.

Embrulhou-se na sua capa, escolheu uma nuvem fofa e deitou-se ao lado da vassourinha.

E só acordou, manhã alta, já com Sol.

Ah! Depois daquelas trevas, pantanosas, era maravilhoso! E a bruxinha pôs-se a esfregar os olhos para ver se estava bem acordada e se tudo aquilo não era um sonho.

Que claridade, dourada e quente! E como o céu era vasto!

Saltava de nuvem para nuvem como se saltasse poldras de um imenso rio azul. E de nuvem em nuvem foi-se aproximando da Terra. Era impossível acreditar que houvesse tantos brilhos, tantas cores e tantos perfumes! As árvores entregavam ao vento as suas ramagens e o coração mexe-mexe dos choupos branqueverdejava. A oliveira da serra noivava-se de flores. Os castanheiros começavam a acender as candeias. Enrubesciam as pinhas dos cocorutos, nas cerdeiras.

Os miosótis bordejavam as fontes, que cantavam pelas suas biquinhas. E córregos d'água penteavam ervas, longamente. Por toda a parte havia milagres nascidos para murchar: o estrelado de florinhas frágeis, róseas, azuis, de cabecinhas penugentas, acinzadas, papoilas, pampilho, soajo, umbelas brancas, amarelas, dedaleiras roxas com as suas campainhas em filas, colegiais e cabisbaixas, madressilvas que perfumavam. Ouviam-se pios, trilos e os gaios

desdobravam a festa azul das suas asas, entre os pinheiros. Abelhas, açodadas, no festim dos pólenes, bebiam em corolas cetinosas e cruzavam a transparência das asas das libélulas enquanto lagartixas, ondulantes, rabiavam ao Sol. Ao pé dos tufos das giestas, o tojo, envolto nos sudários das teias de aranha, lucilava em gotículas de orvalho.

Era de acreditar?!

Até das pedras nascia a floração branca e rósea dos musgos!

Ah! Aquele era o seu mundo! Que bom! Que contentamento!

A bruxinha estava ansiosa por dar largas à sua alegria e ao seu humor benfazejo. Pôs-se a cavalo na vassourinha e foi pousar num ramo de cerejeira carregadinho de pássaros, no debique da prova. Ao vê-la, porém, debandaram num gorjeio assustado:

- Uma bruxa! Uma bruxa!

- Não fujam! Não fujam! - gritava a sossegá-los. - Não quero o vosso canto...sou vossa amiga!

Mas eles já iam longe e nem a ouviam. "Os pássaros têm uma cabecinha de alfinete", pensou tentando consolar-se.

Tinha de fazer outra tentativa. Felizmente, oportunidades era o que mais havia. Decidiu-se pelas borboletas que andavam na sua gandaia livre, perseguindo-se, namorando-se num jogo de esconde-esconde. Eram outro milagre com o laminado frágil e simétrico das asas, mosqueadas, com lóbulos de cor, algumas preciosamente caligrafadas a tinta da china, outras brancas, como se a flor do sargaço dos montes, cansada de ser rasteira, se erguesse em voos curtos e dançasse a alegria da libertação...Semelhavam flores suspensas no ar.

Que agradável devia ser acompanhar aquele voo dançante!

E a bruxinha abriu a capa, corola ondulada, e juntou-se às borboletas. Mas... - "Julgarão que quero roubar-lhes as asas?!" - elas fugiram assustadas, deixando-a sozinha.

Sentada num muro, dava-se conta de que ninguém a aceitava e de que praticar o bem era, afinal, uma tarefa difícil! Foi então que ouviu vozes, alegres, de meninas que cantavam:

E mais uma estrela
que na roda entrou.
Deixai-a bailar
qu'inda não bailou.

Aquela cantiga parecia feita de propósito para ela, que ainda não tinha entrado na roda, nem tinha bailado. Seria? Agarrada à vassourinha deixou-se cair, estrela cadente, no meio da roda. Não tinha, porém, tocado o chão e já a roda estava desfeita e as meninas fugiam em direcções várias:

- Uma bruxa! Uma bruxa!

"As ideias preconcebidas! Estava estabelecido de uma vez para sempre que as bruxas eram maléficas. Era uma regra sem excepção como a das palavras esdrúxulas. Que tristeza!"

E assim, naquele mundo de risos, águas claras, asas e flores, o seu primeiro dia tinha sido decepcionante. Era um pouco como os pássaros, filha dos ares, e voltou a escolher uma nuvem-berço para dormir. Mas quem diz?!

Não podia pregar olho, apesar da macieza do colchão. Precisava de pensar. Achar uma saída. O que desejava tinha-lhe parecido tão simples e fácil!

Quando se ofereciam rosas, tiravam-se-lhes os espinhos para a dádiva ser só beleza, cor e perfume. Era isso que queria: partilhar com os outros a beleza do mundo sem os espinhos do sofrimento. Mas como fazer? Se despisse a sua capinha perderia todos os seus poderes, com ela ninguém a aceitava.

Empalideciam os luzeiros da noite, insinuava-se a madrugada e a bruxinha continuava a revolver-se na nuvem como filhó na sertã. Súbito faiscou-lhe uma ideia: tornar-se invisível! Era isso. Desse modo ninguém se assustaria ao vê-la, podia ajudar quem precisasse, brincar com quem quisesse.

Ah! Finalmente era-lhe possível dormir.

Ao outro dia seria um grande dia. E foi.

- Sabes, mãe, hoje estive por um triz de cair ao ribeiro, quando andava à erva para os coelhos, mas, felizmente, um ramo segurou-me. Que susto!

"Um ramo?!", ria a bruxinha contente. Que divertido ajudar os outros e sentir-se útil sem que ninguém soubesse! Como as pessoas eram crédulas!

- Afinal ainda tenho algumas forças, Deus seja louvado! Olha o molho de lenha que trouxe hoje do monte para o nosso borralho de Inverno! - confiava a velhota ao gato, que lhe fazia companhia.

"Forças?! Pobre criatura, dobrada pelos anos e pela vida! Se não fosse a vassourinha dar-lhe uma ajuda, não teria aguentado o carregamento com as pernas trôpegas!"

E foi assim que ficou pelo mundo a dar uma mãozinha aos mais precisados. Infelizmente, não chega para as encomendas. Há tanto sofrimento e o mundo é tão vasto que nem mesmo uma bruxinha consegue estar ao mesmo tempo em múltiplos lugares! E é por isso que aqueles que perderam os seus olhos de criança afirmam que ela não existe. Mas estão enganados, embora eu reconheça que é muito difícil procurar uma bruxinha invisível sem aquis certos. Onde encontrá-la? Essa é também a minha dificuldade e por isso recorro a vós. Talvez vocês possam ajudar-me, pois penso que a esta hora, com tantas bondades, já lhe foi possível revelar-se.

Com certeza já se mostrou a uma menina imaginativa que não se deixou enganar pelo seu traje e olhou primeiro o seu sorriso:

- Olha que divertido: uma fada vestida de Carnaval!

Talvez mesmo vocês já a conheçam e por isso vos peço que lhe levem um recadinho meu.


- Digam-lhe que fui eu que contei a história dela. E peçam-lhe que venha ver-me e que traga a vassourinha para varrer umas sombras, escuras, do meu coração. Não se esqueçam! Estou tão precisada! Tragam-na até mim!

Anexo XXXII - Ficha de leitura

AEAL

Nome: _____
Data: _____

Ficha de leitura
História com Recadinho, de Luísa Baccosta



1. Observa atentamente a imagem da capa do livro e preenche as seguintes compos:

a) Título: _____
b) Editora: _____
c) Nome do autor: _____
d) Nome do ilustrador: _____

2. O que consegues observar na capa?

3. Com base no título do livro, do que achas que fala a história?

4. Agora que já leste a história, quais são as personagens presentes?

5. Quais os sítios onde se passa a ação da história?

6. A bruxinha gostava de viver no reino das bruxas? Ela gostava de fazer coisas maléficas como as outras bruxas?

7. O que fez a bruxinha para sair do reino das bruxas?

8. Quando saiu do reino das bruxas, como se sentia a bruxinha?

9. A história que leste explica duas boas ações feitas pela bruxinha. Quem foram as duas pessoas ajudadas pela bruxinha? O que fez a bruxinha para as ajudar?

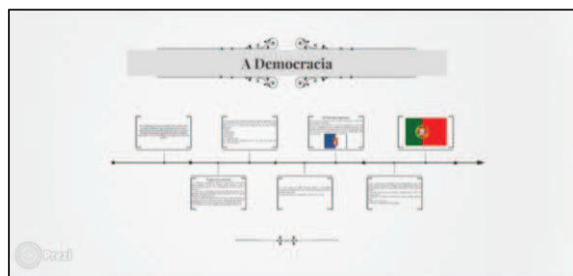
10. Após a leitura desta história, continuas a achar que as bruxas são todas maléficas? Na nossa vida real, o que achas que podemos fazer para praticarmos boas ações como a bruxinha?

3

11. Com base na história que leste, diz por palavras tuas o que aconteceu.

4

Anexo XXXIII - Informações referentes à Democracia e aos símbolos nacionais (em Prezi)



Com o 25 de abril, foi possível instituir a Democracia, que é um regime político em que a população escolhe os seus representantes através de eleições livres e que se baseia nos princípios da liberdade e igualdade de todos os cidadãos perante a lei. As primeiras eleições realizaram-se a 25 de abril de 1975.

Órgãos de soberania

- O Presidente da República (Chefe de Estado, eleito diretamente pelos cidadãos maiores de dezoito anos): representa toda a comunidade portuguesa e tem os poderes de nomear e demitir o Governo.
- A Assembleia da República (composta por 230 deputados de vários partidos, eleitos pelos cidadãos maiores de dezoito anos): tem o poder legislativo, ou seja, de fazer leis.
- O Governo (formado pelo primeiro-ministro e vários ministros): tem o poder executivo e o primeiro-ministro é designado pelo Presidente da República, baseando-se nos resultados das eleições legislativas.
- Os Tribunais: têm o poder judicial, ou seja, de julgar infrações à lei.

A Democracia pôs fim à Guerra Colonial e concedeu a independência às regiões de África e Ásia que se encontravam sob o domínio português, assim, nasceram cinco novos países independentes, que falam a Língua Portuguesa:

- Angola
- Moçambique
- Guiné-Bissau
- Cabo Verde
- S. Tomé e Príncipe

Em 2001, deu-se a independência de Timor-Leste, que estava sob domínio da Indonésia.

A 1 de janeiro de 1986, Portugal aderiu à Comunidade Económica Europeia (CEE), que mais tarde se passou a chamar União Europeia (UE).
Em 2002, entrou em circulação a moeda única: o Euro.

Os Símbolos Nacionais

Como sabes, ao longo das várias dinastias portuguesas, as bandeiras foram sofrendo alterações.
No dia 18 de outubro de 1830, um decreto da Regência, em nome de D. Maria II, determinou que a bandeira de Portugal passasse a ser bipartida verticalmente em branco e azul, ficando o azul junto da haste e as Armas Reais colocadas no centro, acentando metade sobre cada uma das cores.


Após a Implantação da República, houve necessidade de criar uma nova bandeira, substituindo a bandeira que representava Portugal no regime de Monarquia. A nova bandeira foi aprovada a 29 de novembro de 1910.
A bandeira nacional deve ser hasteada, obrigatoriamente, por lei, nos seguintes locais:

- Instalações de órgãos de administração pública central, regional e local
- Monumentos nacionais
- Sedes dos institutos e empresas públicas.




Anexo XXXIV - Imagens referentes à classificação dos ângulos segundo as suas amplitudes (em PowerPoint)

Vamos agora ver como se classificam os ângulos segundo a sua amplitude

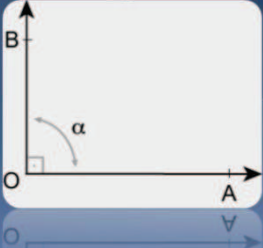


Ângulo nulo



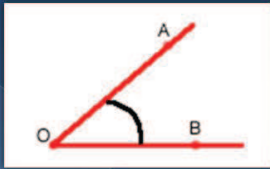
Quando duas semirretas são coincidentes.

Ângulo reto



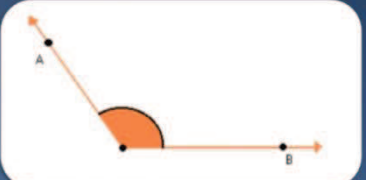
Tem a amplitude de um quarto de volta.

Ângulo agudo



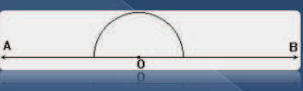
Tem amplitude inferior à do ângulo reto.

Ângulo obtuso



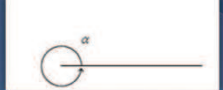
Tem amplitude superior à do ângulo reto e menor do que a amplitude de dois ângulos retos.

Ângulo raso



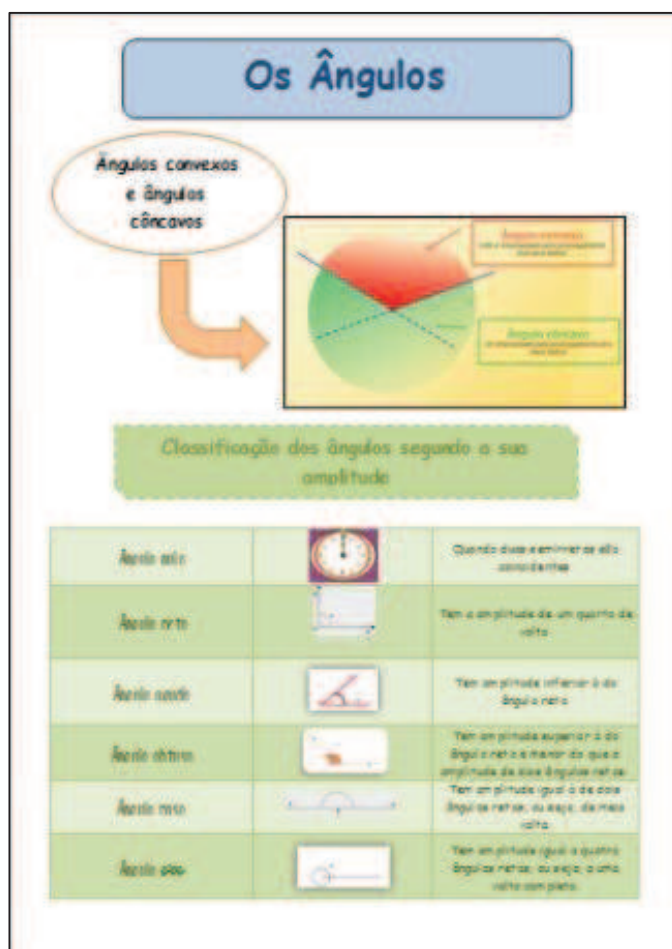
Tem amplitude igual à de dois ângulos retos, ou seja, de meia volta.

Ângulo giro



Tem amplitude igual a quatro ângulos retos, ou seja, a uma volta completa.

Anexo XXXV - Cartaz com informações sobre os ângulos



Anexo XXXVI - Texto dramático da história “História com Recadinho”

Texto dramático

História com Recadinho

Personagens:

Bruxinha - Menina sorridente; muito bonita; magra; alta; tinha uma capa e um chapéu; bondosa; não deixava a sua vassourinha; apreciava a natureza.

Meninos - Meninos alegres que gostavam de cantar; bonitos; costumavam brincar sempre juntos; os meninos usavam um boné e as meninas um gancho no cabelo.

Bruxas velhas - Usavam uma capa preta com sapos e poções mágicas; tinham um sinal no queixo e um grande nariz; mal-humoradas; gostavam de fazer maldades às pessoas.

Menino que foi salvo - Tinha o cabelo curto; sorridente; curioso; bem-disposto; gostava muito de brincar perto de um ribeiro; ajudava a sua mãe; tinha um amuleto da sorte (uma estrela).

Mãe do menino - Senhora alta; sorridente; muito carinhosa; bem-disposta; usava um avental.

Velhota que foi ajudada - Senhora com poucas forças; trabalhadora; gostava muito do seu gato; usava um lenço na cabeça e levava um molho de lenha.

Narrador - Narrador presente, representado pela vassourinha da bruxinha. Está a contar a história a um grupo de crianças.

Espaços:

Os espaços serão retratados através da projeção de uma imagem alusiva a cada um dos cenários.

Reino das Bruxas - Uma vila assombrada; pequena; com árvores mortas; com locais onde se faziam as bruxarias.

Céu - Céu com várias nuvens.

Paisagem - Paisagem com várias árvores e flores; com pássaros e outros animais.

Cerejeira - Cerejeira grande, com pássaros.

Borboletas - Conjunto de borboletas com várias cores que se encontra a voar.

Muro - Muro pouco alto.

Nuvem - Nuvem grande e muito branca.

Cozinha - Cozinha de uma casa; não muito grande; com os elementos básicos que se encontram numa cozinha comum.

Sala - Sala de estar de uma casa; modesta; com uma lareira.

Mundo - Planeta Terra, sendo que a bruxinha ajudou muita gente, em vários lugares do Mundo.

Cena I (no Reino das Bruxas)

Vassourinha (feliz) - Vou-vos contar a história de uma bruxinha muito minha amiga, que era muito bondosa, ao contrário da maior parte das outras bruxas. Esta bruxinha nasceu aqui no Reino das Bruxas e era como o Sol, andava sempre

muito sorridente. As Bruxas velhas não gostavam dela, porque não tinha nenhuma das características das bruxas.

Bruxas velhas (*espantadas*) - O que faz aquele sorriso emoldurado pelos seus cabelos, entre vapores peçonhentos?!

Bruxinha (*inicialmente assustada e, depois, contente*) - Hoje não vou às aulas de bruxaria! As Bruxas velhas dão gargalhadas que me deixam arrepiada! Que medo! Vou dançar, cantar e espalhar alegria!

Bruxas velhas (*a princípio zangadas e, depois, determinadas*) - Aquela Bruxinha voltou a soltar os sapos e as cobras que estavam destinados para as bruxarias! Esta noite vamos sair para o mundo dos homens e semear maldades! Ah! Ah! Ah!

Cena II (à noite)

Bruxinha (*decidida*) - É hoje! É hoje que vou seguir as Bruxas velhas e fugir deste Reino para sempre!

Vassourinha (*desanimada*) - Mas esta aventura não foi nada fácil para a Bruxinha...houve mesmo momentos em que ela ficou muito triste.

Bruxas velhas (*felizes*) - Vamos deixar tudo numa tempestade e apagar a luz das estrelas! Ah! Ah! Ah!

Bruxinha (*esperançosa*) - Agora tenho que esperar que elas se afastem para poder acender o lume às estrelas.

Vassourinha (*desanimada*) - Este trabalho demorou tanto tempo que a minha amiga Bruxinha perdeu as Bruxas velhas de vista.

Bruxinha (*feliz e cansada*) - Apesar de as ter perdido de vista, não estou preocupada. O importante foi eu ter conseguido sair do Reino das Bruxas para sempre. Este trabalho deixou-me muito cansada, vou embrulhar-me na capa e dormir.

Cena III (*no céu*)

Vassourinha (*relaxada*) - Já acordámos tarde, já o Sol estava bem alto. A paisagem parecia um sonho.

Bruxinha (*a esfregar os olhos; a saltitar de nuvem em nuvem*) - Esta paisagem é tão linda que mais parece um sonho. A claridade é tão dourada e quente! O céu é tão grande e com nuvens onde podemos saltitar! Há tantos brilhos, cores e perfumes na Terra!

Vassourinha (*nostálgica*) - A Terra estava cheia de árvores de várias espécies, que mexiam as suas ramagens à passagem do vento. Também existiam muitas flores, com várias cores. Também os pássaros faziam parte desta linda paisagem, com os seus pios.

Bruxinha (*radiante*) - Nem acredito! Este é o meu mundo! Que bom! Estou tão contente!

Cena IV (numa cerejeira)

Vassourinha (*inicialmente estava feliz e, depois, triste*) - A Bruxinha pegou em mim e foi pousar num ramo de uma cerejeira que estava carregadinho de pássaros e eles começaram a fugir...

Bruxinha (*a gritar*) - Não fujam! Não fujam! Não quero o vosso canto...sou vossa amiga!

Bruxinha (*pensativa*) - Os pássaros têm uma cabecinha de alfinete.

Cena V (a voar com as borboletas)

Vassourinha (*esperançosa*) - Mas a minha amiga Bruxinha não desistiu e tinha muitas oportunidades pela frente. Foi voar perto das borboletas, num jogo de esconde-esconde.

Bruxinha (*feliz*) - Estas borboletas são tão bonitas e têm tantas cores. Será que pensam que lhes quero roubar as asas?

Vassourinha (*triste*) - E as borboletas fugiram e deixaram a Bruxinha sozinha.

Cena VI (num muro)

Bruxinha (*desanimada*) - Estou um pouco cansada. Vou-me sentar neste muro! Praticar o bem é uma tarefa difícil!

Meninos (*alegres e a cantar*) - E mais uma estrela

que na roda entrou.

Deixai-a bailar

qu'inda não bailou.

Bruxinha (*a pensar*) - Será que esta música é para mim? Vou ter com os meninos!

Bruxinha (*curiosa*) - Olá meninos! Essa música é muito gira! Posso brincar com vocês?

Meninos (*admirados*) - Quem és tu? Não te conhecemos...

Bruxinha (*feliz*) - Eu sou uma bruxinha que gosta de ajudar os outros.

Meninos (*assustados*) - Uma bruxa! Uma bruxa!

Bruxinha (*triste*) - Não tenham medo de mim! Eu não sou maléfica como as outras bruxas! Que tristeza a minha!

Vassourinha (*triste*) - O primeiro dia da minha amiga foi muito decepcionante. Procurou uma nuvem-berço e tentou dormir.

Cena VII (*numa nuvem*)

Bruxinha (*pensativo*) - Não consigo dormir, preciso de pensar! Tenho de encontrar uma saída! Quero partilhar com os outros a beleza do mundo sem o sofrimento. Mas como posso fazer?

Vassourinha (*pensativa*) - A Bruxinha pensou durante muito tempo e não conseguia dormir.

Bruxinha (*esperançosa*) - Já sei como vou fazer! Vou tornar-me invisível! Assim ninguém se assusta e posso ajudar quem precisa. Ah! Finalmente já posso dormir.

Vassourinha (*feliz*) - E assim foi. A Bruxinha tornou-se invisível e o dia seguinte foi muito bom!

Cena VIII (na cozinha)

Menino que foi salvo (*muito feliz*) - Mãe, tenho uma coisa para te contar. Nem vais acreditar!

Mãe do menino (*curiosa*) - Ai sim, filho? Conta lá!

Menino que foi salvo (*muito feliz*) - Hoje estive por um triz de cair ao ribeiro quando andava à erva para os coelhos.

Mãe do menino (*curiosa*) - E depois, o que te aconteceu?

Menino que foi salvo (*muito feliz*) - Um ramo segurou-me. Apanhei um grande susto!

Mãe do menino (*aliviada*) - Ainda bem que correu tudo pelo melhor e não caíste ao ribeiro!

Bruxinha (*contente*) - Um ramo?! Ah! Ah! Ah!

Cena IX (na sala)

Velhota que foi ajudada (*muito feliz*) - Oh meu querido confidente! Afinal ainda tenho algumas forças, Deus seja louvado! Olha o molho de lenha que trouxe hoje do monte para o nosso borralho de inverno! Estou tão feliz e sinto-me com tanta energia!

Bruxinha (*radiante*) - Que divertido que é ajudar os outros e sinto-me tão útil!

Cena X (no Mundo)

Vassourinha (*feliz*) - E foi assim que a minha amiga Bruxinha foi pelo Mundo fora ajudar as pessoas que mais precisavam. Mas infelizmente, não conseguia estar em vários lugares ao mesmo tempo. Assim, quem perdeu os seus olhos de criança, pensa que esta Bruxinha não existe. Mas estão todos enganados! Ela existe mesmo, só que nem sempre nos pode ajudar, por isso temos que ser nós a colaborar com ela ajudando as pessoas que estão à nossa volta.

Anexo XXXVII - Jogo da glória acerca dos ângulos



Anexo XXXVIII - Questionário feito aos alunos

Questionário

Tens o hábito de ler, sem ser na escola?

Sim____ Não____

Costumas requisitar ou comprar livros para ler?

Sim____ Não____

Que tipo de textos gostas de ler?

Consegues identificar facilmente os elementos do texto, como por exemplo, as personagens e as suas características?

Sim____ Não____

Se te pedissem para ordenares a sequência dos acontecimentos de uma história, achas que conseguias fazer esta tarefa com facilidade?

Sim____ Não____

Achas que fazendo um Jogo Dramático conseguias perceber melhor o conteúdo da história e a mensagem transmitida?

Sim____ Não____

Gostas de participar em atividades que tenham Jogos Dramáticos?

Sim____ Não____

Pertences a algum grupo de teatro?

Sim____ Não____

Uma história tem os seus elementos, como as personagens, os espaços, o tempo, a sequência de acontecimentos e uma mensagem. Qual achas que é a melhor forma de compreenderes estes aspetos?

Através da leitura e de perguntas de interpretação_____

Através da leitura e do Jogo Dramático, no qual podes representar os elementos que constituem a história_____

Anexo XXXIX - Estrutura da entrevista realizada à Orientadora Cooperante

Como sabe, estou a frequentar o 2.º ano de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no qual tenho de desenvolver o meu projeto de investigação denominado por “A influência do Jogo Dramático na compreensão de textos narrativos no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico”. Deste modo, gostaria que me ajudasse, contribuindo com uma entrevista, sendo que necessito de algumas informações mais aprofundadas.

Considero importante referir que todos os dados obtidos através desta entrevista serão tratados com confidencialidade e manter-se-á o anonimato.

Questões:

1. O grupo de alunos do qual é professora titular tem hábitos de leitura autónoma?
2. É uma prática frequente dos alunos irem à biblioteca, a fim de adquirirem livros para leitura autónoma?
3. Os alunos demonstram interesse na leitura fora do contexto de sala de aula?
4. Nas aulas, quando os alunos leem um texto narrativo, por norma, conseguem compreendê-lo facilmente, identificando e interpretando todos os aspetos importantes?
5. Conseguem identificar com facilidade o tempo em que decorre a ação, bem como as personagens que fazem parte do enredo?
6. Na sua opinião, é importante a realização de atividades que envolvam o Jogo Dramático, em contexto de sala de aula?
7. Considera a utilização do Jogo Dramático benéfica para uma melhor compreensão dos textos narrativos por parte dos alunos?
8. Tendo em conta as características da turma, será difícil aplicar o Jogo Dramático na representação dos textos narrativos, para que seja possível uma melhor compreensão de alguns aspetos que não são tão facilmente interpretados apenas pela leitura?

9. Comparando a interpretação de um texto narrativo apenas com a sua leitura e com a leitura do mesmo, preparando e realizando o Jogo Dramático, qual considera mais significativa?